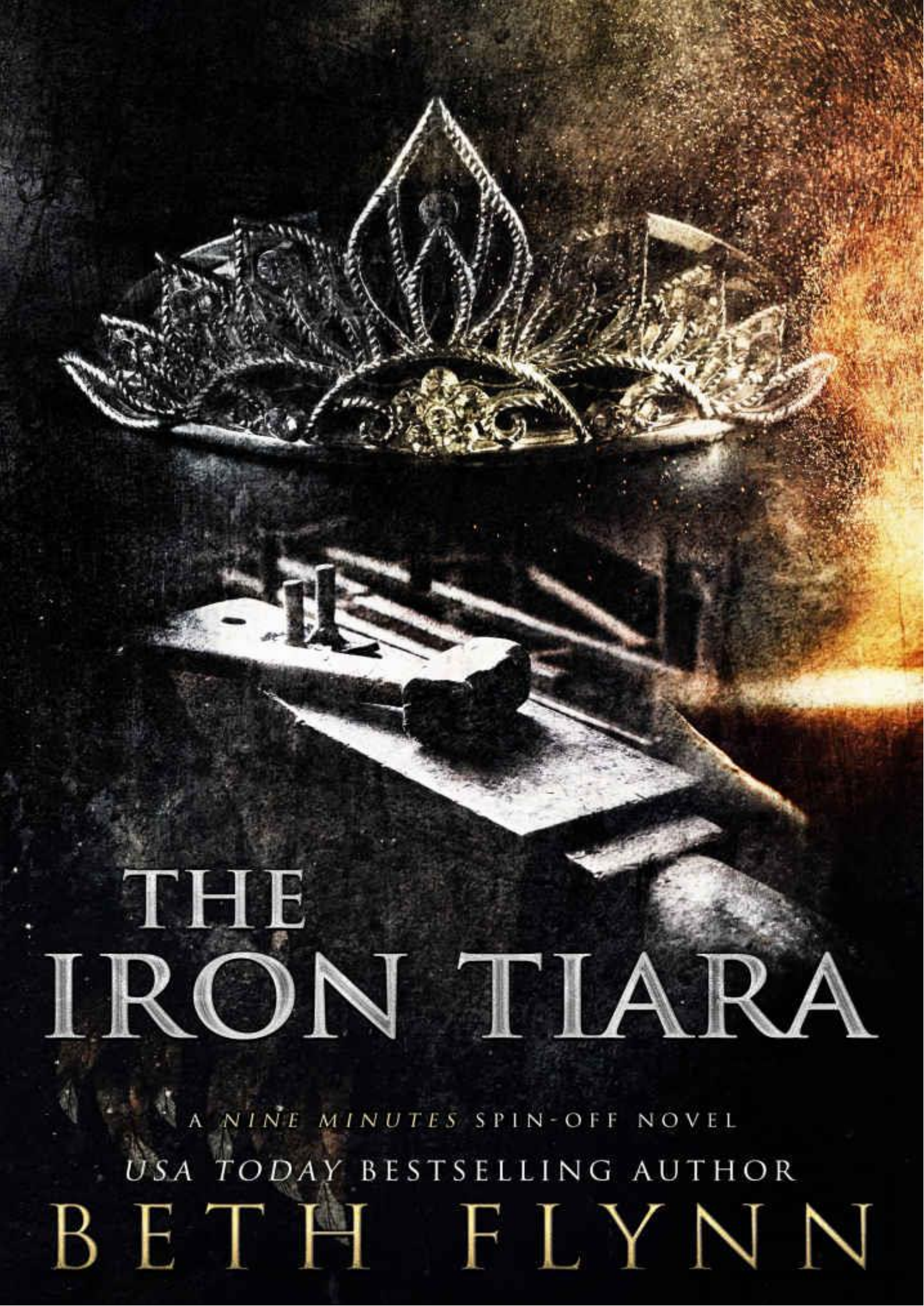


THE IRON TIARA

A *NINE MINUTES* SPIN-OFF NOVEL

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

BETH FLYNN

PRÓLOGO

Naples, Flórida, 1978



Anthony Bear estava irritado enquanto sentado no cortador de grama e olhando através da grande extensão que era a propriedade dos Chapman. A casa luxuosa ficava em vários hectares na exclusiva comunidade de Land and Sea Estates. Ele olhou para as mãos que estavam segurando o volante do veículo e percebeu que ainda havia sangue fresco debaixo das unhas por causa do que aconteceu mais cedo naquele dia. Ele quase não percebeu o rugido da máquina de corte à medida que refletia sobre os acontecimentos das últimas horas.

Três horas antes

Quando ele descobriu naquela manhã pelo seu contador que um cliente estava em atraso em quase setenta mil dólares, ele ficou com tanta raiva que quase pôde sentir o seu sangue ferver. Depois de se obrigar a acalmar um pouco, chamou imediatamente o segundo no comando, Alexander, que Anthony chamava de X, para descobrir como isso aconteceu. Ele estava quase calmo quando o som alto do escapamento da moto de X anunciou sua chegada à empresa de Anthony, Native Touch Landscape and Design.

— Você sabe que esse é o trabalho de Denny, Bear. E ele que coleta e pressiona os clientes quando pagam. — disse X, com os olhos azuis sérios. — E, pelo que sei, você nunca teve problema com o Chapman. Ele sempre pagou. — X não se referia aos clientes legítimos que usavam a

Native Touch Landscape and Design. Ele estava falando sobre os outros negócios que Anthony tinha com aqueles que precisavam de drogas ou empréstimos para financiar seus jogos de azar, vícios ou outros hábitos caros.

De acordo com o contador de Anthony, a observação de X tinha sido verdade até três meses atrás. Ou Denny não estava fazendo seu trabalho, ou ele *estava* fazendo seu trabalho e ficava com o dinheiro para si. Havia apenas uma maneira de descobrir.

— Leve o Denny para o acampamento. Eu encontro você lá. — Anthony disse em uma voz calma, mas ameaçadora, de onde estava atrás de sua mesa.

Camp Sawgrass era um acampamento para crianças abandonado nos anos sessenta. Estava situado nos pântanos da Flórida, ao sudoeste da entrada de Alligator Alley, o longo trecho da rodovia que ligava as costas da Flórida. Era onde Anthony conduzia todos os negócios mais escusos e desagradáveis.

— Ele disse que pagaria. Ele sempre pagou, chefe. — Denny ofegou por ar e acrescentou: — Eles sempre pagam - mesmo quando eu os deixo adiar! — Denny estava sentado em uma cadeira, suas mãos algemadas atrás das costas. O sangue escorria de seu nariz e um corte em sua testa.

— Eles? Você está dizendo que adiou o pagamento antes, e não apenas para Van Chapman, mas também para outros? — perguntou Anthony. Ele falou com uma calma mortal, e sua voz era tão baixa, que X mal o ouviu. X estava de pé observando com os braços cruzados. Um interrogatório como este era algo que ele normalmente teria feito, mas era óbvio que Anthony queria lidar com Denny pessoalmente. Setenta mil dólares era muito dinheiro.

Denny parecia um cervo preso nos faróis. Sua expressão dizia ao Anthony que era verdade, fazendo-o dar outro golpe forte na bochecha de Denny.

— Quanto você recebe dos clientes para deixá-los adiar o pagamento das dívidas? — ele perguntou ao homem trêmulo.

Quando Denny contou a quantia, Anthony deu-lhe um soco na boca, quebrando o dente da frente.

— Esse dinheiro é meu. Não seu. — disse Anthony. Sua voz carregava um tom ameaçador. — Eu vou soltá-lo, vou dar uma hora para você se encontrar com Van e me devolver o dinheiro. Eu quero que Van veja bem o que fiz no seu rosto.

Denny começou a chorar. — Não consigo receber o dinheiro em uma hora, chefe. Van saiu da cidade e não disse para onde estava indo. Ele me disse que voltaria em alguns dias para resolver com você e todos os outros a quem ele deve. Ele sempre pagou. — ele soluçou. — Ele sempre pagou.

— Você deixou um cliente que me deve setenta mil dólares sair da cidade? — Anthony perguntou, seus olhos brilhando de fúria e sua voz agora um grunhido. — Um cliente que não deve apenas para mim, mas para outros tubarões?

— Setenta mil? — Denny perguntou, lágrimas, sangue e ranho escorrendo pelo rosto.

— Você está me dizendo que ele não me deve setenta mil? — Anthony estava certo de que era a quantia que seu contador tinha dito.

— Eu pensei que fossem setenta e cinco mil, mas talvez eu esteja errado. — Denny respondeu, e depois cuspiu uma bola de catarro no chão.

Anthony endureceu quando percebeu que seu contador possivelmente também estava enrolando-o também. O cara era um contador de uma grande corporação que se destacava por cuidar dos livros de Anthony. Ele estava tão louco por dinheiro que aproveitou a chance de mencionar para o Anthony o empréstimo excepcional de Van Chapman? Ou Denny estava errado? De qualquer maneira, Anthony se culpava. Ele se tornou muito complacente, acreditando que ele já era uma força muito poderosa para ser subestimado. Jamais alguém ousou atravessar seu caminho. Mas, obviamente, estavam fazendo isso agora. Quanto mais pensava sobre isso, mais irritado ele ficava.

— Tire as algemas dele. — Anthony exigiu.

Menos de dez minutos depois, X ficou com uma bagunça para limpar e um corpo para descartar.

— Ele está morto. — anunciou X depois de verificar o pulso de Denny. Mesmo depois de Anthony infligir, ininterruptamente, mais dor durante o interrogatório, Denny não entregou o paradeiro de Van. Provavelmente, ele não sabia. *Pobre coitado,* pensou X.

— Isso é lamentável. — foi a resposta irônica de Anthony enquanto se dirigia para a pia.

— O que você quer fazer agora? — X ficou de pé e olhou para o corpo sem vida de Denny. Ele inalou o forte cheiro metálico de sangue fresco e sacudiu a cabeça.

— Vou reunir a equipe do gramado e ir até a casa de Chapman. — Anthony falou por cima do ombro enquanto se lavava e olhou pela janela. Ele olhou para o pátio do acampamento e deixou seu cérebro refletir sobre seu próximo curso de ação. O rugido de duas motos interrompeu seus pensamentos. — Eu vi no cronograma desta semana que eles devem ir apenas daqui a dois dias, mas Chapman se mudou para

prioridade na lista de trabalho. — era uma vantagem para Anthony que Chapman empregasse a Native Touch para cuidar do gramado.

Depois de secar as mãos e colocar a camisa de volta, que ele tinha tirado para o interrogatório de Denny, ele caminhou até onde jogou seu facão. Ele o pegou e usou o corpo de Denny para limpá-lo. — Quando você terminar aqui, faça algumas chamadas. Coloque alguns espiões na rua. Veja se consegue encontrar Van discretamente. — ele se virou para olhar para X. — Nós não temos como saber se o que Denny falou sobre Van estar fora da cidade é verdade. Se outros tubarões estão procurando por ele, não preciso dizer que eu quero ser o primeiro a encontrá-lo.

X assentiu.

Anthony então olhou para o que ele deixou no chão, além de Denny. — Jogue isso na grelha. Será um lembrete para o pessoal do que acontece com alguém que me rouba. — ele disse ao passar pela porta e batê-la atrás dele.

Se fosse verdade que Van tinha desaparecido, Anthony usaria o tempo para descobrir mais do que o pouco que ele já sabia sobre o homem e sua família. Se houvessem fraquezas ou vulnerabilidades, Anthony queria saber quais eram, para que pudessem ser usadas contra Chapman mais tarde. Sua raiva de si mesmo começou a intensificar, mas ele a sufocou. Ele já tinha extravasado muito dela. Era hora de começar a trabalhar.

O cheiro de grama cortada fresca atravessou o ar, e Anthony inalou profundamente, e os batimentos e a morte de Denny já se tornavam uma lembrança distante. Ele não tinha o hábito de trabalhar com suas equipes de paisagismo, mas ele queria usar o tempo na casa de Chapman para observar. Além disso, ele nem considerou trabalhar com o cortador de grama. O máximo que gostava era da tarefa solitária, pois lhe dava tempo para pensar.

Uma mosca irritante agora interrompeu esses pensamentos. Ele afastou-a e, em seguida, usou rapidamente o elástico de borracha em seu pulso para prender seus longos cabelos pretos, que iam até os ombros. Voltando as duas mãos para o cortador, voltou a refletir sobre a situação atual.

Anthony encontrou Van uma vez, e apenas como uma formalidade para que ele soubesse com quem iria lidar. Muitos agiotas tentavam se esconder atrás de seus homens de frente. Anthony não. Ele queria que as pessoas vissem quem iria atrás delas se não pagassem. Mostrar o homem por trás do dinheiro sempre foi uma ferramenta útil. Até agora. E ele quase podia ver por que Denny entrou em um relacionamento confortável com Van. Depois de um breve cara a cara, Anthony sabia que Van era um típico vendedor de carros. Seus ternos de negócios de seda e caros, e as conversas agradáveis, ajudaram Van a subir a escada corporativa e entrar na cama de uma herdeira rica. Anthony ficou surpreso com o fato de Van ter conseguido enganar Denny também.

Anthony deu mais uma volta com o cortador e agarrou o volante com tanta força que as juntas ficaram brancas, determinado que ele receberia o que lhe deviam, independentemente do custo. Ele estava no negócio do dinheiro, não de caridade, e Anthony não tinha intenção de mostrar piedade a um ser desprezível como Chapman.

Seus pensamentos foram interrompidos quando ele percebeu um Corvette conversível vermelho subindo lentamente a longa entrada. Ele não podia dizer dessa distância quem estava atrás do volante; tudo o que ele viu foi um cabelo loiro. Ele dirigiu propositadamente a sua máquina de cortar ao destino óbvio do carro. Ele observou o veículo dar a volta na entrada circular, passar pelas portas da entrada frontal, ridiculamente grandes, e parou do outro lado da fonte mais feia que Anthony já havia visto.

Quando ele se aproximou, viu uma mulher pequena, curvilínea e de cabelos claros sair do carro e se aproximar de um de seus homens que estava capinando ao longo dos paralelepípedos. Anthony aproximou o cortador, saiu e caminhou em direção a eles. A mulher estava de costas para ele, e ele apertou o maxilar quando reconheceu a linguagem corporal dela. Ele cortou gramados suficientes quando garoto na outra costa para saber exatamente com que tipo seu funcionário, Lester, estava lidando. Ela irradiava um ar de superioridade descabido. Outra princesa privilegiada. Sua mandíbula ainda estava firmemente apertada quando Lester levantou-se e riu de algo que a mulher disse. Quando Lester olhou para ela, seu sorriso desapareceu ao ver a expressão de Anthony.

— Desculpe, chefe. A senhorita Christy aqui estava apenas me contando algo que eu achei divertido. — disse o homem com um sorriso preocupado e um sotaque do sul. Lester era um homem mais velho, um veterano do Vietnã e um alcóolatra efêmero que encontrou seu caminho para a Flórida, vindo da Geórgia. Anthony lhe deu uma chance, e ele provou ser um empregado confiável. Ele aparecia todas as manhãs, o cheiro do que quer que ele tivesse bebido na noite anterior quase saindo pelos poros, mas Lester aparecia no horário, que era tudo com que Anthony se preocupava.

A loira virou-se para ver com quem Lester estava falando e seu sorriso desapareceu. Com as mãos nos quadris, sua postura ficou rígida ao olhar para Anthony, seus lábios finos e sua expressão ilegível. Ela examinou Anthony lentamente da cabeça aos pés e levantou o queixo exatamente o suficiente para ele notar.

— Você deve ser novo. — o desdém em sua voz claro como o dia.

Lá estava. A atitude. Aquela que ele conhecia e esperava. No entanto, seus olhos azuis brilhantes pegaram Anthony desprevenido. Não se lembrava de ter visto alguém cujos olhos rivalizavam com o céu. Nem

mesmo os de Alexander. Os olhos de X lembravam gelo para Anthony. Os dela, combinados com os cabelos loiros curtos, o queixo e a arrogância óbvia e altiva, traziam lembranças azedas. Memórias das esposas e das filhas mais privilegiadas e mimadas que costumavam exibir seus corpos e suas fortunas para um Anthony jovem e impressionável, enquanto trabalhava em seu primeiro emprego em Miami em uma equipe de paisagismo.

— Você mora aqui? — ele perguntou, sem responder o comentário dela. Ele não permitiu que seus olhos viajassem pelo corpo dela. Ele era mais alto do que ela uns trinta centímetros e sabia, sem precisar olhar diretamente, que ela tinha seios cheios que nem se mexeram quando ela se virou. Definitivamente, implantes. Seus mamilos salientes, apesar do calor, sob a blusa de alça fina que ela usava. Os seus shorts brancos contrastavam com sua pele bronzeada. *É claro que ela tem um belo bronzeado,* ele meditou. *Provavelmente é a única coisa que faz durante todo o dia. Deita-se ao sol, almoça no clube e vai fazer massagem, manicures e cirurgiões plásticos.*

— Não mais. — ela respondeu com um tom desdenhoso.

Suas mãos fecharam em punhos.

Voltando as costas para Anthony, ela voltou para o seu conversível e pegou o que parecia uma sacola de praia no banco do passageiro.

— Foi bom ver você, Lester. — ela disse enquanto passava pelo homem que tinha se ajoelhado de novo e estava puxando ervas daninha de um maço de flores que fazia fronteira com o caminho de entrada. — E obrigada pela atenção!

Puxando uma chave do bolso de seus shorts, ela abriu a porta da frente e entrou, fechando-a atrás dela. Anthony ouviu o clique do fecho de correr deslizando para o lugar. Ele voltou o olhar para Lester, que se levantou de novo e começou a limpar suas mãos no jeans. Ele sabia que

seu chefe desejaria uma explicação. Antes que Anthony pudesse perguntar, ele respondeu.

— Ela é a filha dos Chapman. A Srta. Christy não mora mais aqui, mas ela gosta de vir a casa quando sabe que eles não estão.

Anthony olhou duro para Lester, com os olhos cheios de suspeita. — Como ela sabia que eles não estavam aqui?

Lester, percebendo o que ele estava fazendo para Christy podia não parecer adequado para o chefe, começou a inquietar-se. Então, desviou o olhar. Anthony tinha dois metros de altura, musculoso e extremamente intimidante. Lester soube por alguns dos outros membros da equipe que, embora Anthony dirigisse o que parecia ser um negócio legítimo de paisagismo, havia rumores que era apenas uma frente para suas atividades ilegais. Lester tinha ouvido que Anthony era o líder do que só poderia ser descrito como um clube de motoqueiros perigoso e agressivo. Eles tinham uma reputação de aterrorizar a costa oeste da Flórida, e por algum motivo que Lester não conseguia entender, escapava com isso. A maior parte do tempo.

Ele engoliu e evitou olhar para os olhos escuros penetrantes de Anthony. — Sempre que nós viemos aqui, eu mando um pager para a Christy e digo a ela se seus pais estão em casa.

Anthony olhou para a propriedade, passando o tempo antes de perguntar sem olhar para Lester: — Como você escreve para ela? Não há telefone por perto.

— A senhorita Christy me disse onde fica uma chave escondida. Eu vou à casa e uso o telefone para avisá-la. Eu uso um código para que ela saiba que sou eu e isso significa que a costa está vazia. — antes que Anthony pudesse responder, ele acrescentou rapidamente: — Eu não toco em nada quando eu entro, chefe. Eu juro que não. E nenhum dos outros homens me vê fazendo isso. Me certifico que eles não estejam por perto.

— então ele acenou com a mão na direção dos outros três homens que estavam fora da propriedade cortando, afiando e puxando ervas daninhas. — Eu entrei enquanto vocês estavam cortando. — ele disse e olhou para o chão.

Ele fitou Anthony cautelosamente e ficou surpreso ao vê-lo sorrindo. Ele trabalhava para Anthony há quase oito meses e o via todas as manhãs quando ele entrava no escritório paisagista e no viveiro. Ele também o via quando ele apareceria sem aviso-prévio em diferentes locais de trabalho para verificar suas equipes. E em nenhuma vez Lester viu Anthony sorrir. Nenhuma vez em oito meses.

— Mostre-me onde fica a chave. — disse Anthony em uma voz revestida de autoridade. Seus olhos estavam firmes e frios. — Então diga à equipe para se arrumar e sair daqui.

— Claro, chefe. Mas e você? Você não vai ter carona. Nós não queremos deixar você aqui.

— Não se preocupe comigo. Eu vou ter uma carona. — ele respondeu, dando uma olhada fixa para o Corvette.

Ele sorriu interiormente enquanto seguia Lester pela lateral da casa. Ele o viu recuperar uma chave de uma caixa de saída elétrica que estava presa à parede exterior de estuque da casa, bem escondida por arbustos.

Dez minutos depois, Anthony estava com os braços cruzados e observava a sua equipe de paisagismo descer a longa entrada. Quando a caminhonete e o reboque se perderam de vista, dirigiu-se para a porta da frente, com a chave reserva na mão. Ele pensou na mulher que entrou quinze minutos antes e sabia que não teria que procurar algo muito longe para usar contra Van Chapman. Sua arma já havia sido entregue. Em um Corvette vermelho.

CAPÍTULO UM

Oklahoma, 1958



— Você me deixou orgulhoso, Anthony. — Robert Bear falou para o seu sobrinho de doze anos, sob o Chevrolet 1942 em que estava trabalhando na oficina deles. Apenas suas pernas estavam visíveis quando Anthony se agachou ao lado delas. Ele já conhecia a próxima ferramenta que seu tio Robert pediria, e ele estava se sentindo um tanto orgulhoso quando a colocou na mão estendida de seu tio sem ser requisitada.

Ele podia ouvir o sorriso na voz do tio Robert quando ele contou a seu sobrinho: — Você é um aprendiz rápido. Exatamente como seu pai era na sua idade. Lembro-me de que meu irmãozinho podia fazer uma troca de óleo de olhos fechados antes do oitavo aniversário. Você herdou sua habilidade. Diga-me, como você soube qual peça eu precisaria e onde encontrá-la?

Anthony engoliu o nó grosso na garganta e levantou de sua posição agachada. Olhando em volta da oficina do tio, ele percebeu que estava grato por não precisar fitar os olhos do homem enquanto respondia.

— Eu sabia o que fazer, porque eu me lembro da mesma coisa acontecendo com o Buick 48 que você trabalhou há alguns meses.

— E onde você conseguiu essa peça, Anthony? — a voz de seu tio flutuava por debaixo do carro. — É cara, e eu sei que você é um bom menino, um trabalhador duro. Eu sei que você é pago por muitos dos nossos vizinhos idosos para ajudar com algumas de suas tarefas mais pesadas. Mas eu também sei que mesmo com o dinheiro que você ganha e

a mesada semanal que eu dou, que você não poderia ter o suficiente para pagar por essa peça.

Naquele momento, o tio Robert estava deitado de fora do carro, e Anthony encontrou-se olhando para os olhos negros que refletiam os seus. Olhos que não eram acusatórios ou julgadores, mas olhos que exigiam a verdade. Seu tio sentou-se e enxugou as mãos com um pano, o olhar fixo em Anthony.

— Eu ouvi você contar para a Rosemary o quanto você achava que custaria arrumar seu carro e provavelmente seria muito dinheiro porque você ainda não conseguia descobrir o que estava errado. E eu sei que ela disse que não poderia pagar você.

Anthony desviou o olhar do seu tio. Chutando o chão, ele disse baixinho: — Eu só queria ajudar. Eu sei que ela é sozinha e precisa do carro para ir trabalhar. Se ela não puder trabalhar, não pode comprar comida nem pagar a eletricidade ou água. Eu não quero que alguém leve Nisha para longe dela novamente.

— Então, isso é por causa da Nisha? — Robert disse enquanto se levantava e jogava o pano manchado de óleo em uma lixeira.

Anthony não olhou para o tio dele, mas concentrou-se no chão. Nisha era a filha de dez anos de Rosemary e a melhor amiga de Anthony. Era um relacionamento improvável que começou quando Anthony veio morar com seu tio.

Dois anos antes

Anthony era o garoto novo na escola onde Nisha era a excluída pária. O valentão da escola, Albert, decidiu que no primeiro dia de Anthony ele saberia quem era o chefe. Albert esperou até o intervalo, e quando conseguiu a atenção de todos, ele decidiu agarrar Anthony pelos

seus longos cabelos e dizer-lhe em termos incertos que ele não foi criado na reserva, então ele não era bem-vindo.

Nisha observou silenciosamente de um canto do playground, ignorando o calor da tarde e o som de uma abelha zumbindo em torno de sua cabeça. Ela trocaria uma picada de abelha pelo bullying de Albert qualquer dia. Ela sentia-se culpada por estar secretamente grata por uma nova criança para Albert implicar. Esperava que ele a deixasse em paz com outro alvo para apontar. Ela sabia por que Albert zombava e a provocava, às vezes fisicamente, quando um professor não estava olhando. Ao longo dos anos, seu cabelo foi tão puxado e os braços tão apertados que quase não se incomodava mais. Ela se convenceu de que, quando sabia o que esperava, não parecia tão ruim assim. Além disso, a dor física não era nada comparada à dor emocional que sentia.

Albert assegurou-se de que nenhuma das outras meninas jogasse com ela ou a aceitasse em seus círculos de amizade. Ela não era a única criança na escola sem pai. Mas, aparentemente, ela era a única cuja mãe, Rosemary, dormiu com o marido de outra aos dezesseis anos. Sua família a expulsou quando descobriram a gravidez. Rosemary foi levada por uma viúva idosa que mais tarde morreu, mas deixou sua casa e poucas coisas para a jovem mãe e sua filha ilegítima.

Nisha morava em uma casa isolada e decadente nos arredores da reserva. Se não fosse por Robert Bear, provavelmente, ela teria caído em ruínas anos antes. Ele era o chefe da tribo e fez o máximo para ajudar a mãe solteira e sua filha ao longo dos anos. Infelizmente, Rosemary continuou a tomar algumas decisões erradas. Era francamente triste que Nisha sentisse o impacto das indiscrições de sua mãe.

Nisha estremeceu e quase sentiu queimar seu próprio couro cabeludo quando viu Albert agarrar o novo garoto pelo cabelo. Ela ficou surpresa quando a raiva começou a inflamar dentro dela e decidiu que

não, ela não passaria o ônus para uma nova vítima. Ela faria o que sempre fizera. Ela revidaria. Com uma nova determinação, ela apertou os punhos e começou a se mover para os meninos e parou de repente ao ver algo que fez seus olhos se arregalarem. Ela tentou esconder o pequeno sorriso que surgiu. Anthony conseguiu dar um soco no estômago de Albert. Quando o menino caiu de joelhos e respirou fundo, Anthony o empurrou para dentro da sujeira, agarrando Albert pelos cabelos e molhando o rosto do menino na terra rica e arenosa.

Ela se perguntou se as coisas seriam diferentes para ela, se ela soubesse como se defender adequadamente. Ela sempre revidava, mas Albert ainda assim ganhava, sempre distribuindo sua crueldade longe dos olhos de um adulto que poderia prevenir ou intervir. Não importava mais. Albert finalmente conseguiu o que ele procurou. Ela desejava ter sido a pessoa que o colocou no lugar dele. Talvez agora ele soubesse como isso a fazia sentir e deixasse-a em paz.

Foi um desejo ilusório. Depois de ter sido humilhado pelo novo garoto, Albert voltou a atormentar Nisha e, uma semana depois, aproveitou a oportunidade para soltar mais sua crueldade quando a professora saiu da sala.

— Continuem trabalhando nas suas atividades. — ela anunciou por trás de sua mesa. — O monitor de sala de hoje é... — a professora hesitou enquanto examinava a sala. — Nisha. Não vou demorar, apenas fazer algumas cópias, e quando eu voltar, vou coletar as apostilas.

Nisha olhou em volta nervosamente. Ela viu Anthony fazendo a tarefa. Seus olhos lentamente pousaram em cada criança na sala. Todos estavam fazendo o que a professora pediu. Um pingo de medo combinado com irritação correu até a espinha quando seu olhar pousou em Albert, que sentou a duas filas da dela. Ele estava olhando para ela com um ódio mais intenso do que já tinha testemunhado. Ele estava, obviamente, com

raiva da surra que tinha levado há uma semana, e ela sabia que ele ia descontar nela. Novamente. Ela engoliu quando Albert levantou-se da mesa e caminhou em direção a ela. As outras crianças, percebendo o movimento, olharam para cima de suas apostilas.

Nisha se levantou rapidamente, se apoiando e se perguntou se deveria parar de tentar se defender. Albert parecia gostar disso quando batia. Talvez, se ela não criasse resistência, ele ficaria entediado e a deixaria em paz. Sua mente estava correndo enquanto tentava descobrir o melhor curso de ação, quando viu o Anthony. Ele olhou para cima e estava observando-a com uma expressão curiosa no rosto.

Anthony franziu a testa quando percebeu que Albert estava se aproximando de Nisha, a menina de cabelos longos e escuros e grandes olhos castanhos cheios de medo e determinação. Ele viu Albert intimidá-la algumas vezes na semana passada. Ele não tinha certeza, mas achou que ela estava indo em sua defesa no primeiro dia em que Albert tentou intimidá-lo. Ele havia considerado mais de uma vez sobre intervir em seu nome, mas sendo o garoto novo, ele não queria chamar atenção indesejada para sua família. Embora ele estivesse certo que nunca se encaixaria na casa de seu tio, ele estava agradecido por ter sido acolhido.

Anthony tinha que admitir, ele admirava Nisha. Ele a observou a semana toda e ela ficou firme contra o valentão da escola. Ela perdia sempre, porque não sabia como se defender adequadamente. Ele se certificaria de que isso mudaria hoje.

Antes que Nisha soubesse, Albert estava na frente dela. Ele estava fazendo comentários desagradáveis sobre suas roupas, mas ela mal o escutava. Pelo canto do olho, viu Anthony levantar-se. Quando Anthony soube que ela o tinha visto, ele apontou o joelho direito e ergueu-o. Ele então apontou a virilha e acenou com a cabeça para ela.

Nisha olhou de volta para Albert quando sentiu um forte beliscão em seu braço. Sufocando um grito, ela ergueu o joelho como ela tinha visto Anthony demonstrar e o acertou na virilha de Albert. Ele se curvou por causa da dor, e ela mais uma vez olhou na direção de Anthony. Ele acenou com a cabeça e fez um gesto para que ela agarrasse a cabeça de Albert e a chocasse contra o seu joelho. Sem hesitação, ela imitou os movimentos de Anthony, e quando olhou para ele, notou a admiração no rosto do novo estudante. Ela soube no fundo do coração que eles se tornariam amigos. Amigos inseparáveis e duradouros.

Ela não se importou que, quando a professora voltou, ela foi repreendida e teve que limpar o chão da sala de aula que estava salpicada de sangue do rosto de Albert. Ela não se importou em escrever uma carta de desculpas ao Albert por quase quebrar o seu nariz. Ela nem sequer se importou que algumas garotas tivessem tentado ser suas amigas depois desse dia. Ela não desejava ou queria suas amizades. Ela pode ter apenas oito anos de idade, mas aprendeu duas importantes lições de vida. A primeira era que ela estava cheia de ser uma vítima, especialmente agora que sabia como se defender. A segunda lição era que, às vezes, a vida exige que você lute sujo para sobreviver.

— Sua resposta não devia demorar tanto tempo, sobrinho. — Robert repreendeu, enquanto caminhava lentamente para o filho único de seu irmão morto. Colocando a mão no ombro de Anthony, ele olhou para os olhos do menino e disse: — Contar a verdade, mesmo que seja doloroso, é sempre o melhor caminho. Você não precisa ponderar, nem pensar sobre a verdade. Está sempre lá para deslizar pela língua com mais facilidade. Sim, as pessoas dizem que as mentiras também são fáceis, mas elas carregam um fardo com elas. Mentiras pesam. Nunca hesite em dizer a verdade, Anthony.

— Eu roubei. Roubei a peça, tio Robert. — Anthony falou. O ar deixou seus pulmões, seu corpo inteiro se desinflou enquanto encolhia em derrota. Ele sentiu a mão de seu tio espremer seu ombro. Ele olhou para cima e viu um sorriso no rosto dele.

— Eu sei por que você roubou a peça, Anthony, e estou orgulhoso de você por ter sido responsável por seu crime. No entanto, você ainda terá que ser punido por isso. Vou pagar a pessoa de quem você roubou e você vai trabalhar fora.

Robert Bear observou seu sobrinho aceitar a reprimenda e a penalidade estoicamente. Não houve lamentos ou queixa. Ele pensou em seu irmão mais novo, Daniel, o pai de Anthony, que fugira quando ainda era adolescente e com a idade de vinte e um voltou para sua família com uma noiva grávida. Robert não estava mentindo quando disse para o Anthony que ele herdara as habilidades de seu pai. Daniel foi um excelente mecânico e poderia ter ganhado uma vida decente. Infelizmente, depois de pouco tempo com sua família, Daniel se afastou com sua esposa e seu novo bebê quando ficou claro que ele tinha problemas com o álcool. A família Bear vivia com uma regra estrita de nunca levar álcool para casa. Eles viram isso destruir muitas vidas. Cansado da perseguição constante dos seus pais, Daniel interrompeu o contato com a família, afastou-se e não deixou endereço. Eles não souberam nada sobre ele até dois anos atrás, quando foram localizados pelo serviço social. Daniel Bear havia morrido de causas desconhecidas, deixando seu filho de dez anos, Anthony, um órfão. O paradeiro da mãe da criança era desconhecido.

— Você está aceitando sua punição com honra. Você está desenvolvendo as qualidades que nosso povo procura em um chefe tribal.

Anthony ouviu seu tio corretamente? — Mas... mas... eu pensei que você estivesse ensinando RJ a ser um bom chefe.

RJ era o único filho de Robert. Ele tinha dezessete anos e mal se formou no ensino médio na primavera.

— Robert Junior é fraco. Não fisicamente, mas mentalmente. Ele assume que seguirá meus passos, não porque ele merece, mas porque ele tem direito a isso. Não posso permitir isso. Quando meu tempo acabar, um novo chefe será eleito. RJ terá que se provar. — ele deu uma olhada séria para o sobrinho, a expressão orgulhosa. — Você mostra mais responsabilidade, compaixão e ambição aos doze, do que ele aos dezessete anos. E, considerando como você vivia, seu caráter forte é um feito admirável.

A voz de Robert estava calma enquanto ele continuava: — Você cometeu um erro e agora aceitou sua sentença. Robert tentaria evitar sua punição, como ele sempre fez. Ele acha, equivocadamente, que eu vou colocar a mesa e convidá-lo para jantar. — Robert olhou nos olhos de seu sobrinho e soube que o menino tinha entendido a analogia.

— Eu não o culpo. É culpa minha ele ser o jeito que é, e tenho receio que seja tarde demais para ele aprender. — ele fez uma pausa e soltou um longo suspiro. Recuperando a compostura, levantou-se e continuou: — Mas, você, Anthony, será aquele que não só vai colocar a mesa, como providenciará a refeição e se certificará de que todos recebam a quantidade justa de comida. Infelizmente, meu RJ ficaria com a comida para si.

Antes que Anthony pudesse responder, seu tio acrescentou com uma voz suave: — E você tem sido muito atento com as suas palavras. Especialmente, perto da tia Carolyn. Como eu lhe disse a primeira vez que usou linguagem inadequada em nossa casa, o uso de palavrões é sinal de uma mente fraca. E quem segura a boca e a língua se mantém sem problemas. Você respeitou minha casa escolhendo suas palavras

cuidadosamente. Você percorreu um longo caminho, Anthony. Sua tia e eu estamos muito orgulhosos de você.

Anthony se achou um pouco mais alto e estufou seu peito. *Chefe Tribal.* Se ele se tornasse o chefe tribal, ele poderia fazer mais para ajudar pessoas como Rosemary e Nisha. Ele sabia que seu tio tentava ajudar aqueles que precisavam, mas Anthony tentaria ainda mais. Agora ele tinha um objetivo. Agora tinha um propósito. Talvez um dia ele pudesse abrir uma oficina e ter seu próprio negócio. Se ele ganhasse dinheiro suficiente, ele poderia dar para as pessoas que mais precisavam na reserva. Seu tio estava certo. Anthony conhecia o motor de um carro. Ele adorava consertar as coisas. Trazer algo quebrado de volta à vida. Ele estremeceu quando se lembrou de tentar acordar seu pai. Foi uma situação que ele não conseguiu consertar ou reviver. E ele não sentiu qualquer culpa em seu coração de doze anos quando percebeu que era uma coisa que ele ficou feliz por não conseguir consertar.

— Eu vou pegar os dezessete dólares que guardei, tio Robert. Eu vou te dar para você completar o que ainda preciso devolver para a oficina onde eu roubei a peça. Eu já volto! — ele gritou enquanto se dirigia para a porta que dava para a cozinha. Ele estava dentro de casa e quase tinha fechado a porta quando se lembrou de algo. Ele queria usar uma parte desses dezessete dólares para ajudar Nisha comprar um casaco novo. Ficaria frio em breve, e ele sabia que o casaco de segunda mão que alguém tinha dado para ela no ano passado estava pequeno. Ele começou a caminhar de volta para fora quando ouviu a voz de seu primo levantar com raiva.

— Como você pode falar para esse órfão mestiço que ele tem o que é preciso para ser chefe tribal? Eu sou seu filho. Não ele! — RJ falou com raiva ao seu pai entre os dentes cerrados.

Anthony espiou pela fresta da porta. RJ devia estar fora da oficina ouvindo a conversa. O cheiro do que foi usado para esfregar o chão da cozinha estava fazendo o estômago de Anthony revirar. *O que RJ quer dizer com mestiço?*

— Esse menino se esforçou mais nos dois anos em que está com a gente que você, filho. Eu sinto muito se isso fere seus sentimentos, mas eu vejo o potencial dele. Ele já avançou as duas séries que ele perdeu até chegar aqui. E estar em um lar estável, uma família normal está extraindo o melhor dele. Mesmo que ele não aspire ser chefe, ele vai aspirar algo. — RJ chutou o pneu do carro em que ele estava trabalhando. — Eu nem sabia o que estava errado com o carro de Rosemary, mas Anthony descobriu. Ele tem doze anos de idade, e ele sabia que peça este carro precisava antes de mim.

— Ele não é nem um Cherokee de sangue puro. Sua mãe não era uma prostituta Seminole[1] que seu irmão encontrou na Flórida? — RJ zombou.

— RJ! — Robert falou com raiva. — Nós não nos julgamos como o homem branco faz. Aceitamos irmãos e irmãs de outras tribos. Nós casamos de forma feliz e sem preconceitos. Seu primo não é um mestiço, e você não vai desrespeitar a mãe de Anthony com a sua linguagem grosseira.

— Eu conheço a história. Eu ouvi você e mamãe conversando quando eu era mais jovem. A mãe de Anthony era uma prostituta. Seu irmão era um bêbado. Ele engravidou uma prostituta e pensou em trazê-

[1] Os **cherokees** são um povo ameríndio da América do Norte. São uma tribo da nação iroquois que, até o século XVI, habitava o atual território do leste dos Estados Unidos, até serem expulsos para o Planalto de Ozark. Os **seminoles** ou seminolas são um dos grupos indígenas da América do Norte, que vivia em terras do Canadá e dos Estados Unidos, originariamente na Flórida e atualmente estabelecidos em Oklahoma. Foram dizimados do século XV ao século XVII, na época da colonização dos Estados Unidos.

la de volta para cá e despejá-los na porta da vovó. Você não acha que é hora de alguém contar ao seu precioso ladrãozinho de merda sobre sua mãe? Provavelmente, ela ainda está dando golpes em não sei onde. — ele fez uma pausa, e antes que seu pai pudesse responder acrescentou: — Ou morta.

— Seu orgulho vai ser a sua queda, RJ. É exatamente esse orgulho, esta atitude, esta vingança em seu coração que irá impedi-lo de ser algo além do que já é. Um homem sem amor, sem ambição, sem se importar com ninguém além de si mesmo. Eu posso e quero ajudá-lo, filho, porque eu tenho a responsabilidade por não tê-lo criado direito. Nós achávamos que não poderíamos ter filhos, por isso, quando sua mãe ficou grávida, consideramos o nosso milagre. Nós estragamos você, não te ensinamos sobre respeito. Sobre honra. — o tio de Anthony fez uma pausa e respirou fundo. — Mas eu só posso te ajudar se você estiver disposto a ajudar a si mesmo. Você mal consegue se manter em um emprego. Você não tem nenhum interesse em aprender uma habilidade. Você não tem nenhum interesse em sequer tentar.

RJ olhou para o seu pai, a mandíbula cerrada com ira. — Pergunte-se quanto tempo terá antes de Anthony decidir tomar gosto pela bebida alcoólica. Você sabe que ele não será capaz de resistir a ela. Está no seu sangue. A vovó disse que o pai dele era um fraco. Ele não pôde resistir à aguardente do homem branco. Não há razão para pensar que seu filho não vai seguir os mesmos passos. Anthony vai decepcioná-lo. Ele vai ser um bêbado imprestável como o pai. Você sabe que vai acontecer, e eu mal posso esperar para dizer, 'eu avisei'. — ele zombou.

Sem dar ao seu pai a chance de responder, RJ continuou em uma voz cheia de veneno. — Ele nem sequer era desejado. Ele é um fardo. Nós não o amamos. Nós temos pena dele. Ele não é nada, além de uma boca a mais para alimentar. — o adolescente zombou. — Mamãe está piorando. A última coisa que ela precisa é ter outro filho para cuidar, enquanto ela mal

consegue cuidar de si mesma, de mim e de você. Lavar a roupa dele, certificar-se que ele faz o trabalho escolar, que ele está se alimentado. Ela vai morrer mais cedo do que o médico disse e vai ser culpa de Anthony!

Anthony tinha ouvido o suficiente. Fechou a porta calmamente e se dirigiu para o seu quarto.

— Você está errado. Ele não é um fardo, e ele é amado, não apenas por sua mãe e por mim, mas por muitos de nossos vizinhos e amigos. Seu ciúme é impróprio, RJ. — Robert balançou a cabeça lentamente. A decepção com seu filho pesava sobre ele. — Você é um jovem egocêntrico, e você me desonra e a esta família com o seu coração ruim e maneiras egoístas. Esta conversa acabou, e se eu descobrir que você compartilhou o que você pensa que sabe sobre os pais de Anthony com ele, ou com qualquer outra pessoa, você será expulso desta casa. Entendeu?

RJ fez uma careta para o seu pai. Seus dedos estavam fechados com tanta força que suas unhas se enterraram nas palmas das mãos. Ele observou nos últimos dois anos como aquele pequeno pedaço de lixo imprestável se infiltrou, não só na casa de seus pais, mas no coração deles também. RJ era o mundo deles até Anthony chegar. O único filho era tudo que eles já tinham desejado e mais. Até que Anthony veio morar com eles e mostrou respeito ao seu pai, que RJ nunca lhe deu. Foi então que seu pai começou a criticar e exigir mais dele. RJ estava em um concurso pela atenção de seus pais com um pirralho órfão.

— Você prefere o mestiço lixo, em vez do próprio filho? — RJ perguntou ao pai. — Você vai prepará-lo para ser o chefe tribal?

— Você me entendeu? — Robert repetiu, ignorando as perguntas do filho, sua voz agora mais alta.

— Sim. Eu entendo. — RJ bufou enquanto se dirigia para fora da oficina, gritando por cima do ombro em um tom sarcástico: — Chefe!

CAPÍTULO DOIS

Naples, Flórida, 1978



Christy Chapman trancou a porta da frente da casa dos seus pais com as mãos trêmulas. Ela não tinha necessidade de desligar o alarme. Lester tinha feito isso para ela. No entanto, ela precisava lembrar-se de ativá-lo novamente quando saísse. Na ponta dos pés para olhar pelo olho mágico, ela se lembrou que nunca foi alta o suficiente para ver através dele. Ela virou-se e inclinou-se com as costas contra a porta e tentou recuperar o fôlego. Ela olhou para suas mãos e viu que ainda estavam tremendo. *Pare com isso, Christy!* Ela repreendeu-se mentalmente.

Ela fechou os olhos e fez um esforço para colocar a respiração sob controle. *Quem diabos era aquele?* Ela se perguntou. Só de lembrar dos seus olhos frios escuros o seu pulso acelerava. E não de um jeito bom.

De onde ele saiu? Ela não tinha o notado quando ela subiu a entrada porque não estava olhando na direção dele. Ela não tinha prestado muita atenção na equipe de paisagismo. Ela tentava ser agradável e envolver alguns deles em uma conversa nas poucas vezes em que ela aparecia na esperança de não encontrar seus pais, e todos eles a ignoravam, exceto o Lester. Quando ela se virou e percebeu que estava com o rosto no peito de um ser humano de porte enorme que ela não conhecia, engoliu rapidamente a sua surpresa e passou lentamente os olhos sobre ele. Ele estava usando uma camiseta branca que contrastava fortemente com a sua pele escura, onde as tatuagens eram visíveis em

cada centímetro exposto. Não eram fáceis de ver porque a tinta escura misturava com o seu tom de pele. Ele estava usando jeans e botas pretas. Ele tinha que ter pelo menos dois metros de altura. Provavelmente mais. Ela inclinou o pescoço e seus olhos finalmente encontraram o rosto dele, e ela viu que ele era bonito. Um queixo delicado, com pouca barba. As maçãs do rosto proeminentes e o cabelo negro lhes dizia que era um nativo. Ele era bonito de um jeito belo. Ela balançou a cabeça para limpá-la e pensou, *o que isso quer dizer?* Ele não era bonito ou belo. Ele era francamente assustador. Tinha olhos negros frios. Olhos que pareciam mortos e, ao mesmo tempo, exalavam autoridade, que ela imediatamente se indignou e, possivelmente, até temeu. Lester se referiu a ele como "chefe", então ele devia ter algum poder sobre a equipe. Ela mordeu o interior da bochecha quando percebeu que ela poderia ter colocado seu novo amigo, Lester, em apuros. Ela realmente esperava que não. Ela deveria ter sido mais agradável com o patrão dele, mas o olhar frio do homem a irritou e assustou ao mesmo tempo. Ela ergueu o queixo, não como um ato de desafio, mas para repelir o ataque de nervosismo que estava começando no seu interior e estava ameaçando se revelar. Ela não viu a hora que pegou a bolsa no carro e entrou rápido o suficiente.

Ignorando a dor de cabeça explosiva com a qual ela acordou naquela manhã, ela passou a mão pelo cabelo loiro curto, soltou um longo suspiro e foi até a janela da frente, certificando-se de estar escondida. Ela não viu nenhum dos dois homens na frente e decidiu que estava segura. Sr. Sombrio e Mórbido, obviamente, tinha ido para alguma outra parte do jardim.

Sua respiração voltou ao normal, e ela examinou a grande entrada e mudou sua atenção para as escadas gêmeas que ficavam em cada lado da sala. As duas últimas vezes que ela esteve aqui, ela passou a maior parte do seu tempo no escritório do Van, mas sem sucesso. À exceção de alguns recibos de um contador em Miami, sua busca resultou em nada que ela já

não soubesse. O contador foi uma surpresa, e quando ela tivesse mais tempo, verificaria em quais contas ele estava trabalhando. Mas o seu instinto lhe dizia que não era importante. Esse mesmo instinto sinalizava que ela precisava concentrar a pesquisa de hoje em um lugar não tão óbvio. Possivelmente, a suíte principal. Ou o que deveria ser a suíte principal. Tinha certeza de que Van e Vivian não o compartilhavam há anos.

Agarrando a bolsa com força, ela subiu, evitando propositadamente os retratos que enfeitavam as paredes da mansão. O ar cheirava a naftalina e álcool. Seu estômago embrulhou, e ela sentiu uma onda imediata de tonturas. Ela se inclinou contra a parede para se firmar até que o sentimento passou. A aspirina, que ela tinha tomado naquela manhã, sequer suavizou a sua dor de cabeça. Ela tocou a testa e percebeu que estava suando frio. Ela não sabia se era de nervosismo, ou se ela estava adoecendo. De qualquer forma, isso não importava. Ela estava em uma missão e um tempo sozinha na casa era um bem precioso que ela não pretendia desperdiçar.

Ela podia ver as portas duplas no final do corredor que levavam para a suíte principal. Estavam parcialmente abertas, e ao alcançá-las, empurrou-as cautelosamente.

As cortinas estavam fechadas, e o quarto estava completamente escuro, exceto por uma faixa fina de luz que vinha da porta do banheiro. Ela ligou a luz e quase foi cegada pelo lustre que pendia sobre a cama de dossel bem feita de Vivian, sem qualquer coisa fora do lugar.

Ela caminhou lentamente ao redor do quarto, arrastando os dedos levemente sobre os móveis. Parou e olhou para as pontas dos dedos. Estavam empoeirados. *Este quarto não foi limpo,* ela pensou. Ela sentiu uma pontada de dor quando pensou em Litzy, a empregada de tempo

parcial e babá da infância de Christy, e as dores que a mulher sofreu por causa dos Chapman.

Ela avistou uma foto no criado-mudo de Vivian e a pegou. Uma Christy com doze anos de idade, e seu irmão mais velho, Richard, Van, e Vivian todos sorriam para a câmera de seus assentos à mesa do capitão em um navio de cruzeiro de luxo. Ela deveria ter memórias calorosas de um cruzeiro, mas ela não tinha. Não foi feliz nesta viagem, e ela desejou que pudesse ter alertado a criança desavisada que estava com a cabeça encostada no ombro do seu irmão mais velho. A foto foi tirada há oito anos, mas poderia muito bem ter sido em outra vida.

Colocou a foto no lugar e Christy sorriu quando pensou em como a vida de seu irmão, recentemente, tinha melhorado, graças a uma mulher chamada Nadine. Nadine era viúva e mãe de uma criança chamada Cody. Antes de Nadine, Richard mal era capaz de manter um emprego e, geralmente, sobrevivia pulando de cama em cama, impondo muito tempo sua presença sobre as mulheres que o aceitavam. Mulheres que ingenuamente assumiam gananciosamente que tinham fisgado o futuro herdeiro do Bobbi Bowen´s Luxury Autos da Costa do Golfo. Richard normalmente ficava a quantidade de tempo que a garota do mês demorava para perceber que ele tinha sido deserdado. Ele também tinha conseguido ter pequenos problemas com a lei. Christy estremecia ao pensar nos problemas do passado de Richard, mas ficava grata pelo amor de Nadine, que transformou a vida dele. Ele estava em um emprego de tempo integral há quase um ano, e Nadine, recentemente, deu à luz a um menino. Deram-lhe o nome Zachary. Ela lhes devia uma visita e faria, logo que ela terminasse a sua tarefa atual.

Percebendo que tinha desperdiçado uns bons dez minutos em devaneios, ela soltou um suspiro audível. *Hora de colocar o show na estrada,* ela pensou consigo mesma. Respirou fundo, ajustou a bolsa no braço e decidiu que começaria com o que costumava ser o armário de

Van. Com determinação renovada, ela virou-se e caminhou direto para uma parede de branco. As paredes do quarto de Vivian eram um pêssego escuro.

Levou uma fração de segundo para recuperar a compostura. Não era uma parede de branco. Era um baú. Um peito largo e duro. Ele estava na casa. Ele estava no quarto de sua mãe. Ela fez um esforço para substituir o medo instantâneo por outra emoção. Uma emoção que ela conhecia muito bem e, normalmente, se arrependia por demonstrá-la.

Endireitou os ombros, e olhou lentamente para cima. Pareceu que demorou muito para que os seus brilhantes olhos azuis entrassem em confronto com os dele, mórbidos e escuros. Ela se esforçaria ao máximo para não demonstrar nenhum medo neste momento. Sem nervosismo. *Quem ele pensava que era invadindo a casa de sua família?* Ela tentou respirar calmamente. *Vamos, Christy,* disse a si mesma. *Não deixe que ele saiba que você está com medo. Fique irritada!*

Quem ela estava enganando? Seu interior ignorava a negação mental, e ela sentiu seu estômago embrulhar, enquanto sua boca se enchia de saliva. Ela estava apavorada. Seus olhos se assemelhavam a brasas e a intensidade deles queimavam-na por dentro.

— Você está invadindo. Saia. — disse ela em voz baixa, rezando para que ele não conseguisse detectar sua bravata. — Ou.

— Ou o quê? — Anthony perguntou, sem desviar o olhar. Se ele não estivesse tão bravo com o pai dela por fugir sem pagá-lo, ele poderia tê-la achado levemente divertida. Como um animal de estimação da família.

Ela deu um passo para trás e tomou uma postura mais determinada. Não tirou os olhos do rosto dele, enquanto a mão esquerda lentamente encontrou o caminho para a escova de cabelo prateada de Vivian, que estava sobre a cômoda ao lado dela.

Um músculo saltou na mandíbula dele. Evidentemente, ele não estava acostumado a ser desafiado. Especialmente por uma mulher.

— Você não deve saber com quem está lidando. — ela disse em um tom arrogante. Ela quase encolheu com as próprias palavras. Nunca tinha usado a riqueza ou status da família para intimidar as pessoas. Se ela tivesse acumulado pontos por não fazer isso, com certeza esperava que valessem alguma coisa agora.

A expressão dele permaneceu inalterada. Nenhuma sobrancelha levantada ou um olhar interrogativo. A falta de reação dele a enervou. Agarrando a escova de cabelo com força, ela moveu lentamente seu braço esquerdo atrás das costas. Ela era destra, e se ia espancar esse cara, precisaria usar o lado dominante. Depois de fazer a troca, ela recuperou um pouco de sua compostura e declarou: — Esta é a casa de Van e Vivian Chapman.

O rosto dele não se alterou.

Esse cara tem dificuldade para ouvir ou algo assim? Ela se perguntou. — Os proprietários da Bobbi Bowen´s Luxury Autos. A maior concessionária da costa oeste da Flórida. — disse ela, seu tom insolente.

A avó de Christy, Roberta "Bobbi" Bowen, fez algo incomum para uma mulher no início de 1950. Quase trinta anos atrás, ela abriu a primeira Bobbi Bowen´s Luxury Autos da Costa do Golfo. Seus clientes, e sua riqueza, aumentaram tremendamente quando Alligator Alley foi concluída no final de 1960. A empresária sagaz morreu quatro anos atrás e deixou suas concessionárias para sua única filha, Vivian Chapman, mãe de Christy.

A expressão dele finalmente mudou, e ela não tinha certeza, mas achou que tinha detectado tédio. Ele fez de tudo para conter um bocejo quando ele perguntou novamente: — Ou o quê?

— Ou então. — ela fez uma pausa, e ergueu o queixo: — Eu vou chamar a polícia. — ela acenou para o telefone na mesa de cabeceira de Vivian. Ela sabia que era fraco, mas não conseguiu pensar em mais nada para ameaçá-lo.

Sem dizer nada, ele caminhou até o telefone, pegou-o e arrancou da parede. Jogou-a na cama, e caminhou de volta para Christy. Ele ficou na frente dela, mais uma vez, desta vez com os braços cruzados sobre o peito.

Ela engoliu em seco e se perguntou se o ar condicionado estava com a temperatura baixa. De repente, ela ficou com frio, atingida por algo pegajoso nas costas, debaixo da blusa.

— Eu vou tornar isso simples. — ele falou para ela, fitando-a com uma carranca. — Isso pode ser fácil, ou não. A escolha é sua, e de qualquer forma eu ganho.

Ela arregalou os olhos, e viu uma expressão que ele reconheceu. Ela pensou que ele fosse estuprá-la. Ele quase zombou em voz alta. Para começar, ele não era um estuprador. Ele não precisa usar a força com as mulheres. Mas fácil ter que golpeá-las para afastá-las como moscas. Em segundo lugar, ela estava tão longe do seu tipo, que era ridículo. É claro que esta loirinha ia supor que ele queria estuprá-la. A única maneira de um selvagem estúpido ficar com uma mulher branca mimada como ela, era à força. Ele a odiou imediatamente.

— Não se preocupe, princesa. — ele disse, os lábios se curvaram. — Você e seus peitos comprados em loja estão seguros. Posso garantir que você não tem nada que eu quero. Eu não te fod... — ele fez uma pausa, como se escolhesse as palavras. — Eu não transaria com você nem com o do Lest... — a última palavra morreu em sua língua, e ele rapidamente acrescentou: — Então, tire isso da sua cabeça vazia no momento.

Satisfeito com seu insulto, deu-lhe um olhar presunçoso. Seus olhos perfuraram os dela enquanto esperava uma reação. Alguns segundos se

passaram e ele não tinha certeza, mas achou que ela estava quase achando engraçado.

Ela não disse nada, enquanto tentava avaliar mentalmente o que ele falou. Ou melhor, o que ele não falou. Ela não podia ter certeza, mas parecia que ele tinha feito um esforço para não xingar, enquanto informava que não tinha intenção de estuprá-la. Um homem das cavernas educado. Que fofo. Ou ela estava imaginando coisas? Era uma combinação de medo e dor de cabeça a confundindo? Suas próximas palavras saíram antes que ela pudesse detê-las.

— Ah... coitadinho. — sua voz destilava condescendência. — Você não tem sequer um? Teria que usar o do Lester? — os olhos dela deixaram seu rosto e viajaram para abaixo de seu cinto. Olhou de novo para ele com piedade fingida, e continuou: — Sabe, eu acho que conheço um médico que pode ajudá-lo com o seu... err... o seu problema. — ela bateu os cílios para ele.

Bruxinha! Ele não tinha tempo para isso.

— Seu pai me deve dinheiro. E você vai passar algum tempo com um amigo meu até eu receber. Entendeu? — ele disse em voz baixa, ameaçadora.

Ele esperava uma reação, mas não a que ele recebeu. Ela foi para cima dele com a escova de cabelo que ele a tinha visto pegar escondido da mesa. Levantou-a e arremessou na cabeça dele, e gritou: — Ele não é meu pai. Nunca se refira a Van Chapman como meu pai!

Anthony desviou facilmente o golpe, e a escova de cabelo prateada voou pelo quarto. Claro que Van Chapman era seu pai. Ele tinha visto os retratos de família quando subiu as escadas e ao longo do corredor.

Ele agarrou-a pelos pulsos e disse-lhe em voz lenta, calma: — Nunca mais faça isso. Entendeu?

Christy tentou se livrar dele. Seu rosto estava ficando vermelho enquanto ela fazia o máximo para sair do seu alcance.

— Me solta! — ela gritou.

Os pulsos dela ficaram suados. Ele apertou mais para que não se soltassem, e disse: — Eu vi as fotos. Eu sei que ele é seu pai. Agora, pare de se contorcer!

— Padrasto! Ele é meu padrasto. — enfatizou veementemente. Ela parou de tentar se livrar das mãos de Anthony. Tomou um fôlego grande, e disse: — Ele se casou com a minha mãe quando eu era pequena. Ele adotou legalmente meu irmão e eu, mas eu prefiro ter o sobrenome Manson, do que Chapman.

— Tenho certeza que isso é algo que você pode resolver com o psiquiatra da família. E você pode fazer isso, logo que o meu negócio estiver resolvido com o seu pa... Van. — ela tinha se acalmado, e ele não queria irritá-la novamente referindo-se ao Van como seu pai. Ele não estava com vontade de aguentar os berros dela. E, por maior que fosse o ódio da loira por causa do *padrasto*, provavelmente era porque ele tirou um cartão de crédito, ou a fez dirigir um Corvette, em vez de um Maserati. De qualquer maneira, Anthony não se importava.

— Eu vou soltar você agora, e você vai descer as escadas comigo calmamente. Você não vai me dar nenhum problema. Eu organizei tudo para você ficar com um amigo meu. — ele chamou X do telefone no escritório de Van antes de subir para encontrá-la na suíte principal. — Você ficará confortável e segura. Você parece não gostar de Van de qualquer maneira, assim, pense nisso como passar um pouco de tempo longe à custa dele.

— Não! — ela gritou. — Eu não vou a lugar nenhum com você. Eu não me importo que tipo de negócio você tem com Van. Eu não quero me envolver. Agora me solte e saia!

— Eu vou dar-lhe uma última chance de tomar a decisão certa. A decisão inteligente. — ele disse a ela, soltando-lhe os pulsos e recuando.

Ela esfregou o pulso direito, onde ele apertou um pouco demais. Ela não ia deixar este homem do tamanho do Frankenstein arruinar seus planos. Levantando o queixo, ela acrescentou: — Seu plano é falho. Ele nunca vai pagá-lo. Eu não sou importante para ele. O Van Chapman não se importa com ninguém além de si mesmo.

Anthony inclinou a cabeça para um lado e considerou suas palavras. Era verdade que a vida de Van obviamente tinha tomado uma queda livre nos últimos meses. Vivian deve ter dado para ele o controle das concessionárias, quando Bobbi morreu há quatro anos, mas ele apostava que o negócio ainda estava no nome da Vivian, juntamente com as contas bancárias. Provavelmente, era por isso que Van estava atrás dos agiotas por dinheiro extra. Ele estava escondendo suas indiscrições financeiras da esposa. Van pode não se preocupar com a loira, mas Vivian sim. Ele arriscaria.

— Última chance. — disse ele.

— Eu disse que não. Você vai ter que me arrastar chutando e gritando. E eu posso me cuidar. Eu não tenho medo de você. — disse ela com os lábios trêmulos, esperando que ele não notasse.

— Você tem certeza? — ele perguntou-lhe calmamente.

— Você me ouviu. — respondeu ela, dando um passo para trás e cruzando os braços. Ela foi atingida com uma onda instantânea de náusea e se obrigou a engolir de volta o medo que estava fazendo seu estômago revirar.

— Então, será chutando e gritando. — disse ele calmamente. — Tenho certeza que posso encontrar alguma corda e fita adesiva na garagem. — ele não tinha intenção de amarrá-la enquanto ela estivesse

lutando contra ele. Ele recuou o punho, medindo mentalmente o tamanho necessário do golpe para derrubá-la sem matá-la. Mas ela foi mais rápida. Girou, e começou a correr para a porta aberta do quarto de Vivian, quando Anthony conseguiu agarrá-la pelo braço.

Ela tentou se afastar com toda a sua força. Antes que ele percebesse ou pudesse impedir, notou que estava perdendo o controle sobre ela. Ela se soltou, e ele ouviu o estalo da testa dela quando colidiu com a extremidade aberta da porta do quarto. Ele a pegou antes que ela chegasse ao chão.

Ele olhou para a marca vermelha fina da porta que ficou na testa dela e ficou aliviado que não precisasse de pontos. Era uma complicação que ele não gostaria de lidar. Ela teria, no entanto, um galo enorme e, possivelmente, até dois olhos roxos, para não mencionar uma enorme dor de cabeça.

Embalou-a em seu peito enquanto a levantava, e facilmente pegou a bolsa que ela derrubou e apagou a luz com o cotovelo ao deixar a suíte. Sem esforço, ele levou-a para baixo, balançando a cabeça enquanto andava.

Ainda bem que você se nocauteou, princesa, ele pensou consigo mesmo. *Não gosto de bater em mulher. Mesmo em uma pirralha mimada e sarcástica como você.*

CAPÍTULO TRÊS

Naples, Flórida, 1977



Um ano antes

Jason "Grizz" Talbot esticou a mão sobre o console de seu Corvette preto e apertou a perna de sua esposa. Kit estava olhando pela janela do carro. Ela virou-se e deu-lhe um sorriso. Agarrou sua mão grande, e levou-a aos lábios.

— Obrigada pelo melhor dia de todos! — ela disse a ele.

— Ah, eu sabia que era algo que você gostaria, Kitten. — ele respondeu.

— E saber que você não aproveitaria é o que tornou ainda mais especial. Obrigada, Grizz.

Ele olhou para ela e viu o seu sorriso tímido, e soube que sua decisão de passar a tarde no Museu Ringling Brothers Circus com a mulher que ele amava não tinha sido em vão. Ele refletiu sobre os últimos dois anos e o quanto seu mundo tinha mudado por causa dela. Ele nunca sonhou que o sequestro dela em 1975 se tornaria a melhor coisa que já aconteceu com ele. Ele nunca esperou se apaixonar total e completamente por ela, e soube, no dia que ela foi reconhecida por uma amiga da escola e se recusou a identificar-se, que significava que ela estava se apaixonando por ele também.

No primeiro Natal juntos ele prometeu dar-lhe qualquer coisa que quisesse, e quando ela pediu que ele a deixasse frequentar a igreja todos

os domingos, honestamente, ele não tinha ideia de como fazer isso funcionar. A probabilidade de ela ser reconhecida era muito alta. Até que ele percebeu que haveria menos chance de acontecer se ele, ou outra pessoa a conduzisse pela Alligator Alley, para a costa oeste da Flórida todos os domingos de manhã. Quando ele a levava, geralmente tentava fazer disso uma pequena fuga e passava a noite, ou ficava um pouco mais para passar algum tempo sozinho antes de voltar para casa em Fort Lauderdale.

Eles chegaram sábado à noite e ficaram em um hotel de luxo na praia. Na manhã seguinte, ele a deixou na igreja e voltou para o quarto para fazer alguns telefonemas. Ele a pegou depois da missa e levou-a para um bom brunch e depois a surpreendeu com a visita ao museu. Nada o deixava mais feliz do que ver Kit sorrir.

— Temos que fazer uma parada no caminho de casa, Kitten. — ele disse com naturalidade.

— Negócios? — ela perguntou.

— Sim. Eu preciso falar com o Bear. — ele respondeu e acelerou. — Essa conversa precisa acontecer pessoalmente.

Kit recostou-se no assento de couro confortável e lembrou-se da primeira vez que ela ouviu falar sobre Anthony Bear. Foi no ano passado, ela já estava casada com Grizz e morando com ele em um velho motel, onde ele também gerenciava o seu negócio. Seu marido era um dos líderes de clube de motoqueiros mais temidos na costa leste da Flórida, e ela acabara de testemunhar seu primeiro assassinato de dois inocentes que foram atraídos para o motel como um ardil para roubar as motos deles. Ela ficou tão abalada, que desafiou a ordem de Grizz de nunca sair, ou dirigir para qualquer lugar sozinha.

Grunt encontrou-a um pouco mais tarde. Grunt era o irmão mais novo do segundo no comando, o Blue. Grunt a convenceu a voltar para o motel. Voltar para Grizz.

Ela espiou o homem sentado ao lado dela, por quem ela estava tão apaixonada e secretamente agradeceu Grunt por sua sabedoria naquele dia. Ela nunca perdoaria as coisas que Grizz fazia, mas também não podia negar seu amor por ele.

Seus pensamentos voltaram ao ano passado, depois que ela voltou para Grizz, e quando ela notou esse nome quando o marido mandou um page para alguém e atendeu ao telefone alguns momentos mais tarde.

— Bear? — ele respondeu ao primeiro toque. — Ela está de volta. Obrigado, cara.

Depois de desligar, Grizz explicou que Anthony Bear era o líder de sua própria gangue na costa oeste da Flórida. Os dois se conheciam há anos, mas fez o papel de rivais para descobrir os espiões ou traidores em seus grupos individuais. Grizz falou que tinha ligado para o Anthony quando ele percebeu que ela podia ter cruzado a Alley.

— E se eu tivesse e Anthony ou um dos seus caras me encontrassem? — ela perguntou, com os olhos arregalados.

— Nós teríamos feito um grande show e algum tipo de troca. — respondeu Grizz. — E eu sei o que você está pensando, então não. Você já estaria a salvo com Bear. Ele não teria deixado ninguém tocar em você. Assim como eu faria o mesmo para ele se precisasse. O que não vai acontecer.

— Por que não? — ela perguntou, sua curiosidade despertada pelo seu último comentário.

A testa de Grizz franziu e ele pareceu pensativo. — Bear não é o tipo que se apaixona. Eu comeria minha própria mer... sapato antes de

acreditar que Anthony se acomodou. — ele percebeu o sorriso de Kit quando ela reconheceu que estava fazendo o seu melhor para cuidar da sua linguagem perto dela. Ele, geralmente, se continha cerca de uma vez em cada cem.

— Eu aposto que muita gente tinha a mesma suposição sobre você, Grizz. — ela disse e colocou os braços ao redor de sua cintura e olhou em seus olhos verdes brilhantes.

— Sim, eu acho que você está certa. — disse ele, dando-lhe um sorriso travesso. Ele beijou a ponta do nariz dela e se dirigiu para fora.

Ela despertou das memórias do ano passado, quando Grizz parou abruptamente.

— Você poderia ter passado pelo semáforo. — disse ela, calmamente.

— Sim, mas eu não posso fazer *isso* quando estou dirigindo. — ele respondeu, sua voz profunda baixa e calma. Ele usou o momento para inclinar-se sobre o console e puxá-la para um beijo longo e explorador.

Depois que os seus lábios se distanciaram e Grizz dirigia, ela perguntou: — Anthony tem um motel? Um lugar onde ele dirige o seu... hum... — ela fez uma pausa enquanto contemplava suas próximas palavras. — Seu negócio?

— Ele encontra-se com sua equipe em um antigo acampamento de crianças no Everglades. Ele foi abandonado na década de sessenta depois que um dos conselheiros foi atacado por um crocodilo. O cara não morreu, mas uma vez que a notícia se espalhou, assustou os pais de campistas em potencial. E, assim como eu tenho meus bares que eu gerencio empresas legítimas, Anthony tem uma empresa de paisagismo.

— Ele mora no acampamento? — ela perguntou. — Você sabe, como moramos no motel?

— Não, mas ele poderia. Era um lugar muito elegante quando abriu. Aparentemente, foi famoso por um tempo. Os ricos estão sempre procurando maneiras originais de se destacar, e dar aos seus filhos uma experiência de verdade no Everglades era para ser de ponta na época. Infelizmente, eu não acho que alguém considerou o quanto pode ser verdadeiro, até depois do incidente com o crocodilo. Anthony comprou por alguns centavos de dólar; o que era um roubo, uma vez que foi construído para os clientes mais ricos. Eu estive lá apenas uma vez, quando ninguém estava por perto.

— Então, é lá que vamos encontrá-lo? — ela perguntou e observou os arredores. — Eu sinto que nós estamos no meio do nada.

— Estamos no meio do nada. E não, eu não posso ir para o acampamento. Nós vamos para sua casa.

— Vocês não têm mais que fingir rivalidade? Não há chance de serem vistos por um dos homens dele? — sua voz soava preocupada. — E se for uma armadilha?

Ele olhou para ela e sorriu. — Não se preocupe, Kit. Não é uma armadilha, e Anthony tem apenas uma regra. O bando não é permitido em sua casa, exceto para o seu segundo em comando. Assim como eu tenho o meu segundo em comando, Blue, que sabe que o Bear e eu somos amigos. O cara de Anthony sabe também.

— Sério? Apenas uma regra? Sem nomes de gangues ou qualquer coisa? — considerando a quantidade de regras que Grizz tinha, ela se surpreendeu com isso.

— Não. Seu clube não tem sequer um nome. Eles não usam jaquetas oficiais. Nada de marca registrada. Nada como o meu.

— Bem, como eles são identificados? — ela perguntou.

— Eles não são. E é assim que Anthony quer. Embora eles sejam extraoficialmente conhecidos como Black Souls, Dark Souls, ou No Souls. Eu não me lembro. De qualquer forma, quando seguimos caminhos separados nos anos sessenta, ele veio para cá, não para montar uma gangue, mas um negócio. No entanto, Bear é um líder natural, e antes que ele percebesse, motociclistas gravitavam ao redor dele. Ele comprou o antigo acampamento, estabeleceu a sede, mas optou por não morar lá. Eu acho que ele só usa-a para o negócio oficial do clube. Como eu uso o motel.

Ela não disse mais nada enquanto iam em silêncio durante o que pareceu uma eternidade, ao longo de uma estrada pavimentada, mas extremamente escura. Finalmente, fizeram uma curva, e uma casa grande, estilo rural, apareceu, a luz na varanda acesa era a única indicação de que alguém podia estar em casa. Era uma noite sem estrelas, mas a luz da lua foi suficiente para que Kit visse que a casa tinha grades nas janelas.

Ela engasgou e, em seguida, perguntou: — Por que tem grades nas janelas? — sua voz um pouco instável.

— Kitten, pare com isso. Você está agindo como se Bear fosse alguém de quem você precisa ter medo. As pessoas devem ter medo dele, mas você não é uma delas. Ele comprou a casa em um leilão. Ela pertencia a um traficante de drogas. Por isso, as janelas barradas.

Poucos minutos depois, eles encontraram-se em pé em uma sala de estar decorada com bom gosto, na frente do homem mais bonito que ela lembrava de pousar os olhos. Honestamente, ela não conseguia se lembrar de alguma vez conhecer alguém com uma beleza tão clássica. Ela estendeu a mão pensando que ele fosse balançá-la.

— É bom conhecê-la, Kit. — disse Anthony com uma voz profunda, as palavras escorregando sua língua como seda. Ele levou a mão estendida de Kit à boca e deu um beijo suave sobre ela. Ela olhou em olhos tão

escuros, que pareciam pretos e infinitos. Ela afastou o olhar primeiro e teve certeza de que estava corando até os dedos dos pés. Ela arriscou um olhar para Grizz, que revirou os olhos.

Grizz estava certo de que Anthony não tinha noção sobre o efeito que teve sobre Kit. Ele estava apenas sendo educado. Grizz não sabia como se sentia sobre a reação de sua esposa ao Bear. Ela fez tudo, exceto rir como uma colegial.

Kit ficou tão envolvida com o cumprimento de Anthony, que não notou a mulher que se esgueirou por trás dele e colocou os braços ao redor da sua cintura. Ela foi para o lado direito dele, e a mulher mal fez contato visual com Kit, mas olhou duas vezes na direção do Grizz. — Você não vai me apresentar, Anthony? — ela ronronou ao passar os olhos sobre Grizz.

— Não. É hora de você sair. — ele disse a ela e saiu do alcance da sua mão.

— Meu turno só começa em duas horas. Eu posso ficar um pouco mais e manter você e seu amigo ocupados. — disse ela, olhando sedutoramente para Grizz e ignorando a presença de Kit completamente.

Kit pensou ter visto um flash de irritação no rosto de Anthony, mas rapidamente se dissipou. Ela não conseguiu parar de encarar a mulher, que era alta e esguia, com a pele caramelo impecável e cabelos pretos e lisos que caíam pouco abaixo dos ombros. Ela tinha olhos verdes escuros, maçãs do rosto altas e escuras, lábios sensuais. Lábios que estavam sussurrando algo no ouvido de Anthony.

Ele, gentilmente, impediu seus avanços e disse: — Você vai sair por conta própria, Veronique. Pare de se fazer de carente.

Seu comportamento mudou instantaneamente, e ela praticamente bateu o pé e falou alto: — Tudo bem. Mas da próxima vez que você quiser

ficar com alguém, não me chame. — ela bufou até uma cadeira próxima e pegou sua bolsa. — Eu sou uma médica! Eu não sei por que eu me rebaixo tanto. Você é um criminoso que monta em um cortador de grama para ganhar a vida, e eu ainda não sou boa o suficiente para ser apresentada. Faça-me um favor. Nunca. Me. Ligue. Novamente.

Com isso, ela passou pela porta da frente, batendo-a com força suficiente para sacudir as janelas. Eles ouviram o carro dela ligar e em seguida, jogar cascalho para o alto quando ela saiu.

Grizz riu e Kit lhe deu uma cotovelada nas costelas.

— Hum. Lamento que tenhamos chegado aqui em um momento tão inconveniente. — Kit gaguejou, sem se atrever a olhar para Anthony. Quando ela finalmente olhou, Anthony estava sorrindo para ela. A respiração dela ficou presa na garganta quando viu uma covinha na bochecha direita dele.

— Não se desculpe. Ela sai daqui com raiva de mim, pelo menos uma vez por semana. — disse ele, e Kit não podia dizer ao certo, mas tinha quase certeza que a covinha dele se aprofundou um pouco mais. — Ela vai voltar.

Menos de uma hora depois, Grizz e Kit estavam indo para casa quando ela deixou escapar: — Eu estou em estado de choque com o modo que ele recebeu a notícia, Grizz. Quero dizer, você falou para o Anthony, que não só um de seus homens compartilhava os segredos comerciais dele com um de seus caras, mas que ele também estava falando o nome de Anthony por aí para chamar atenção de alguns maus elementos, com quem ele planeja fazer jogo duplo. E quando ele enganá-los, eles vão atrás de Anthony por vingança.

Ele estendeu a mão para o rádio e abaixou-o antes de responder. — Você não precisa se preocupar com o Anthony, Kit. Ele vai lidar com

isso. Ele já sabia que algo estava rolando, de qualquer maneira. Eu só confirmei.

— Grizz, vamos ser honestos aqui. Se ele tivesse lhe dado essa notícia, você teria gritado, xingado, provavelmente até atravessado a parede com um punho. Ele não fez nada. Ele balançou a cabeça, ouviu e agradeceu. Seu rosto ficou ilegível, como se ele fosse desprovido de emoção. Eu não podia acreditar que era o mesmo homem que beijou a minha mão. Sua calma era francamente assustadora. Eu não posso nem imaginar como ele planeja lidar com isso. — as janelas estavam abertas e o ar da noite estava quente, mas ela tremia de qualquer maneira.

Quando Grizz não comentou, ela deixou escapar um suspiro e sua franja subiu e suavemente pousou em sua testa. — Mesmo quando Veronique fez uma cena ele não perdeu a calma. Ele sorriu. Eu nunca vi alguém se controlar assim. São com as pessoas mais calmas que se deve ter cuidado. Só Deus sabe o que está acontecendo atrás daqueles olhos. Eles eram negros, Grizz. Pretos! — ela passou a mão pelo seu longo cabelo e perguntou: — Que tipo de negócio Anthony faz, de qualquer maneira? Você sabe, com exceção de paisagismo? Eu o ouvi mencionar que ele queria marcar uma reunião com Axel para falar sobre uma entrega sensível.

Ignorando sua última pergunta, Grizz tentou aliviar o clima. Talvez levá-la junto para encontrar com o Bear não tinha sido a melhor ideia. — Você acha que Bear é calmo? — perguntou ele, balançando a cabeça como se fosse muito esperto. Antes que ela pudesse responder, ele acrescentou: — Mas sim, ele sorrindo é uma raridade, isso é certo.

— Mas as outras coisas, Grizz. Não mostrar qualquer emoção. Nem aquela palavra com “f”. Olhe como estou chateada e nem é problema meu.

— Com toda a sua cobrança em cima de mim para não xingar, você está me dizendo que gostaria que ele tivesse? — perguntou Grizz, a

diversão óbvia em sua voz. — Porque Bear perde a paciência e ele definitivamente xinga, Kit. Ele não é perfeito. — depois de uma pausa pensativa, ele acrescentou: — Mas, agora que você mencionou, eu o conheço há muito tempo, e eu nunca o vi xingar com raiva, ou na frente de uma mulher.

Ele olhou para ela e achou que viu a preocupação em seus olhos ser substituída com o que poderia ser admiração. Ele não gostou.

— Você não vai ficar a fim do Bear, porque ele não xinga na frente de mulheres, vai, Kit?

— Não seja ridículo. Claro que não. Acho interessante, só isso. — ela respondeu e revirou os olhos.

— Bom, porque você sabe que eu sou ciumento. Eu não compartilho. Eu nem sequer penso sobre em compartilhar.

Ela lhe deu um pequeno sorriso e balançou a cabeça. — Você sabe que nunca terá que se preocupar com nada parecido comigo, Grizz. Eu te amo. Você é meu marido. Você é o único homem que eu sempre amarei.

— Bom. — respondeu ele, e depois de uma longa pausa, acrescentou: — Porque eu não quero ter que colocar uma bala na cabeça de Anthony.

Ela se sentou ereta, o cinto de segurança pressionou com força os seus seios. — Não faça nem piada com algo assim, Grizz. Não é engraçado. — ela implorou. — Você disse que ele era um dos poucos amigos de confiança. Por que você brincaria com isso?

Virando-se para sua esposa, ele lhe deu um olhar sério e disse: — Eu não estou brincando sobre o que eu poderia fazer apenas por pensar em você sentindo algo por outro homem, Kit.

Alcançando o volume de som, ele aumentou a música You Ain´t Seen Nothing Yet, de Bachman-Turner Overdrive e acelerou através da escuridão, em direção a sua casa na costa leste.

CAPÍTULO QUATRO

Miami, Flórida, 1958



Anthony empurrou o cortador de grama no calor do Sul da Flórida e golpeou as moscas que estavam circulando sua cabeça. Ele ignorou o riso da festa na piscina ao lado que era tão alto que ele podia ouvi-lo sobre o som do cortador. Ele tinha passado seu período pré-adolescente de dois meses pegando carona de Oklahoma para a Flórida, e depois de chegar, rapidamente encontrou trabalho em uma equipe de paisagismo composta principalmente de homens que não falam inglês. Ele estava bem com isso. Ele não quis responder a perguntas sobre sua família, ou melhor, sobre a falta dela. Eles tinham assumido que ele era de uma família pobre e, em vez de ir para a escola, trabalhava para ajudar a apoiar seus pais. Não era inédito, e até agora, ninguém se importou o suficiente para se intrometer. Ele tinha um salário justo para um dia de trabalho honesto, e estava certo de que, devido ao seu tamanho, eles achavam que ele era mais velho.

Anthony raramente tinha que dormir na rua, e se ele precisasse, ele sabia como ficar fora da vista pública. Ele era especialmente bom em achar casas que só tinham residentes por certo período. Ele sabia como arrombar e fazer o melhor uso das casas desocupadas sem ser pego. Seu pai havia lhe ensinado bem.

Ele desligou o cortador, parou e puxou a camisa para limpar o suor do rosto. A festa na piscina ao lado ficou mais alta, e ele podia ouvir que o anfitrião da festa balbuciava as palavras enquanto ele convencia as

mulheres a tirarem as partes de cima do biquíni. Anthony podia dizer pelos gritinhos que elas estavam concordando com o pedido do homem. Ele sentia nojo de mulheres fracas. Ele via como seu pai tratava as mulheres e, em vez de sentir pena delas, Anthony tinha raiva.

Elas são todas imbecis, ele pensou consigo mesmo enquanto olhava para a extensão do quintal que ele estava podando, e focado no iate que estava ancorado atrás dele. O palhaço ao lado tinha um barco ainda maior amarrado atrás de sua casa. Ele o desprezava. Desprezava todos eles.

Anthony decidiu, imediatamente, após sua chegada que não gostava de Miami e iria embora assim que tivesse dinheiro suficiente para viajar confortavelmente. Até agora, ele estava mandando o dinheiro para a casa do tio em Oklahoma. Ele sempre incluía uma pequena nota dizendo que ele estava bem e para eles não se preocuparem com ele. Ele também garantia que sua tia e tio soubessem que o pouco dinheiro que ele enviava era para ser dado para a Nisha. Ele se sentia responsável por ela depois de ter uma última conversa com seu tio, Robert. Ele ligou o cortador de grama e deixou seus pensamentos voltarem para essa conversa.

— É verdade? É verdade o que RJ disse sobre a minha mãe? — ele perguntou ao seu tio algumas horas depois de ouvir os comentários desagradáveis de seu primo.

Robert estava na sua bancada de ferramentas, de costas para o menino. Ele colocou a chave em sua mão com cuidado e lentamente se virou para o sobrinho.

— Quanto da minha conversa com RJ você ouviu, Anthony?

— Não importa, tio Robert. Eu ouvi o que ele disse. É verdade? Ela era uma prostituta?

Robert olhou para além do ombro de Anthony e suspirou. Olhando de novo em seus olhos escuros, ele respondeu: — Eu não sei.

— Diga-me a verdade. Eu falei a *verdade* quando você me perguntou onde eu consegui a peça do carro de Rosemary. — Anthony desafiou.

— Eu estou te dizendo a verdade. Não sei se sua mãe era uma prostituta. As outras coisas que RJ falou eram verdadeiras. Seu pai realmente a trouxe de volta para cá quando ela estava grávida. Ele foi embora com você e sua mãe quando você ainda era uma criança.

Robert virou as costas para Anthony, dispensando o rapaz, de frente para a bancada de ferramenta novamente. Ele pegou uma chave de fenda e começou a mexer com uma peça que estava ao lado de sua caixa de ferramentas. Ele faria qualquer coisa para evitar olhar seu sobrinho nos olhos. A família deles carregava uma vergonha, e ele se sentiu um hipócrita por falar com o rapaz antes sobre honra e orgulho. Ele tentou ao máximo fazer o que achava que era certo. Mas ele também não sabia se havia verdade no segredo de família. Ainda assim, Anthony tinha o direito de saber. Eles não podiam ter certeza por causa da história de Rosemary com os homens, mas o instinto de Robert lhe dizia que, provavelmente, era verdade.

Quando Anthony não respondeu ao último comentário, Robert engoliu em seco e se virou para encarar o menino. Havia mais, e Robert tinha que contar o que sabia.

Os olhos de Anthony se arregalaram quando seu tio explicou que ele tinha quase certeza que Nisha era meia-irmã de Anthony, e verdadeira razão que levou o pai de Anthony, Daniel, a ir embora, foi para evitar, não só a responsabilidade de um segundo filho, mas acusações de estupro. Robert não tinha dúvida de que Rosemary quisesse, mas isso não tinha importância. Ela era menor de idade.

O cortador de grama que ele estava empurrando começou a parar, tirando Anthony de seus pensamentos e de volta ao presente. Ele puxou o

afogador para reanimá-lo e ficou grato quando ele voltou à vida. Quanto mais cedo ele terminasse este gramado, melhor. Ele detestava trabalhar em Ocean Manor Estates, o bairro de luxo que era a casa para os moradores mais ricos do sul da Flórida. Sua mente vagou de volta para essa conversa crucial com seu tio.

Quando Robert contou para ele que a família suspeita que Nisha seja sua meia-irmã, o coração de Anthony encheu-se de orgulho. Nos dois anos que tinha vivido na casa de seu tio na reserva, ele passou a amar Nisha. Ele sorriu quando pensou em como ela era uma lutadora. Ela podia não estar vencendo antes de Anthony chegar, mas era insignificante, e ele percebeu que ele estava orgulhoso de ter uma irmã. Se de fato ela fosse sua irmã. Não tinha jeito de saber com certeza.

Daniel Bear ser o pai biológico de Nisha era um segredo conhecido apenas por alguns na reserva, mas nunca foi discutido por respeito ao chefe tribal. Robert explicou para o Anthony que a família não tinha vergonha de Nisha, mas sim do homem que foi infiel à esposa e deixou uma adolescente grávida para criar uma filha sozinha.

— No que diz respeito ao momento que a sua mãe deixou você e seu pai, eu não sei dizer, Anthony, ou para onde ela foi. Essa é a verdade. — seu tio olhou para ele com uma expressão triste, mas aliviada. Ele carregava o fardo da suspeita de paternidade de Nisha há anos. Ele fez o máximo para ajudar a Rosemary. Pelo menos, ele fez questão que a criança tivesse roupas para vestir e comida na barriga. Mas devido ao custo dos cuidados com a saúde de sua esposa, ele não pôde fazer muito mais.

Anthony digeriu tudo que o tio compartilhou e ponderou a sua situação antes de responder. Ele tinha vindo de condições de vida deploráveis. Quando seu pai morreu, Anthony estava certo de seu pai nunca o tinha amado, e só ficou com o menino como um meio de

sobrevivência. Quando Daniel percebeu que Anthony tinha herdado suas habilidades mecânicas, ele ensinou ao filho como, e que tipo de peças de automóvel devia roubar.

Eles eram nômades, sempre se deslocavam de cidade em cidade, não fincavam raízes. Anthony não conseguia entender por que um homem com as habilidades de seu pai não conseguia segurar um emprego, mas Daniel Bear carregava uma atitude amarga e ressentida, que se manifestava nas piores formas depois que ele bebia. Eles vagavam pelo país e, ocasionalmente, encontravam empregos estranhos, de pessoas, em sua maioria, brancas, que os tratavam de maneira desrespeitosa.

Afastando as lembranças amargas, Anthony refletiu sobre suas atuais condições de vida. Cauteloso e um pouco cético no início, ele finalmente abraçou sua nova vida com a família do tio. Ele cometeu erros, mas estava aprendendo sobre honra e orgulho e honestidade.

Para o RJ se encaixar foi um desafio e provavelmente sempre seria. A saúde da tia Carolyn era uma preocupação, e Anthony esperava que os médicos previram não fosse verdade. Que o câncer drenasse lentamente a vida dela. Ele estava se apegando à tia, a única mulher que ele já respeitou, e não achava que conseguiria suportar a dor de sua morte. Acreditando que RJ estava certo e que a família não precisava da complicação de criar outra criança quando tia Carolyn estava tão doente, ele tinha tomado uma decisão. Ele iria embora. Sentindo-se um pouco aliviado, mas triste, ele se convenceu de que era a coisa certa. Ele não queria ser um fardo maior do que já era. Respirando fundo, ele decidiu compartilhar o pouco que sabia sobre sua mãe antes de sair da vida de sua família para sempre.

— Eu já sabia sobre a ida da minha mãe. — Anthony disse.

— Seu pai contou, ou você se lembra dela? — Robert perguntou, sua curiosidade agora crescente.

— Ele não teve que me contar. — Anthony respondeu, sua voz vazia de emoção. — Eu o ajudei a enterrá-la quando eu tinha oito anos.

Balançando a cabeça, como se ajudasse a afastar lembranças tristes daquela conversa específica com o tio que ele tinha deixado para trás em Oklahoma, Anthony detectou movimento no quintal à sua esquerda. Ele olhou e viu que uma mulher tinha saído para o quintal, estava passando pela piscina grande e indo em sua direção. Ele desligou o cortador e caminhou em direção a ela olhando sua aparência ridícula.

Ela cambaleou em direção a ele com um Martini na mão. Ela estava usando um biquíni branco com um casaco de pele branca sobre ele. Um casaco de pele. Na Flórida? Ela usava saltos altos vermelhos que estavam clicando alto no pátio de concreto e batom vermelho brilhante que tinha borrado na sua bochecha esquerda. Seu cabelo loiro claro estava preso ridiculamente alto. Ele supôs que ela fosse a proprietária da casa em que ele estava trabalhando e tinha acabado de voltar da festa na piscina do vizinho.

— Garoto! Oh, garoto, venha aqui. Eu quero falar com você. — ela falou arrastado.

Anthony endureceu e parou. Ela parou na frente dele. Quando ela começou a perder o equilíbrio, ele pegou seu braço para firmá-la. Ela afastou-se dele como se tivesse sido queimada.

— Você é um índio de verdade? — perguntou ela. — Tipo de verdade, de jogar machadinha, cortar e escalpelar índios?

Anthony revirou os olhos. Não era a primeira vez que faziam essa pergunta para ele. — Eu sou um nativo americano puro-sangue. — ele respondeu. — E tenho que terminar de cortar a grama. Meu chefe virá nos buscar em breve. — os outros dois homens da equipe estavam aparando arbustos da frente. Anthony preferia o cortador. Empurrar não era fácil,

mas o mantinha forte e ajudava a queimar a energia acumulada de um garoto indisciplinado à beira da adolescência.

— Ele é um índio! — gritou ela. — Eu disse que ele era um índio!

Anthony foi surpreendido pelo seu grito ecoando e ficou momentaneamente atordoado quando ela gritou em direção à cerca. Ele virou-se para onde ela estava gritando e percebeu que a cerca de privacidade tinha uma porta escondida entre as propriedades. Agora estava aberta e várias pessoas da festa se reuniram e foram vê-los.

— Traga-o aqui para darmos uma olhada melhor nele! — veio uma voz de mulher que Anthony reconheceu, mas era muito esperto para demonstrar. — Ele tem pena no cabelo? Eu não consigo ver daqui.

Anthony ouviu um homem responder secamente: — Você pode ir para a reserva Seminole a qualquer hora que quiser e dar uma boa olhada, Fran.

Fran respondeu com desgosto: — Ugh! Eu não chegaria perto daquele lugar imundo nem morta.

Anthony tinha ouvido o suficiente. Ele começou a andar. Ignorando os gritos e comentários atrás, ele nem parou para dizer aos seus colegas de trabalho que tinha terminado. Para sempre. Ele iria para onde estavam escondidos seus poucos pertences e iria para Fort Lauderdale. Encontraria outro trabalho, e talvez, uma vez que a reserva Seminole era mais perto de Fort Lauderdale do que de Miami, ele não fosse novidade. A elite de Miami tinha opiniões racistas ignorantes, preconceituosas. Esta não era a primeira vez que ele era analisado, mas ele teria a certeza de que seria a última.

Ele vagou pelas ruas de Fort Lauderdale por dois dias antes de ele tomar a decisão de que, por mais que ele gostasse da solidão de paisagismo, ele não ganhou dinheiro suficiente em Miami para financiar

outra mudança. Fort Lauderdale não seria melhor. Ele teria que usar seu conhecimento sobre automóveis. Dava para ganhar um bom dinheiro com as peças de automóvel – as certas.

Anthony andou a pé mais três dias antes de ele se deparar com uma oficina que achou que era digna das peças caras que ele poderia fornecer. Quando notou o tipo de veículos que a Lawrence´s Auto Repair era especializada, ele bolou um plano. A primeira coisa que ele fez foi invadir a oficina e roubar algumas ferramentas, já que ele não tinha nenhuma. Então, ele foi até a concessionária mais extravagante na cidade. Eles tinham um segurança à noite, e Anthony observou a rotina do homem por alguns dias antes de entrar em ação. Enquanto o guarda fazia seu intervalo de duas horas em frente à televisão na sala de espera do cliente, Anthony calmamente começou a trabalhar. Foi tão fácil que era quase ridículo.

Com um saco pesado cheio de peças roubadas caras e ferramentas, ele voltou para a Lawrence´s Auto Repair. Ele tinha certeza que eles comprariam as peças, e esperava que não fossem muito duros com ele pelo “empréstimo” das ferramentas. Eram cinco horas da manhã e ele estava sentindo frio, apesar do clima ameno. Ele precisava se aquecer antes da oficina se abrir e ele pudesse abordá-los com os seus bens. Mas onde?

Ele, finalmente, chegou à Lawrence e ficou observando de longe. Ele colocou o saco no chão e passou os braços firmemente em torno de si, esfregando os braços para cima e para baixo. Foi então que ele percebeu alguma coisa. A loja estava fechada, mas havia carros na frente. Tinha que ser de cerca de seis horas. Ele imaginava que foram deixados pelos clientes ontem à noite, ou logo cedo esta manhã. Carros que provavelmente teriam chaves escondidas debaixo do tapete ou no visor.

O terceiro carro que ele tentou abrir confirmou sua suposição, as chaves foram facilmente encontradas escondidas no quebra-sol. Jogou a bolsa no banco do passageiro, entrou, virou a ignição e ligou o aquecedor. Ele planejava ficar lá por alguns minutos e deixar o ar esquentar. O sol em breve nasceria e acabaria com o frio e a umidade, e ele poderia voltar a observar do outro lado da rua e descobrir de quem ele poderia se aproximar com as mercadorias.

De repente, a porta do carro se abriu, e ele foi agarrado rudemente pela camisa e arrancado do carro. Ele começou a tropeçar, mas rapidamente se equilibrou e foi jogado contra o capô e preso lá com o rosto virado para baixo por alguém que não podia ver. O sol brilhava, e o ar tinha aquecido. Ele deve ter dormido esperando no carro.

— Parece que nós temos um invasor, Red. — ele ouviu um homem dizer. O mesmo homem que o mantinha preso ao capô. O motor estava quente porque estava em funcionamento, e seu rosto estava começando a queimar.

— Levante-o, mas não solte. — respondeu outra voz.

Ele foi puxado de pé e girou para encarar quem era o Red. Era um homem imponente de altura, áspero na aparência. Ele estava usando uma camiseta preta e tinha tatuagens que cobriam ambos os braços. Anthony focou em algo vermelho que brotava logo acima do colarinho. Parecia uma tatuagem de uma vara vermelho pontuda. Ele descobriria que era um demônio e a vara era a cauda subindo até o pescoço de Red.

Red olhou-o de cima a baixo, em seguida, estendeu a mão pelo assento do motorista.

— O que quer que ele tenha é pesado. — afirmou enquanto recuperava a bolsa de Anthony do lado do passageiro.

Ele enfiou a mão e pegou uma peça. Ele ergueu-a e olhou. Então ele fitou Anthony e perguntou em uma voz calma, mas ameaçadora: — Você roubou isso de mim?

Tentando não mostrar qualquer medo, Anthony lhe respondeu honestamente: — Só se você for o dono da concessionária Mercedes na Las Olas Boulevard.

Red começou a rir. — Sorte sua que não sou. — disse ele. — O que mais você tem aqui? — ele perguntou, e antes que Anthony pudesse responder, Red despejou o conteúdo do saco no chão.

Ele se agachou e começou a olhar mais de perto para as peças. Ele pegou uma das ferramentas e, notando as marcas, levantou-se e levou-a perigosamente perto do rosto de Anthony. — Isto é da minha oficina.

— Eu só peguei emprestado. — foi a resposta imediata e verdadeira de Anthony. — Eu não tenho ferramenta. Eu ia perguntar se você tinha melhores para me emprestar.

Red acreditou nele, porque se o menino tivesse intenção de ficar com as ferramentas, ele não as teria trazido de volta com as peças que queria negociar.

— Foi uma jogada estúpida, e você poderia ter me dado problema. — Red repreendeu.

Anthony olhou para ele interrogativamente.

— Minhas ferramentas são todas marcadas. Se você deixou uma por acidente na concessionária, eles vão me ligar ao roubo. Você não deixou nenhuma das minhas ferramentas lá, não é, rapaz? — ele perguntou e se aproximou muito do rosto de Anthony. Seu hálito cheirava a cigarros e café.

— Não. Elas são contadas. Eu tenho um sistema. Eu sei com quantas ferramentas eu entro e com quantas eu saio.

Red recuou e não disse mais nada, mas acenou com a cabeça lentamente.

— De onde você é, garoto? Você mora na reserva? — ele perguntou, batendo a ferramenta na palma da mão.

— Não, senhor.

— Deixe-me adivinhar. Nenhuma família. Fugiu? Morando nas ruas?

O que ele tem a perder? — Sim. — e antes que Red pudesse se intrometer ainda mais: — De Oklahoma.

— Quer um emprego? — perguntou Red.

Quando Anthony não respondeu de imediato, ele acrescentou: — Você tem um talento sério. Um que pode se tornar muito lucrativo para mim. Vou lhe dar um salário justo e um lugar para ficar.

O homem que estava segurando o braço de Anthony soltou-o e recuou.

Anthony balançou a cabeça, sem quebrar o contato visual. — Sim, eu vou trabalhar para você. Um lugar para ficar pode ser útil.

Red abordou o outro homem. — Ele pode ficar com Greg no andar de cima. Certifique-se de que ele receba ferramentas não marcadas. Vá acomodá-lo.

Anthony olhou para o homem que só assentiu.

— Dusty vai cuidar de você. Você precisa de uma carona para algum lugar para pegar as suas coisas? — ele perguntou para o Anthony.

— Sim. — respondeu Anthony. Ele tinha escondido o seu pequeno número de pertences atrás de um prédio abandonado no centro.

— Dusty vai lidar com isso também. — ele disse e bateu no ombro de Anthony. — Qual é seu nome, garoto?

— Anthony. — ele respondeu rapidamente.

— Bem-vindo à família, Anthony.

Antes que Anthony pudesse responder, Red acrescentou: — E, garoto?

— Sim?

— Se eu pegar você roubando alguma coisa minha de novo, vou arrancar seus testículos pessoalmente e te alimentar, uma bola de cada vez.

CAPÍTULO CINCO

Naples, Flórida, 1978



Anthony ligou o Corvette da menina rica e dirigiu para fora da propriedade dos Chapman. Ele olhou para a mulher que levou para o carro e soube que não tinha muito tempo antes que ela acordasse. Ele simplesmente deveria ter ido diretamente para a casa de X, em vez de fazer X encontrá-lo na sua casa. Mas, mais uma vez, Anthony não esperava que fosse tão difícil. Ele não estava acostumado com alguém ignorando tão descaradamente a sua autoridade.

Ele pensou sobre a sua decisão de usá-la como instrumento de negociação para lidar com Chapman e, agora, se perguntava se tinha sido muito precipitado. Ele estava acostumado a tomar decisões rápidas, mas ele pode ter deixado sua ira ficar no caminho nesta ocasião. Agora que pensava sobre isso, ele podia ter esperado para enfrentar Chapman e intimidado o homem, mas sua irritação com a revelação do contador; a dívida maciça de Chapman; e a traição de Denny, só alimentou um fogo interno que estava começando a se intensificar. Quando ele descobriu que a enteada de Chapman era o epítome de quase toda mulher rica com quem ele já tinha tratado, algo dentro dele estalou. A raiva, há muito enterrada, subiu para a superfície, e quase doeu, de alguma forma torcida, admitir que ele queria machucá-la. Não fisicamente, como o baque que ela tomou na testa, mas emocionalmente. E ele não podia entender o porquê.

Ele a admirou por cerca de meio segundo quando ela foi para cima dele com a escova de cabelo. Depois que descobriu o quanto ela

desprezava o padrasto, ele teve o pensamento fugaz que talvez eles pudessem trabalhar juntos. Mas, apesar de seu ódio intenso por Van, ficou óbvio que ela não queria fazer parte do arranjo de Anthony.

Ele olhou para a mulher que parecia dormir e notou que o galo em sua testa estava se tornando mais proeminente. Ele deveria colocar um pouco de gelo. Ele era um homem de negócios e era muito esperto para devolver mercadorias danificadas. Ele apertou o acelerador.

Alexander guiou sua moto ao longo da estrada desolada e sinuosa que levava à casa de Anthony. Ele esperou no acampamento pela chamada de Anthony. Quando chegou, Anthony explicou em um sussurro abafado que não podia entrar em detalhes, mas ele precisava que X acolhesse um hóspede especial alguns dias. Ele não queria que este convidado especial fosse para o acampamento. Quanto menos pessoas soubessem sobre esta pessoa, melhor.

X não estava de bom humor, então ele esperava que quem quer que fosse, ele ou ela, não desse muito trabalho e pudesse se cuidar. Ele não gostava de ficar confinado em um lugar por muito tempo, nem mesmo no seu condomínio na praia. Ele ficou momentaneamente atordoado quando um táxi, daqueles amarelos, fez uma curva e quase saiu da estrada. Isso era estranho. A casa de Anthony era a única residência no final desta estrada interminável. Ele deu uma olhada rápida para trás e viu a cabeça do motorista. Ninguém mais estava no táxi. Provavelmente estava perdido.

X estacionou à frente da casa de Anthony e desligou a motocicleta. Não havia veículos à frente para indicar se ele já tinha chegado ou não, e todas as três portas das garagens estavam fechadas. Ele correu até a porta da frente e sem bater começou a entrar quando ela se abriu. Ele foi pego de surpresa quando uma bela mulher começou a

divagar: — Meu voo foi cancelado, e não consegui pegar outro... — suas palavras morreram lentamente e ela ficou surpresa, boquiaberta.

— Você não é Anthony. — ela disse, a expressão no rosto de curiosidade, mas não medo.

Isso surpreendeu X porque não era a reação normal que habitualmente recebia. Ele sabia que sua aparência era intimidante pela forma como as pessoas instintivamente saíam do seu caminho. No supermercado, ou na fila de banco, os outros sempre se afastavam dele. Um pouco mais de 1,83 de altura e solidamente construído, X não era coberto com tatuagens ou piercings. No entanto, as pessoas se intimidavam pelos seus olhos. Olhos azuis gelados olhos que pareciam incutir o medo. Para não mencionar a forma como ele se portava. Ele exalava autoconfiança e uma frieza discreta.

— Nem você. — X respondeu calmamente enquanto observava sua aparência. Aparentemente, era uma das putas de Anthony, mas não a habitual. Bear gostava de mulheres altas, morenas e magras. A mulher que estava à frente de X era morena, e aí as semelhanças terminavam. Os olhos dela ficavam nivelados com a parte inferior do queixo de X. Ela não era magra ou gorda, mas toda desenhada e curvilínea. Seus olhos castanhos grandes insinuavam desafio e inteligência e ela tinha cabelos lisos, negros que caíam bem abaixo da cintura. Alexander amava cabelo escuro longo e sedoso nas mulheres e ele fugazmente se perguntou qual seria a sensação deste entre os dedos. *O que ele estava fazendo fantasiando sobre uma das prostitutas do Bear? De jeito nenhum*. Alexander não gostava de prostitutas. Especialmente esta, de pé, com a mão na cintura, como se fosse a dona do lugar.

— Diga a ele que estou aqui. — Alexander falou irritado. Não era um pedido educado, era uma ordem. Ele deu um passo para frente para passar e ela assumiu uma postura determinada, bloqueando seu

caminho. Ele sentiu o cheiro dela e detectou algo fresco e suave com um toque de hortelã.

— Ele não está aqui. — ela respondeu grosseiramente.

Isso surpreendeu Alexander. Nunca soube que Anthony deixava as suas mulheres ficarem em casa quando ele não estava lá. Nem mesmo Veronique. Quando ela finalmente percebeu há alguns meses que Anthony não compartilharia seu coração, ela deixou-o. Lembrava-se de estar esperando o Bear no jardim da frente quando ela saiu furiosa de casa. Logo que Veronique entrou no carro dela, se queixou que Anthony, definitivamente, era bom entre os lençóis, mas depois ele se desconectava emocionalmente. Nunca haveria conversa de travesseiro ou café na cama do Anthony Bear, e ela estava arrependida por ter desperdiçado um ano de sua vida. Alexander falou para ela que não se importava. Sua resposta apática a deixou mais irritada, e ela saiu em disparada, na forma típica de Veronique. Deve ter sido o momento em que ela viu que não daria certo, porque X não a tinha visto, ou ouvido algo dela até então.

— Olá! Desculpe-me! Você me ouviu dizer que ele não está aqui, certo?

— Então como é que você entrou? — ele perguntou, as sobrancelhas juntas.

— Não que isso seja da sua conta, mas eu usei a minha chave. — ela respondeu um pouco arrogante.

Ela estava mentindo. Anthony não dava chaves para as mulheres com quem ele dormia.

— Ninguém tem a chave da casa do Bear. — isso não era inteiramente verdade. Alexander tinha uma, assim como a mulher da limpeza de sessenta anos de idade, Lourdes.

— Bem, eu tenho. — respondeu ela, enquanto tentava empurrá-lo fisicamente para longe da porta. Ela estava começando a fechá-la quando ele enfiou o pé no interior.

— Como eu disse. — ele mentiu. — Eu não conheço ninguém que tenha a chave desta casa, exceto Anthony. Quem é você?

Ela soltou a porta e cruzou os braços. Deu-lhe um olhar sério, e perguntou: — Eu acho que a melhor pergunta é quem é você?

— Não, a melhor pergunta é por que você está na casa do meu amigo quando ele não está aqui? E por que não tem medo de mim? Eu já poderia ter cortado a sua garganta!

— Porque qualquer um que conhece Anthony Bear saberia que se ele chegasse em casa e encontrasse sua irmã com a garganta cortada, sofreria a ira do próprio diabo. E é óbvio que você conhece o meu irmão, então, talvez eu devesse estar me perguntando por que você não tem medo de me assediar, considerando que só preciso falar para ele que você foi um idiota enorme e você estaria acabado?

Ela estava sem fôlego por causa do longo discurso e se surpreendeu quando o homem respondeu: — Então, você é Nisha?

Ela piscou duas vezes, mas não respondeu.

Nunca lhe ocorreu que essa mulher fosse a irmã de Bear. Ele sabia que ela tinha vindo visitar, mas poderia jurar que ela tinha ido embora. — Bear me contou a trabalheira que você dá. Eu deveria ter adivinhado.

— Trabalheira? — ela gaguejou. — Espere. Que...? Quem é você?

— Eu sou o braço direito de Anthony.

— É mesmo? Bem, ele nunca mencionou um 'braço-direito'. Você trabalha na empresa de paisagismo? — ela perguntou.

X hesitou. Anthony era a pessoa mais privada que ele conhecia. Ele tinha mencionado Nisha apenas algumas vezes ao longo dos últimos dois anos, e só para falar para X que ela chegaria, uma vez que ele ficaria ausente do acampamento e do escritório de paisagismo por alguns dias. E Anthony nunca tinha dito que a Nisha dava trabalho. Ele falou isso só para conseguir uma reação dela. Anthony também nunca mencionou que sua irmã era linda de morrer e corajosa.

— Sim, eu trabalho com ele no Native Touch. E ele mencionou que você viria para uma visita, mas disse também que você tinha ido embora.

Ela deu um passo para o lado e acenou para ele. — Eu fui embora. Esta manhã. — ela disse com naturalidade enquanto seguia para a sala grande. — Mas depois que ele me deixou no aeroporto eu descobri que meu voo estava cancelado e não havia mais nada disponível. Eu não teria voltado para cá, mas parece que há algum tipo de convenção na cidade. Devo ter gasto dez dólares em créditos ligando para cada hotel na lista telefônica. Finalmente, eu desisti e peguei um táxi de volta porque, meu irmão, aparentemente, não sabe como atender a uma chamada.

Sem aviso, a porta da frente saltou aberta, e Anthony entrou com uma loira pequena nos braços e um olhar agitado no rosto. Ele parou no meio do caminho quando viu Nisha de pé na sala de estar.

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Nisha explodiu: — Oh não! Anthony, o que está errado com ela? Ela está bem?

Anthony notou o olhar de X e olhou para o rosto preocupado da sua irmã. Uma irmã que deveria ter desembarcado na Filadélfia horas atrás.

— Não, ela não está bem. Ela é a filha de um cliente. — ele meio que mentiu. — Eu estava trabalhando em sua casa com a minha equipe quando ela veio cambaleando pela porta da frente. Totalmente tonta e vomitando por todos os lugares. Ela começou a entrar no carro, e eu não

podia deixá-la dirigir. Ela estava murmurando alguma coisa sobre seus pais chegarem em casa, e ela não queria que eles a vissem tão mau.

Ele caminhou até seu quarto e a deitou na sua cama enorme king size. Ele tinha que tirar a irmã da casa, e precisava ser rápido. Ele jamais poderia arriscar que Christy acordasse com Nisha lá. Sem contar o que a menina diria. Ele estava ficando ansioso, porque ela estava demorando muito para ficar consciente de novo, enquanto Nisha começou a disparar perguntas. Ela seguiu até o quarto, e ele, imediatamente, pegou-a pelos ombros, girou e conduziu-a de volta para a sala, onde X se levantou, uma expressão de conhecimento em seu rosto.

— Eu não sei se ela mora com eles ou não, Nisha. E eu não sei o que aconteceu com a testa dela. Eu só sei que uma pessoa incapacitada ia ficar atrás do volante de um carro e eu não podia deixá-la dirigir.

— Você poderia ter tomado as chaves, Anthony. — ela respondeu. Seus poderes de dedução deixavam óbvio que ela era uma advogada. Ela estava interrogando o irmão, não porque suspeitasse, ela estava apenas curiosa. Ou talvez suspeitasse. Sua irmã era uma das pessoas mais inteligentes que ele conhecia.

— Sim, eu poderia. — Anthony disparou de volta. — Mas, como eu já lhe disse, antes de ela desmaiar, ela deixou claro que ela não queria que eles a vissem. Eu comecei a dirigir e percebi que não sabia nada sobre ela, se ela morava com eles, ou em outro lugar, então eu a trouxe para cá.

Nisha inclinou a cabeça para um lado e olhou para ele, seus olhos se estreitando. Ele mudou de assunto rapidamente.

— E falando nisso, o que *você* está fazendo aqui? — ele perguntou, tentando não aparecer alterado ou frustrado.

— O voo foi cancelado. É uma longa história. — X interrompeu.

Anthony olhou para ela e disse: — Nisha, você não pode ficar aqui.

— Por que não? — ela perguntou, sua voz mais brava que magoada.

— Porque o cliente que mencionei é importante. Eu não quero que essa garota acorde e vocês dois estejam aqui. — ele acenou para Alexander. — Ela não é um espetáculo, e eu não quero que ela se sinta assim. Ela vai acordar em breve. Vou pegar um pouco de café e aspirina para ela, e quando ela ficar sóbria, vou levá-la para casa.

— Eu não vejo por que eu não posso... — ela começou a falar, mas Alexander a interrompeu.

— Venha à minha casa, Nisha. — X deixou escapar. Ele quase se engasgou com as próprias palavras. A última coisa que ele queria fazer era passar tempo com a irmã de Anthony. — Você pode ligar para as companhias aéreas de lá, e se você conseguir um voo em cima da hora, eu estou muito mais próximo do aeroporto do que Anthony. Eu posso chegar lá mais rápido.

Anthony olhou com gratidão para X. Ele não tinha dado qualquer detalhe para Alexander na curta conversa telefônica que teve da casa dos Chapman. X sabia quando Anthony estava cuidando dos negócios e, aparentemente, a loira desmaiada era um negócio grande, ou ele não a teria trazido para cá. Ele se perguntava se esta era a hóspede que Anthony tinha mencionado. Ele esperava que não. Neste momento, o instinto dele lhe dizia que Nisha precisava estar fora da casa de Anthony antes da loira acordar. Mesmo que ele estivesse menos do que encantado por hospedar a irmã de Anthony por uma noite, ele disse a si mesmo que era melhor do que hospedar a loira por um período indefinido de tempo.

Ele pegou a bagagem de Nisha na entrada, onde ela tinha deixado, e Alexander gritou: — Eu preciso das suas chaves da caminhonete. Eu não posso levar sua irmã para casa de moto.

Anthony levou Nisha em direção à porta da frente.

— Você nunca mencionou que tem um amigo parecido com o Paul Newman. — ela sussurrou por cima do ombro.

— Quem? — ele perguntou distraidamente.

— Paul Newman. A estrela de cinema!

— Butch Cassidy[2]? — Anthony perguntou.

— Butch Cassidy e Sundance Kid foi lançado, provavelmente, há uma década. Você nunca sai, Anthony?

Eles estavam na caminhonete de Anthony e nem dois segundos depois de saírem da garagem Nisha disse: — Bem, aquilo foi uma mentira mais do que óbvia. Bêbada demais para dirigir? Eu sei quando meu irmão está mentindo.

— Eu não questiono o seu irmão. — disse ele, sem se virar para olhar para ela. Ele a ouviu zombar.

— Tanto faz. — foi sua resposta. Um momento passou, e ela disse: — Eu acho que pode haver um voo de manhã. Estará cheio, mas se você me levar cedo o suficiente, provavelmente, consigo entrar na fila de espera. Embora todo mundo que perdeu o voo de hoje também estará tentando pegar aquele avião.

— Talvez você tenha sorte. — ele respondeu.

Ela encostou-se à porta da caminhonete e olhou para o amigo do irmão. Definitivamente, ele era um sósia do Paul Newman, com exceção do cabelo. Tinha o mesmo castanho claro da sua estrela de cinema favorita, mas o cabelo desse cara era mais longo, e enrolava nas pontas. E ele precisava fazer a barba. — Eu nem sei o seu nome. — disse ela. Seu tom continha um toque de frustração e, provavelmente, um pouco

[2] Filme de 1969, em que Paul Newman era o protagonista. Sundance Kid, outro personagem, interpretado por Robert Redford.

magoado pela rejeição de Anthony. Seu irmão mais velho mal conseguiu colocá-la para fora rápido o suficiente.

— Chame-me de X. — ele respondeu.

— X? — ela perguntou, com o tom indignado e duvidoso. — Que tipo de nome é X? — ela praticamente cuspiu.

— Que tipo de nome é Nisha? — ele respondeu. — Não parece de nativo americano.

— Não é. — ela respondeu rapidamente. — Eu não sei de onde minha mãe tirou. Eu acho que é asiático-americano. Significa 'noite'. — ela encolheu os ombros e estreitou os olhos para ele. — Pelo menos é um nome, em vez de ser a vigésima quarta letra do alfabeto. — ela zombou. — O que representa? Raios-X? Ex-marido? X marca o ponto? — ela perguntou sarcasticamente, cruzando os braços na frente do peito.

Ele balançou a cabeça e pensou, *você me deve um grande favor por isso, Bear*. Essa vai ser uma noite muito longa.

CAPÍTULO SEIS

Naples, Flórida, 1978



Depois de praticamente ter empurrado a irmã porta afora, Anthony voltou rapidamente para o quarto e se sentou na beirada da cama. Ele olhou para a mulher e ela parecia estar dormindo, mas ele não se enganava. Ela não estava dormindo. Ela não tinha recuperado a consciência. Sua cabeça estava inclinada para um lado, e o cabelo cobrindo o galo na sua testa. Ele estendeu a mão para o rosto dela para movê-lo e avaliar os danos. Ela soltou um gemido de agonia longo, no mesmo momento ele percebeu que ela estava quente ao toque.

Seus olhos se abriram e ela disse: — Dói.

— Você teve uma colisão desagradável lá, princesa. — Anthony disse a ela. Seus olhos estavam vidrados e ele não soube se ela o tinha reconhecido.

— Minha cabeça. — ela gemeu, e depois se sentou. — Eu acho que vou ficar doente.

Anthony meio carregou, meio arrastou a Christy para o banheiro, de onde ele respeitosamente saiu enquanto ela esvaziava o conteúdo de seu estômago. Ele podia ouvi-la vomitando e se perguntou se ela tinha ideia de como acabou com uma concussão.

Ele pôde ouvi-la se limpando na pia e quando a porta do banheiro finalmente se abriu, em vez de sair, ela se inclinou contra o batente

fracamente. A cabeça dela estava abaixada, mas ela conseguiu olhar para ele e dizer: — Você me bateu.

— Não, não bati. Eu te agarrei e você se afastou e deu com a cara na beirada da porta. Vou pegar um pouco de gelo. — ele não se preocupou por deixá-la sozinha. Ele não tinha telefone no quarto e havia barras em todas as janelas. Se isso não fosse suficiente para impedi-la, sua saúde precária, certamente era.

Ele voltou alguns minutos depois e encontrou-a caída no chão. Jogou o saco de gelo de lado, se ajoelhou ao lado dela e pegou-a. Embalando-a nos braços, ele levou o rosto até o dela e colocou a bochecha contra a dela. Ela não estava quente. Ela estava em chamas. E não era só por causa da colisão na cabeça. Ela estava doente, com febre.

Ele caminhou diretamente para o chuveiro e ligou a água fria. Ela se encolheu quando a água bateu nela, mas ainda não foi o suficiente para reanimá-la completamente. Lamentando a ruína das botas novas, ele ficou segurando-a sob a água fria. Eventualmente, ele apoiou as costas na parede de azulejos e, lentamente, abaixou-se até o chão, para se certificar que a água estava caindo sobre ela.

Christy estava presa em um pesadelo do qual ela não conseguia despertar. Um pesadelo que não fazia sentido. Ela estava em sua antiga casa, subia as escadas, mas não conseguia chegar ao topo. A cada passo que ela dava, a escada ruía sob seus pés. Ela olhou para trás e viu Lester, o homem que estava no gramado, sorrindo e piscando para ela. Atrás dele flutuava uma presença escura e ameaçadora. Ela não conseguia distinguir um rosto ou quaisquer características, mas ela sabia que era uma força perigosa e estava pairando atrás do seu novo amigo. Isso a assustou e aumentou a sensação de pânico que ela já estava sentindo. Suas pernas pareciam chumbo. Litzy, que tinha sido mais mãe para Christy do que

Vivian, estava no degrau mais alto, com os braços estendidos e os olhos calorosos dela cheios de lágrimas.

— Venha, criança. — ela acenava. — Eu vou te salvar. — implorava com o sotaque forte guatemalteco.

— Você já me salvou. — respondeu Christy. — Você nos salvou, mas eu te decepcionei. Eu não pude salvá-la. Quando você mais precisou de mim, eu não pude salvá-la para você. Eu sinto muito, Litzy.

Fechando os olhos com força, Christy tentou dar um salto em direção a Litzy e imediatamente se sentiu caindo. Ela caiu em uma piscina de água gelada, ofegou e tentou se recuperar do choque frio e ir para a superfície. Ela não podia vê-lo, mas sabia que a presença negra que pairava atrás Lester estava impedindo-a de chegar ao topo. Ela percebeu então que ela não estava movendo-se porque seus braços estavam imobilizados nas suas laterais e ela estava presa contra uma superfície dura, incapaz de se mover. Ela ouviu palavras calmantes em uma língua que ela não entendia. Ela não conseguia ver nada. Estava cercada pela escuridão, mas a voz tinha um efeito calmante sobre ela. Ela não estava mais com medo ou frio. Na verdade, ela estava sentindo o oposto. De repente, ela estava quente. E segura.

A dor de cabeça tinha desaparecido, substituída por uma pulsação suave. Sua garganta estava seca e a testa estava dolorida. Ela se lembrava dele. Lembrou-se de tentar afastar-se dele e bateu na porta. Ela deve ter se deitado no chão de Vivian, mas não se sentia em um piso. Parecia uma cama. Uma cama quente, e confortável. E o ar nem cheirava a naftalina. Cheirava como... como... sopa de galinha.

Cautelosamente, ela abriu um olho, e descobriu um quarto desconhecido. Ela abriu a outro olho e rapidamente observou os arredores sem mover a cabeça. Ela estava um pouco inclinada e podia ver uma porta do banheiro aberta à sua direita. Diretamente em frente tinha uma

cômoda tripla que abrigava uma televisão de um lado, e o que parecia ser uma peça de arte decorativa, uma tenda feita de metal, do outro. Um grande espelho foi anexado a parte de trás do armário e no reflexo do espelho, ela podia ver um belo retrato de uma paisagem da floresta. Um urso rosnando estava de pé sobre as quatro patas. Ela podia ver seus dentes afiados. Janelas ladeavam ambos os lados do retrato, mas as cortinas estavam fechadas. Ela também podia ver o topo da cabeceira da cama. Ela sentou-se um pouco e viu seu rosto no espelho.

Tinha um machucado roxo proeminente bem no meio da testa. Ela tinha hematomas debaixo de cada olho. Seu cabelo estava grudado na cabeça. Ela levantou a mão para tocá-lo e percebeu que estava úmido. Foi então que ela foi atingida por um desconforto reconhecível. Ela precisava esvaziar a bexiga e imediatamente. Balançando as pernas para o lado da cama, ela rapidamente percebeu que ao sentar-se um pouco abruptamente sentiu uma tontura. Agarrou a borda da cama, fechou os olhos por um momento e quando ela os abriu estava olhando para um umbigo. Ela olhou para cima lentamente, visualizou uma pele escura, o estômago plano com abdômen definido, o peito sem pelo, com uma infinidade de tatuagens. Quando ela alcançou os olhos dele, ela não viu raiva, irritação, nem mesmo preocupação. Ela viu... nada. Eles eram penetrantes e perturbadores. Ela começou a tremer.

Ela olhou para longe, em seguida, disse: — Banheiro — seguido por um fraco — por favor.

Ele levantou a mão para agarrar o braço dela e notou-a recuar. — Eu não vou te machucar. — ele disse a ela. Tomou seu cotovelo, e ajudou-a a ficar de pé e levou-a lentamente para a porta do banheiro.

— Obrigada. — disse ela, sem olhar para ele. — Eu vou só daqui.

Anthony observou Christy fechar a porta lentamente atrás dela. Ele foi até o armário e pegou uma camiseta, e vestiu-a rapidamente. Ele olhou

para si mesmo no espelho, seu longo cabelo ainda ligeiramente úmido do chuveiro, e refletiu sobre a mulher que estava usando o seu banheiro. Depois de sentir confiança de que a água fria tinha ajudado a reduzir a febre, ele tirou as roupas dela e as secou. Ele ficou um pouco surpreso que a sua observação anterior, sobre os silicones nos peitos, estava errada. Não é que ele tivesse focado nisso enquanto estava secando-a, mas não pôde deixar de notar que eles eram de verdade. Ele tentou negar a ligeira agitação que sentiu. *Eu não seria um homem se não tivesse algum tipo de reação,* ele se convenceu. *Fazia muito tempo que não ficava com uma mulher*.

A porta do banheiro se abriu e ela saiu hesitante.

— Onde estão minhas roupas? — perguntou ela, a voz baixa.

— Você teve uma febre e eu tive que levá-la para um banho de água fria. Eu não podia colocá-la de volta na cama molhada. Você está usando minha camiseta. Suas roupas estão na secadora.

Precisou de toda a força que ela não tinha para ficar lá e ter uma conversa civilizada. Ela estava na casa de um homem estranho. Em roupas de um homem estranho. E não apenas qualquer homem estranho. Ela estava na casa do Neandertal. Na cama do Neandertal. Ela estava em grande desvantagem. Ela sabia que não conseguiria se impor. Pelo menos não em sua condição atual.

O medo agarrou-a com garras perfurantes e ela sabia que seu único recurso era entrar no jogo até que ela se sentisse melhor e pudesse pensar claramente. Ela assentiu, optando por não mencionar o fato de que ela não estava usando calcinha. Ela já sabia que a camiseta que estava usando era dele, porque ia até abaixo dos joelhos. Ela também sabia que foi ele que a tinha despido e secado. Ela podia sentir a humilhação da ponta dos pés, subindo lentamente até as bochechas. Ela não se permitiria reconhecer que achou o cheiro de sua camisa reconfortante. E

segura. *Como isso poderia vir dele?* Especialmente depois de ficar óbvio que ele tinha seguido o plano de raptá-la.

Ele percebeu seu rubor e zombou, — Como eu disse na sua casa, você não tem nada que eu quero. Sua virtude não foi comprometida. — ele esperou uma resposta sarcástica dela e foi pego de surpresa quando ela respondeu: — Obrigada — e depois de uma breve pausa — por cuidar de mim. — Sua voz estava um pouco instável quando ela perguntou: — Você tem uma escova de dente extra e um pente, ou escova que eu possa usar?

A polidez dela o surpreendeu. Então lembrou-se que ela estava doente. Provavelmente ela só usaria "por favor" e "obrigado" até que se sentisse melhor, depois voltaria para o modo arrogante. Ela estava tão doente que talvez mantê-la ali até resolver as coisas com Van, não fosse intolerável. X colocaria Nisha no primeiro voo da manhã libertando-o para ficar aqui com Christy, enquanto Anthony tomava conta dos negócios no escritório do acampamento e de paisagismo. Provavelmente, era melhor que Christy ficasse aqui do que na casa do X de qualquer maneira.

Ele passou por ela e saiu do banheiro segurando uma escova de cabelo e uma escova de dente ainda na embalagem. Jogou na cama, e disse: — A escova de dente é nova, mas você vai ter que partilhar a minha escova de cabelo.

Ela deu-lhe um olhar estranho e, em vez de pegar os itens, ela mancou até um canto e sentou-se em uma cadeira. — Onde estou e há quanto tempo estou aqui?

— Você está na minha casa e você está aqui há algumas horas. Vai escurecer em breve.

— Achei que não fosse a sua casa. — ela respondeu. — Fica onde?

— Isso não é importante. — ele respondeu calmamente.

Ela desviou o olhar e assentiu para si mesma. Ela não iria desafiá-lo. Ainda. Ele podia adivinhar o que ela estava pensando. — Você vai me levar para casa, ou isso é parte de seu plano para arrumar um resgate com o Van?

Então, ela se lembrou, pensou ele.

— Você na minha casa não era parte do plano, mas como eu disse no quarto de sua mãe, isso pode ser do jeito fácil ou não. De qualquer maneira, eu ganho. — ele esperou a reação dela e quando não teve, ele continuou: — Além disso, eu não acho que você está em condições de dirigir para qualquer lugar agora.

Ela olhou para ele rapidamente, em seguida, perguntou: — Você trouxe o Vete para cá?

— Sim, e você não está com as chaves. — depois de um momento, ele perguntou: — Alguém vai sentir sua falta? Alguém em casa esperando por você? Um companheiro de quarto, um namorado? — ele fez uma pausa. — A manicure?

Ignorando seu sarcasmo e sem fazer contato visual, ela respondeu calmamente. — Não. Não há ninguém. — então, ela agarrou o estômago. — Desculpe-me. — ela disse, se levantou e foi para o banheiro, batendo a porta atrás dela.

Uma hora depois, Anthony olhou no quarto e viu Christy descansando confortavelmente na sua cama. Depois de se curvar ao deus de porcelana mais três vezes, ela escovou os dentes e voltou a dormir. Ele tinha tido tempo de ir ao seu carro e ficou surpreso que não estivesse cheio de coisas de meninas. Sem brilho labial ou cosméticos no console. Sem toalhas de praia ou chapéus de sol no banco. Passando pelo porta-luvas, viu que o carro era registrado em nome de Bobbi Bowen's Luxury Autos da Costa do Golfo. Claro, o carro não estaria em nome de Christy. Provavelmente, ela tinha um carro novo todo mês da concessionária. Ele

agarrou a bolsa que ela carregava e levou para casa com ele. Virou seu conteúdo na mesa, e vasculhou suas coisas. Não havia muito.

Ele abriu um envelope pardo que continha os recibos feitos para o Van Chapman de um contador em Miami. Dauber & Nicks cobrava taxas exorbitantes, mas, novamente, Chapman podia pagar. Ele voltou os recibos com compras exorbitantes para o envelope e colocou de lado.

Ele então olhou a carteira de Christy. Ele encontrou uma carteira de motorista da Flórida. Ele já sabia que ela tinha cabelo loiro e olhos azuis. O que ele não sabia era que Christine Roberta Chapman tinha vinte anos, era doadora de órgãos e pesava 61 quilos. Ele pensou que ela fosse mais leve do que isso, mas o que ele sabia? Ele não se lembra de já ter carregando uma mulher. Ela tinha duzentos dólares em dinheiro e um cartão de crédito. Ele também encontrou duas canetas esferográficas, um grampo de cabelo, um grande pente roxo, um conjunto de chaves de casa e uma pequena agenda de endereços. Ele a folheou e não reconheceu nenhum nome. Jogou-a de lado, e estendeu a mão para o último item. Um pager. Ele rolou pelos números no pager e notou que alguns eram estranhos e não pareciam números de telefone. Viu a mensagem codificada especial que Lester tinha enviado para a Christy para avisar que não havia ninguém na casa dos Chapman. Havia dois números de telefone depois daquela. Deviam ser novos. Marcou o primeiro. Depois de dois sinais ouviu a voz soluçante de uma mulher: — Christy. — uma fungada. *Seria a Vivian?* Ele se perguntou. Em seguida, ele ouviu o que pareceu um bebê chorando ao fundo. Instintivamente, soube que não era a mãe de Christy. Ele quase desligou, mas algo o deteve. Pareceu rude.

— Desculpe. Número errado. — ele mentiu.

— Oh, bem. — veio sua resposta triste. Ela desligou.

Ele ligou para o segundo número. — É um grande dia para Bobbi Bowen's Luxury Autos da Costa do Golfo. Você ligou no departamento de

serviço. Eu sou Vicky. Como posso ajudá-lo hoje? — a mulher perguntou muito entusiasmada.

Vicky deve realmente gostar do seu trabalho, ele pensou ao desligar.

Ele colocou os itens de volta na bolsa de Christy e se dirigiu para a cozinha para pegar algo para comer.

Christy acordou na cama de seu captor, ocorreu-lhe que ela nem sabia o nome dele. Felizmente, além de sua atitude bruta ele não tinha feito qualquer tentativa de feri-la. Ela não achava que o Neandertal tivesse um osso gentil no corpo, mas com base no modo como ele a tratou depois de levá-la para sua casa, ela não podia reclamar. E o que ele tinha dito no quarto de Vivian? *Você ficará confortável e segura. Você parece não gostar de Van de qualquer maneira, assim, pense nisso como passar um pouco de tempo longe à custa dele.*

Se ela não estivesse se sentindo morta, sem dúvida estaria lutando com unhas e dentes. Mas daquele jeito, ela estava muito fraca para ir do banheiro para a cama sem os joelhos tremerem. Ela estava confortável, limpa e ele explicou mais de uma vez que não era sua intenção prejudicá-la. Embora, ela quisesse saber o que ele faria se ela o contrariasse. Ele não falava com ela sem uma carranca. Ela não conseguia imaginar o que tinha feito para ele. Talvez ela o tenha injustiçado em uma vida passada, ou algo assim. Ou, talvez ela só estivesse arcando com o ônus de seu ódio por Van.

Ela não ficou surpresa por ele ir atrás de Van. Certamente não seria o primeiro. Ela ficou chocada por ser mais uma questão de dinheiro. Isso era novo. Tinha esperado mais um marido irritado, ou um pai para colocar uma bala na cabeça do Van. Não era segredo que Van Chapman dormia com o máximo de mulheres possível pelas costas da esposa. E, infelizmente, ele nunca se preocupava com a idade. Se elas emitiam

estrogênio, viravam presas. Christy não podia imaginar quem ele pagava no sistema legal que mantinha suas indiscrições enterradas, antes das queixas oficiais serem feitas. Van devia pagar cada família que o acusava de abuso sexual com suas filhas menores de idade, por isso era provável que as declarações da polícia estivessem sendo retiradas antes de serem inseridas no sistema.

Ela suspirou alto quando pensou em como seu sequestrador ficaria desapontado quando Van não pagasse um resgate pelo seu retorno. De qualquer forma, ele estava fazendo um favor para Van. E Vivian estava tão fora de si, que Van podia falar que tinha mandado a Christy para um ano sabático no Tibete e ela acreditaria, e se não acreditasse, ela não se importaria.

Sim, Christy usaria esse tempo para se recuperar e obter sua força de volta, mas ela ainda tinha que descobrir uma maneira de escapar. Quão difícil poderia ser? Obviamente, ele não via problema em deixá-la sozinha. Ela olhou ao redor do quarto masculino e não viu um telefone. Certamente havia algum na casa. E se não houvesse, ela, provavelmente poderia chegar à porta da frente e correr para casa de um vizinho. Afinal, não havia como dizer o que seu captor fará quando Van recusar a pagar. Ela começou a tremer de novo, e seu último pensamento consciente antes de dormir que ela tentou discernir, era se o gelo que se arrastou através de seus ossos era de sua doença, ou de medo de seu captor sem nome e olhos negros insondáveis.

CAPÍTULO SETE

Naples, Flórida, 1978



Perdido em sono profundo, Anthony acordou sobressaltado. Ele tinha adormecido no sofá do escritório de casa. Ele se levantou e se dirigiu para o seu quarto. Ela ainda estava dormindo. Ele deu um suspiro de alívio e foi para o banheiro de hóspedes.

Poucos minutos depois, ele estava na frente da cafeteira chutando-se mentalmente por ter baixado a guarda. Ela podia ter pegado uma faca na cozinha e o apunhalado durante o sono. Ela poderia ter encontrado as chaves do carro, que ele tinha deixado na mesa, e fugido antes que ele percebesse. Ele nunca tinha sido tão descuidado.

Ele levou o café para o escritório e estava prestes a pegar o telefone para ligar para X quando ele tocou. — Sim? — ele respondeu, em seguida, tomou um gole da caneca.

— Sou eu. — X disse a ele. — Acabei de receber um telefonema que você precisa saber. — a voz de X ficou mais alta com cada palavra, uma vez que ele tentava falar acima de algum ruído ao fundo.

— O que é esse barulho? — Anthony perguntou, interrompendo-o.

— É a sua irmã. Ela está no banho e obviamente não sabe como as paredes são finas. — X suspirou.

Antes que Anthony pudesse comentar, X acrescentou: — Ela também está profanando *God Only Knows,* dos The Beach Boys*,* ou. — ele

fez uma pausa e expirou —, ou, ela está esfolando um gato. Meu dinheiro está no último.

X podia ouvir o divertimento na voz de Anthony quando ele respondeu: — Minha irmã tem as qualidades mais incríveis do que qualquer mulher que já conheci. Infelizmente, cantar não é uma delas. Estou surpreso por ela estar cantando com você na casa. Ela sabe que é horrível e nunca faria isso na frente de alguém.

— Sim, eu disse a ela que sairia por alguns minutos, mas esqueci minha carteira e voltei. É a verdadeira razão da minha ligação, Bear. O telefone começou a tocar antes de eu sair novamente. Era o Blue. Pode haver uma pista sobre o estuprador da Kit.

Anthony sentiu seu corpo ficar rígido quando ele pensou sobre o que tinha acontecido com a doce e inocente esposa do Grizz. Duas semanas atrás, alguém tinha a estuprado brutalmente e espancado em sua própria cama, deixando-a para morrer. Grizz tinha uma viagem noturna e tinha deixado Kit com Moe, uma das frequentadoras que moravam no motel. Moe estava dormindo em seu quarto com os dois Rottweilers do Grizz quando o ocorreu o ataque. Rottweilers que teriam protegidos Kit na ausência de Grizz, mas não podiam por trás da porta trancada de Moe.

— Grizz sabe quem foi? — Anthony perguntou. Ele sentou na extremidade da mesa e olhou pela janela.

X falou que não, mas a pista era promissora. Ele passou a explicar que havia um cafetão traficante de Miami que estuprava e batia duramente em suas meninas. Ele desapareceu logo após o ataque de Kit, despertando assim a suspeita. Depois de contar para o Anthony o nome do homem, X explicou que alguém disse que ele foi visto pela última vez ao norte de Naples, em Fort Myers.

— Espalhe a notícia para o nosso clube. Eu quero saber se alguém sabe de alguma coisa. Absolutamente tudo. Não importa o quão

insignificante. Mesmo que seja um boato, eu quero saber. E se encontrarem o cara, ninguém toca nele. O Grizz que precisa lidar com ele. Se o encontrarmos, certifique-se de que a equipe saiba que vamos esperar o Grizz pagar um preço por ele.

— Vou cuidar disso. — X respondeu. — Sua irmã tem um voo ao meio-dia. Vou deixá-la no aeroporto, e dirigir até o acampamento para conversar com o pessoal, ver se há alguma coisa sobre o Van, e vou espalhar a notícia sobre o cara que Grizz está caçando. Então, eu vou para a sua casa, a menos que você precise de mim em outro lugar.

— Não. Aqui está bom. Vejo você mais tarde. — Anthony disse e desligou lentamente o telefone. *Deus ajude o homem que estuprou e bateu na mulher do Grizz*, ele pensou. *Se ele tiver um pingo de noção, ele já deixou o país.*

— Quem é Grizz?

Ele olhou e percebeu que Christy estava parada na porta. Antes que ele pudesse responder, ela fez outra pergunta.

— A que tipo de clube você pertence?

Ignorando ambas as perguntas, ele se levantou e caminhou em direção a ela. — Você está se sentindo melhor?

Ela concordou e disse: — Eu estou com um pouco de fome. Acho que isso é um bom sinal.

— Venha. — ele disse enquanto passava espremido por ela através da porta.

Ela o seguiu até a cozinha.

Cinco minutos depois, ele estava sentado à mesa com a cadeira virada para que ele pudesse olhar para a porta e direto para a cozinha. Ele a observou preparando uma fatia de torrada e sentar-se à mesa de costas

para ele. Ele usou o tempo para fazer alguns telefonemas e ver se algum de seus contatos poderia ajudar a encontrar o paradeiro exato de Van e Vivian, e quando eles voltavam.

Ontem de manhã, Denny tinha indicado que Van tinha falado dois dias antes que eles ficariam fora por alguns dias. Na mente de Anthony isso significava que estariam em casa hoje ou amanhã. Mas nenhuma das pessoas com quem ele falou sabia de alguma coisa.

Ele mal prestou atenção aos movimentos de Christy depois que ela terminou sua torrada e limpou tudo sozinha. Ele não precisava se preocupar com ela usando o telefone, porque ele estava usando o único telefone fixo disponível na casa. As chaves do carro dela estavam bem à frente dele.

Algum tempo depois, ela estava de volta, desta vez com as roupas dela que deve ter encontrado na secadora. Encostada à porta, ela limpou a garganta.

Quando ele olhou para cima, ela disse, — Eu acho que começamos com o pé esquerdo. Sou Christy. — ela estendeu a mão e caminhou em direção a ele. — E você não é apenas o chefe da empresa que corta a grama dos Chapman. Estou certa? — ela sabia que isso era maior do que uma conta pendente de gramado.

Ele se levantou e ignorou sua mão estendida. — Sim. — foi a única resposta dele.

— Você tem um nome? — ela perguntou.

— Anthony Bear. Seu padrasto me deve muito dinheiro. Onde ele está?

Ela deu dois passos para perto dele. Tão perto assim fez com que ela tivesse que inclinar a cabeça para olhar em seus olhos, e seu pescoço estava dolorido. Piscou duas vezes e respondeu: — Eu não tenho a menor

ideia de onde ele está. Você está me dizendo que Van e Vivian ainda não estão em casa?

Anthony tinha um cara vigiando a casa. — Não. Eles não estão em casa. — ela pareceu animada com a resposta.

Reconhecendo suas chaves, ela estendeu a mão para elas e disse: — Eu preciso voltar para casa. Eu preciso ir lá enquanto eles não estiverem em casa.

— Por quê? — ele perguntou, pegando as chaves antes que ela pudesse.

— Eu não te perguntei por que Van te devia dinheiro, não é? — ela apertou os lábios e estalou: — Não é da sua conta!

— Não é da minha conta? — ele perguntou. Sem lhe dar tempo para responder, e disse claramente: — Quando eles chegarem em casa eu vou fazer uma visita ao Van. Sem você.

Ela revirou os olhos. — Chega de drama. Ok? Eu sinto que estou em um filme de máfia ruim ou algo assim. Você não pode lidar com a dívida de Van como uma pessoa normal?

Ela deve estar se sentindo muito melhor, pensou Anthony. A atitude estava de volta como ele adivinhou.

Anthony franziu a testa. — Como é que uma pessoa normal lida com isso? — ele perguntou.

— Contrata um advogado e leva-o ao tribunal. — ela zombou. — Eu acho que a coisa de resgate é um pouco extrema, não é? — ela questionou, esperando que ele não detectasse sua falsa tentativa de bravura. Seu estômago estava embrulhado, e não era porque ela estava doente.

— Não quando você está no meu negócio. — ele respondeu, estreitando os olhos.

Ela desviou o olhar, ignorando o fio de medo que desceu pela sua coluna vertebral. — Então, Van te deve dinheiro. O que você é? Um agiota ou algo assim? — ela tentou agir indiferente, como se falasse com agiotas todos os dias.

— Eu acho que você poderia falar isso. — ele respondeu.

A paciência dela estava acabando e ele deu-lhe um renovado sentido de coragem. Ela estava perdendo um tempo precioso. Estava em uma missão e tinha certeza de que o que ela estava procurando estava escondido em sua casa de infância. Tinha que haver prova do que ela suspeitava, e se ela fosse derrubar o Van, tinha que encontrá-la. Ela não tinha tempo para ser uma vítima de sequestro. Ela teria que negociar com o Neandertal.

— Olha. Nós dois temos contas a ajustar com Van. Que tal você me deixar ir, eu resolvo os meus negócios, mas faço um acordo com você. Eu fico fora do radar. Você pode falar para o Van que está comigo. Ele nunca saberá que não é verdade. Eu não tenho nenhuma relação com ele. Eu até te disse antes que eu acho que você vai ficar desapontado. Van não vai pagar qualquer resgate por mim. Eu não sou nada, além de uma pedra no sapato dele.

Anthony meio que acreditava nela, mas algo o impedia de concordar com seus termos.

— Não. — foi tudo o que ele disse.

— Bem! — ela disse com os dentes cerrados. — Leve-me ao meu apartamento e me deixe pegar meu talão de cheques. Eu vou pagar o que quer que Van te deva e isto estará resolvido.

Ela era uma herdeira rica, então ele não tinha dúvida de que ela estava dizendo a verdade. Seria a solução mais simples, mas novamente, algo o impedia de aceitar a proposta.

— Não.

— Por que não? — ela perguntou, o tom irado. Seu rosto estava ficando vermelho, e suas mãos estavam cerradas ao lado do corpo.

— Não é da sua *conta*. — ele zombou.

Ignorando seu sarcasmo, ela disse: — Ok, mas se eu lhe der o dinheiro, você pode me deixar em paz e lidar com ele do jeito que você quiser. Isso não precisa me envolver. É uma vitória para nós dois. Você consegue entender, certo? — a voz dela estava esperançosa.

Era uma solução razoável e fácil, mas ele não podia se permitir concordar com isso. Havia algo sobre ela comprar a sua liberdade que o irritava. Ela tinha tanto dinheiro, que nem sequer perguntou sobre a dívida do Van. Ela era mimada e privilegiada e provavelmente comprava um jeito de sair de qualquer situação que ela se encontrasse desconfortável, ou não pudesse controlar. *Não desta vez*, ele disse a si mesmo.

— Não.

Respirando fundo, ela percebeu que não estava chegando a lugar algum. *Idiota teimoso*, ela pensou consigo mesma. *Como é que eu ainda pensei por um minuto que ele pudesse ser razoável?*

Ele pegou o pager dela e entregou para ela. — Você disse que ninguém sentiria sua falta, mas você tem duas páginas.

Ela olhou para o pager e disse: — Meu irmão e a concessionária de Bobbi Bowen.

— Você mencionou o seu irmão em casa. — disse Anthony, acenando. — Ele mora em Naples?

— Não tenha mais ideias equivocadas e extravagantes sobre sequestro em sua cabeça. — ela bufou. — Ele foi deserdado há anos. E

como eu disse antes, Van não pagará resgate por mim, e provavelmente, te pagaria para levar e ficar com o Richard.

Anthony não disse nada, e ela continuou: — O Corvette é emprestado. Meu carro está na oficina. Eu acho que a ligação de Bobbi Bowen foi para me avisar que está pronto. Eles esperam que eu vá pegá-lo em breve. — ela passou a mão pelo cabelo. — E meu irmão e sua namorada tiveram um novo bebê. Estão me esperando para uma visita. Será estranho se eu não for.

Ele propositadamente não contou para ela sobre a mulher chorando que tinha atendido ao telefone. Devia ser a namorada de Richard, e ela estar soluçando dizia ao Anthony que provavelmente era importante.

Ele pegou o telefone e entregou a ela. — Ligue para o Bobbi Bowen e diga que o seu amigo Alexander irá deixar o Corvette e pegar o seu carro.

Esse cara obviamente não negociava. Não importava o quão equivocado ela sentia que ele estava, ela sabia que era mais fácil atrair moscas com mel do que com vinagre. Ela faria o jogo. Além do seu comportamento obscuro e imponente, ela não estava sentindo uma ameaça específica. A menos que ela se permitisse olhar nos olhos dele por muito tempo. Havia algo arrepiante sobre aqueles olhos que não demonstravam nenhuma emoção. Ela discou o número e falou para Vicky esperar *o amigo dela* mais tarde naquele dia.

No que se referia ao irmão dela, Anthony estava um pouco curioso. Duas crianças ricas. Um deserdado, e a outra, obviamente, desprezava os pais. Ele sentiu como se tivesse ingressos na primeira fila para uma novela ao vivo. E uma ruim. Ele queria conhecer Richard.

O som da caminhonete dele interrompeu seus pensamentos e segundos depois Alexander entrou pela porta da frente sem bater. Renunciando à cortesia de uma apresentação apropriada, Anthony disse à Christy para colocar os sapatos. Ele deu a X uma breve explicação a

respeito de onde ele estava indo, poupando os detalhes para um momento posterior.

Christy encontrou com eles na sala de estar.

— X irá pegar o seu carro. De que tipo é? — ele perguntou a ela.

— É um conversível branco...

— Claro que é. — disse Anthony, cortando-a.

Depois de trocar as chaves do carro com X, ele levou Christy pela porta da frente em direção a sua caminhonete.

— Aonde estamos indo? — ela perguntou.

— Encontrar o seu irmão deserdado. — ele disse a ela.

— Encontrar meu irmão? — ela perguntou, incrédula. — Como no mundo vou explicar quem você é?

— Diga a ele que sou seu namorado. — ele disse enquanto abria a porta da caminhonete para ela. Ele lhe deu um sorriso, sabendo que ela preferiria morrer de vergonha do que deixar alguém achar que eles eram um casal. Até mesmo seu irmão inútil.

— Eu não namoro, e muito menos tenho um namorado. — ela respondeu, seu tom soando preocupado.

Bom, a sugestão dele atingiu um nervo. Ele não conseguia entender por que gostava tanto de provocá-la.

— Você e eu? — ela perguntou, balançando cabeça enquanto subia na camionete. — Ele nunca vai acreditar.

— Então, será o seu trabalho fazer acreditar. — ele disse, fechando com a porta dela com força. Ele deu a volta para o lado do motorista e entrou. Ela ainda estava listando razões por que ela não seria capaz de

convencer Richard de que eles estavam em um relacionamento, sua voz aumentando a cada ponto.

— Cale a boca, ou eu vou dizer para ele que somos casados. — Anthony irrompeu. Ele não queria admitir, mas o que ele considerava divertido menos de dez segundos atrás, agora estava ficando sob sua pele. E ele não gostou de como estava se sentindo.

CAPÍTULO OITO

Naples, Flórida, 1978



Depois de uma ordem curta pelo endereço do irmão dela, Anthony entrou na caminhonete e tentou ignorar os sentimentos de culpa em relação a sua irmã. O perfume da Nisha ainda estava no carro de quando X a levou para o aeroporto mais cedo. Ele permeava a cabine da caminhonete levando-o a abrir sua janela.

— É a sua caminhonete? — Christy perguntou, olhando ao redor da cabine.

— Sim. Por quê? Não é sofisticado o suficiente para você? — ele perguntou, sem olhar para ela.

— É só uma pergunta. — ela respondeu, surpresa que ele tivesse ficado insultado com a pergunta.

Christy observou-o enquanto iam em silêncio. Ela reconheceu o aroma exótico do perfume caro de mulher. Ela estudou o perfil de Anthony e se perguntou sobre a mulher que tinha estado recentemente na caminhonete. Até este momento, ela não o tinha visto como nada, além de um criminoso moreno e ameaçador que tinha conseguido virar sua vida de cabeça para baixo em menos de vinte e quatro horas. Pensar que havia uma mulher em sua vida o humanizava de alguma forma.

Ela não estava mentindo ou tentando proteger seu irmão, Richard não acreditaria que ela tinha um homem em sua vida. Ela tinha dito a verdade. Richard não iria acreditar, porque Christy nunca levou um

namorado para casa para conhecer sua família. Nem mesmo quando ela ainda estava na escola. Ela não era daquelas garotas que ficavam desfilando com meninos. Ela não tinha participado de quaisquer clubes, esportes ou atividades extracurriculares. Ela nunca riu depois de pegar algum menino olhando para ela na mesa do almoço ou nas arquibancadas. Não havia danças, nem bailes, sem festa de boas-vindas. Isso significava sem amigas e, definitivamente, sem namorados. Não que não tivesse tentado. A maioria das meninas queria uma conexão com alguém como Christy Chapman para chamar a atenção, mas ela sempre rejeitou qualquer tentativa de amizade. Rapidamente, ela ganhou a reputação de ser a menina mais esnobe. O ensino médio para ela não foi uma fuga da realidade de suas circunstâncias. Pelo contrário, foi suportado para que ela pudesse se formar e sair da casa da sua família. Além disso, quanto menos pessoas ela deixava entrar em seu círculo mais íntimo, menos risco havia da disfunção de sua família ser exposta ou de Van receber em suas mãos lascivas alguma adolescente desavisada. Ela zombou em voz alta com as próprias reflexões. Ela não tinha um círculo íntimo. Você precisava de amigos para fazer um círculo. Não havia ninguém. Ela era sozinha.

Depois de ouvir seu escárnio, Anthony olhou por cima. — Ainda acha que você não pode convencer seu irmão de que eu sou seu namorado? — antes que ela pudesse responder, ele acrescentou rudemente: — Acho que não me pareço com a sua classe superior de garoto típico com meleca de nariz.

Ela revirou os olhos. — Não é isso. — ela fez uma pausa, ignorando o último comentário e perguntou: — Não precisamos de tempo para inventar uma história? Quero dizer, você quer ir lá sem ideia alguma? E se ele nos perguntar algo que não soubermos a resposta? — ela acrescentou rapidamente. — E você é, obviamente, muito mais velho do que eu. Isso

pode ser difícil para qualquer um, não apenas para Richard e Nadine, acreditar.

Ele lhe lançou um olhar. — Quantos anos você acha que eu tenho? — perguntou.

— Eu não sei. Apenas mais velho.

— Eu tenho trinta e dois. — ele respondeu. — Eu vou fazer trinta e três anos no final deste ano. Eu acho que você só namorou meninos. Vamos convencê-lo de que você prefere homens.

— Trinta e três? — ela praticamente gritou. — Quando eu disse que achava que você era mais velho que eu quis dizer vinte e oito, vinte e nove, no máximo. Eu não sabia que você estava nos trinta anos. Você não parece tão velho.

— Sim, bem, você é maior, por isso não devia importar de qualquer maneira. — ele falou em tom de brincadeira. Ele não estava ofendido por ela achar que ele era um velho. Ele achou divertido, um comentário meio intrometido, e o irritou mais do que admitiu. Anthony Bear raramente achava alguém ou alguma coisa divertida.

— Então, como é que nos conhecemos? — ela perguntou.

— Você tinha um pneu furado. Eu parei para ajudá-la a trocá-lo. Nós flertamos. Eu a chamei para jantar. Vamos manter simples. Se ele quiser que você elabore, você diz para ele que ainda estamos no começo e você não quer dizer muito.

Ela não respondeu, então ele decidiu provocá-la um pouco. — E se ele forçar e quiser saber por que você não quer contar muito, diga que é porque você é louca por mim e você não quer falar muito para não dar azar. — *Por que você está provocando-a?* Perguntou-se. *Este é um negócio, puro e simples. Localizar Van, pegar o dinheiro que ele deve, livrar-se dela.*

Ele ouviu seu suspiro enquanto olhava pela janela e ela resmungou baixinho: — Isso não é simples. Eu não consigo me ver louca por um criminoso intimidante, sequestrador, teimoso e arrogante. Especialmente mais velho. Nunca!

Ela virou a cabeça com raiva e olhou para ele. — Você se acha tão esperto. Que você tem tudo planejado. Bem. Vou entrar no jogo, mas apenas para provar a você que não vai funcionar. Você não precisa conhecer meu irmão. Deixe-me em casa e eu volto para minha vida. Eu falei antes que não vou causar qualquer problema. Eu odeio Van tanto quanto você!

— Não. — foi tudo o que ele disse.

— E como eu deveria explicar isso? — ela perguntou, apontando para a testa e o galo roxo proeminente.

— A verdade. Você bateu na quina de uma porta aberta. — ele respondeu o assunto com naturalidade.

Vinte minutos mais tarde, eles entraram na Rolling Meadows, um bairro de bom gosto com a qual Anthony estava familiarizado. A Native já tinha atendido alguns clientes neste bairro de classe média alta.

Eles dirigiram-se para uma casa amarela com guarnição branca. O quintal não era paisagístico, mas limpo. O que parecia ser uma perua novíssima estava estacionada perto da calçada. Anthony parou atrás dela e notou o decalque Bobbi Bowen na parte de trás do carro, logo abaixo da janela.

— Pensei que você tivesse dito que seu irmão tinha sido deserdado. — disse ele incisivamente. — Esta é uma boa casa e — ele disse apontando para o carro na frente dele — parece um modelo novo da concessionária de sua avó. — ele estava certo de que Bobbi Bowen não vendia peruas. Esta deve ter sido uma compra especial.

Sem olhar para ele, Christy respondeu: — Eu comprei o carro. O que Nadine dirigia já tinha visto dias melhores. Eu queria que ela tivesse algo seguro para conduzir as crianças. — ela abriu a porta e saiu. Anthony a seguiu até a porta da frente. Ela bateu duas vezes e entrou.

Ela parou, e Anthony quase esbarrou nela. Christy lentamente examinou a sala que estava em desordem. Caixas de papelão, algumas marcadas e fechadas e algumas ainda abertas, estavam espalhadas pelo chão. A mesa de centro e aparador estavam desordenados com itens que não pertenciam a sala de estar. Só então, um menino apareceu no corredor. Ele correu para Christy e passou os braços firmemente em torno de suas pernas. Ela o pegou e abraçou-o.

— Cody, onde estão mamãe e papai? Onde está a Nana?

Antes que o menino pudesse responder, ela avistou Nadine caminhando em sua direção. Ela baixou lentamente Cody no chão e tentou entender o que estava acontecendo.

Anthony não disse nada enquanto observava a mulher bonita se aproximar de Christy. Ele soube imediatamente que ela era uma nativa americana. Ela olhou com curiosidade para Anthony, antes de voltar os olhos para Christy. Olhos que instantaneamente caíram em prantos.

Christy disparou uma série de perguntas, sem dar tempo para Nadine responder qualquer uma delas.

— O que é isso? O que está errado, Nadine? Onde está Richard? Eu não vi o carro dele lá na frente. Está tudo bem? O bebê está bem? Nana está bem?

Nadine puxou Christy para um abraço apertado. Seus ombros estavam tremendo. Christy a afastou com cuidado e segurou Nadine pelos ombros.

— O que está acontecendo? — ela perguntou com preocupação, levando Nadine para o sofá.

— Quem é esse? — veio uma voz do meio da sala. Todos olharam para Cody, que estava ali, apontando para Anthony.

— Esse é Anthony. Ele é meu amigo, Cody. — foi tudo que Christy disse. Sua preocupação óbvia com a namorada de seu irmão e descobrir o que estava errado estragou o plano de apresentar Anthony como namorado. Por uma questão óbvia, ela tinha esquecido que Anthony ainda estava com ela até que Cody perguntou sobre ele. Ela estava com medo de ouvir o que Nadine ia dizer. Pensamentos assustadores de acidentes de carro e ataques cardíacos estavam girando na sua cabeça. Todos os tipos de cenários assustadores lançaram-se sobre ela, e ela reconheceu o medo que estava reunindo em seu estômago.

Quando Nadine explicou a situação, o medo foi substituído por uma fúria tão intensa, que Christy podia sentir-se tremendo.

Aparentemente, ninguém tinha sido ferido. *Pelo menos não ainda,* pensou Christy. Richard tinha voltado para os seus antigos caminhos. Nadine explicou como ela tinha suspeitado que ele estava saindo com outra pessoa antes de Zachary nascer, mas ela não queria acreditar. No entanto, seus temores foram confirmados quando Richard insistiu que ela assinasse o documento do carro que Christy tinha comprado para eles.

— Ele queria trocar o nosso carro por um novo. Para a namorada. — gritou Nadine. — Quando eu não fiz isso, ele retirou o pouco que tinha depositado na poupança e apostou. Eu acho que ele ganhou, ou talvez tenha trocado o carro. — ela disse com tristeza. — Eu nem sabia que ele tinha limpado a nossa conta bancária até ontem, quando ele apareceu aqui com ela e com o carro novo. Ele me disse que tenho até hoje à noite para pegar minhas coisas e me mudar. — ela soltou um grande soluço. —

Eu não tenho escolha. É a casa dele. Oh, Christy! — ela gritou, limpando as lágrimas. — Eu não posso acreditar que isso aconteceu. Eu não sei o que fazer. Não há tempo para encontrar um lugar para ir. Eu estava esperando que Nana, os meninos e eu pudéssemos ficar com você até que eu encontre alguma coisa.

Ela fungou e olhou para Christy como se a visse pela primeira vez. — O que aconteceu com a sua cabeça? — ela perguntou. Suas palavras eram sinceras, e aqueceram o coração de Christy saber que mesmo com tudo o que aconteceu nas últimas vinte e quatro horas, Nadine estava preocupada com ela.

— Não é nada. Eu bati em uma porta. — disse ela, tentando afastar o assunto, enquanto tentava se concentrar no que seu irmão tinha feito. Como ela nunca se permitiu pensar que Richard poderia mudar? Ele era um irresponsável, mulherengo, viciado em jogos de azar, enganador, um ser humano podre. Do mesmo jeito que o Van.

Christy pulou, seus punhos fechados em seus lados. — Não. — ela disse, olhando para Nadine. — Não, Nadine. Você não pode ficar comigo.

Anthony, de pé ao lado, assistiu a troca inteira. Ele se sobressaltou quando Christy disse a Nadine que não. Claro, ela podia colocar um carro novo na garagem. Quando você tinha tanto dinheiro quanto Christy Chapman parecia ter, era como jogar um osso para um cão. Mas quando se tratava de algo que não envolvia seu talão de cheques, a herdeira não poderia ser incomodada. Ela era superficial e egoísta. Exatamente como ele tinha pensado. Com um sorriso hipócrita, ele cruzou os braços e olhou para ela.

Eles foram interrompidos por um motor alto lá fora. Um novo Camaro brilhante estacionou no gramado. Eles assistiram a partir da janela da frente Richard e uma mulher saindo do carro e se aproximando da porta da frente. Anthony reconheceu imediatamente o tipo de mulher

que Richard estava. Ela tinha todos os ingredientes de uma usuária séria de drogas que tentava se esconder atrás de muita maquiagem e roupas de marca, ele conseguia identificar um usuário a quilômetros de distância. Richard não era o que Anthony esperava. Christy era baixa e bem preenchida, onde Richard era alto e excessivamente magro. *Quase um magro doentio,* pensou Anthony. Ele tinha o mesmo tom de pele que Christy, mas parecia mais pálido porque contrastava com o cabelo escuro.

A porta se abriu e Richard entrou, seus olhos imediatamente encontraram Nadine. — Bom. — disse ele. — Eu acho que você encontrou alguém com uma caminhonete para ajudar a tirar as suas coisas daqui. — seu tom normal de pele pareceu mais pálido depois que ele notou Anthony. Desde que Anthony era, obviamente, um nativo americano, Richard provavelmente assumiu que ele era parente de Nadine.

Preferindo olhar em qualquer lugar diferente além do homem maior que a vida enchendo a sala de estar, os olhos de Richard caíram sobre a sua irmã. Ficou óbvio pela sua expressão que ele não esperava que Christy estivesse lá. A mulher que o seguiu inspecionou a sala, ignorando os ocupantes. Com as mãos nos quadris, ela reclamou: — Ricky, prometa-me que vai ter móveis novos. Isso parece com algo que decorava a casa de minha avó.

Christy notou pelo canto do olho quando Cody começou a correr na direção do Richard, mas foi imediatamente puxado para trás por Nadine.

— Marcia. — disse Richard, sem tirar os olhos de sua irmã. — Humm... Marcia. Esta é a minha irmã, Christy. Eu já falei sobre Christy.

— Oh, sim. — respondeu Marcia, mascando o chiclete. — Prazer em conhecê-la, Christy.

Marcia começou a murchar sob o olhar de Christy quando reconheceu seu senso extraviado de boas-vindas. Evidentemente, Marcia tinha se convencido de que a herdeira da Bobbi Bowen ficaria feliz em ver

seu irmão com uma mulher branca respeitável, em vez do lixo Semiole com quem ele estava casado. Ela não poderia estar mais errada.

Christy aproximou-se lentamente de seu irmão, fazendo seu melhor para dominar a raiva. Suas mãos ainda estavam cerradas ao lado do corpo e ela teve de pensar seriamente para não socá-lo. Ela agora estava tão perto que teve que abafar uma tosse, por causa do cheiro de perfume esmagador e barato de Marcia. Ela se esforçou muito para não cuspir no rosto da mulher.

Ela tomou um grande fôlego e mediu as palavras com cuidado. Em uma voz bem calma, ela falou com os dentes cerrados: — Espero que aquele Camaro — ela balançou a cabeça em direção à janela — tenha um espaço bem grande, Richard. Nadine não vai se mudar. Você sim. Esta casa é minha. E você tem até hoje à noite para sair. Eu sugiro que você pegue o que é seu agora, porque você não vai voltar aqui. Nunca mais.

— O quê? — perguntou Marcia, surpresa. — Richard, você me disse que a casa era sua. — ela reclamou.

Ignorando Marcia, Richard dirigiu-se à irmã. — Você está me expulsando? Seu próprio irmão? Você está brincando, Christy?

— Você é um lixo, Richard. Você sempre será um lixo. Pensei que tivesse finalmente ficado inteligente. Nadine é a melhor coisa que já aconteceu com você, e você arruinou isso porque é incapaz de mudar. O tempo está passando. Saia, ou eu vou chamar a polícia e você será retirado.

Richard ficou lá boquiaberto por um momento antes de agarrar Marcia pelo braço e se dirigir para fora. — Vamos lá, querida, não há nada aqui que eu queira.

— O carro é meu, certo? Você comprou para mim? Eu fico com o carro, não é? — Marcia perguntou enquanto Richard a arrastava para fora

de casa deixando a trilha de cheiro enjoado de seu perfume barato atrás deles.

Anthony observou a cena inteira em estado de choque. Ele nunca esperou que Christy tivesse negado o pedido de Nadine por um lugar para ficar porque ela era dona da casa e nunca teve a intenção de expulsar a mulher.

Ele observou com olhar aprovador enquanto Christy seguia seu irmão para fora da casa. Aparentemente, explicar quem era Anthony e por que ele estava com Christy não foi um problema, afinal. Ele decidiu seguir Christy porta afora e observou quando ela se dirigiu para a porta do motorista da caminhonete. Anthony observou-a abri-la e chegar estender a mão para pegar o que estava atrás de seu assento, algo que ela deve ter notado na vinda. Ela bateu a porta da caminhonete e foi para o Camaro. Ele começou a correr para tentar impedir a Christy , mas não chegaria a tempo.

Uma Marcia agitada tinha pegado os cigarros de dentro do carro e agora estava encostada do lado de fora, tentando acender um, enquanto empurrava Richard para longe dela. Ele estava, obviamente, tentando acalmá-la. Finalmente, ela conseguiu acendê-lo e deu uma longa tragada, lenta. Nenhum deles viu Christy chegando, mas eles pularam quando a chave de roda atingiu a janela da frente do lado do passageiro. Christy estava indo para o lado do motorista quando Anthony finalmente a interceptou.

— Não, Princesa. Acalme-se. Não faça uma cena. Só vai chamar a atenção da polícia. Deixe-os ir. — disse Anthony em um tom abafado quando ele passou os braços ao redor dela por trás.

— Deixe alguém chamar a polícia. — ela gritou. — Eu não me importo. Provavelmente há drogas de qualquer forma. Eu não vou ter problema, eles vão!

Isso chamou a atenção de Richard, e ele gritou para Anthony manter sua irmã louca longe deles.

Anthony pegou com esforço a chave de roda de Christy e a empurrou para os braços de Nadine que os tinha seguido e agora estava puxando Christy de volta para a casa.

Richard tentou não demonstrar como ficou nervoso ao ajudar Marcia subir no lado do passageiro do Camaro. Seguindo seu caminho para a porta do motorista, Richard parou para fazer uma provocação de despedida. Ele parou com a porta aberta, pronto para entrar. — Princesa, hein? Você acha que minha irmã é uma princesa? — perguntou para Anthony.

Então ele ouviu as palavras de Anthony tentando acalmá-la. Anthony não respondeu.

— Ela é uma puta maior do que a Marcia! — ignorando a objeção de Marcia de dentro do carro, ele continuou. — Pergunte para ela sobre a época que ela quebrou o coração da minha avó. No verão de 74. Ela escolheu a véspera do aniversário da vovó para fugir para morar com o namorado de meia-idade. Enlouqueceu a família por quase quatro meses, mas adivinhem? A princesa — ele zombou. — chegou em casa bem na hora de abrir os presentes de Natal. Essa é a princesa que eu conheço.

Sem esperar por uma resposta, Richard entrou e ligou o carro. Colocando em marcha ré ele derrubou a caixa de correio antes de acelerar para longe.

CAPÍTULO NOVE

Naples, Flórida, 1978



Anthony andou calmamente para dentro e viu como uma Nadine de coração partido tentava confortar Christy. Elas estavam sentadas no sofá, e Nadine estava com o braço direito em torno dos ombros de Christy.

— Eu sinto muito que ele tenha feito isso com você, Nadine. Se eu tivesse alguma ideia de que ele era capaz de ser tão desprezível eu te avisaria. Eu, honestamente, pensei que você fosse o milagre que ele precisava. Pode me perdoar? — ela exclamou, com o rosto enterrado nas mãos. De repente, ela se sentiu fraca e cansada. O que quer que a deixou tão doente e com febre ainda estava, aparentemente, em seu organismo.

Eles foram interrompidos quando uma mulher idosa apareceu. — O bebê está finalmente dormindo. Venha, vamos todos comer.

Anthony queria sair, mas por alguma razão que ele não conseguiu identificar, ele foi atraído para a senhora. Depois que ele foi novamente apresentado como amigo de Christy, os quatro adultos e Cody sentaram-se para a refeição caseira de Nana. Christy tinha perdido o apetite e rejeitou a refeição, não por causa de sua doença recente, mas por causa do que havia acontecido com o irmão imprestável. Nadine e Nana se abstiveram de fazer ao visitante silencioso e imponente quaisquer perguntas pessoais e ficaram surpresas quando ele abriu o jogo sobre sua herança nativa americana.

— Você é Cherokee e Seminole? — comentou Nadine. — Nós somos Seminole.

A expressão de sua avó ficou melancólica, e quando Nadine viu que Anthony havia notado, ela ofereceu uma explicação rápida.

— A filha mais velha de Nana, minha tia, largou tudo para casar com um homem Cherokee. Ela costumava manter contato, mas um dia ela parou de ligar.

Anthony ia perguntar o nome da mulher ou do homem com quem ela fugiu, mas ele sabia que seria um tiro no escuro pensar que poderia ter sido seus pais. Além disso, ele poderia ter visitado anos atrás a reserva Seminole e feito perguntas, mas ele não tinha interesse em fazer quaisquer possíveis conexões familiares. Isso era de uma vida diferente. Uma que ele preferiria esquecer. Nadine rapidamente se transformou ao conversar sobre a infância colorida de Nana e antes que percebesse, a velha veio à vida enquanto deliciava Anthony com histórias de sua juventude. Ninguém pareceu se importar quando Christy pediu licença para ter algum tempo com Cody, que tinha acabado de comer e estava ficando impaciente.

— Vou levá-lo para seu quarto e brincar com ele enquanto vocês três terminam. E eu vou dar uma olhada em Zachary. Eu prometo que não vou acordá-lo ou chegar perto dele. — disse Christy ao afastar a cadeira da mesa. — Eu acho que eu peguei algum tipo de vírus de doze horas e parece ter ido embora, mas eu não quero correr nenhum risco. — Anthony parecia que ia se opor, mas não disse nada.

Tomando Cody pela mão, Christy o levou para o corredor, dizendo-lhe para ficar quieto para que ele não acordasse o bebê. Uma vez fora da vista e alcance da voz dos outros adultos, Christy se agachou e sussurrou: — Cody, se eu deixar você escolher alguns brinquedos no seu quarto, você vai jogar tranquilamente sozinho no quarto de mamãe, enquanto falo ao telefone?

Ele concordou com entusiasmo.

Depois de dar uma olhada em Zachary e fazer uma parada no quarto de Cody para pegar alguns brinquedos, Christy se dirigiu para o quarto principal. Ela colocou Cody na cama com seus brinquedos favoritos e pegou a lista telefônica na mesa de cabeceira. Sentando-se na beirada da cama, ela pegou o telefone e discou.

Menos de vinte minutos depois, Christy pousou o telefone quase ao mesmo tempo que ouviu as cadeiras na cozinha raspando no chão. Anthony, Nadine e Nana tinham obviamente acabado de comer. Ela se virou para o menino que ela amava mais que a própria vida e o puxou para um abraço.

— Você sabe o quanto eu te amo, não sabe, Cody? — perguntou ela, acariciando o topo de sua cabeça com o queixo.

— Eu também te amo, tia Chrithsy. — ele respondeu com seu adorável balbuciar.

— Me desculpe, eu não poderei brincar com você hoje, mas eu prometo na próxima vez. Ok? — ela perguntou e recuou para que pudesse olhar em seus olhos grandes, cor de chocolate.

Ele balançou a cabeça e sorriu. Ela tomou-o pela mão e acompanhou-o pelo longo corredor. Eles quase colidiram com Anthony, que devia estar no caminho para encontrá-la.

Depois de dar um abraço em Nana e agradecer pela refeição, Christy perguntou à Nadine se ela podia segui-la até a sala. Anthony, que tinha dito pouco durante toda a visita, ficou atrás de Christy ouvindo as mulheres discutindo sobre que aconteceria a seguir.

— Nadine, eu sei que você está sofrendo. Eu sei que você está sangrando no momento. Mas eu posso, por gentileza, pedir um favor? — Christy implorou.

— Claro. — Nadine respondeu, acenando estoicamente.

— Você pode me prometer que não vai aceitá-lo de volta? Eu sei que é pedir muito. Todo mundo merece uma segunda chance, certo? Antes de me responder, deixe-me dizer o que vai acontecer. Ele vai ficar sem dinheiro e Marcia vai despejá-lo e ele vai aparecer na sua porta. Ele vai estar mudado. Ele vai te prometer a lua e provavelmente vai fazer o melhor para provar que você tomou a decisão certa aceitando-o. — ela fez uma pausa, em seguida, e colocou seu cabelo curto atrás da orelha. Desviando o olhar por um segundo, os olhos voltaram para Nadine. — Mas ele vai fazer novamente. Eu sei que sim. Eu não avisei antes. Estou avisando agora. Você não precisa dele. Eu sei que você tem um bom trabalho, mas também sei que você não ganha o suficiente para ficar em um bairro como este. — ela engoliu em seguida, e disse: — E é onde eu preciso implorar por um segundo favor.

Os olhos de Nadine estavam cheios de lágrimas, e seu queixo começou a tremer. Ela assentiu com a cabeça.

— Você gosta daqui? Você gosta de Naples? Você pode se ver ficando aqui, ou você acha que você vai voltar para a costa leste ou, eventualmente, para algum outro lugar?

— Eu amo Naples, Christy. Eu amo esta casa que você está tão graciosamente me deixando morar. Eu vou ficar aqui o tempo que você deixar. E você está certa. Eu nunca poderia pagar esta casa com meu salário, mas posso pagar algo de aluguel.

Ignorando a última sugestão de Nadine, Christy soltou um grande suspiro. — Oh, fico tão feliz, Nadine! — ela gritou, puxando a mulher para um abraço. Depois de um momento, ela se afastou e disse: — Eu não posso imaginar não ter você e Nana e os meninos na minha vida. Estou tão aliviada. Então, você *quer* ficar? Você tem certeza? — perguntou ela.

— Sim, Christy. Tenho certeza. — disse Nadine, com um pequeno sorriso.

— Bom. Porque enquanto Cody estava brincando, eu liguei para o meu advogado. Ele vai preparar os documentos para colocar a casa no seu nome. Ele também vai cuidar da transferência do carro para você também. Eu não tive muito tempo para entrar em detalhes com ele, por isso ele vai ligar para você hoje mais tarde ou amanhã.

Nadine ficou tão sobrecarregada que não conseguiu dizer nada. Lágrimas desceram pelas suas bochechas lisas.

— Além disso, um serralheiro estará aqui em breve para trocar todas as fechaduras, e uma empresa de alarme passará mais tarde para proteger a casa.

— Você... Você está me dando esta casa? — Nadine perguntou com um olhar de espanto total.

Christy sorriu e acenou. Ela, então, virou-se para Anthony, que estava ali sem expressão. — Você está pronta para ir? — perguntou ele. Ela deu um aceno rápido. Ela abraçou Nadine mais uma vez e estava quase fora da porta da frente quando ela se virou para abordar a mulher.

— Oh, há mais uma coisa. Também liguei para a polícia.

Ela não olhou para cima, mas pôde sentir a mudança de postura do Anthony. — Eu conversei com alguém que disse que baseado no passado de Richard e os problemas que ele teve antes, ele representa uma ameaça em potencial. Se você for até a delegacia amanhã você pode registrar uma ordem de restrição. Isso o manterá fora da propriedade. Eu não sei se ele faria algo para machucá-la fisicamente, mas ele está desesperado e com raiva e, eu não acho que você deve arriscar. Pergunte pela, detetive Kimberly Cochran. Ela estará esperando a sua chamada.

Eles não estavam longe da casa quando Christy se dirigiu ao Anthony. — Eu liguei para a polícia. Eu poderia ter dito a eles sobre você, mas não fiz isso.

— Isso foi inteligente. — ele respondeu em voz baixa.

— Certo. Eu sei, mas você não vê o meu ponto? Pode confiar em mim. — ela disse a ele.

Anthony não conseguiu responder imediatamente. Esta mulher era um enigma e ele estaria mentindo se não admitisse que estava um pouco intrigado com ela. Toda vez que ele achava que a entendia, ela embaralhava a linha de raciocínio dele e o balançava. Ele foi um hipócrita presunçoso quando Christy recusou o pedido de Nadine para ficar na casa dela. Ele ficou atordoado quando Christy escolheu Nadine e sua pequena família sobre o seu próprio irmão. E impressionado quando ela destruiu o Camaro. Ele não estava esperando a revelação de namorado mais velho que Richard ofereceu antes de ir embora, mas não o surpreendeu. O primeiro pensamento de Anthony tinha sido que ela fez isso para desafiar seus pais. Fugir para ficar com um homem mais velho certamente causou um rebuliço no seu círculo de classe alta. Ele se surpreendeu durante o almoço, quando Nadine confessou depois que Christy saiu da sala que ela estava contente por ver que Christy tinha um amigo. Especialmente, um homem. Nadine não disse, mas não precisou. Anthony sabia que Nadine achava que Christy era lésbica. De repente, lembrando como ele foi enganado por Van, Denny, e, possivelmente, o contador, a irritação dele com a situação foi subitamente reacendida.

— Eu não confio em ninguém. — ele retrucou. Isso não era inteiramente verdade. Havia alguns em quem ele confiava implicitamente. Alexander, Nisha, Grizz. A herdeira loira mimada nunca caberia dentro desse pequeno grupo. Ela nunca poderia pertencer.

— O que eu tenho que fazer para te provar? — ela implorou.

— Você não tem que fazer nada, exceto o que eu já lhe disse. Você fica comigo até que eu encontre Van.

— Você não saiu do meu lado. Como você está ao menos procurando por ele? — ela perguntou incrédula, sua frustração óbvia.

— Eu tenho minhas pessoas procurando por ele. — respondeu ele, num tom que ela sabia que não devia desafiar.

Christy soltou um suspiro de resignação e pensou que possivelmente estivesse lidando com isso de maneira errada. Ela tentou lutar com ele no quarto de Vivian. Ela tentou pagar a dívida da Van e introduzir uma proposta de negócio antes que eles deixassem a casa. Ela tentou mostrar que era confiável ao ser honesta sobre a sua chamada para a polícia. Nada funcionou. Ele era inamovível, uma parede de tijolos. Talvez ficar com ele pudesse beneficiá-la no final. Afinal, ambos odiavam Van e talvez ele fosse ruim o suficiente para fazer as coisas com Van que ela não conseguia ou não sabia como. Então, novamente, talvez ele fosse ruim o suficiente para fazer coisas para ela se não conseguisse o que queria de Van. Este homem era um enigma. Ele parecia motivado por dinheiro, mas recusou a oferta dela de pagar com um cheque. Havia algo mais motivando-o. Talvez seus olhos escuros não fossem tão vazios de emoções como ela tinha pensado inicialmente. Talvez houvesse uma ira fervendo que ele conseguia manter escondida. Ele devia estar com ódio de algo e seu instinto dizia que era mais profundo do que a dívida pendente de Van. Ela só podia esperar que, se ela estivesse certa e a charada continuasse, que ele nunca apontasse essa raiva para ela. Um tremor que ela estava reprimindo passou por ela.

— Podemos passar na minha casa para que eu possa pegar algumas roupas? — perguntou Christy.

— Você deixou sua bolsa e as chaves na minha casa. — Anthony respondeu, dando-lhe um olhar de soslaio.

— A locadora do imóvel pode nos deixar entrar. — ela respondeu.

— Você tem uma locadora? — ele perguntou, levemente curioso para saber por que alguém com a riqueza dela alugava.

Quinze minutos depois de concordar em passar por sua casa, eles entraram em Arrowmont Apartaments, um pequeno condomínio de duplex que ficavam ordenadamente arrumados em fila. Christy apontou para o dela, e Anthony dirigiu para lá, olhou a caminhonete da empresa de telefonia que saía pela entrada vizinha e ia embora.

Ele ainda não tinha desligado a caminhonete quando uma mulher usando uma camiseta de elastano apertada e calças azuis brilhantes apareceu. Ela foi em seus saltos altos em direção a caminhonete carregando um cão pequeno no colo.

— Eu vi o cabelo loiro da minha janela! — ela gritou, perambulando em direção à Christy. — Eu pensei em você há menos de dez minutos atrás. Eu estava preocupada por você não ter voltado para casa na noite passada.

— Obrigada, Evelyn, mas você sabe que não precisa se preocupar comigo. Eu estava com um amigo. — Christy respondeu, apontando para Anthony. Ele tinha acabado de sair da caminhonete e fechado a porta.

— Oh meu Deus! — Evelyn exclamou, olhando com admiração para o Anthony de cima abaixo. — Eu nunca vi você com um homem. Eu achava que você estava esperando pelo certo.

Ou mantendo seu amante mais velho em segredo, Anthony pensou consigo mesmo.

Ignorando o comentário, Christy lhe disse: — Eu preciso da minha chave reserva.

— Ela está bem aqui. — disse ela, puxando um pequeno chaveiro que estava preso ao seu cinto.

Christy agradeceu e pegou a chave da mão de Evelyn um pouco rudemente. Anthony começou a segui-la quando Evelyn lhe disse: — Eu já volto. Christy teve uma entrega ontem à tarde.

— Nós estaremos lá dentro. — ele disse à mulher.

Ele estava na porta e examinou o pequeno, mas limpo apartamento. Tudo era branco. Mobiliário branco, paredes brancas, tapetes brancos sobre um piso de azulejo branco. Ele começou a caminhar em direção à cozinha branca quando Evelyn chamou atrás dele. — Yoo Hoo!! Estou de volta.

Seu salto fez barulho quando passou por Anthony e colocou um buquê de flores na mesa branca da cozinha. — Essas flores chegaram ontem, Christy. Eu não quis deixá-las fora no calor, então eu levei e reguei para você. — ela falou.

Ela, então, virou-se para Anthony e disse: — Ela é tão maravilhosa. Eu não sei o que ela faz com todas essas flores que ela recebe. Toda terça-feira um novo buquê chega, e a vejo entrar em seu carro e sair com eles. Eu acho que ela deve levá-los para um lar de idosos ou hospital.

Ou ela tem um admirador secreto, pensou Anthony. *E ela está tentando se livrar das evidências antes que seu amante mais velho descubra.*

Inesperadamente, Christy saiu do minúsculo corredor carregando uma pequena mala. — Obrigada, Evelyn. — disse à mulher com sinceridade. — Estou indo em uma viagem curta. — ela olhou para Anthony. — Vou ligar para o florista e pedir para não fazerem quaisquer entregas futuras até eu voltar para que você não precise cuidar delas. Você sabe o número do meu pager se alguma coisa importante aparecer.

Anthony notou que a mulher estava morrendo de curiosidade, não só sobre ele, mas com a curta viagem de Christy. Parecia que ela ia fazer uma pergunta, quando algo lhe ocorreu.

— Você teve alguns visitantes. Você quer que eu avise se eles voltarem? — ela perguntou, olhando de Christy para Anthony.

— Se quem voltar? — perguntou Christy.

— Os homens que estavam à sua procura ontem. Dois homens consideráveis em ternos. Eles não disseram quem eram, mas pareciam importantes.

Sem dar chance de Christy responder, Anthony perguntou: — O que há de errado com o telefone? Por que a equipe de manutenção esteve aqui?

Isso pegou tanto Christy, quanto Evelyn de surpresa.

— Oh, não há nada de errado com os nossos telefones. — disse Evelyn, acenando. — Quando perguntei ao homem da empresa de telefones, ele disse que estava fazendo uma verificação de rotina procurando linhas com defeito em nosso complexo.

Anthony olhou firme para Christy e agarrou a sua bolsa de mão. — É hora de ir.

Christy pareceu atordoada com seu senso de urgência. Ela apenas olhou.

— Agora. — disse Anthony.

Christy dirigiu-se para um pequeno armário e pegou um saco plástico de uma das prateleiras. Ela caminhou em direção a Evelyn, e, empurrando o saco para ela disse: — Por favor, faça-me um favor e coloque essa semente fora todas as manhãs. — sem dar chance para Evelyn responder, ela pegou as flores da mesa da cozinha e se dirigiu para

a porta da frente. Ela estava quase fora quando ouviu Anthony dizer a Evelyn: — Você não viu ou ouviu falar de Christy. O máximo que você sabe é que ela tirou férias. E você, definitivamente, não mencionará a ninguém que eu estive aqui. — ele foi para a porta.

— Por quê? Há algo errado? — perguntou Evelyn. Sua voz estava mais curiosa do que preocupada.

Anthony se virou e começou a aproximar-se dela. Ele ficou apenas a centímetros dela quando parou e olhou para baixo. Ela ficou imediatamente presa em seu olhar. Lentamente, ela colocou a mão direita sobre o peito e ofegou, dando um passo para trás.

— É cla... é claro. — ela engoliu em seco. — Christy está de férias e eu nunca o vi na minha vida.

Anthony balançou a cabeça lentamente para ela. — Você é uma mulher inteligente, Evelyn. E você nunca vai querer que eu pense de outra forma.

E, então, ele e Christy foram embora.

CAPÍTULO DEZ

Naples, Flórida, 1978



— Eu acho que você está em perigo.

Anthony afirmou quando eles saíam do condomínio.

— Diga-me algo que eu não saiba. Você me raptou do quarto de Vivian ontem. — disse ela, olhando-o com cautela.

— Não seja irritante. — ele disse a ela. — Você tem alguma ideia de quem pode ser aqueles homens?

— Não. Nem ideia. — ela respondeu honestamente.

— A caminhonete de reparo telefônico era um disfarce. Parecia legítimo, mas não era. Tenho certeza que grampeou seu telefone.

— Mas por quê? Quem? — ela gaguejou.

— Você me diz. — disse ele. — Eu acho que Van já sabe que você o odeia. Você tem se intrometido em algo que não deve? — ele já sabia quem eram os homens. Obviamente, eles trabalhavam para os outros agiotas que Van devia, mas Anthony queria ver o que Christy tinha a dizer. Ele não queria admitir, mas estava curioso para saber o que ela estava procurando no quarto de Vivian.

— Sim, mas eu não saí anunciando isso. — exclamou ela, cruzando os braços na frente do peito. — Eu estive trabalhando em algo. É por isso que eu estava na casa deles ontem. Ou seja, antes de *você* chegar e estragar tudo. — acrescentou, em tom acusador.

— Você estava lá para quê? — repetiu ele.

— Eu falei esta manhã, não é da sua conta. — ela fez uma pausa, em seguida, perguntou: — E por que você se importa tanto assim?

— Eu não me importo. — ele respondeu um pouco rápido demais. — Eu a considero um investimento. Eu protejo meus investimentos.

— Isso é mentira, Anthony Bear! — ela gritou, desafiando-o.

Ele lhe lançou um olhar.

— Eu me ofereci para pagar a dívida de Van. — ela enfiou a mão no bolso de trás e acenou com um talão de cheques para ele. Aparentemente, o pegou no apartamento. — Isso é mais do que dinheiro para você. O que é? Me diz por que você recusou minha oferta e eu conto o que eu estava procurando.

Ele não disse nada. Como ele poderia dizer o que nem ele entendia? Ela estava certa. Ele poderia ter recebido um cheque bem gordo nesta manhã e se livrado dela. Ele teria terminado e estaria deitado entre as pernas de Shasta agora. Shasta era uma das mulheres que regularmente passavam um tempo no acampamento. Ela era uma das favoritas de Anthony, porque ela sabia o que era. Uma puta. Alguém para foder. Alguém com quem ele podia descarregar a sua energia reprimida. Ela não tinha expectativas, e era assim que ele gostava de suas mulheres. Ela nunca fazia perguntas. Ela nunca o desafiou, ou a sua autoridade. Era uma das razões pelas quais ele se cansou de Veronique. Ela queria mais e ele não estava interessado em dar. Por que ele estava aguentando esta pequena megera loira? A pequena bruxa que em menos de vinte e quatro horas conseguiu, de alguma forma, ficar sob a sua pele e tentar manter residência permanente. Balançando a cabeça, como se para afastar o pensamento ultrajante, ele mudou de assunto.

— As flores são do seu namorado? O homem mais velho que Richard falou que você fugiu alguns anos atrás? Ele ainda paira em torno de você? Você o mantém em segredo dos seus pais? — ele lançou-lhe um olhar de soslaio.

Ele soube que tinha atingido um ponto delicado porque ela endureceu e ele achou ter visto lágrimas começarem a se formar em seus olhos antes de ela virar a cabeça para olhar pela janela do passageiro.

— Vire à direita, e eu vou mostrar. — disse ela, com a voz triste, como se a resistência tivesse saído dela.

Depois de tomar várias direções de uma sílaba, Anthony dirigiu até a entrada do Cemitério Forest Lawn. *Ah,* pensou. *Flores para a sua avó.*

Christy disse onde parar e saiu silenciosamente da caminhonete. Ele ficou parado e a observou se aproximar de um grande carvalho, ajoelhando-se nas proximidades, em frente a uma pequena lápide. Ela pegou algumas flores mortas e as colocou de lado, substituindo-as com o buquê fresco que segurava. Certamente, Roberta "Bobbi" Bowen teria uma lápide elaborada. Sua curiosidade levou a melhor dele e calmamente saiu da caminhonete. Sua longa sombra lançou uma escuridão sobre a lápide modesta. Ela sabia que ele estava atrás dela, mas ela não se dirigiu a ele.

— Quem é Abigail Ramirez? — perguntou ele.

As datas indicaram que Abigail não tinha feito o seu segundo aniversário. Por isso a pedra angular pequena. Um pequeno monumento para uma pequena vida.

Sem se virar, Christy respondeu calmamente, — Abby era a filhinha de Litzy. Litzy era a babá que vivia conosco. Ela praticamente me criou.

— O que aconteceu com Abby? — perguntou. Mentalmente, ele se chutou. *Por que isso importa para mim?* Perguntou-se e imediatamente se convenceu que não importava.

— Ela tinha uma doença rara. Os médicos fizeram tudo o que podiam. — ela se levantou, então sem olhar para Anthony ela levou as flores velhas murchas de volta para a caminhonete.

A viagem de volta para a casa dele foi silenciosa. Ele teve que morder a língua para manter os comentários desagradáveis na ponta da língua. Ele queria tanto atacá-la, mas descobriu que não conseguia. Ele queria espetá-la com comentários desagradáveis sobre como, aparentemente, ela não podia comprar tudo. Era óbvio que Christy não foi capaz de comprar a cura para Abigail e depois de ver o quanto ela cuidou de Nadine, que apenas fazia parte da vida de Christy há um ano mais ou menos, ele não precisou perguntar para saber que Christy provavelmente tinha feito tudo o que podia financeiramente para ajudar a babá de longa data da família a manter a filha viva.

Pela primeira vez no pouco tempo que se conheciam, ele a viu como mais do que uma criança mimada, rica. Ele a viu como um ser humano. Viu-a como alguém que se importava além do seu saldo bancário e sua fantasia de carro de concessionária e mansão de família. O duplex foi uma surpresa. Certamente, ela podia morar em um lugar melhor. Não havia nada de errado com seu apartamento, ele só não esperava. Ele ia perguntar a ela sobre isso quando eles dobraram a rua e a casa dele ficou à vista.

Ele apertou os olhos para ver quem estava estacionado na garagem.

— Eu me pergunto quem está aqui? — ele se questionou em voz alta. Ele ficou preocupado. Não recebia visitas, e a faxineira, que vinha duas vezes por mês, não era esperada, e ela dirigia um pequeno Honda azul claro.

— Parece que Alexander está de volta. — ela disse, com voz calma.

— Não. X deveria trazer o seu carro. Não pode ser o seu carro. — ele disse a ela.

— Por que ele não pode ser meu carro? — ela perguntou.

— Você me disse que era um conversível branco.

— Sim, e é um conversível branco. — ela respondeu, apontando para o carro na frente deles.

Ele parou atrás dele e observou o decalque Bobbi Bowen logo acima do para-choque.

— É um Volkswagen. — disse ele secamente. — É um VW Rabbit. Você dirige um Rabbit? — perguntou. Seu tom cheirava a ceticismo.

— Sim, eu dirijo um Rabbit. E por que você está tão chocado? — perguntou a ele.

— Você pode dirigir qualquer coisa que desejar e dirige um Volkswagen?

Ela olhou para ele, seus olhos sérios. — Você tem um verdadeiro problema com o meu dinheiro, não é? Você acha que me conhece por causa da minha família e do legado da minha avó. Você não me conhece de jeito nenhum.

Ele estava sem palavras. Ela estava certa. Se ele tinha certeza que alguém tinha herdado o legado da família, era ela. Ela tinha todas as razões para ser como ele imaginava. E, no entanto, ela afastou todo o pré-julgamento que ele fez sobre ela. Não era nada parecida com o que ele imaginava.

— Então, você pega um novo Rabbit todo ano? — ele perguntou, tentando de alguma forma ainda vinculá-la, não importava o tanto, com a criança superprivilegiada de riqueza que ele tinha assumido que ela fosse.

— Por que eu faria isso quando este funciona perfeitamente? Tem dois anos e está em excelente condição.

— Você poderia estar dirigindo um Lamborghini, e você dirige um Rabbit? — ele perguntou, sem esperar que ela respondesse. — Por escolha?

— Eu não quero dirigir um Lamborghini. Meu carro é divertido de conduzir. — respondeu ela, levantando a voz um pouco enquanto tentava convencê-lo.

— Eu não posso imaginar um Rabbit sendo divertido de conduzir. — ele disse a ela sem se exaltar. — Mesmo se eu estivesse dirigindo por aí com um bando de palhaços, nunca conseguiria achar *aquilo* divertido. — ele apontou para o carro dela.

— Bem, eu acho que você está dirigindo por aí com as pessoas erradas, então, Anthony Bear. — ela disse a ele quando saiu da caminhonete e se dirigiu para a porta da frente.

CAPÍTULO ONZE

Naples, Flórida, 1978



Depois que entrou, Christy olhou ao redor do grande espaço, observando o mobiliário masculino, ainda assim de bom gosto, pela primeira vez. As paredes da grande sala eram pintadas de um marrom profundo, e ele preencheu o espaço com sofás de couro marrom chocolate que ficavam de frente um para o outro. Mantas de tecido verde escuro e castanho cobriam o encosto de cada sofá, que eram separados por uma mesa baixa de centro, feita de uma porta de madeira de lei. Os pisos de madeira escura contrastavam bem com as obras de arte emolduradas que estavam exibidas. Ele se levantou logo depois que ela foi olhar para uma peça de arte única que estava pendurada acima da lareira.

Ele limpou a garganta ruidosamente, e ela se virou. Sentiu o cheiro tentador da pele dele, ela disse: — Alexander está aqui?

— A moto dele não. Por quê? — Anthony perguntou.

— Nenhuma razão. — Christy deu de ombros. Ela começou a ficar inquieta, e Anthony perguntou o que estava errado.

— Eu não comi na Nadine. Só belisquei. E acho que o pedaço de torrada desta manhã já era.

Anthony fez um gesto em direção à cozinha e falou para ela se servir.

Ele deixou Christy e foi para seu escritório mandar um page para X. Queria que Alexander voltasse à casa para discutir as suas suspeitas

recentes sobre aqueles homens que estavam à procura de Christy e fazer um plano. Ela apareceu em sua porta antes que ele tivesse a chance de pegar o telefone.

— Eu imaginei, ou senti cheiro de sopa de galinha? — ela estava com a mão na barriga, seus grandes olhos azuis aparecendo quase infantis.

Anthony espremeu os olhos em concentração. — Minha irmã ficou comigo por alguns dias, e ela fez no primeiro dia em que estava aqui. Há um pouco na geladeira e você está convidada.

Ela assentiu com um obrigado e voltou para a cozinha, sem perceber que Anthony a tinha seguido.

— Foram dias atrás, e minha casa ainda cheira a sopa? — ele perguntou para ela. — Eu não sinto o cheiro.

Sem olhar para ele, ela pegou o recipiente da geladeira e derramou-o em uma panela pequena. — Fato estranho. E não que você esteja interessado, mas eu tenho um olfato apurado. Posso falar o tipo de detergente que usam na cozinha na hora que eu entro em um restaurante. — ela começou a abrir os armários, obviamente, à procura de uma tigela. Quando a encontrou, ficou com as mãos nos quadris olhando para cima. Olhou ao redor e não viu nada para subir e se virou para ele. — Você pode pegar uma tigela para mim, por favor? — ela perguntou e apontou para a prateleira superior. — Duas se você for comer.

Ele alcançou facilmente sobre sua cabeça, pegou uma tigela e entregou para ela. — A mesma coisa com a minha audição. — ela continuou. Pegou uma colher de uma gaveta, e ficou de costas para ele e mexeu a sopa. Ela se virou para ele e disse: — Eu posso ouvir um alfinete cair. Tipo como a Mulher Biônica. — ela começou a sorrir e parou, seu semblante se fechou. — Minha audição só me falhou uma vez. — disse ela, virando-se novamente. Ela olhou para a panela de sopa.

— Quando foi? — ele perguntou, estudando o perfil dela. Seu rosto suave, impecável, nariz ligeiramente arrebitado e o galo se projetando na testa.

Sem olhar para ele, ela respondeu: — Ontem. Quando você subiu sorrateiramente as escadas na casa de Van e Vivian.

A pergunta saiu antes que ele pudesse detê-la. — Quaisquer outros fatos estranhos que eu deva saber sobre você? — ele perguntou. Isso era errado. Mais do que errado. Conversar com uma vítima de sequestro? Normalmente, ele não queria saber dessas coisas. E, pior ainda, ele não conseguia entender por que queria saber essas coisas sobre ela.

— Eu tenho polegares com dupla articulação. — respondeu ela, interrompendo seus pensamentos. — Eles ficam um pouco estranhos quando eu dobro-os para trás. E fica difícil para eu apertar certas coisas. Como aquelas maçanetas que não são redondas, e precisa pressionar uma alavanca para baixo com o polegar. Eu tenho dificuldade com aquelas.

Ela sentou-se à mesa da cozinha. Tomou um pouco de sopa, e olhou para ele. Ele estava encostado no balcão da cozinha, com os braços cruzados sobre o peito.

— E você? — ela perguntou, antes de tomar outro gole da colher.

— Meus polegares estão bem. — ele disse a ela.

Ela sorriu e disse: — Não, eu não estou perguntando sobre seus polegares. Tenho certeza de que eles estão bem. Eu quis dizer se tem coisas estranhas sobre você? — ela colocou a colher na tigela e acrescentou: — Além do que para alguém do seu tamanho você é quieto como um rato.

Fogos de artifício explodiram subitamente em sua cabeça. Um milhão de pontos de luz explodindo ao mesmo tempo. Não. Não

explodindo. Apagando. Ele estava envolvido com uma mulher em uma conversa. E não apenas qualquer mulher. A enteada de Van Chapman. Uma vítima de sequestro. A mulher que ele estava escondendo e esperando o resgate, mas se recusou a deixar ir, quando ela se ofereceu para pagar o preço.

— Deve haver alguma coisa. — disse ela. O comentário era gentil e suave. Como um convite para um banho quente depois de ficar na chuva congelante.

— Eu sou daltônico. — ele deixou escapar.

— Eu já sabia disso. — ela respondeu e voltou a mexer e olhar para a sopa.

— Como você poderia saber? — ele desafiou, afastando-se do balcão e caminhando em direção à mesa.

— Eu notei quando nos conhecemos. Na garagem de Van. — ela respondeu.

— Impossível. De jeito nenhum. — disse ele, seu lábio começando a se curvar.

— Sim. — ela respondeu. — Você só pode ver em preto e branco e nada mais. — ela se levantou e levou seu prato para a pia.

— Ah. — ele disse, com um tom um pouco mais calmo. — Você está falando sobre o seu carro branco. O Rabbit? — era a única coisa que ele conseguia se lembrar de mencionar cor na frente dela, e foi na garagem dele, não do Van. Ele lembrou da primeira vez que a viu, no Corvette vermelho. Ele tinha certeza de que não tinha comentado sobre a cor do carro na frente dela e mesmo que tivesse, vermelho não era uma das cores que ele tinha dificuldade em discernir.

De costas para ele, ela lavou a tigela e a colher, e depois a panela de sopa, colocando-os no escorredor de pratos para secar.

— Não, não foi o meu carro. — disse ela. Ela virou-se para encará-lo. — Falo da minha pele. Você só consegue ver minha pele branca.

Sem dar chance de ele absorver suas observações, ela perguntou: — Como anda a busca pelo Van? — antes que ele pudesse responder, ela acrescentou rapidamente: — Talvez eu possa ajudar.

— Se você não pode me falar onde ele está, eu não vejo, como você pode ajudar. — ele respondeu rispidamente. Sua observação anterior do seu daltonismo o pegou desprevenido. Ele nunca se considerou racista. Racistas eram pessoas que não gostavam de alguém por ter uma cor de pele diferente da sua. Sem precisar de motivo, simplesmente odiavam. Mas não ele. Ele tinha muitas razões para não gostar de pessoas brancas. Especialmente as mulheres brancas. Além disso, ele não desgostava de todas as pessoas brancas. Somente certas pessoas que ele sabia que se consideravam melhores do que pessoas como ele. Pessoas com um ar equivocado de superioridade e privilegio. Pessoas como Christy Chapman. Ou ele queria acreditar.

Ela revirou os olhos. — Se você me der uma lista telefônica e me emprestar um telefone, eu posso ligar para as agências de viagens ou até para as companhias aéreas. É melhor do que nada. — ela soltou um suspiro. — Além disso, eu preciso fazer algo. Não posso ficar sentada o dia todo sem fazer nada.

Anthony já tinha alguém tentando rastrear Van, mas não machucaria que ela tentasse também. Ele ia responder quando ela soltou um longo bocejo.

— Você está cansada. — disse ele. Não era uma pergunta. Era um fato.

— Um pouco. — ela respondeu. — Mas não muito cansada para fazer algumas chamadas. — ela tentou abafar outro bocejo.

— Eu vou deixar você fazer um telefonema.

Ela começou a protestar quando ele acrescentou: — Para o florista que envia flores toda semana.

Ela ficou atenta e disse: — Você está certo! Vou pedir para mandarem para cá.

— Não. — ele exclamou em voz alta. Em um tom mais suave, ele falou: — Eu acho que os homens que estavam te procurando trabalham para outros agiotas que Van deve dinheiro.

Ela piscou para Anthony, pega de surpresa. — Como você sabe que Van deve dinheiro para outras pessoas?

— Apenas sei. — ele falou irritado, com uma carranca no rosto.

— Aqueles homens no meu apartamento? — ela perguntou, mordendo o lado do lábio.

— Sim. — foi tudo o que ele ofereceu.

Ela assentiu em compreensão, e ele continuou. — Se eles perguntarem por lá, não seria surpresa que alguns de seus vizinhos tenham percebido que uma vez por semana há entregas. Aqueles homens verificariam com o florista. Se você der o meu endereço ao florista, ele vai trazê-los direto para você.

Seus olhos se arregalaram quando finalmente entendeu a gravidade da sua situação. — Você tem certeza de que iriam até o florista? Você sabe, para ver se pedi que as flores fossem enviadas para outro lugar?

Ele olhou firme para ela. — Eu iria.

Ela engoliu em seco, e acenou com a cabeça. Ele a seguiu até o telefone em seu escritório e ouviu quando ela suspendeu o pedido de flores, dizendo ao funcionário que tiraria um mês de férias fora do país.

— O que agora? — ela perguntou depois de desligar o receptor. — E não me diga para tirar um cochilo. Estou muito excitada para dormir depois dessa epifania.

Sem dizer nada, ele caminhou até uma estante grande de mogno embutida. Abrindo uma gaveta, tirou uma lista telefônica. Ele caminhou em sua direção e parou, a pergunta óbvia em seus olhos.

— Você não confia em mim para usar o telefone sozinha, e você não está a fim de ficar de babá? — ela perguntou. — Tenho a sensação que preciso me provar uma e outra vez. — ela suspirou, balançando a cabeça em descrença.

— Se há outras pessoas procurando por você, a polícia não pode protegê-la do jeito que eu posso. — disse ele, sua voz sincera.

Seu tom a surpreendeu. Ele pareceu quase... quase... preocupado com ela. Ela gaguejou: — E... E-eu acredito nisso. Eu não vou chamar a polícia, Anthony. Vou ajudá-lo a encontrar o Van.

Ele acenou com a cabeça lentamente e colocou a lista telefônica em cima da mesa com um baque. — Vá em frente. Comece a fazer algumas chamadas. Diga que você é a filha de Vivian e isso vai lhe dar alguma influência. Se alguém perguntar, você está ligando de fora do país, não precisa dizer onde, apenas que você precisa entrar em contato com seus pais devido a uma emergência.

Ele é muito rápido em oferecer mentiras e histórias, ela pensou. Ele era, definitivamente, um criminoso e quanto mais cedo ela o ajudasse a encontrar e trazer Van de volta para enfrentar seus credores, mais cedo ela poderia sair das suas garras. Afinal, era isso que ela

queria. Certo? Em vez de permitir sua mente vagar por essa toca de coelho, ela pegou a lista e se enfiou nela.

— Eu vou levantar pesos no quarto de hóspedes. — ele disse a ela enquanto pegava as chaves do carro da mesa e colocava no bolso. — Quando você terminar, você mexe na geladeira e prepara um jantar para nós.

— Isso não será possível. — ela falou um pouco rápido demais.

Ele inclinou a cabeça para o lado e zombou: — Deixe-me adivinhar. Você não sabe cozinhar.

— Não, e não é que eu não faça porque não quero. — ela disse com naturalidade. — Eu não sei. Eu vivo de marmita, congelados ou algo simples como sopa. — ela fez uma pausa e acrescentou cuidadosamente: — Como fora ou peço algo.

— Claro que sim. — disse ele cinicamente. — Alguém como você não tem que aprender a cozinhar quando está acostumada a ter tudo nas mãos. — ele zombou ao virar as costas para ela. Ele precisava de um motivo para mantê-la à distância e voltar para suas suposições de início, era mais seguro. No entanto, muitas pessoas não sabiam cozinhar. Sua irmã era uma delas. Ele ficou surpreso por Christy ter tomado a sopa que Nisha deixou. Ele, certamente, não tinha a intenção de guardá-la. Ele só não tinha jogado fora ainda. *Ela não cozinha, porque ela nunca precisou,* tocava como um disco quebrado em sua cabeça. *Ela está acostumada a ser mimada e nunca rebaixar-se, levantar um dedo ou uma frigideira.* Era pouco, mas era no que ele ia se apegar.

A princesa que ele conheceu na entrada dos Chapman estava de volta, ele se convenceu. E ele não poderia estar mais aliviado.

CAPÍTULO DOZE

Naples, Flórida, 1978



Anthony foi em direção à sala de musculação e fechou a porta atrás dele. Ele olhou pela janela e viu que uma tempestade estava se formando. As nuvens estavam baixas, cinzas. Ele aproximou-se do único armário baixo e se inclinou para digitar a combinação do cofre. Depois de pegar dois telefones, sentou-se no aparelho de musculação, estendeu a mão para trás e conectou os telefones a uma tomada de telefone dupla. Pressionando um botão vermelho brilhante no primeiro telefone, ouviu a voz de Christy, que falava com alguém que ele supunha ser de uma agência de viagens. Ele desligou a chamada.

Ele digitou um número no segundo telefone. Uma das vantagens de comprar uma casa de outro criminoso era que já estava equipada para a maioria de suas necessidades. Neste caso, as linhas telefônicas eram separadas e uma tinha uma criptografia especial que não permitia ser rastreada. Ele ficou feliz quando X atendeu no segundo toque. Christy tinha interrompido Anthony mais cedo, antes que ele tivesse uma chance para contatá-lo.

Anthony falou em voz baixa, embora ele pudesse ver que o primeiro telefone ainda estava em uso. Christy estava do outro lado da casa. Ela não conseguiria escutar. *Mesmo com seus ouvidos biônicos,* ele pensou e reprimiu um sorriso. Deixou X por dentro de tudo que havia acontecido desde que Christy tinha ido até a propriedade Chapman ontem. Tudo, exceto o fato de que ela se ofereceu para pagar o próprio resgate.

— Tenho certeza de que você está certo. — X adicionou depois de Anthony mencionar que homens tinham aparecido no apartamento de Christy. — Quando eu peguei o carro dela, pude jurar que uma das meninas que trabalhava lá ficou atenta. Eu não sei se pode estar relacionado, mas eu tenho certeza que ela fez um telefonema. E você nem precisa perguntar se fui seguido.

— Então, se a sua hipótese sobre a menina na recepção estiver certa, é provável que esses mesmos homens estivessem perguntando pela concessionária. — Anthony disse. — Qualquer notícia sobre alguém mais que Van deve dinheiro?

Anthony esfregou a mão no rosto e se levantou, olhou pela janela quando X disse que não conseguiu descobrir as identidades dos outros credores de Van. Não estava chovendo ainda, mas as nuvens estavam pesadas, e Anthony notou relâmpagos distantes.

Christy desligou com a última agência de viagens listada e soltou um suspiro pesado. Ela não estava chegando a lugar nenhum. Era possível que Van e Vivian tivessem saído de carro da cidade, mas ela duvidava. Viajar em um carro significava que ficariam confinados em um pequeno espaço e os Chapman mal toleravam um ao outro. Eles viajavam juntos apenas para fingimento e faziam questão de passar as férias em lados opostos de cada resort. Ela se inclinou para trás e bateu a caneta sobre a mesa. Também era possível que se tivessem voado, Van tivesse feito as próprias reservas, mas era ainda mais improvável. Ele teria mandado a secretária fazer os arranjos. Ela se sentou quando algo lhe ocorreu. A secretária de Van saberia onde ele estava e, também, que não deveria contar para ninguém. Especialmente se ele tivesse dado essas instruções. Mas ela diria para Christy.

Ela poderia ligar para a concessionária, mas o instinto lhe dizia que não deveria. Ela precisaria perguntar ao Anthony o que fazer. Ela começou a deixar seu escritório, quando outra coisa veio à mente. Voltou para a mesa, sentou-se e estendeu a mão para o telefone, mas não chegou a levantá-lo. Com a mão no receptor, ela lançou um olhar para a porta do escritório e em direção aos fundos da casa, onde Anthony estava levantando pesos.

Assim como na casa de Nadine, seria tão fácil ligar para a detetive Kimberly Cochran no departamento de polícia. Detetive Cochran foi a única pessoa que acreditou em Christy quando ela compartilhou suas suspeitas sobre Van. A única pessoa que não se intimidou pela riqueza Chapman e alta posição na sociedade. Christy confiava nela, por isso que quando ligou para falar sobre a ordem de restrição para Richard, sabia que ela não seria varrida para debaixo do tapete e ignorada. Detetive Cochran era uma pessoa de integridade e Christy a admirava.

Christy acreditou em Anthony Bear quando ele falou que outros agiotas estavam à procura de Van. E, provavelmente, eram pessoas horríveis que não teriam se importado com a doença dela. Ou que desejariam visitar a família de seu irmão. Ou a necessidade dela de entregar flores no cemitério. Pessoas que, provavelmente, aceitariam a oferta dela de pagar o próprio resgate e, até a matariam depois. A Detetive Cochran poderia oferecer para ela a mesma proteção que Anthony? Ela duvidava, e quando ela viu a verdade soltou um suspiro de alívio, grata que não tivesse dito nada para a Detetive quando ligou para ela da casa de Nadine.

Ela recostou-se na cadeira e ponderou esta nova linha de pensamento por um momento, e tinha de admitir que se ela fosse julgar apenas pela aparência, Anthony Bear era uma presença intimidante, ameaçadora. Seu olhar por si encolheria uma violeta. Mas ela nunca o viu agir violentamente. À exceção de uma carranca sombria e mau humor, ele

não tinha levantado um dedo para machucá-la. Na verdade, ele foi o oposto. Com a decisão recente de aceitar e, eventualmente, permitir-se aproximar um pouco do homem que a raptou, ela dirigiu-se para a sala de musculação dele.

Olhando pela janela, Anthony sentiu o cabelo dos braços arrepiarem. Uma tempestade estava se formando.

— Se ainda não foram, eles vão fazer uma visita ao irmão de Christy. — disse X. — E depois que o irmão dela descrevê-lo, eles saberão que é você.

— Sim, eu já pensei sobre isso. — respondeu Anthony. — A única maneira de evitar isso é colocando os caras na rua procurando por ela, também.

— Concordo. — disse Alexander. — Falando do clube, o quanto você quer que eles saibam, sobre o assunto?

— Por enquanto, não diga nada além de que quero encontrá-la. Eu não planejo deixar Christy sair de casa depois de hoje. Com ou sem mim, ainda é muito arriscado.

— E a namorada do irmão? — Alexander perguntou. — Quem quer que esses caras sejam, definitivamente, vão começar por aí.

— Eles podem ir onde quiserem. A mulher pode falar o meu nome e que eu estava com Christy. Eu não vou esconder isso. O que eu preciso que você faça, porém, e rapidamente, é o que nós já combinamos. Certifique-se de colocar o clube na rua, procurando por ela também. A partir de agora, isso vai adicionar credibilidade ao boato de que ela fugiu de mim.

— E se alguém decidir fazer uma visita na sua casa para ver se é verdade? Que ela fugiu de você? — e depois de uma breve pausa. — Ou não?

— Eu vou tratá-los da mesma maneira que já lidei com quem aparece sem ser convidado. — Anthony disse a ele. — Coloco uma bala em sua cabeça. Não é como se fosse a primeira vez. — um momento passou antes de ele acrescentar: — Ou a última.

Anthony se virou, seus olhos pousando no segundo telefone que já não estava exibindo um botão vermelho iluminado. Ele olhou de relance por baixo da porta e viu uma sombra passando.

Deixou o telefone e fez o caminho mais curto para a porta e a abriu silenciosamente. Ele olhou pelo corredor e viu um cotovelo quando Christy fechou a porta do banheiro atrás dela. Ele poderia ter se convencido de que ela não tinha ouvido nada, mas sabia que estaria errado. Se ela tivesse saído do escritório e ido direto para o banheiro, ela não teria passado pelo quarto de hóspedes. Não. Ela estava do lado de fora da porta. Ouvindo. Quanto ela ouviu, ele não sabia. Ele fechou a porta do quarto e passou pelo banheiro, indo para o escritório.

Christy Chapman tentava recuperar a compostura inclinada contra a porta do banheiro. Sua respiração estava ofegante e curta, e ela fechou os olhos enquanto tentava controlá-la deliberadamente. Depois de alguns segundos, ela os abriu, e instantaneamente ficou na janela no chuveiro. Ela tinha notado as barras antes, mas nunca se permitiu considerar conscientemente o seu significado. Como se a venda tivesse sido removida dos olhos, ela agora via-as pela primeira vez. Sua respiração intensificou de novo, e ela correu para a pia, jogou água fria no rosto em grande quantidade que espirrou nas paredes, espelho e bancada. Quando ela sentiu que tinha recuperado a compostura, ela pegou uma toalha e se secou. Ela olhou-se no espelho e pensou sobre o que tinha ouvido.

Ela tinha levantado a mão para bater na porta quando o ouviu falando com alguém. *Ele deve ter outra linha telefônica,* ela pensou, e seu primeiro instinto foi o de ser educada e não interromper, mas, em seguida, ela ouviu seu nome ser mencionado. Sua mão voou para a boca quando o ouviu admitir livremente matar pessoas. Ela estava na casa de alguém, que não só emprestava dinheiro às pessoas, mas era capaz de matá-las se eles não pagassem. Ela não achava que tinha feito barulho, mas soube o instante em que ele percebeu que ela estava do lado de fora. Ela nunca conseguiria retornar para o escritório sem ser vista. O banheiro foi seu refúgio mais próximo.

Ainda olhando para o espelho, ela se lembrou que tinha o dinheiro para pagá-lo. Mas, e se ele recusou porque o problema com Van era mais do que dinheiro? E se fosse algo pelo ele qual mataria? Algo pelo qual ele a mataria?

Sua mente lutava contra si mesma, enquanto tentava conciliar o que ela tinha ouvido com o que ela sabia sobre seu sequestrador. As mesmas conclusões que ela teve momentos antes no escritório guerreavam com as palavras pronunciadas apenas momentos atrás. *Coloco uma bala em sua cabeça. Não é como se fosse a primeira vez.*

Depois de alguns momentos, percebeu que ele era um quebra-cabeça e, provavelmente, um que ela nunca conseguiria montar. Afinal, como poderia equilibrar uma escala em que tivesse um assassino de um lado, e um protetor do outro? Impossível. Havia apenas uma coisa que podia fazer. Sobreviver. De qualquer maneira possível. Christy não planejaria nada, porque Anthony era muito inteligente e, imediatamente, saberia o que ela estava fazendo. Se uma abertura se apresentasse, ela aproveitaria e ela ficaria tão longe de Naples quanto possível, até que os outros credores de Anthony e Van tivessem resolvido com ele.

Quem sabe eles lidem com Van de uma maneira que signifique que me dispense do encargo, ela pensou.

Sentindo-se mais confiante, ela se endireitou e determinação renovada se formou em seus pensamentos. Ela se acomodou como um cachorrinho perdido que, finalmente, encontrou o caminho de casa. Depois de uma última olhada no espelho, ela respirou calmamente. Endireitou os ombros, abriu a porta do banheiro e caminhou para a cima da mesma parede de tijolo do quarto da Vivian.

CAPÍTULO TREZE

Naples, Flórida, 1978



Anthony agarrou os ombros de Christy para estabilizá-la e teve a impressão que ela hesitou. Ela o olhou e o que ele viu nos olhos dela confirmou que estava certo. Ela tinha ouvido tudo. E estava com medo dele. Quase tão rápido quanto apareceu, desapareceu, e ela recuou. Sem encontrar os olhos dele, ela disse: — Eu vim buscá-lo. — ela mordeu o lábio para tentar disfarçar o leve tremor.

Ele não disse nada.

— Quando ouvi sua voz, achei que você estivesse no telefone e não quis ser grosseira. Então usei o banheiro para lhe dar privacidade. — ela olhou para cima de novo e deixou-o entender o que ela havia dito. Ela não contou que ouviu o que ele estava falando, apenas que tinha ouvido sua voz. Havia uma diferença. Não estava lá?

Seus olhos negros não entregaram nada.

— O que você queria? — ele perguntou a ela, sua voz sem emoção.

Ela contou para ele sobre a secretária de Van e que queria ligar para a concessionária, mas não sabia se deveria. Ela queria pedir a opinião dele. Ele acenou com a cabeça quando ela terminou e disse: — Sim, pode ligar. Se a secretária dele sabe de alguma coisa e você acha que ela vai te contar.

Christy encolheu os ombros tentando fingir que não tinha uma preocupação no mundo. — Vale a pena tentar, você não acha? — seus

olhos se estreitaram então, e ela inclinou a cabeça para um lado. Ainda olhando para ele, ela perguntou: — Por que você estava esperando na porta do banheiro?

Ele enfiou a mão no bolso de trás e colocou seu pager na mão dela. — Eu fui ao meu escritório e vi que você tinha uma chamada.

Ela olhou para ele e fechou os olhos em concentração. — Eu não reconheço o número. — ela disse a Anthony, balançando a cabeça. — Devo ligar de volta?

— Pode ser o Van. — ele disse a ela. — Vamos lá.

Ela o seguiu até o quarto de hóspedes e o observou sentado na cadeira de musculação. Ele fez um gesto para ela e ela se sentou ao lado dele. Ele a orientou sobre possíveis conversas e coisas que ela deveria, e não deveria dizer. Ele pegou o telefone que estava ligado à linha telefônica não rastreável e discou o número do pager dela. O telefone não tinha viva-voz, então ele segurou o fone entre eles.

Ele engoliu em seco ao sentir o cheiro dela. Cheirava, como... como flores. Fresca e limpa, como algo que flutuava no ar em um dia de verão fresco.

Um toque.

Ele sentiu outro cheiro. Um que ele não pôde explicar, mas atacou seus sentidos e enviou um raio para sua virilha.

Outro toque.

Ele tentou lembrar de como ela cheirava quando a carregou pela escada dos Chapman e quando ele a segurou debaixo da água em seu chuveiro. Ele não conseguia se lembrar. Ele engoliu e se segurou para não ajustar os jeans.

— Olá? — a voz de uma mulher respondeu antes do terceiro toque.

— Sim, estou retornando uma ligação. — disse Christy.

Anthony sentiu sua respiração quente em sua bochecha.

— Christy?

— Quem fala, por favor? — Christy perguntou. A voz era familiar, mas duas palavras não eram suficientes para Christy para identificá-la.

— É Kimberly Cochran. — disse a mulher. — Você está bem, Christy?

— Detetive Cochran? — Christy perguntou, a surpresa em sua voz era óbvia. Ela sentiu Anthony endurecer ao seu lado. Um milhão de pensamentos batalhavam na superfície de seu cérebro. Um milhão de pensamentos se empurravam para o primeiro lugar, tentando lutar contra a superfície e ganhar a supremacia sobre a língua. Ela soube, instantaneamente, que essa não era a abertura que estava procurando. Se ela conseguisse falar para a Detetive Cochran onde estava e com quem, ela não tinha dúvidas de que Anthony Bear não só a impediria de falar mais de duas palavras, como podia matá-la e descartar qualquer evidência de sua existência antes do primeiro carro da polícia chegar. Ela teria que fazer o contrário. Ela teria que dissuadir a mulher de suspeitar de Anthony.

— Eu não reconheci o número do qual você ligou. — observou Christy.

— Estou no telefone público. — respondeu a mulher. — Você está bem?

— Sim, claro que estou. Estou bem. — ela fez uma pausa e afastou-se do telefone para direcionar um olhar questionador para o Anthony. As palavras não foram necessárias. Ela estava começando a compreender o jogo e sabia o que precisava dizer. Um entendimento tácito se passou entre eles, e Anthony assentiu. — Mas quase não estaria. — sem dar à

detetive a chance de dizer mais nada, Christy rapidamente acrescentou: — Eu acho que Van deve estar com problemas, Detetive. Eu tive o encontro mais estranho com um cara grande e assustador chamado Anthony.

— Anthony Bear? — perguntou a detetive Cochran com uma voz preocupada.

— Um... talvez. — Christy balbuciou. — Possivelmente. Não me lembro se ele falou o sobrenome.

— Que tipo de encontro? — a Detetive induziu.

Christy sabia que uma conversa com Nadine revelaria que ela levou Anthony para a casa de Nadine. E se a detetive Cochran decidisse falar com Evelyn, a locadora, saberia que Anthony esteve em seu apartamento também. Ela precisava limpar a barra e esperar que a detetive experiente acreditasse, e rezar para que ela não dissesse nada que levasse a polícia para a porta da frente de Anthony Bear. Visões de situações de reféns e uma arma na sua cabeça se desenhavam na sua mente. Afastando os pensamentos intrometidos, ela continuou: — Apenas um do tipo estranho. Eu estava bisbilhotando o Van e a Vivian, e trabalhando com a equipe de paisagismo que estava na casa deles. De qualquer forma, eu estava tendo problemas com o carro na hora de ir embora, e como a empresa trabalha no bairro de meu irmão, ele me ofereceu uma carona até lá. A avó de Nadine nos fez almoçar e convidou-o para ficar e comer algo. Ele estava lá quando Richard aprontou e eu liguei para você.

— Christy, você está com ele agora? Você está com Anthony agora? — perguntou a detetive Cochran. A preocupação em sua voz quase passou pelo telefone e agarrou Christy pela garganta.

— Não, claro que não! — ela respondeu um pouco rápido demais. — Ele parece terrível e assustador, mas ele foi superlegal. Quero dizer, eu acho que ele é dono da empresa de paisagismo que trabalha na propriedade Chapman há anos, então eu não tive nenhuma reserva sobre

deixá-lo me dar uma carona. Ele foi um perfeito cavalheiro. Ele até pediu a um dos seus funcionários para arrumar o carro que eu tinha emprestado e trocar pelo meu Rabbit.

Ela virou a cabeça para olhar para Anthony, seus olhos arregalados. Ele deu um aceno de aprovação.

— Christy, ouça-me. Se era o Anthony, o que acho que sim, ele não é legal. E, definitivamente, ele não é um cavalheiro. Você está em casa agora? Ele a seguiu até aí?

Christy respirou fundo e continuou com sua mentira. — Eu não estou em casa, mas é aí que ficou um pouco estranho.

— Estranho como? — a detetive questionou.

— Eu estava assustada com o que Richard tinha feito, e queria ir para casa. Anthony ofereceu para me levar para o meu apartamento, e quando chegamos lá, a locadora disse algo sobre dois homens que passaram e estiveram me procurando Eu não sei explicar, detetive. Tive uma intuição. Como se meu instinto estivesse me dizendo que não estava nada certo. Fiz uma mala e falei para a locadora que faria uma viagem. Parti com Anthony e nos encontramos com o amigo que pegou meu carro. Anthony me perguntou onde eu estava indo, e eu não sei, ele pareceu um pouco interessado. Então começou a fazer muitas perguntas sobre Van. Senti... Senti... — ela fez uma pausa tentando encontrar a palavra certa. — que algo estava errado.

Ela fez uma pausa para respirar e ver se podia avaliar a reação da detetive. Não houve, então continuou.

— Encurtando uma longa história, depois que o amigo dele apareceu com o meu carro, perguntei ao Anthony se eu poderia pagar o jantar para agradecer. Eu disse a ele para escolher um restaurante que eu o seguiria. — ela engoliu. — Eu estava dirigindo atrás dele, e ele virou à

direita, e eu à esquerda, na direção da I-75. Estou dirigindo para o norte por um tempo. Não tenho certeza para onde vou, mas algo está me dizendo que eu não devo voltar para casa. Eu só parei para responder a sua mensagem.

Ela olhou para os lados para ver se Anthony aprovava. Ela viu uma covinha profunda. Ele estava sorrindo.

— Então, você pode me dizer sobre o que se trata? Por que você quer saber se estou bem? Tem algo a ver com Van e com os dois homens que estiveram no meu apartamento?

Ela ouviu a detetive Cochran soltar um suspiro aliviado. — Christy, eu soube pelo meu informante de rua que os agiotas estão procurando por Van. Aparentemente, ele tem uma dívida seria com alguns dos piores. Anthony Bear é um deles e se o Anthony com quem você estava tinha dois metros, longos cabelos pretos, então você escapou de um perigo grave.

— Deve ser ele, detetive, mas ele nunca mencionou dinheiro. Ele estava curioso sobre Van e os lugares que ele gostava de ir. Coisas assim.

— Você sabe onde Van está, Christy? — ela perguntou, seu tom preocupado repentinamente substituído pelo profissional.

— Não. E falei isso para o Anthony.

— Preciso levá-la para uma casa segura, Christy. Se o meu informante estiver certo, Van está encrencado com pessoas que não fazem acordos. Faz sentido eles irem atrás de você para descobrir o paradeiro dele, mas o que mais me assusta é que eles podem usar você ou o resto da família para chegar ao Van. Para ser sincera, estou completamente chocada por você ter ficado na companhia de Anthony Bear por algumas horas e ele não tenha se imposto. Parece que ele tentou te atrair e você não sabe o quanto é sortuda, porque esse não é o estilo dele. Anthony Bear é um criminoso sério, Christy. Um dos piores. Eu vou colocar sua

família inteira sob proteção até que isso se resolva. Você precisa ir para a delegacia agora.

Christy podia ouvir o barulho inconfundível de um isqueiro quando a detetive acendeu um cigarro.

— Se ele é tão horrível como você diz, detetive, por que ele não está preso? Quero dizer... — ela fez uma pausa. — O cara possui uma empresa de paisagismo. Quão ruim ele pode ser? — ela não estava tentando jogar conversa fora. Estava francamente curiosa. Ela sentiu a postura de Anthony mudar ao lado dela. Ela prendeu a respiração enquanto esperava a resposta da detetive.

— Porque ele é inteligente e, surpreendentemente, ele é respeitado. Ele possui muitas pessoas. Pessoas que têm medo de cruzar o caminho dele, porque sabem que se fizerem isso, custará suas vidas. E sim, ele possui uma empresa de paisagismo, mas ele também possui muitos outros negócios. — a detetive passou a mencionar uma cadeia de lavanderias, lavagens de carros e estações de gelo que podiam ser encontradas em toda a Flórida. — Tenho certeza de que ele possui as empresas para lavar dinheiro, embora ninguém tenha conseguido provar isso. — ela fez uma pausa e exalou com impaciência. — Mas não é isso que é importante agora.

Christy pôde ouvi-la dar um longo trago no cigarro.

— Ele é tão ruim, se não for pior do que... — as últimas palavras de sua sentença morreram, e Christy a ouviu-a murmurar algo sem sentido. — Pelo menos aquele está na outra costa. — a detetive recuperou o foco e perguntou: — A que horas posso esperá-la na delegacia?

Christy se afastou do telefone para olhar Anthony. Seu sorriso anterior desapareceu. Seus lábios formaram uma linha fina e reta, e seus olhos eram poços negros sem fundo. Tão pretos, que ela podia ver seus

cabelos loiros refletidos neles. Ela engoliu o nó na garganta e colocou a orelha de volta no receptor. Ele também se inclinou.

— Desculpe-me, detetive, mas se eu estou correndo tanto perigo como você diz, não vou voltar para Naples. Vou continuar dirigindo para o norte. Eu posso ou não pegar um avião em Tampa ou Orlando. Não se preocupe comigo e, definitivamente, não tente me encontrar. Apenas tenha certeza de manter minha família segura. Espero por sua ligação para me dizer que está tudo certo e posso voltar para casa.

Sem dar à mulher chance de responder, Christy desconectou a chamada.

Ela se virou para olhar para o seu sequestrador e imaginou que viu algo que poderia ser admiração em seus olhos.

— Você é uma pensadora rápida e uma boa mentirosa. — Anthony disse a ela.

— Então, você também. — ela respondeu, lembrando com que facilidade ele inventou histórias falsas para contar para o Richard e às agências de viagens que ela ligaria. Mas seu tom carecia de sinceridade. Em qualquer caso, ela parecia triste.

Ele ergueu uma sobrancelha, mas não questionou seu comentário. Ele se levantou e virou-se para ela. Ela sentiu o olhar dele e não conseguiu encará-lo. Ela não precisava perguntar se o que a detetive tinha dito era verdade. Ela olhou para o chão e rezou para que sua atuação ao telefone não selasse seu destino. Se ele decidisse matá-la, ela acabou de apagar todas as dúvidas ou suspeitas que a detetive Cochran poderia ter. Em qualquer caso, ela deu um álibi para Anthony Bear do seu desaparecimento.

CAPÍTULO QUATORZE

Naples, Flórida, 1978



Dez minutos mais tarde ela se levantou da sala de estar e olhou pela grande janela. As barras de aço a hostilizavam enquanto ela se penalizava mentalmente por ter cooperado tanto no quarto de hóspedes com as linhas telefônicas adicionais. Menos de dois minutos depois de desligar com a detetive Cochran, ela fez outro telefonema. Um que acabou com as suas esperanças. Ela estava certa de que um telefonema para a secretária de Van acabaria com seu cativeiro. Ela forneceria ao Anthony Bear o paradeiro de Van, e ele a soltaria. Então, ela ficaria bem com a mentira que ela havia dito à detetive Cochran. Entraria no seu pequeno carro branco e dirigiria para o norte. Ela precisava se afastar daqui. Dele.

Valerie estava na Bobbi Bowen desde o dia que abriu e foi assistente de Bobbi até a aposentadoria da matriarca. Van tinha herdado a mulher mais velha que ele tentou substituir imediatamente por assistentes mais jovens e mais atraentes. Quando Bobbi percebeu, ela foi dura com o Van, que foi forçado a manter Valerie. Mesmo com a rejeição de Van, Valerie era ferozmente leal, mas apenas do ponto de vista empresarial. Ela nunca cruzava uma linha e sempre permanecia profissional, mas Christy sentiu uma pequena aliança em relação à sua aversão mútua contra Van. Ele poderia ter substituído Valerie depois que Bobbi morreu, mas ele passou a reconhecer seu valor e a manteve. Além disso, ele não ficava no escritório tempo suficiente para se aproveitar de uma secretária mais nova.

A funcionária temporária que atendeu ao telefone informou para Christy que Valerie tinha tirado algumas semanas para visitar

comunidades de aposentados na Califórnia e no Arizona. Ela não voltaria ainda em uma semana e não deixou nenhum número para contato com ela. E, em relação ao Sr. Chapman, ele não ia à empresa há quase uma semana e tinha uma lista de chamadas para retornar que chegava ao teto. Christy deixou o número do seu pager com a secretária e pediu para passar para Valerie ou Van, caso algum deles passasse pela concessionária.

Um ligeiro estrondo de trovão tirou Christy de seus pensamentos, e ela cruzou os braços sobre o peito. Esfregando os braços, como se estivesse afastando um arrepio invisível, ela entrou no escritório de Anthony e ficou. Christy examinou lentamente o quintal da frente, tomando nota especial das nuvens escuras que haviam se formado. Ela esperava que passassem. Outro fato estranho que nunca mencionou ao Anthony era o seu medo intenso de tempestades. Ela não conseguia se lembrar de nenhum incidente específico de sua infância, só que quando ela via o primeiro raio de luz de um relâmpago, ela fazia o caminho mais curto para o quarto dela e se trancava no armário. Seus olhos pousaram em seu carro, e ela se lembrou de algo. A chave escondida. Ela tinha uma chave escondida sob o para-choque frontal esquerdo de seu Rabbit.

Ela virou-se e examinou o escritório de Anthony. Sua bolsa estava em cima da mesa. Rapidamente olhou para dentro e viu que sua carteira ainda estava nela. Estendendo a mão para o bolso de trás, ela percebeu que ainda estava com o talão de cheques. Se pudesse distraí-lo, ela poderia entrar no carro e fugir. Ela faria o que contou à detetive Cochran. Pegaria a I-75 e dirigiria para o norte. Sua família ficaria sob proteção, assim ela não precisava se preocupar com eles. Pararia no banco e faria uma grande retirada de dinheiro. Grande o suficiente para ela se afastar e ficar fora do radar até Van lidar com seus credores.

Anthony se agachou na frente do armário e, lentamente, enrolou os cabos do telefone em torno deles para devolver ao cofre. Ele refletiu sobre

os pensamentos conflitantes que convergiam em sua cabeça quando uma batida na porta o interrompeu. Antes que ele pudesse responder, ele ouviu Christy gritar: — Eu vou tomar banho. Vou tentar preparar alguns sanduíches de queijo grelhado quando eu sair, mas não posso prometer que eles serão comestíveis, ou que não vou queimar a sua cozinha.

De sua posição agachada, Anthony respondeu: — Tudo bem. — ele enfiou a mão no bolso e recuperou as chaves do carro dela. Ele ia atirá-las no cofre quando percebeu que deveria colocá-lo em uma das garagens. Ele as devolveu para o bolso do jeans, fechou o cofre e ficou na frente de seu banco de pesos. Pegou um conjunto de halteres, e começou a trabalhar os braços enquanto a mente refletia sobre os últimos vinte minutos.

Coisas que ele sabia.

Ela o ouviu admitir ao X no telefone que matara antes e faria novamente, mas ela mascarou com sucesso seu medo quando saiu do banheiro.

Ela tinha os olhos azuis mais expressivos que ele já tinha visto.

Ela era inteligente. Em segundos, ela não só determinou sua própria vulnerabilidade, mas previu o próximo curso de ação da detetive e, rapidamente, inventou uma história que lhe deu um álibi que o manteria longe da polícia .

Ela tinha uma pele que rivalizava com a seda. Ele pôde sentir a bochecha com a parte de trás da mão enquanto segurava o telefone entre eles.

Ela permaneceu calma durante a conversa com a detetive, porque estava certa de que quando ela dissesse ao Anthony onde encontrar o Van, ela poderia se afastar da situação. Ela estava contando com a secretária de Van para divulgar o paradeiro dele. O desapontamento em seu rosto quando ela foi informada de que a mulher estava de férias foi mais do que

óbvio. Ela o olhou com olhos enormes e com alma. Ele não deixou de perceber o leve brilho das lágrimas que começaram a se formar.

Seu lábio inferior tremeu quando ela lhe disse que a sua pista em potencial era inútil. Naquele momento, ele quis morder o lábio inferior dela mais do que encontrar o Van. Suavemente prendê-lo entre os dentes e morder.

Ele balançou a cabeça como se desse jeito pudesse apagar os pensamentos e trazê-lo de volta à única realidade que ele já conheceu. Sua realidade, e a verdade era aquela que a detetive havia compartilhado com Christy. Por um instante, ele não quis que aquelas histórias fossem verdadeiras. Ele não queria que ela tivesse medo dele. E ela ter se oferecido para fazer um sanduíche significava que talvez ela não estivesse. Talvez ela reconhecesse algo em seus olhos que nem ele conhecia.

Ele soltou um grunhido quando seus braços cansaram. Pressionando, ele continuou a trabalhar os bíceps. Dois dias atrás, ele teria cortado a garganta dela sem pensar nisso. E, de alguma forma, em apenas quarenta e oito horas, agora ele estava sentado ali, imaginando qual seria a sensação da pele perto da garganta dela.

Ele jogou os pesos para baixo e alguns mais pesados.

Depois de falar para o Anthony que tomaria banho, Christy foi para o banheiro. Ela ligou a água e trancou a porta do banheiro antes de sair. Ela então parou na cozinha e recuperou algo que ela tinha visto ao procurar uma colher de sopa um pouco mais cedo. Ou foi há uma semana? O tempo com Anthony Bear parecia rivalizar com seus olhos. Sem começo e sem fim. Eterno. Infindável.

Ela colocou algo na mesa dele, que ele certamente encontraria. Colocou a bolsa no ombro, olhou para o longo corredor. Sabendo que estava segura, saiu pela porta da frente.

Depois de fazer exercício até suar, Anthony deixou o quarto de hóspedes e se dirigiu para o banheiro principal. Ele precisava tomar banho. Ele podia ouvir a água correndo no banheiro e se perguntou por uma fração de segundo quanto tempo ele esteve usando seus halteres. Ele pegou algumas roupas da cômoda e se dirigiu para o banheiro de hóspedes. Ele não negaria a Christy seu longo banho. Chuveiro quente era algo que ele gostava. Ele ficou debaixo do jato e deixou o calor mergulhar e acalmar seus ombros cansados. Ele sorriu quando lembrou da oferta dela para fazer um sanduíche de queijo grelhado.

O pensamento de que ela estava nua no seu chuveiro invadiu sua mente, e ele rapidamente desligou a torneira de água quente. Depois de uma boa dose de água fria, ele secou e vestiu-se. Ele se dirigiu para a cozinha. Ela não estava lá. Ele voltou para o banheiro principal e notou que sua mala ainda estava em cima da cama. Ele bateu na porta do banheiro. Nenhuma resposta. Ele chamou seu nome. Nenhuma resposta. Ele bateu novamente. Ele gritou por ela e, depois de não conseguir uma resposta, ele abaixou a maçaneta. Estava trancada. Recuou e chutou forte, a porta se abriu. Ele entrou. Ela não estava lá.

Anthony Bear nunca entrava em pânico, mas não havia como negar que ele estava sentindo uma perturbação em sua alma. Ele alcançou em seu bolso traseiro. As chaves da Volkswagen que ele tirou do jeans sujo e transferiu para o limpo ainda estavam lá, assim como as chaves da caminhonete. Ela não poderia ter partido, ela tinha que estar na casa. Depois de procurar nos lugares óbvios, ele fez uma corrida louca para a porta da frente. Ele abriu a mão e ficou parado olhando o lugar vazio onde seu Rabbit estava estacionado. Tenso ele foi em direção à caminhonete e, depois de dar a volta pela frente, percebeu o picador de gelo enfiado no pneu da frente, esvaziando-o lentamente. Uma imagem de si mesmo com um picador de gelo enfiado no coração passou pela sua cabeça quando ele se dirigiu para o escritório. Era com o picador de gelo

que ela poderia tê-lo esfaqueado durante o sono, ou o que atravessava seu coração ao imaginá-la caindo nas mãos erradas? Ele podia pegar sua moto ou o outro carro, mas ele tinha uma questão mais urgente. Ele precisava avisar para o X que Christy Chapman agora era uma fugitiva de verdade, e era imperativo que seus homens a encontrassem antes que alguém o fizesse. Porque ele percebeu que sua alma não estava abalada por saber que ela tinha desaparecido. Estava vazia.

Ele se aproximou do telefone em sua mesa e pensou em Christy e todas as emoções que ela conseguiu provocar dentro dele. Emoções que ele não sabia que existiam até que ela subiu a entrada da mansão Chapman em seu Corvette emprestado. Claro, ele tinha entendido sentimentos como ódio, ganância e preconceito. Até mesmo a indiferença. Nunca se importou com o que alguém pensava dele. Mas o pensamento de que Christy o temia o suficiente para se arriscar a ir embora invocou uma dor no peito que ele não sentia desde o dia em que ele decidiu fugir da casa de seu tio há muitos anos. Mais cedo, ele tentou evitar o pensamento de que ela tinha ficado sob a sua pele. Poucas horas depois, ele já estava admitindo que ela também estava ocupando espaço em seu coração.

Ele pegou o telefone e notou o que estava apoiado nele. Um cheque em branco feito para Anthony Bear e assinado por Christy Chapman.

De repente, ele percebeu que o que ele realmente queria não tinha preço.

E o que ele realmente queria era Christy Chapman.

Ele girou e olhou para a janela do escritório. — Por que você correu, Princesa? Aonde você vai?

CAPÍTULO QUINZE

Naples, Flórida, 1978



Pressionando o acelerador, Christy chegou ao limite de seu pequeno carro e não parou de verificar o espelho retrovisor até que ela finalmente saiu da longa e sinuosa estrada que levava para o rancho solitário de Anthony. Ela calculou inconscientemente suas opções e supôs que a detetive Cochran colocou seu Rabbit branco em alerta. E era mais do que provável que Anthony fizesse a mesma coisa. Eles procurariam ao norte de Naples. Ela tomou uma decisão rápida e de última hora de pegar a Alley até a costa leste da Flórida. Ela sabia que seu banco tinha filiais lá. Ela passaria em um cabelereiro e loja de roupas, conseguiria um quarto de hotel e quando os bancos abrissem pela manhã, ela retiraria algum dinheiro. Ela abandonaria o carro e pegaria um táxi para um pequeno aeroporto privado amanhã. Uma vez lá, anonimamente, ela alugaria um jato. Ela estava certa de que a quantidade certa de dinheiro, paga ao piloto certo, garantiria sua privacidade. Ela não tinha certeza para onde ela iria, mas ela tinha uma hora e meia de carro pela Alley para pensar sobre isso.

Estava escuro, e ela estava agradecida que as nuvens carregadas que a ameaçavam na casa de Anthony não a tivessem seguido. Ela usou o tempo dirigindo para refletir sobre o homem que ela deixara para trás e sua decisão de deixar um cheque em branco assinado. Ela não sabia o quanto Van devia para o Anthony, mas ela secretamente esperava que houvesse o suficiente em sua conta para cobrir. Ela não queria que Anthony viesse atrás dela. Pelo menos era o que dizia a si mesma.

Ela ligou o rádio e franziu a testa quando ouviu The Bee Gees*, How Deep Is Your Love*. Ela trocou a estação e *Heard It in a Love Song* flutuou através dos alto-falantes. *Não estou com vontade de ouvir músicas de amor!* Ela gritou em sua cabeça. Ela passou por mais três estações rejeitando cada uma antes de, finalmente, decidir tentar a estação de música antiga favorita dela. *Stop! In the Name of Love* tinha acabado de tocar e foi imediatamente seguida por Paul Revere & Raiders, *Indian Reservation*.

— Sério? — ela se perguntou em voz alta olhando para o céu. Desligou o rádio, tentou se concentrar na estrada e bloqueou qualquer pensamento do homem cujos olhos escuros a assombravam. O homem que ela tentou aplacar com um cheque em branco. O homem cujo olhar rivalizava com as nuvens ameaçadoras das quais ela escapara. O homem que segurou seu corpo febril em um banho frio. Que a levou a ver seu sobrinho recém-nascido e almoçou com sua família extensa. Que a levou à sepultura de Abby.

Ela se indignou quando lembrou que ele estava protegendo seu investimento. Ele era um assassino que fazia o que precisava. Ela não era nada além de outro trabalho para ele. Ela sabia que era verdade, mas não podia negar que um desejo em sua alma, por um milésimo de segundo, a convenceu que ela tinha visto algo em seus olhos, sugerindo que poderia ser mais. Afastou a ideia ridícula, pegou a fita Fleetwood Mac, enfiou no tocador e aumentou o volume. *Over My Head* explodiu através dos alto-falantes. *Sim, eu estou*[3]*,* pensou enquanto atravessava a noite escura.

Não foi até que ela estivesse a cerca de trinta quilômetros de sair da Alligator Alley que notou a luz do combustível. Ela estava baixa, mas estava certa de que conseguiria. Tinha que haver um posto de gasolina no final da Alley. Ela ficou mais do que desapontada ao descobrir que estava

[3] Fazendo referência à música "Over my Head", expressão que, entre outros, significa: complicado, confuso, além da capacidade.

errada e uma pequena sensação de pânico começou a surgir. Estava escuro e não havia um farol à vista. Respirando calmamente, ela disse a si mesma que dirigiria o mais longe possível, caminharia ou chegaria no posto de gasolina mais próximo e pegaria uma carona de volta ao carro, ou ao hotel.

O pequeno carro andou o máximo que pôde e ela estacionou no acostamento quando finalmente ficou sem gasolina. Ela reuniu seus poucos pertences, trancou o carro e começou a andar. Dois carros passaram por ela e ela estendeu o polegar para pedir carona, rezando para que não fosse com a pessoa errada, mas nenhum parou. Estava tão escuro agora que a noite parecia fechar-se ao redor dela, trazendo consigo medo e dúvidas sobre sua decisão precipitada de fugir. Nunca foi de desistir e ficar sem opção, ela continuou.

Em menos de três quilômetros, ela encontrou um velho motel. Ficava do lado oposto da estrada e mesmo que o sinal não estivesse iluminado, ela podia ver que havia quartos com luzes acesas. *Provavelmente desligam a luz do letreiro quando estão lotados,* ela pensou consigo mesma. Ela atravessou a estrada e aproximou-se da entrada com um passo mais leve. Ela pediria para usar um telefone, chamar um táxi e estar a caminho. Ela foi encorajada quando ouviu risos e música e viu uma fogueira. Soltando um suspiro de alívio por ter encontrado o que parecia um pessoal se divertindo, ela caminhou um pouco mais rápido, grata por ter encontrado o Glades Motel.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Fort Lauderdale, Flórida, 1978



Moe sentou em seu lugar habitual em frente à fogueira no Glades Motel e olhou para ela, ignorando os palavrões obscenos que estavam sendo trocados pelos homens que rodeavam o fogo. Ela estava secretamente grata de que ninguém tivesse pedido sexo para ela hoje à noite. Pelo menos ainda não tinham. Ela queria, precisava chafurdar sozinha em sua dor. Fazia quase duas semanas que Kit, a esposa de Grizz, tinha sido brutalmente atacada. Moe sentiu o peso da ira de Grizz quando descobriu-se que os cães que ele usava para a proteção de Kit estavam trancados no quarto de Moe aquela noite. Lentamente, ela ergueu a cabeça e se concentrou no número quatro que estava exibido no apartamento de Grizz e Kit. Sua culpa era esmagadora, especialmente porque ela guardava um enorme segredo. Um que ela sabia que lhe custaria a vida se Grizz descobrisse.

Urros e grito quebraram o feitiço, ela olhou e viu uma mulher loira baixa se aproximando com cuidado do grupo. Era uma pequena multidão, apenas quatro ou cinco homens, e Moe não gostava deles. Havia apenas alguns regulares com os quais se sentia segura, mas nenhum deles estava por perto. Grunt tinha se mudado e vivia com sua namorada em um condomínio na praia. Chowder levou Chicky para tomar algumas bebidas e jogar sinuca em um dos bares que Grizz possuía, o Razor's. Fess estava fora da cidade em uma conferência de ensino. Blue estava em casa jantando com sua família. Grizz e Kit estavam no quarto. Grizz não saía de perto da Kit há duas semanas.

Moe olhou para a mulher e imediatamente soube que ela tinha entrado no Motel Glades por acidente. Provavelmente, era uma motorista perdida ou uma "caroneira" que tinha ficado por ali. Moe reconheceu o olhar de pânico no rosto da mulher quando notou as motocicletas e o logotipo em uma das jaquetas de couro que estava na parte de trás de uma cadeira de gramado. O logo o identificava como um dos clubes de motocicletas mais mortíferos do sul da Flórida. As cadeiras estavam ao acaso ao redor da fogueira, que os habituais chamavam de poço. Moe viu o pânico se transformar em terror quando a loira percebeu que ela entrou diretamente em uma cova de ladrões, assassinos e estupradores. E ela era o próximo alvo.

Moe saltou e correu para o número quatro. Ela entrou sem bater. Grizz, que estava sentado na mesa de centro com as costas para ela, virou-se e franziu a testa para a interrupção.

— Eu não preciso de mimos, Grizz. Estou bem. O sofá é confortável, e eu quero fazer uma pequena leitura e assistir ao show. Se eu precisar de algo, eu posso pegar sozinha. — a voz suave e doce do kit fez com que os interiores de Moe retorcessem. Especialmente quando ela olhou em torno de Grizz e perguntou: — Moe, você está bem? Você precisa de algo?

Moe não conseguia entender por que a mulher que quase morreu estava perguntando se *ela* precisava de alguma coisa. Sua culpa pesava muito, e se ela pudesse se colocar no lugar de Kit ou inverter o que aconteceu há duas semanas, ela faria com prazer. Era tarde demais para mudar isso, mas ela podia fazer algo para ajudar a pobre, que, provavelmente, já estava tendo as roupas arrancadas. Ela só podia esperar que Grizz se importasse.

Ela correu para ele e puxou seu braço enorme e tatuado.

— Moe precisa de você, Grizz. — disse Kit quando começou a se levantar.

— Você fica aí. — ele disse a sua esposa se levantando. — E quando eu voltar, você vai tomar remédio para dor. Eu vejo no seu rosto, Kitten. Você ainda está dolorida.

O golpe na cabeça de Christy foi esmagador. Um medo gelado quase a paralisou. Ela seria atacada. Ela seria estuprada. Provavelmente até assassinada. Ela se virou e saiu correndo para a rodovia, mas um homem a alcançou como um raio. Ele agarrou-a bruscamente pelo braço e depois a girou e tentou enfiar a língua em sua garganta agarrando sua nuca com força. Ele usou a outra mão para apertar seu seio esquerdo violentamente. Ela soltou um grito quando o aperto tornou-se algo como a morte e ela sentiu sua camisa sendo rasgada. A respiração dele rançosa a fez querer vomitar. Ela estava tendo milhares de pensamentos de uma só vez e nenhum deles estava conseguindo formular um plano de fuga.

A memória voltou à sua mente. Tardes de tempestade eram uma ocorrência diária no verão. Litzy falou para ela que se ela contasse o tempo entre avistar o relâmpago e o som do trovão, ela podia dizer o quão longe a tempestade estava e quando o tempo ficasse maior, significava que a tempestade estava se afastando. Infelizmente, Christy não podia ver o raio de dentro do armário, então Litzy ensinou-lhe um trecho da Bíblia para ajudar a acalmar seus medos. Christy deve ter dito milhares de vezes em sua juventude, e repetia em sua mente agora.

— Porque Deus não nos deu um espírito de medo, mas de poder, de amor e de uma mente sã. Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor...

Ele repetia como um mantra em sua mente, enquanto as lembranças mais felizes da sua infância, manhãs de domingo na igreja com Litzy, tomavam conta da sua cabeça. Isso mudou um pouco antes de seu décimo terceiro aniversário. Depois de voltar de um cruzeiro com a família, aos doze anos de idade, Christy falou para Litzy que Deus não

existia e ela nunca mais pôs os pés dentro de uma igreja novamente. Christy decidiu dar ao Deus de Litzy outra chance.

Ajuda-me, Deus, ela gritava em sua cabeça. Ela não conseguia pronunciar as palavras. *Mostre-me um caminho para sair desta.*

— ... uma mente sã... uma mente sã... uma mente sã. — *Dê-me uma mente sã. Ajuda-me a pensar,* seu cérebro gritava enquanto seus punhos estavam contra o peito do homem que a atacava, sem fazer nada para impedi-lo.

Em um instante, visões do rosto bonito de Anthony vieram à sua mente. Ela lembrou da covinha profunda que ela notou pela primeira vez, menos de duas horas atrás. Ela então imaginou que seu sorriso desaparecia e lembrava-se da careta feroz que ela pensou que podia murchar uma violeta, e ela tentou pronunciar as únicas palavras que conseguia pensar. Ambas a salvariam. Ou selariam seu destino.

Antes que ela pudesse falar, o homem deu um golpe duro no seu rosto fazendo-a tropeçar para trás. Ela sentiu o sangue jorrar de seu nariz e se equilibrou antes de cair. Ela se virou para correr, mas sentiu a dor no couro cabeludo quando foi puxada para trás com dureza. Seu corpo inteiro foi girado e ela foi forçada a ficar de joelhos.

— Anthony Bear. — ela conseguiu dizer com esforço, enquanto a criatura nojenta que tinha cuspido no rosto dela parou de desabotoar o cinto e olhou para ela.

Sua expressão mudou instantaneamente de mal puro para preocupação. Ele olhou de um lado para o outro, tentando avaliar se havia algum perigo imediato. Ele puxou a barba imunda como se não estivesse muito seguro de si mesmo.

Christy observou-o enquanto as lágrimas de suas bochechas se misturavam com o sangue escorrendo pelo nariz. Ela as limpou e notou

quando seu rosto mudou novamente. De repente, seus olhos se arregalaram e foi puxada rudemente pelo pescoço.

— Carney, quanto dinheiro você acha que consigo se você continuar a bater nela? — uma voz profunda perguntou.

Christy olhou lentamente para cima, para onde a voz tinha vindo, e começou a tremer ao fitar os mais fascinantes olhos verdes que já tinha visto. A luz do fogo lançava um brilho perfeito, e a frieza e brutalidade que ela viu neles fez surgir uma impotência que ela nunca tinha sentido antes. Ela sentiu alguém agarrá-la pelo braço e ajudá-la a levantar. Era o menino que ela tinha visto sentado junto ao fogo quando se aproximou. Ela levou uma fração de segundo para perceber mais de perto que não era um rapaz que tinha fugido. Era uma mulher.

— Ah, eu não pensei nisso. Eu estava apenas me divertindo. — Carney respondeu, arranhando bochecha nervosamente.

—Moe, leve-a ao seu quarto e acalme-a. Limpe-a — disse o homem que interrompeu o estupro. Ele olhou para o rosto sangrento de Christy, a camisa rasgada e as marcas de arranhões no braço, onde Carney a pegou muito grosseiramente. — Dê uma das suas camisetas para ela e leve-a para o número quatro.

Christy ouviu as motos ligarem e viu seu agressor dirigindo-se para elas.

— Você não, Carney. — o homem com os olhos verdes penetrantes e longos cabelos loiros mandou.

Carney começou a se encolher, preocupado por estar com problemas, quando seu líder disse: — Espere um pouco. Tenho um trabalho especial para você.

— Claro. — disse Carney e estufou o peito. Ele nunca tinha sido designado para algo antes, e estava certo de que sua posição na gangue

acabara de ser elevada - se a mulher loira valesse um pouco de dinheiro. Ele se dirigiu para o outro lado da fogueira e sentou-se em uma das cadeiras do gramado e observou Grizz, Moe e a loira irem para o motel.

— Você é Christy Chapman? — o grande homem perguntou em voz baixa enquanto se afastavam do poço.

— Sim. — ela soluçou. — Como você sabe? — a dedução instantânea de que tinha saltado da frigideira para o fogo fez seu peito se apertar; e se ele fosse um dos outros agiotas que estavam procurando por ela? Ela nunca considerou que Van estivesse com problemas com alguém nesta costa. Ela ia falar para o homem enorme que podia pagar o próprio resgate, quando ele disse: — Não tenha medo.

— Você... você não pedir para Anthony pagar um resgate por mim? — ela gaguejou. — Ou Van? — ela disse suavemente.

Ele não pareceu surpreso com a pergunta incomum e não respondeu ao olhar ao redor. — Como você chegou aqui?

— Meu carro ficou sem gasolina depois que eu saí da Alley. Eu vim andando.

Ele ficou em silêncio no início. Ele balançou a cabeça e continuou indo em direção à unidade de número quatro. — Você está segura aqui. — disse para Christy.

Assim que Grizz entrou pela porta, Kit perguntou: — O que era tão urgente? — ela se mudou para uma posição sentada no sofá. Grizz não ia contar para a sua esposa que uma mulher quase havia sido estuprada. Especialmente depois do que ela tinha passado há apenas duas semanas.

— Uma mulher ficou sem gasolina depois de pegar a Alley. Ela começou a andar, e você sabe como está escuro lá fora. Ela tropeçou e bateu o rosto. Ela caminhou até o motel com o nariz sangrando e Moe

achou que tinha sido um acidente. Ela está ajudando-a a se limpar. Eu falei para a Moe trazê-la para cá ao terminar. Espero que você não se importe, baby. Eu não achei que você ia querer que ela ficasse no poço com os caras. — disse ele na esperança de acabar com a curiosidade da esposa.

Os olhos de Kit se arregalaram. — Oh, pobre mulher. Claro que ela é bem-vinda para ficar aqui com a gente. Ela tem para quem ligar?

Ele não estava pronto para compartilhar todos os detalhes com Kit sobre Christy Chapman. Anthony tinha ligado para o Grizz na noite anterior e explicado que Van Chapman tinha saído da cidade, e que Anthony e outros agiotas estavam atrás dele. Ele também explicou que estava com a enteada de Chapman pelo resgate. Ele pediu para Grizz colocar uns espiões na rua para ver se alguém sabia o paradeiro de Chapman, e se certificar que Grizz não era um dos agiotas na pista do Chapman. Grizz assegurou que não tinha negócios com Chapman. Além disso, ele estava muito ocupado procurando o agressor de Kit. Quando Grizz ouviu a mulher assustada falar o nome de Anthony, ele soube imediatamente quem era.

Ele foi para o lado de sua esposa e colocou o cobertor gentilmente sobre ela. Acariciando seu rosto com as costas da mão, ele disse: — Sim, eu tenho um número. Vou mandar um page por ela. — ele deu um beijo suave na sua testa, e perguntou se ela precisava de alguma coisa. Quando Kit pediu-lhe para desligar a TV para que ela pudesse ler, Grizz fez isso. Depois de usar o telefone, ele voltou lá para fora.

Christy não conseguia parar de tremer. A mulher pequena de cabelo negro chamada Moe não disse uma palavra, enquanto gentilmente ajudava Christy tirar a camisa. Silenciosamente, ela foi até uma cômoda e pegou uma camiseta preta e entregou para ela. Moe deixou-a sozinha e se dirigiu para o banheiro. Christy aproveitou o momento para fazer a

varredura do cômodo. Sem telefone. Moe rapidamente voltou e entregou um pano quente para Christy.

Depois de limpar-se, Christy implorou: — Você pode me ajudar a arrumar um telefone? Ou talvez você possa me dar uma carona? Posso pagar. — então, ela percebeu que deve ter deixado a bolsa cair do lado de fora. Moe não disse nada. Ela pegou a toalha de Christy e jogou-a no banheiro. Depois fez um gesto para Christy segui-la para fora.

Após pegar a bolsa de Christy do chão, Grizz inclinou-se contra a parede e esperou que as mulheres saíssem. Ele ficou perto de sua unidade para o caso do telefone tocar. Ele mastigava um palito e olhava casualmente para o único homem deixado no poço. Grizz deixaria Anthony decidir o destino de Carney.

Ele se afastou lentamente da parede ao ouvir a porta de Moe abrir. Uma Christy Chapman trêmula, usando camiseta preta do AC / DC da Moe, aproximou-se dele com cautela. Moe seguia silenciosamente atrás. Sem dizer nada, ele entregou a bolsa que Christy tinha deixado cair. Ela agradeceu sem fazer contato visual.

— Eu vou levá-la para dentro e apresentá-la à minha esposa. Ela sofreu em um acidente há duas semanas. — ele mentiu. — Não diga nada que possa perturbá-la.

Christy olhou para cima e balançou a cabeça.

Ele abriu a porta e deu um passo para o lado para ambas as mulheres entrarem no quarto. Ele seguiu e fechou a porta atrás deles. Kit não estava no sofá; a única lembrança de que ela estava ali momentos antes era o seu cobertor e a Bíblia. Grizz apontou para um assento na outra extremidade do sofá, e Christy sentou-se. Moe virou a cadeira de Grizz e sentou-se, ficando de frente para o quarto.

Christy examinou a sala de estar pequena, mas elegantemente decorada e tentou imaginar a mulher que era casada com o homem monstruoso de olhos verdes. Ela conjurou a imagem de uma mulher cheia de tatuagem, dura, cabelo bagunçado e pele ruim. Seus pensamentos foram interrompidos quando o telefone tocou. Ela ouviu uma voz de mulher chamar de outro cômodo.

— Tem alguém aí fora?

— Pode deixar, baby. — ele disse, se levantou e foi para a pequena cozinha. Christy estava certa que detectou carinho em seu tom.

— Sim? — ele atendeu asperamente, e depois de um momento. — Eu tenho algo que te pertence.

Depois de desligar e voltar para a sala, Christy observou o cara grande se empoleirar em uma cadeira reclinável.

— Foi o Anthony quem ligou? — ela perguntou em voz baixa.

Ele assentiu.

— Então, você vai cobrar um resgate dele? — ela perguntou, quase sussurrando.

Antes que ele pudesse responder, eles foram interrompidos.

— Me desculpe, eu não estava aqui quando você chegou. Eu tive que usar o banheiro. Sou Kit.

A mandíbula de Christy quase bateu no peito quando uma mulher jovem e bonita de cabelos castanhos entrou na sala. Ela era o oposto total do que Christy tinha imaginado. Christy se levantou no momento que a mulher se aproximou dela, a mão direita dela estendida e um sorriso sincero. Era óbvio que ela tinha sofrido um acidente. Um acidente que fez um estrago em seu rosto. As contusões estavam desaparecendo, mas a quantidade de descoloração deixava óbvio que seus ferimentos foram

graves. Havia linhas vermelhas finas sobre o lábio e bochecha. *Ela deve ter tirado pontos recentemente,* pensou Christy. Havia gesso no pulso esquerdo.

— Sou Christy. — disse ela, com a voz um pouco instável.

— Nós precisamos colocar um pouco de gelo no seu rosto. — Kit disse a ela. — Seu nariz e bochecha estão inchados. E você já tem um galo gigante na testa. — continuou ela, estreitando os olhos como se sentisse a dor de Christy.

Kit virou-se para voltar para a cozinha quando Grizz levantou-se e agarrou seu braço. — Moe pode pegar. — ele disse à sua esposa, sua voz profunda ressoando por todo o pequeno cômodo.

— Eu posso pegar, Grizz. — ela falou para ele.

— Grizz? — Christy interrompeu com o tom perplexo. — Você é o Grizz?

— Vocês se conhecem? — Kit perguntou docemente enquanto Grizz a guiava para o sofá. Moe já estava indo para a cozinha.

Christy não deixou de notar a careta de dor quando Kit sentou-se na outra extremidade do sofá. Também não passou despercebido o olhar de ternura do Grizz quando ele se levantou e ajudou a esposa a arrumar o cobertor. Ele pegou a Bíblia dela e colocou-a sobre a mesa de centro.

— Não. Nunca nos vimos. — disse ela para Kit. — Eu ouvi Anthony mencionar o seu nome. — Grizz tinha se inclinado para colocar a Bíblia de Kit e olhou para cima encontrando os olhos de Christy. Assim como no quarto de hóspedes de Anthony, um acordo tácito se passou entre eles e Christy soube que não daria qualquer detalhe sobre sua situação com Anthony Bear.

— Você é amiga de Anthony? — Kit perguntou, seus olhos brilhando.

— Sim. — Christy disse com um sorriso tímido. A mulher estava tendo um efeito calmante sobre ela.

— Vejo que você é fã do AC / DC também. — Kit comentou.

Christy não sabia exatamente o que ela queria dizer, até que Kit acenou para sua camiseta e disse: — Moe ama AC / DC. Ela tem uma exatamente como esta.

Christy sabia que Grizz não tinha compartilhado com sua esposa que sua camisa tinha sido praticamente arrancada do corpo. Kit não sabia que ela estava usando a camiseta de Moe. Ela assentiu com a cabeça e sorriu para a mulher.

Grizz recostou-se na cadeira e Kit envolveu Christy Chapman em uma conversa. Ele ficou surpreso com o efeito calmante que a esposa teve sobre a mulher. Ele notou a linguagem corporal de Christy relaxar conforme Kit a tratava como uma amiga perdida há muito tempo. Ele ficou tão orgulhoso de Kit. Sua jovem esposa tinha sido espancada, estuprada e deixada para morrer há duas semanas, mas sua primeira preocupação era com a mulher que agora estava sentada em sua sala de estar. Ele tinha certeza que Christy estava cativada pela natureza amorosa e gentil de Kit, e tinha esquecido temporariamente as circunstâncias que a trouxeram ao Glades Motel e o que tinha acontecido bem à sua porta. Elas falaram sobre tudo, de Fleetwood Mac a Masterpiece Theater e ele teve que abafar um bocejo mais de uma vez. Em algum momento durante a próxima hora, Moe tomou para si a função de oferecer bebidas e lanches, logo depois de Grizz insistir que sua esposa tomasse algo para a dor.

Não demorou muito para que os batimentos cardíacos de Christy voltassem ao normal. Ela achou o gelo calmante, e muito agradecida aceitou a bebida que Moe ofereceu. Sentia-se calma e segura na presença

deste pequeno grupo. Ela tinha que admitir, era o grupo mais incomum que já conheceu, mas ela não se sentiu ameaçada e, sinceramente, gostou de falar com Kit. Ela notou que, embora Kit tenha se dirigido a Moe mais de uma vez, Moe nunca respondeu. Ela assentia com a cabeça ou balançava, mas não falava uma palavra. Christy teve dificuldade de conciliar o homem assustador que ela conheceu lá fora, com o homem que agora olhava para sua esposa com tanta ternura que quase causava uma dor no seu coração. Ela nunca se permitiu conhecer a sensação de ser olhada assim por um homem. Seu coração ansiava por algo que havia sido enterrado há muito tempo, mas seu cérebro não deixava consciência reconhecer. E quando acontecia, o impacto em seu coração era profundo. Amor. Ela queria ser amada.

Seus pensamentos vagaram enquanto tentava recuperar uma memória. Uma lembrança de ficar em braços grandes e fortes, enquanto palavras suaves de conforto que ela não reconhecia eram sussurradas em seu ouvido. Um sentimento de segurança ampla e total. Um lugar onde algo no fundo lhe dizia que ela pertencia.

Seus pensamentos foram interrompidos quando Grizz levantou abruptamente.

— Bear está aqui.

CAPÍTULO DEZESSETE

Naples e Forte Lauderdale, Flórida, 1978



Duas horas mais cedo

Depois de jogar o cheque em branco de Christy de volta na mesa, Anthony pegou o telefone e chamou Alexander.

— Eu não me importo se a polícia está procurando por ela. Eu não me importo sobre a mentira que inventamos para os outros agiotas. Eu quero que eles saibam que Christy Chapman é minha, e se alguém tocar em um fio de cabelo dela eu vou esfolar vivo. — disse Anthony com os dentes cerrados.

Ciente de que X espalharia a notícia, Anthony saiu e rapidamente trocou o pneu da caminhonete. Ele voltou ao escritório e se sentou à mesa. Ele pensou cuidadosamente sobre o próximo curso de ação. Ele queria estar lá fora procurando por Christy, mas também queria ficar perto do telefone. Ele sabia que a detetive Cochran já teria marcado o veículo de Christy e o possível destino. Anthony só podia esperar que seus homens encontrassem-na primeiro e quando o fizessem, não a assustassem. Eles tinham ordens explícitas para detê-la em silêncio e entrar em contato com ele ou X.

Seus olhos se dirigiram para o cheque em branco que ele tinha descuidadamente deixado de lado enquanto engoliu uma dor que se formou em sua garganta e fez o caminho até seu coração. Quando isso tinha se tornado sobre a mulher e não a enorme dívida que Van lhe

devia? A resposta era óbvia. No momento em que ela se ofereceu para pagar e ele recusou. O toque estridente do telefone interrompeu seus pensamentos e ele rapidamente pegou o receptor.

— Sim? — ele respondeu bruscamente.

Era a sua faxineira, Lourdes. Ela explicou que a cesariana agendada de sua neta tinha sido adiada e em vez de vir em alguns dias, ela queria saber se podia limpar a casa de Anthony mais tarde naquela noite. Ela pediu desculpas pela mudança de última hora. Seu primeiro instinto foi dizer a ela que nem precisava vir, mas ele teve uma ideia e falou que estava tudo bem. Ele podia precisar dela.

Dirigiu-se para o quarto dele e pegou a mala de Christy da cama. Ele também foi ao banheiro e pegou a escova de dente extra, a única evidência de que ele tinha um convidado. Dirigiu-se para o seu enorme closet e fechou a porta atrás dele. Depois de afastar algumas roupas para o lado, ele deparou-se com uma parede de painéis e utilizou um teclado para destrancar uma porta deslizante pesada. O ex-ocupante da casa tinha criado um quarto escondido. Ficava entre a suíte e o quarto de hóspedes, o que dava a ilusão de ser maior do que eles realmente eram, e a única maneira de acessá-lo era do seu armário. Anthony olhou para o cômodo pequeno, mas confortável. Na parede esquerda tinha uma cama de solteiro. Um telefone que estava ligado à mesma linha indetectável do quarto de hóspede e ficava em uma pequena mesa de cabeceira. A pia e o vaso sanitário eram no canto direito. A parede oposta à cama tinha um pequeno refrigerador sob o balcão com uma torradeira e vários monitores de televisão por toda a extensão da bancada. Com o toque de um botão, o ocupante do quarto podia monitorar a atividade dentro de casa e na propriedade. Havia prateleiras altas quanto o teto e elas abasteciam tudo, desde produtos enlatados, remédios e até papel higiênico, livros, revistas e artigos de higiene. A parede acima da cama abrigava todas as armas e as

munições que se podia imaginar. Ele jogou a mala de Christy, sua escova de dente e o cheque em branco na cama e voltou ao escritório.

Ele andou pelos próximos trinta minutos e só parou quando ouviu Lourdes chegar. Depois de agradecer a ele por deixá-la vir à noite, ele explicou que se juntaria em uma busca a uma amiga desaparecida. Ele também instruiu sua senhora da limpeza a permitir que qualquer um que aparecesse em busca da amiga olhasse pela casa. Suas sobrancelhas se juntaram com o comentário, e ela queria ter certeza de ter entendido corretamente.

— Certeza, Sr. Anthony? — ela questionou.

— Sim, eu tenho certeza. — ele disse a ela. — Não tenho nada a esconder. Se eles perguntarem se podem olhar em volta, deixe. Você pode ver por si mesma que ela não está aqui.

Ele já tinha escondido a única evidência que Christy esteve em sua casa e estava certo de que as habilidades de limpeza de Lourdes iriam remover qualquer outra. Claro, ele não achava que chegaria a isso. Se alguma coisa acontecesse, a detetive Cochran podia enviar alguém para ter certeza que ele não estava com ela. E se as outras pessoas que estavam à procura tivessem a coragem de aparecer em sua casa, que assim fosse. Quanto mais cedo ele silenciasse quaisquer rumores de que estavam juntos, melhor. Ficaria mais fácil dissuadir qualquer um de aparecer quando ele finalmente a trouxesse de volta. E ele tinha toda a intenção de trazer Christy Chapman de volta.

Ele esfregou a mão pelo rosto e se perguntou quanto tempo tinha passado. Seu pager tocou e, reconhecendo o número, imediatamente ligou para ele.

Aparentemente, Christy tinha, de alguma forma, acabado no Glades Motel. Ele chamou Alexander e disse onde encontrá-lo. Eles fariam uma viagem pela Alley.

Christy ficou surpresa que Grizz soubesse quando Anthony tinha chegado ao motel. Mesmo com sua audição supersônica ela não ouviu qualquer veículo. Porém, ela tinha tomado mais do que um golpe na cabeça nas últimas quarenta e oito horas. Talvez sua audição não estivesse tão boa quanto antes.

Duas batidas na porta e ela se abriu. A presença dominante de Anthony Bear pareceu engolir a sala enquanto olhava de Grizz para Kit, seus olhos finalmente desembarcando em Christy. Sua expressão passou de aliviada por saber que ela estava segura, para uma raiva intensa quando viu o inchaço na bochecha e no nariz. Grizz, que já estava de pé, fez sinal para Anthony voltar para fora. Ele não queria que Kit - que estava lutando desesperadamente contra o sono provocado pela medicação para dor - ficasse aborrecida com o que ele precisava dizer a Anthony.

Grizz fechou a porta atrás dele e apontou para o estacionamento do motel, para o poço, onde uma figura solitária estava sentada em uma cadeira de gramado na frente de uma fogueira quase apagada. O brilho vermelho brilhante do final de cigarro de Carney era visível.

— Aquele cara que fez isso com seu rosto? — Anthony perguntou e calmamente fez um gesto para o homem na cadeira do gramado.

Grizz assentiu. — Eu o parei, mas não o toquei. Não tinha certeza do que você queria que eu fizesse com ele, ou alguma coisa.

Anthony balançou a cabeça lentamente e falou para X sem olhar para ele: — Pegue meu facão na caminhonete e me encontre atrás do motel.

— Ela significa tanto para você? — Grizz perguntou.

— Sim, ela significa. — Anthony respondeu enquanto caminhava em direção a Carney.

Depois que Grizz e os homens caminharam para fora, Christy colocou o cabelo atrás da orelha e engoliu nervosamente. Ela olhou de Moe para Kit e disse: — Existe alguma maneira de você me ajudar?

Kit piscou para ela, incerta se tinha ouvido Christy direito. A medicação para dor estava começando a cobrar seu preço. Ela tentou sentar-se em linha reta, mas o esforço foi demais. — Ajudá-la? Como? — ela quase sussurrou.

— Você pode me ajudar a escapar? Me deixar ligar para alguém vir me buscar? — Christy mordeu o lábio como se estivesse pensando. — Oh, eu não sei o que estou pedindo. Eu estou tão confusa. — *Quem eu chamaria para vir me buscar?* ela pensou, sua mente confusa.

— Escapar de Anthony? — Kit perguntou grogue.

— Sim. — respondeu Christy. — Eu quero dizer, não!— ela soltou uma respiração profunda e tentou explicar. — Não é Anthony. É o meu padrasto, Van Chapman. Ele deve muito dinheiro às pessoas e eu estou em perigo. E se eu estou em perigo, estou colocando Anthony em perigo também. É melhor para todo mundo se eu simplesmente for embora. E eu posso pagar. Eu tenho dinheiro para...

As palavras dela morreram no meio da frase quando Grizz abriu a porta e entrou.

— Bear estará com você em poucos minutos. — disse Grizz.

Christy levantou-se e pediu para usar o banheiro.

— Do outro lado do quarto. — disse Grizz, apontando nessa direção.

Ignorando Kit e os olhares de Moe, Christy foi para o banheiro. Uma vez dentro, ela fechou a porta atrás dela e acendeu a

luz. Ela olhou no espelho e viu seu reflexo, mal reconhecendo a mulher agredida que a olhou de volta. *O que eu estou fazendo?*

Seus pensamentos foram interrompidos pelo som de vozes masculinas. Ela olhou para o chuveiro e notou uma grande janela à esquerda. Era uma persiana, e estava aberta cerca de cinco centímetros. Ela reconheceu imediatamente a voz de Anthony. Caminhando para a janela, ela ficou na ponta dos pés para ver do lado de fora, mas era muito alta. Ela apertou sua bochecha contra o azulejo frio e escutou.

— Eu não ia estuprá-la. Eu juro que não! — um homem gritou.

Anthony estava de pé sobre o cara que ele tinha empurrado de joelhos. Lentamente, ele tirou a camisa e a jogou para X que a pegou com uma mão. Ele não tinha levado uma extra e não queria respingos de sangue em cima dele.

— Você ia. — Anthony disse calmamente.

— Mas eu não estuprei. — Carney respondeu com uma voz trêmula.

— Eu vi o que você fez com o rosto dela. Você devia estar me agradecendo por não ter feito a você o que eu deveria por tocá-la. Se eu tivesse mais tempo você imploraria para sair da sua miséria.

Sem compreender o comentário de Anthony e pensando que ele estava apenas dando uma reprimenda, o homem olhou cautelosamente para Anthony. — Obrigado? — foi a resposta estrangulada de Carney. Seu medo fez uma bola de catarro se alojar em sua garganta e ele mal podia falar sem engasgar.

— De nada. — foi tudo que Anthony disse.

Christy ouviu um som que ela não reconheceu. Pareceu uma lufada seguida segundos depois por respingos.

— Duas mortes em dois dias. Isso é quase um recorde para você, Bear. — X disse, o seu comentário respondendo as perguntas não foram feitas.

— Vai haver mais, se alguém tocar a minha mulher de novo. — Anthony disse ao jogar o facão no chão. Ele usou o pé para rolar o corpo de Carney em direção ao pântano onde sua cabeça tinha aterrado.

— Ela é sua mulher agora? — X perguntou e jogou a camisa para ele. Ele pegou o facão e mergulhou-o na água antes de secá-lo na perna da calça.

— Sim, ela é minha mulher agora. Certifique-se de que todo mundo saiba disso. — Anthony disse e vestiu a camisa.

— E quando isso aconteceu? — perguntou X, seu tom cheio de curiosidade e, sinceramente, de descrença.

— Esta manhã. — Anthony respondeu por cima do ombro enquanto se dirigia para a unidade quatro para pegar sua mulher.

Christy sabia que ela devia ter ficado chocada. Ela estava certa de que tinha ouvido um homem morrer e sabia que deveria estar abalada e assustada, mas ela nunca se sentiu mais segura na vida. Não fazia sentido, mas sua exaustão a levou a se agarrar a isso. Ela desligou a luz do banheiro e voltou para a pequena sala de estar. Grizz levantou quando ela se aproximou. Segundos depois, a porta se abriu e Anthony entrou a passos largos. Ele não disse nada, apenas estendeu a mão para Christy. Ela começou a caminhar e acabou em uma corrida, jogando-se em seus enormes braços. Ele segurou-a firmemente enquanto olhava por cima da sua cabeça para Grizz, e, em seguida, para Kit.

— Obrigado por cuidar dela. X vai levar seu carro de volta para Naples. Estarei em contato. — disse ele, e saiu antes que alguém pudesse responder.

Moe sabia que era hora de ir e ela seguiu Anthony e Christy para fora da porta.

Grizz caminhou em direção a sua esposa, que estava meio adormecida.

— Há muito mais acontecendo aqui do que o que você me disse. — ela comentou quando ele a puxou para uma posição ereta.

— Eu sei, Kitten. Eu vou te contar amanhã. Você precisa dormir um pouco. — ele sorriu.

— E eu quero que você me conte tudo. — acrescentou ela, abafando um bocejo.

— Eu vou, baby. — ele disse, pegou sua mão e levou-a de volta para o quarto.

Ele colocou-a na cama e se abaixou para beijar sua testa quando ela lhe fez uma pergunta.

— Cozido, grelhado, refogado, assado na brasa?

— Huh? Você está sonhando, Kit? — ele calmamente perguntou a ela.

— Não, eu estou querendo saber como você quer que seu sapato seja cozido? — sua voz estava sonolenta, mas brincalhona.

— Meu sapato? — ele perguntou, ao se sentar ao lado dela na beirada da cama. Seu enorme peso a fez rolar na direção dele.

— Quando eu fugi de você alguns anos atrás e você alertou Anthony que eu poderia pegar a Alley. — suas palavras começaram a calúnia. — Eu perguntei para você o que teria acontecido comigo se ele me encontrasse, e você me disse que teria me devolvido para você. Você também disse que

faria a mesma coisa por ele, mas nunca chegaria a isso. Você se lembra dessa conversa? — ela perguntou, grogue.

— Sim. — ele respondeu um pouco rápido demais. — Não, não realmente. — admitiu.

— Você me disse que se Anthony se apaixonasse você comeria seu sapato. Eu estou querendo saber como você deseja que ele seja servido?

— O que faz você pensar que Anthony está apaixonado, Kitten? — ele perguntou, a voz suave.

— Eu pude ver no rosto dele. — disse ela, os olhos fechados, embora ela estivesse sorrindo. — Ele olhou para Christy da mesma maneira que você olha para mim.

CAPÍTULO DEZOITO

Naples, Flórida, 1978



Depois de deixar o X e um galão de gasolina no carro abandonado de Christy, Anthony voltou para a costa oeste da Flórida.

— Você tem certeza que está bem? — ele perguntou ao lançar um olhar hesitante para Christy. Ela estava pressionada na porta do passageiro. Estava abraçando os joelhos contra o peito, e olhando pela janela lateral. Ela olhou para ele e o viu endurecer com a visão de seu rosto machucado e inchado. *Ou era algo mais?* Ela pensou.

— Você está com raiva de mim. — ela disse, e observou o aperto não tão sutil de sua mandíbula.

Ele olhou para ela e seu rosto imediatamente endureceu. — Sim, Christy. Eu estou louco. Fugir foi estúpido. Eu não posso nem pensar sobre o que teria acontecido com você se Grizz não estivesse no motel.

Seus olhos se arregalaram e ela engoliu em seco. — Eu ouvi o que você falou para o Alexander no telefone. Sobre matar pessoas. — disse ela suavemente. — Depois de conseguir entrar em contato com Valerie para ajudar na localização de Van, minha imaginação levou o melhor de mim. Eu sinto muito por não confiar em você, Anthony.

O rosto dele se suavizou em reação às suas palavras, e ela acrescentou: — Eu estava no banheiro do motel. Eu ouvi o que aconteceu lá atrás.

— E? — ele perguntou, olhando para a estrada e depois de novo para ela.

— E não importa. — a voz dela era quase um sussurro.

— Você não me respondeu antes. — disse ele. — Você está bem? Fisicamente?

— Eu estaria mentindo se não dissesse que tudo dói e eu sinto que eu poderia dormir por um ano. — ela deu um pequeno sorriso.

Ele estendeu o braço. — Venha aqui, Princesa.

Ela soltou o cinto de segurança e lentamente deslizou em direção a ele. Ele a puxou para perto e beijou o topo da cabeça dela. Ela escondeu o rosto na lateral dele e desabafou em soluços pesados e angustiantes. Ele deixou-a chorar e acariciou seu cabelo suavemente. Ela passou por muita coisa nos últimos dois dias, tinha que estar tanto física quanto mentalmente desgastada. Ele nunca tinha se sentido tão protetor em relação a alguém, desde a ligação com Nisha anos atrás. E como Nisha, Christy era forte e mal-humorada e, provavelmente, se protegeria ou morreria tentando. Era uma qualidade que ele admirava e respeitava. Era também uma responsabilidade que ele queria tomar para si.

Depois que ela se recompôs, ela olhou para o lado do seu rosto e fez uma pergunta. — Você pode me fazer um favor? — antes que ele pudesse responder, ela acrescentou: — Você pode parar de me chamar de princesa?

— Por quê?

— Porque você costumava dizer isso com tanto desprezo que seu lábio curvava. Eu sei que você não fala assim agora, mas acho que ainda me incomoda um pouco. — ela admitiu.

Ele não respondeu de imediato. — Tudo bem, então. — ele disse suavemente. — De agora em diante, vou tentar não te chamar disso, mas eu não posso prometer que não vai escorregar de vez em quando. Justo?

Ela assentiu com a cabeça. Um estalo de relâmpago iluminou o céu e Christy deu um grito e se aconchegou mais ao seu lado.

— Outro fato estranho. — ela disse, sua voz soando abafada contra sua camisa. — Morro de medo de tempestades. — *E, aparentemente, nenhum pouco abalada por saber que o homem por quem acho que estou me apaixonando acabou de assassinar um homem bem debaixo do meu nariz.*

Com a mão esquerda ao volante, ele desajeitadamente desengatou o abraço e levantou o queixo dela até seu rosto. — Você nunca mais vai precisar ter medo de nada, Christy. Nunca.

Ela olhou nos olhos dele e antes de ele olhar de novo para a estrada viu que ela acenou sutilmente. — Durma, baby. — ele disse. — Nós temos mais uma hora.

Ela deitou a cabeça com cautela em sua coxa direita e momentos depois ele reconheceu a respiração de alguém que tinha caído em um sono profundo e instantâneo.

— Outro fato estranho. — ele sussurrou para ninguém. Ele olhou para seu cabelo loiro branco sedoso, para os seus seios suaves levantando quando ela inspirava e expirava com estabilidade, e a curva suave do seu pescoço, que subia para encontrar sua mandíbula perfeita. — Eu nunca me apaixonei. — *Até agora*. Ele ligou o rádio e depois de procurar pelas estações, ele deixou em *Already Gone*, dos The Eagles. *Afinal de contas,* ele disse a si mesmo, eu estou começando a pensar que é verdade.

Anthony viu a Lourdes trancando a porta da frente quando parou na garagem. X já o havia alcançado quando ele saiu da Alley. Anthony pressionou o controle do portão da garagem e uma das três portas abriu silenciosamente. Depois de estacionar o carro de Christy, X foi em direção à caminhonete. Anthony despertou Christy do sono e eles passaram pela Lourdes, ele estava ansioso para colocá-la para dormir no quarto. — Volto em breve. — disse a uma Christy exausta e cansada.

— Eu recebi alguma visita? — Anthony perguntou à mulher que estava lá observando quando ele fechou a porta de Christy. X tinha ido até eles e estava de braços cruzados.

— Sim, Sr. Anthony. Várias.

As sobrancelhas dele franziram.

— A polícia veio com um papel, mas eu disse a eles que não precisavam de um. Eles poderiam olhar tudo o que quisessem. Eles me mostraram a foto da menina bonita. Eu falei que ela devia ser a amiga que você disse que estava desaparecida e que você estava fora procurando por ela.

Anthony assentiu com aprovação.

— Os outros homens, eles não trouxeram papel. Eles insistiram em falar com você e não acreditaram em mim quando eu disse que você não estava aqui. Eles disseram que trabalhavam para o pai da menina e achavam que você pode estar com a filha dele, ou saber onde ela estava. Mais uma vez, eles mostraram uma foto e de novo eu falei que você estava tentando encontrá-la. — ela conseguiu dizer com seu inglês ruim.

Anthony e X trocaram olhares. — Você tem certeza que eles disseram que trabalhavam para o pai dela? — Anthony perguntou para Lourdes.

Ela assentiu com a cabeça.

— Sim, e eles olharam em volta também, mas como eu disse aos outros, ninguém está aqui e eu nunca vi a menina bonita antes.

Ela olhou para o Anthony que dizia que entendia que se acontecesse de alguém perguntar novamente, ela deveria negar ter visto Christy.

— E, eu preparei algumas coisas se você quiser comer. Estão na geladeira e freezer.

Depois que Anthony agradeceu e pagou, Lourdes começou a se afastar e se virou. — Sr. Anthony, eu sei que não é da minha conta, mas o rosto da menina bonita... — ela fez uma pausa e olhou para longe.

— Eu estou cuidando dela, Lourdes. Ninguém vai machucá-la de novo. — ele disse a ela.

— Eu sabia que você ia fazer a coisa certa, Sr. Anthony. Eu sabia que você iria. É hora de você se acomodar. Ela seria uma boa, sim?

— Você é uma romântica, Lourdes. — Anthony respondeu.

— Ah, mas você também, Sr. Anthony. Você também. Simplesmente não sabe disso.

CAPÍTULO DEZENOVE

Naples, Flórida, 1978



Depois de se despedir de X, Anthony encontrou Christy desmaiada em cima da colcha. Ele pegou um cobertor e a cobriu. Deitou-se ao lado dela, mas o sono não veio. Olhou para o relógio digital em seu criado-mudo, eram quase quatro horas e ele percebeu outra tempestade quando um estrondo baixo de trovão a anunciou. Ela se mexeu e avançou na direção dele como se estivesse, inconscientemente, buscando calor e segurança. Ele estendeu o braço e puxou-a para perto. Ela murmurou algo em seu peito e a mão dela se apoiou na sua barriga. Ele prendeu a respiração, sabendo que ela estava dormindo, mas o pensamento da sua mão descendo causou uma dor muito familiar na virilha. Uma que ele precisaria aliviar em breve.

A inquietação dele levou sua mente a vagar por caminhos desconhecidos. Ele realmente estava desenvolvendo sentimentos pela mulher cuja mão estava sobre a sua barriga, ou era outra coisa? Algo carnal? Estava confundindo desejo físico com emocional e dez minutos com uma mulher dariam uma resposta? Ele sabia que ele estava com tesão e estava há muito tempo sem companhia feminina, mas tinha dificuldade em acreditar que pudesse confundir desejo físico ou necessidade, com anseio verdadeiro e paixão. No entanto, ele nunca se importou com uma mulher antes. Como ele saberia a diferença? A mente dele era um emaranhado de confusão, misturado com um pouco de raiva por não entender os próprios sentimentos.

Ele sabia o que tinha que fazer. Ele pediria para X vir amanhã para ficar com Christy, e faria uma visita ao acampamento. Ele queimaria algumas da sua testosterona reprimida entre as pernas de Shasta, colocaria a cabeça no lugar e voltaria ao trabalho normalmente. Ele estava apenas com tesão. A acumulação de testosterona estava mexendo com sua cabeça.

Satisfeito com a nova revelação, ele sorriu e deixou escapar um longo suspiro, certo de que o sono chegaria. Mas não aconteceu, e às seis horas ele já tinha ligado para X voltar para sua casa. Ele o encontrou na porta com uma carranca, falou para X que Christy estava dormindo e ele voltaria em uma hora.

Ele se dirigiu para o acampamento e foi direto para o que era originalmente o escritório e cabine do administrador. Tinha todas as conveniências de uma casa pequena e, geralmente, era o lugar onde ele encontrava Shasta. Ele notou que várias motos estavam em frente de um dos alojamentos. Com esperança ele não precisaria arrastá-la da cama de outra pessoa. Ele entrou e ligou o interruptor de luz.

— Shasta? — ele gritou antes de ir para a suíte. Ela não estava lá. Ele se virou e foi para a pequena enfermaria. Ele pediu para Veronique montá-la para que os homens não precisassem ir a um hospital se eles ficassem feridos por causa da atividade criminal. Ela já tinha ido ao acampamento mais de uma vez para prestar socorro médico para o pessoal encrenqueiro dele. Ele se perguntava se ela iria continuar a aparecer, uma vez que ele parou de dormir com ela meses atrás. *Talvez,* pensou ele. Veronique já tinha se afastado, mas nunca conseguia resistir a um convite que a levasse de volta às boas graças de Anthony, e cuidar de seus homens, certamente, dava vantagem para ela.

Ele encontrou Shasta em uma cama dobrável. Ele a despertou e ela abriu os olhos e sorriu.

— Ei, Anthony, não vejo você há um tempo. — disse ela enquanto se sentou e balançou o cabelo.

— Minha irmã estava de visita. — ele disse, sem rodeios e olhou para ela. A percepção de que esta era uma má ideia caiu com um baque em seu cérebro.

Ela, imediatamente, se levantou e tirou a camiseta. Ela não estava usando calça e agora estava na frente dele, pronta para sair de sua calcinha preta. Ele olhou para ela de um jeito que a fez recuar, em dúvida sobre o que pensou que ele estivesse procurando.

— Estamos sem camisinhas. — a voz dela estava hesitante. — Dra. V não aparece há um tempo, mas eu posso agradá-lo de outra maneira. — ela olhou para sua virilha e passou a língua sobre os lábios lentamente. Ela se lembrava que Anthony sempre usava preservativo com as meninas, sem exceção. — Ou, eu posso ver se há alguma disponível no quarto. — ela ofereceu, apontando para a porta.

— Não. — ele respondeu asperamente e virou as costas para ela. *O que ele estava pensando?* Ele passou a mão pelo seu cabelo longo e zombou em voz alta. Havia apenas uma mulher com quem ele queria estar. Seja qual fosse o demônio, que tinha sussurrado em seu ouvido que ele só precisava queimar testosterona, era um mentiroso. Nunca haveria outra mulher para Anthony. A única que ele queria estava exatamente onde ele pretendia mantê-la.

Na casa dele. Em sua cama.

— Volte a dormir, Shasta. — ele disse quando saiu pela porta.

Ele voltou para casa e encontrou X sentado no sofá com uma xícara de café.

— Ela não se moveu. — X comentou.

— Eu não achei que fosse. — Anthony respondeu e se dirigiu para a cozinha. Ele voltou minutos depois com a própria caneca e se sentou na frente de X.

— O que está acontecendo com você, Bear? O que realmente está acontecendo? — X perguntou, se inclinou para frente e pôs a caneca na mesa de centro.

— Eu gostaria de saber, X.

— Eu sei que você foi ao acampamento para ver Shasta. — ele fez uma pausa. — Você me disse ontem à noite que Christy era sua mulher. — X apoiou os cotovelos sobre os joelhos e apertou as mãos na frente dele. — Você ainda se sente assim agora?

Anthony olhou para a parede atrás de Alexander e começou a acenar com a cabeça lentamente. — Sim. Sim, eu sinto.

— Eu acho que este é um divisor de águas em mais de uma maneira em nossa busca por Van.

— Sim e não. — Anthony disse, se endireitou e olhou para X.

— Eu ainda quero encontrar Van. Ele é responsável pela sua própria dívida, não Christy.

— De acordo. — X adicionou.

— Mas ela está sob minha proteção agora. Eu duvido seriamente que aqueles homens que Lourdes mencionou ontem à noite trabalhem para Van Chapman. Eu quero saber quem eles são.

X levantou e se espreguiçou. — Vou cuidar disso. — ele foi até a porta e parou. Ele se virou para olhar para Anthony e disse: — Eu sei que provavelmente você ainda não teve a oportunidade de verificar o tempo,

mas você pode querer saber que há uma tempestade no Golfo. Você pode precisar de abrigo por alguns dias. Não sei dizer com certeza se ela vai nos atingir, mas achei melhor avisar.

Anthony assentiu e se dirigiu para o escritório. Da janela, ele observou X ir embora. *Uma tempestade está se formando tudo bem,* ele pensou e coçou o queixo. Uma tempestade que tinha devastado completamente seu coração e perfurado sua alma.

Uma tempestade chamada Christy Chapman.

CAPÍTULO VINTE

Naples, Flórida, 1978



Christy se espreguiçou e deixou escapar um grande bocejo antes de abrir os olhos. Quando ela abriu, viu Anthony de pé perto dela sorrindo. Ele estava com uma toalha enrolada na cintura, e seu cabelo preto longo agarrava-se à sua pele. Seus olhos se arregalaram quando ela se sentou.

— Você dormiu quase o dia todo. — observou ele.

— Há quanto tempo você está parado aqui? — ela perguntou.

— Acabei de sair do chuveiro e me aproximei. — ele disse a ela.

Ela olhou para a toalha e, em seguida, para o seu rosto. — Hum... sim, dá pra notar. — ela desviou o olhar quando um rubor subiu em seu pescoço.

Anthony sabia o que ela estava pensando e ele já tinha considerado que precisaria levar as coisas devagar com ela. Ele caminhou em direção ao closet e pegou algumas roupas. Ao sair, ele falou para Christy, — O banheiro é todo seu, querida.

Um chuveiro quente e agradável e roupas limpas eram o que Christy precisava para se sentir humana novamente. Ela encontrou Anthony sentado à mesa. Ele olhou para cima, desviando a atenção do que estava fazendo, e admirou a vista. Ela estava de pé perto da porta, parecendo perfeita, mesmo com a testa machucada, nariz inchado e um olho parcialmente roxo. O cabelo dela estava molhado, atrás das orelhas e

uma mecha pairava sobre a testa. Ela não usava maquiagem, apenas minúsculos brincos de pérola. Uma blusa cor de pêssego casual com mangas três-quartos pendia bem acima do umbigo. Os jeans abraçavam os quadris e tinha um cinto com uma fivela em forma de coração de prata. Ela estava descalça e Anthony notou que as unhas dos pés estavam pintadas da mesma cor que a camisa. Ele engoliu em seco ao notar um anel brilhante em um de seus dedos. Ele nunca tinha visto um anel do dedo do pé antes e achou extremamente sexy.

Ele se levantou e se aproximou dela e notou que ela olhou timidamente para o chão.

— Está com fome? — ele perguntou a ela.

Ela olhou para cima e sorriu. — Sim, eu estou e aspirina seria útil também.

Ele caminhou com ela até a cozinha e abriu a geladeira. — A senhora da limpeza é uma excelente cozinheira e deixou algumas coisas quando esteve aqui ontem à noite. A dama escolhe. — ele anunciou, foi para trás e acenou com a mão na frente da porta aberta.

— Nenhuma sopa de galinha? — ela perguntou.

— Você gostou da sopa de galinha da minha irmã? — ele perguntou, incrédulo.

— Não, não realmente. — ela riu. — Eu só sei que não comi tudo e pareceu rude jogar fora.

— Não é. É tóxico e eu mal posso acreditar que você realmente comeu. — ele disse a ela.

— Eu tenho que admitir que me ocorreu que você pudesse ter tentado me envenenar com ela. — brincou ela.

Vinte minutos depois, ambos estavam na frente da pequena televisão que ficava na estante de mogno no escritório de Anthony e observavam o boletim meteorológico.

— Você acha que precisa tomar precauções específicas? — perguntou Christy. Havia uma grande preocupação em seus olhos.

— Não. Parece que vamos ser atingidos por níveis secundários quando ela passar pelo Golfo. Melhor palpite é que pode atingir o Texas. Nós teremos tempestade, mas, provavelmente, nada fora do comum. — ele notou sua expressão de alívio e ele estendeu a mão e acariciou gentilmente sua bochecha com o polegar. — Você está segura comigo, Christy. — afirmou, os olhos sérios.

Ela olhou para ele, e ao mesmo tempo, pegou sua mão. Ela fechou os olhos e esfregou a bochecha na enorme mão morena. — Eu sei. — ela disse em voz tão baixa que ele quase não a ouviu. — Você me disse isso mais de uma vez.

Ela sentiu a o corpo dele mexer e percebeu que ele tinha se virado para encará-la, e estava acariciando seu rosto com as duas mãos. Ela abriu os olhos e fitou olhos negros tão escuros que podia ver seu próprio reflexo. A expressão dela misturava ansiedade, curiosidade e um pouco de apreensão. Anthony sorriu, revelando uma covinha tão profunda e dentes tão brancos que ela não sabia se estava olhando para o rosto do mesmo homem que a amedrontou tanto três dias atrás. Três dias que pareciam uma vida.

Ele se inclinou lentamente na direção do rosto dela e beliscou seus lábios com carinho. Ela relaxou e gostou da brincadeira. Ele pôde sentir seu sorriso, e moveu a língua ao longo dos seus lábios, uma exploração tão leve, que fez cócegas. Ela abriu a boca ligeiramente, convidando-o para dentro. Seu beijo foi suave no início, mas se tornou mais apaixonado quando ela gemeu e colocou os braços ao redor da cintura dele. Ele soube

o momento em que ela sentiu sua necessidade, e ele se afastou. Ainda segurando o rosto dela nas mãos, ele reconheceu o alívio em seus olhos. Ela não estava pronta, e ele estava bem com isso.

— Hum... eu sinto muito, Anth... — ela começou a dizer com a voz trêmula.

— Não, não se desculpe. — ele soltou seu rosto e deu um passo para trás. Ele passou a mão pelo rosto e exalou alto. — Nós vamos levar lentamente. — ele falou com a voz rouca.

Ir devagar? Ele se perguntou. Por que ele faria isso? Obviamente a desejava, então por que ele estava disposto a esperar até que sentisse que ela estava pronta? *Porque você se importa,* a voz em sua cabeça lhe disse.

— Obrigada. — respondeu ela calmamente, sem encontrar seus olhos. O olhar dela pousou na parede atrás da mesa. Ele se virou para ver o que ela estava olhando. Ela ficou surpresa que não tivesse notado isso antes, e chocada com a implicação.

— Você acredita em Deus? — ela perguntou.

— Não. — ele disse a ela.

— Então por que você tem isso? — ela perguntou, olhando para ele com curiosidade. Ela não conseguia entender a razão pela qual estava pendurado na parede.

— Porque a minha irmã acredita. — ele disse a ela. — Ela me pediu para fazer isso por ela há alguns anos. Eu supus que ela fosse levar e achei pendurado aí depois que ela foi embora. — após um momento de hesitação, ele perguntou: — Você acredita? — alguns segundos se passaram. — Acredita em Deus?

Ela olhou para os pés, respondendo sem olhar para ele. — Eu não acreditei em Deus por muito tempo. — ela podia descontar a oração no

Glades Motel, já que estava convencida que Anthony a tinha salvo. Não Deus. Pelo menos isso é o que seu coração ferido e amargurado estava dizendo para ela.

— Você gosta? — ele perguntou, interrompendo seus pensamentos.

Ela teve a impressão que a voz dele soou esperançosa. Como se ele quisesse que ela gostasse. Precisasse que ela gostasse.

— Muito. — ela respondeu honestamente. — Você disse que sua irmã pediu para ficar com ele. Eu vi algo semelhante na sala de estar, mas acho que gosto mais deste.

A covinha estava de volta, mais profunda do que ela imaginou ser possível.

— Vamos lá. — ele disse a ela. — Eu vou te mostrar minha oficina. — ele levou-a para fora.

Uma hora depois eles estavam de volta à casa. A tempestade tinha desligado a energia, e eles estavam acomodados no sofá e cercado por velas. Anthony podia ter ligado o gerador, mas escolheu o ambiente calmo e sereno da luz de velas. Ele esticou as pernas e apoiou na mesa de centro e Christy aninhada ao seu lado. Por uma fração de segundo, deixou-se pensar sobre a mulher que tentou passar momentos assim com ele. Veronique. Ela era a única razão pela qual ele tinha velas em sua casa. Ela apareceu com elas, juntamente com noções românticas de banhos longos e luxuosos de espuma, jantar à luz de velas e camas cobertas de pétalas de rosas. Ele achou um disparate a ideia de passar algum tempo com Veronique que não fosse mergulhado em sexo básico, gutural, ou seja, não o agradou. Nem um pouco. E nem isso era atraente mais.

— Por que você odeia tanto Van? — Anthony deixou escapar.

Até agora, a conversa tinha sido leve e casual. Eles discutiram os eventos mundiais, política, música e até programas favoritos de

televisão. Ambos evitaram qualquer coisa muito pessoal. Mas Anthony decidiu que queria saber tudo sobre Christy Chapman. E Van parecia um bom lugar para começar. Afinal de contas, ele era a razão por que estavam juntos agora.

Ela se afastou e olhou para ele. — Por que você me odiava tanto?

— Touché. — respondeu ele, balançando a cabeça. — Você primeiro.

— Eu nem sempre odiei o Van. Eu nunca amei, mas eu não o odiava tanto. Ele não era o que você esperaria de um pai tradicional. Acho que eu nem saberia, mas tenho certeza que não era o que Richard e eu tivemos com Van e Vivian.

— Você sempre os chamou pelo primeiro nome? — ele questionou. Ele entendeu a observação sobre não entender a definição de paternidade tradicional. Ele só teve um vislumbre nos dois anos em que morou com o tio Robert, e tia Carolyn. E com a saúde em declínio da tia Carolyn, ele não tinha certeza se o jeito que viviam era considerado normal, mas foi o mais próximo que ele chegou.

— Não. Eu os chamava de mãe e pai até os doze anos. Mas, mesmo assim, Litzy era mais mãe para mim do que qualquer um deles. Van estava sempre fora, e Vivian sempre ausente.

— Qual é a diferença? — ele interrompeu.

— Eu raramente, ou nunca, via o Van. O máximo que eu passava com ele de uma vez eram as férias de família obrigatórias, que normalmente envolviam negócios. Acredite ou não, eu tenho algumas boas lembranças daquelas poucas viagens. Era uma rara oportunidade fingir que éramos normais. De qualquer forma, nós sempre passávamos as férias com outra família que Van conhecia através das conexões de negócios. Com relação à Vivian ser ausente, quero dizer, tanto emocionalmente, como fisicamente. Ela ficava trancada em seu quarto

por dias, e só deixava as empregadas entrarem para reabastecer seu bar privado e entregar seus medicamentos prescritos.

— Você não respondeu a minha pergunta original. — ele disse, inclinando a cabeça para o lado. — Quando eles deixaram de ser mamãe e papai?

Ela endureceu, colocou as pernas em baixo dela e sentou-se ereta. — Nós estávamos em um cruzeiro. As últimas férias que passamos como uma família. — ela desviou o olhar, incapaz de encontrar os olhos de Anthony. — Nós estávamos lá com outra família. Eles tinham uma filha de dezessete anos de idade. Lembro-me de ficar admirando-a e tentando impressioná-la. Ela era cinco anos mais velha do que eu, mas parecia tão madura e experiente. Eu queria ser como ela. Richard estava prestes a fazer dezenove anos, e só foi porque Van insistiu. Tivemos que encenar para a outra família que Van estava tentando impressionar.

Ela exalou alto e disse: — Para encurtar a história, eu derramei algo sobre mim e corri de volta para a cabana para me trocar, e encontrei o Van. Ele estava fazendo sexo com a filha do seu potencial parceiro de negócios.

— Estuprando-a? — perguntou Anthony, seu rosto uma carranca.

— Não. Ele não estava forçando-a. Ela estava em cima dele, completamente nua, com os olhos fechados. Claro, eu era jovem o suficiente para pensar que o olhar que eu vi em seu rosto era dor, mas eu imagino que não era. Ela estava gostando, e quando abriu os olhos e encontrou os meus, ela disse algo desagradável para mim.

Anthony assentiu em entendimento.

— Eu fiquei devastada e me lembro de ter desejado a minha mãe imediatamente. De repente eu entendi a dor de Vivian, e eu queria dizer a ela que entendia, e que eu poderia perdoá-la por ter me negligenciado. Eu

fantasiei que ela choraria, me agarraria e me diria como lamentava que ela estivesse enterrando suas mágoas em drogas e álcool. Quando olhava para ela no navio, eu tinha visões deles se divorciando, e Vivian, Litzy e eu morando juntos em nossa própria casa sem o Van. Richard já tinha se mudado e estava usufruindo do último voto de confiança. Seríamos apenas nós três vivendo felizes para sempre.

— Você contou para ela? — ele perguntou, em voz baixa.

— Sim. — Christy respondeu calmamente. — Eu a encontrei no salão de beleza. Esperei pacientemente que ela terminasse e quando estávamos no corredor, eu a cerquei e hesitei no começo, mas finalmente deixei escapar o que tinha visto. Esperei as lágrimas, o abraço, a união de nossas almas. — ela disse com amargura. — Mas o que eu recebi foi uma reprimenda por não bater antes de ir para a cabine e que era melhor eu manter o que eu vi para mim. O acordo de negócios era importante para Van e Bobbi Bowen.

— Ela sabia e não se importava. — disse Anthony. Era uma afirmação, não uma pergunta.

— Sim, ela sabia e eu descobri mais tarde que ela estava aliviada que Van tivesse um... — ela parou, procurando a palavra certa. — Um hobby. — ela zombou.

— Então, Van gosta de meninas jovens? — Anthony perguntou.

— Não necessariamente. — ela balançou a cabeça. — Houve alguns cujos pais ele teve que comprar, mas porque eram convenientes. Ele não as procurava propositadamente. Mas se estivessem ao alcance, definitivamente, ele investia. Eu sei que Litzy o evitou durante anos. Ele ainda estava atrás dela quando ela estava em seus vinte e tantos anos, quase trinta.

— Sinto muito. — disse ele, a puxou para perto e beijou o topo da cabeça dela. E ele percebeu que falou com sinceridade.

— Sua vez. — disse ela sem olhar para ele. — Por que você me odiou instantaneamente? E nem ouse negar. — ela repreendeu e sentou-se para olhar para ele.

Ele lhe deu um sorriso tímido. Ela estendeu a mão e pegou uma longa mecha de cabelo dele. Distraidamente, começou a trançá-lo enquanto ele falava. Ele contou sobre sua infância. A vida nômade que teve com seus pais, e como eles vagaram de Estado para Estado. Sobre seu pai nunca manter um emprego por muito tempo, e quando conseguia, ele geralmente estragava tudo por ficar bêbado e arruinar as coisas com o seu empregador. Ele contou como seu pai ensinou tudo o que havia para saber sobre carros e como ele se tornou um ladrão especialista antes da sua mãe morrer.

Ela ouviu quando ele deu detalhes tristes sobre sua vida antes da sua mãe e, eventualmente, seu pai morrer. Quando, finalmente, foi morar com os tios, encontrou a irmã, e sua decisão final de deixar sua única família e ir para o sul da Flórida.

— Mas a sua irmã. — ela interrompeu. — Você tinha acabado de descobrir que Nisha era sua irmã e mesmo assim a deixou. Você não ficou preocupado com ela? — perguntou ela, com os olhos azuis arregalados.

— Eu não fiquei preocupado com ela. Minha irmã é uma lutadora, e eu vi isso nos dois anos que passei na reserva. Além disso, eu sabia que acabaria por encontrar o meu caminho de volta para ela. — ele fez uma pausa e levantou o queixo dela com um dedo. — Ela é uma sobrevivente. Como você.

— Às vezes não temos escolha. — disse ela brincando com a trança dele, sem encontrar seus olhos. — A vida tem ganchos afiados e o rasga

em pedaços se você deixar. — ela olhou rapidamente de volta para ele e acrescentou: — Você ainda não respondeu a minha pergunta.

— Ah sim. Por que eu odiei você? Vamos apenas dizer que você sintetizou quase todas as mulheres de classe alta, esnobes, ricas de privilégios que eu já conheci.

— As mulheres brancas? — ela perguntou.

— Sim, eu não conheço muitas, se é que existem, mulheres ricas com pele escura.

— Elas eram tão horríveis? — ela perguntou curiosa.

Ele explicou da época em que trabalhou em uma equipe de paisagismo ao chegar a Miami e eles só atendiam ricos. Ele observou como elas negligenciavam os filhos, traíam os maridos, tomavam pílulas, e ostentavam riqueza e privilégio.

Ela virou a cabeça de um lado para o outro. — Tem que ter algo mais do que observar algumas esposas mimadas de longe.

— Sim, acho que tem.

Ela esperou com expectativa.

— Eu fui seduzido por mais de uma mulher. Eu não sei se a minha tenra idade, ou a cor da pele era uma novidade, mas isso não importava. Eu era uma criança excitada. Eu era convidado para entrar para matar um inseto, ou qualquer outra desculpa estúpida. — Ele riu, mas sem nenhum humor. — Eventualmente, tornou-se mais do que matar um inseto.

— E?

— E isso aconteceu mais vezes do que você pensa. — ele respondeu suavemente.

— Parece o sonho de todo garoto. — disse ela acusadoramente, mas sem perguntar.

— Era, Christy, mas percebi que também me fazia sentir importante. Você teria que entender como algumas das pessoas para quem meu pai trabalhou nos tratavam antes, para ao menos começar a entender como eu me senti validado pela forma como algumas dessas mulheres agiam comigo. Eu tinha algo que elas queriam, e algumas delas me fizeram pensar que se importavam comigo. Que eu era especial para elas.

— Até quê? — ela perguntou, temendo a resposta.

— Até que eu descobri que era tudo um jogo e a mulher com o maior número de pontos ganhava.

Ela balançou a cabeça, sem entender.

— Elas estavam jogando comigo. Havia três, todas amigas no mesmo bairro, que me convidavam para as suas camas. E elas computavam qualquer coisa. Acumulavam pontos por quantas vezes me faziam gozar, ou quantas vezes eu as fazia. Elas perdiam pontos se eu não fizesse sexo oral nelas. Tinham pontos extras se conseguissem me fazer tomar banho com elas.

— E você fazia tudo isso enquanto deveria estar cortando o gramado? — ela perguntou. — Os outros caras não percebiam que você estava, hum... faltando?

— Não. Porque era depois que eu trabalhava nas casas delas. Elas me diziam quando teriam a casa para si, ou indicavam qual hotel e o horário para encontrá-las. Elas me davam dinheiro extra para o táxi para chegar aos nossos encontros secretos.

— Então, o quê, Anthony? Elas usaram você. Eu entendo, mas e daí? Você me odiou por que algumas mulheres ricas estúpidas usaram você? — ela não conseguiu evitar o tom incrédulo.

Ele olhou para ela com dureza. — Você está certa. Transar em uma base regular não deveria ser um remédio difícil de tomar, especialmente para um adolescente que sonhava com sexo dia e noite. E quando eu descobri, eu não me importei tanto assim. Convenci-me de que eu as usava, e não o contrário. Eu me alegrei e percebi que eu poderia ficar no jogo até que uma novidade surgisse.

— Então por que a raiva e ódio se você virou o jogo emocionalmente? — perguntou Christy.

— Eu comecei a odiá-las quando notei que quando elas me encontravam trabalhando mesmo nas casas delas, agiam como se não me conhecessem. A raiva começou lentamente e foi selada quando uma delas me tratou rudemente na frente da filha. Eu estava na cama dela no dia anterior e cortando a grama no outro. A filha adolescente estava com amigos à beira da piscina e um deles me ofereceu um refrigerante. A mulher caminhou para fora e me disse que a mangueira de água estava do lado da casa se eu quisesse uma bebida. Eu achei que tivesse entendido errado e aceitei o refrigerante que foi oferecido. Ela me deu um olhar de nojo e apontou para a mangueira e disse: “Está bem ali, rapaz”. Arrancou a bebida da minha mão e voltou para a casa.

Ele riu amargamente. — Cerca de uma semana depois, eu estava trabalhando em uma casa e aconteceu da mesma mulher estar em uma festa na piscina ao lado. A mulher, dona da casa em que eu estava, começou a fazer um espetáculo comigo, e a mulher com quem eu tinha ido para a cama, Fran Burlingame, juntou-se. Eu a dispensei depois do incidente do refrigerante, então ela não perdeu a oportunidade de me humilhar.

— Burlingame. Eu conheço esse nome. — Christy falou. — Se é a família que estou pensando, um avô ou bisavô patenteou algum tipo de dispositivo médico. Não me lembro.

— Eu não sei de onde a riqueza dela saiu. Só que ela não a ganhou, ou merece. — Anthony respondeu apressadamente.

Christy assentiu compreensiva. — Você desprezou o fato de estar sendo usado porque você sentiu que estava usando-as também, mas você não suportou a falta de respeito. Elas nem chamavam o de Anthony. Chamavam de rapaz. — os olhos de Christy entristeceram.

— Sim. Eu realmente nunca pensei sobre o porquê, mas era exatamente isso, depois, eu comecei a procurar. E eu achei mais do que você pensa. Obviamente, não dormi com cada mulher, branca ou de outra cor que se aproximava, mas eu observei. Observei e muitas vezes fui desprezado por causa da minha raça. Eu tinha certeza de que você estava me olhando desse jeito no dia em que você me viu na sua entrada.

— Mas você estava errado, Anthony. Eu não estava te olhando com superioridade. Você me deixou nervosa e acho que eu estava tentando ser corajosa, mas entendo porque você achou que poderia ser outra coisa.

Ela estava olhando para o queixo, e, lentamente, levantou os olhos para encontrar os dele.

Ele viu a sinceridade neles e disse: — E você não sabe como estou feliz que estivesse errado sobre você, Owani.

Ela franziu o rosto. — Owani?

— Você me pediu para não chamá-lo de Princesa, então vou te chamar de Owani. — ele disse a ela.

— É uma palavra Cherokee? — perguntou ela com ar sonhador.

— Não. Nem é uma palavra de verdade. — ele riu. — Quando éramos crianças minha irmã inventou um jogo. Ela fez uma ficha com código e tudo. Ela não tinha nenhum amigo antes de eu aparecer, assim encontrava conforto no mundo da fantasia que ela criou. Owani é uma destas palavras.

Os olhos de Christy se arregalaram. — Significa princesa? — ela perguntou.

— Não. — respondeu ele.

Ela revirou os olhos, mas não de uma forma desrespeitosa. Estava sendo brincalhona. — Deixe-me adivinhar. É um mundo de fantasia e geralmente há bruxas, duendes, dragões e ogros em mundos de fantasia. Qual delas sou eu?

— Eu vou te dizer outra vez. — brincou ele. — Owani.

Ela sorriu e ele a puxou para um beijo quando o estalo de um raio a fez saltar.

— Para onde vamos a partir daqui? — ela perguntou, recuando para olhar para ele. Ela parecia preocupada.

Uma herdeira e um criminoso, ele pensou. Não é exatamente uma combinação celestial e que segue os padrões normais, isso só poderia terminar em desgraça.

— Vamos nos preocupar com isso amanhã. — disse ele e a puxou para perto. Ela deitou a cabeça no peito dele e sentiu o peso de seu queixo quando ele o descansou em seu templo.

Ambos acomodaram no calor do toque do outro, pensando secretamente em como seus mundos se cruzaram e quanto tempo passaria antes que algo, ou alguém, tentasse separá-los. A preocupação

tácita pairava no ar, e eles sabiam a resposta. Seria apenas questão de tempo.

CAPÍTULO VINTE E UM

Naples, Flórida, 1978



Vários dias passaram até que eles finalmente descobriram o paradeiro de Vivian e Van. Durante esse tempo, eles viveram uma existência bastante normal na casa de Anthony. Christy ficou surpresa quando ele a levou para um tour completo da casa, incluindo o seu quarto seguro. Ele a tinha deixado sozinha algumas vezes enquanto verificava suas empresas e o acampamento. Ele disse que esperava que ela fosse direto para o quarto seguro, se alguém se aproximasse da casa. Sem exceções. Ela se trancaria e mandaria uma mensagem no pager dele. Até agora, ela não precisou usar o quarto. Ninguém apareceu nas poucas vezes em que ele a deixou. E ela ficou além de animada quando ele voltou de uma de suas excursões com suplementos artísticos. Durante uma de suas muitas conversas, ela casualmente mencionou que encontrava conforto na pintura. Ela admitiu não ser muito boa, pois não pintava há anos, mas Litzy uma vez sugeriu que ela se desse uma chance. Christy descobriu que a pintura a ajudava a lidar com suas inseguranças. Anthony não a pressionou sobre seus medos. Ele sabia que ela tinha medo de tempestades e não se intrometia.

Eles caíram em uma rotina confortável. Ela passava muito de seu tempo ao telefone, ainda tentando localizar Van e Vivian. Anthony tinha mostrado o cofre onde guardava os telefones de reposição, e ela usou a linha indetectável mais de uma vez para fazer o check-in com a detetive Cochran. Ela descobriu que a polícia não conseguiu fundamentar as ameaças à sua família, e Nadine e os filhos tinham voltado para casa.

— Eu não posso dizer o mesmo sobre você, Christy. — a detetive tinha dito. — Aparentemente, seu irmão e a família de quem ele se separou, não parecem despertar qualquer interesse, mas quando questionamos os homens que estão à procura de Van, eles manifestaram curiosidade sobre você.

— Então, você já identificou as pessoas que estão à procura de Van? — perguntou ela, fingindo já não saber a resposta. O dia após a ameaça de furacões, X tinha informado ao Anthony que Van devia dinheiro a outros dois homens. Um deles era um agiota grande, com alguns bandidos sérios em sua folha de pagamento que se escondiam atrás de suas lojas de penhor e faziam os empréstimos na sala dos fundos. O outro era um pouco mais sério. Um apostador que tinha emprestado a Van uma quantidade considerável de dinheiro. Era que tinha montado a escuta no telefone do apartamento dela. X ainda não tinha conseguido identificar os dois homens em ternos de negócio que, de acordo com a locadora de Christy, tinham aparecido em seu apartamento - possivelmente os mesmos dois homens que apareceram quando Lourdes estava limpando, afirmando que trabalhavam para Van.

Depois de ouvir a Detetive Cochran repetir o que ela já sabia, Christy prometeu que ela ficaria parada em um local que ela se recusava a revelar até que a ameaça desaparecesse. Ela desligou antes que a detetive pudesse questioná-la ainda mais.

Ela nunca vai acreditar que estou bem debaixo do seu nariz, Christy pensou quando sentiu os braços quentes de Anthony cercá-la por trás.

Ele beijou suavemente o lado de sua têmpora. — Estamos sem refeições da Lourdes. Você quer me ajudar na cozinha? — ele perguntou.

— Sim, desde que você conheça o próprio risco. — brincou ela.

Ele a levou pela mão para a cozinha, a pegou e sentou no balcão. Ela o observou tirar algumas coisas da geladeira e armário, admirando sua mandíbula forte e cabelo preto de seda que balançava pouco acima de seu cinto enquanto ele trabalhava. O cabelo que um modelo de shampoo teria inveja.

No início, ela ficou grata por ele não tentar fazer nada, exceto beijá-la nos últimos cinco dias, mas ela começava a se perguntar se havia algo de errado com ela. Deitava-se a seu lado todas as noites em sua cama king-size e adormecia em seus braços. Ela acordava sozinha todas as manhãs e normalmente encontrava Anthony à mesa ou na oficina. Ela ainda não tinha certeza se estava pronta. Ela ficou um pouco intimidada depois de ouvir histórias de Anthony sobre dormir com tantas mulheres. Mulheres que, certamente, eram hábeis na intimidade física. Uma intimidade que ela conhecia apenas no nível mais básico.

Como se estivesse lendo sua mente, Anthony virou-se e olhou para ela. Ela sentou-se ereta e reconheceu o olhar em seus olhos.

— Eu não sei se eu posso segurar muito mais tempo, Christy. — disse ele, sua voz grossa. Ele caminhou até ela, e ela enrolou as pernas em volta dele. — Eu fiz o possível para ficar na minha, dar tempo para você me procurar, mas acho que não consigo ir para a cama com você mais uma noite sem tocá-la. — ele a beijou, e ela gemeu em sua boca.

Ela se afastou dele e relaxou as pernas. — Por que você ainda não tentou alguma coisa? — perguntou ela e recostou-se no balcão. Ela mordeu o lábio, incerta se queria ouvir a resposta.

— Eu posso sentir que você não está pronta. Estou errado? — perguntou ele, tomou a mão dela e levou-a aos lábios. Ele não podia dizer qual a verdadeira razão de não ter tentado. Sim, ele descobriu que a respeitava, diferente de qualquer mulher com quem já esteve. Mas havia mais do que isso. Ele sabia que colocar o relacionamento em um nível

físico mais elevado aumentaria a ligação emocional, bem, e ele não estava pronto para enfrentar o que poderia descobrir. Ele achava que não suportaria perceber que ela podia ser apenas mais uma transa. Ele estava com medo de acordar na manhã seguinte e não sentir nada. Ele se importava o suficiente com ela para não querer magoá-la dessa forma. Depois, havia o outro lado do espectro. Acordar na manhã seguinte e saber que ele não ia querer viver um único dia sem ela. Ele não tinha certeza de qual cenário o assustava mais, e brincar de casinha por uma semana o levou para um lugar inédito. Ele estaria mentindo para si mesmo se não admitisse que gostou.

Ter Christy em sua casa parecia certo, e por enquanto, ele não estava pronto para abrir mão por algo que poderia vir à luz, por exemplo, que ele não se importava além do que acontecesse entre os lençóis.

— Um pouco. No início. Mas... — ela fez uma pausa e depois desviou o olhar. Ela respirou fundo e olhou para ele. — Mas não mais.

Ele não podia mais negar seu desejo físico e tomou a decisão instantânea de que estava pronto para ir para o próximo nível com ela. Ele não estava preocupado com a virgindade dela, uma vez que seu irmão já tinha comentado sobre o namorado mais velho com que ela passou alguns meses. Quando ele perguntou para a Christy sobre ele, ela se recusou a entrar em detalhes, mas insistiu que tinha acabado há anos. Ela pode não ter aberto o jogo sobre o homem, mas ela também não negou sua existência. Isso dizia ao Anthony que ela era experiente e ele sentiu uma pontada de decepção por não ser seu primeiro, mas tentou se convencer de que era uma coisa boa, no caso disso acabar por ser nada mais do que atração física.

Anthony se inclinou para ela, e ela enrolou as pernas em volta da sua cintura novamente, desta vez travando os pés atrás dele. Ele começou a beijar seu pescoço e a desabotoar a blusa. Ela jogou a cabeça para trás e

gemeu quando ele mordeu o mamilo levemente através do tecido da blusa e do sutiã, enquanto alcançava os botões. Sem aviso, ele a levantou do balcão e sem esforço levou-a para o quarto. Deitou-a gentilmente na cama e tirou a camisa, sem tirar os olhos dela.

Ela olhou para ele, e ele viu a incerteza em sua expressão. Ele subiu na cama e montou-a, curvando-se para beijá-la. Ele bebeu dela lentamente, endurecendo quando chegou em seu pescoço e ela gemeu. Ela o ajudou a tirar a blusa, e ele abriu seu sutiã como um perito, jogando-o de lado. Ele sentou-se para olhar para ela, tomando cuidado para não descansar o seu peso sobre ela. A dor de sua ereção pressionava o jeans.

Ela esfregou as mãos na pele morena e macia dele, demorando em seu abdômen, onde ela traçou as linhas musculares do estômago. Seus dedos seguiram o contorno de uma longa cicatriz, levantada. Ele recuou um pouco e engoliu em seco antes de desabotoar as calças dela e tirá-las, juntamente com a calcinha, por suas pernas perfeitamente bronzeadas. Ele estava admirando-a quando viu a mão dela rastejando para baixo. Ele pensou que ela fosse se tocar e percebeu que ela estava tentando cobrir seu lugar mais íntimo.

— Christy?

Ela não respondeu e ele falou: — Não se cubra. Você é linda.

Gentilmente, ele pegou as duas mãos dela e segurou-as nas laterais, enquanto acomodou-se entre suas pernas. Ele ainda estava de calça jeans. Ele queria se demorar com ela e começou em seu pescoço, fazendo o caminho lentamente para os seios, onde permaneceu em cada um. A excitação dela era óbvia quando a mão dele alcançou entre as suas pernas. A antecipação de saboreá-la era demais, e ele beijou até seu estômago, abaixo do umbigo. Ele estava beijando o interior de sua coxa quando a sentiu enrijecer e ele sentiu as mãos dela puxando seu cabelo. Ele olhou para cima.

Ela tinha um olhar de horror em seu rosto. — Q-que você está fazendo aí embaixo? — ela perguntou.

— Eu estou tentando te chupar. — disse ele, a confusão óbvia na expressão.

— Você quer dizer colocar sua boca lá? — ela perguntou. — Tipo, você quer me beijar lá?

Beijar lá?

Ele balançou a cabeça como se para limpá-la e se sentou. Ela também e se afastou dele, pegou suas roupas e usou-as para tentar se cobrir.

— Christy? Você é virgem? — ele perguntou e se sentou sobre as pernas.

Ela olhou para longe dele. — Não, eu não sou virgem, e você já sabe disso. — ela bufou.

Ele assentiu. — Ok. Eu acredito em você. Eu sei sobre o namorado mais velho.

Ela continuou a olhar para longe.

— Você está me dizendo que todo o tempo que esteve com ele, ele nunca fez sexo oral em você?

— Você quer dizer colocar o rosto lá como você estava fazendo? — ela perguntou sem encontrar seus olhos.

— Você nem sabe o que significa? — ele perguntou em um tom descrente.

— Eu ouvi esse termo antes. E você disse quando você estava me contando sobre as mulheres mais velhas com quem você dormiu. Eu sei que é quando um cara coloca o rosto lá. Eu só não sei por que você iria

querer. — ela colocou o cabelo atrás da orelha e olhou por cima do ombro, incapaz de encontrar seus olhos. — Ou por que eu iria querer que você fizesse. — seu tom era defensivo.

Ele irrompeu em um sorriso malicioso e largo. *Oh, você vai querer que eu faça,* pensou ele.

Ela voltou a olhar para ele e vendo seu sorriso maroto, desviou o olhar rapidamente.

— Você tem vinte anos e não só o seu namorado nunca fez sexo oral em você, como você nem sabe ao certo o que isso significa? — ele passou a mão pelo cabelo, ainda tentando chegar a termos com sua ingenuidade.

O que ela poderia dizer a ele? Que ela não tinha crescido como uma típica adolescente? Que ela viveu embaixo de uma pedra? Ela não tinha amigas para trocar segredos e, certamente, nunca discutido sexo com Litzy ou Vivian. Ela teve uma aula de educação sexual na escola, mas ela não se lembrava de gíria sendo ensinada. Era mais sobre controle de natalidade e doenças sexualmente transmissíveis. Ela nunca espiou uma revista feminina, e nunca assistiu a um filme pornográfico. Sua conta bancária podia ser enorme, mas seu mundo era muito pequeno. Um rubor subiu pelo seu rosto.

— Alguma vez você já teve um orgasmo? — ele perguntou. — Você sabe ao menos o que é?

Christy respirou fundo e começou a responder quando sua expressão mudou.

— Alguém está aqui. — ela sussurrou.

— Ninguém está aqui. — ele falou para ela e começou a mover-se em direção à cabeceira da cama onde ela estava sentada. Seu cabelo comprido estava balançando, e fez cócegas em suas pernas quando ele se aproximou dela.

— Sim, está. Eu ouvi um carro. Alguém está aqui, Anthony. — ela insistiu.

Ele pegou o controle remoto da televisão em sua mesa de cabeceira e apontou-o para o conjunto que estava no armário. Ele apertou o botão de energia e mudou o canal. Ela estava certa. A câmera escondida em seu alpendre mostrava dois homens bem vestidos saindo de um sedan quatro portas e caminhando em direção à sua porta. Pareciam os dois homens que ele tinha visto na fita de vigilância na noite em que ele deixou Lourdes limpar sua casa.

— Tranque-se na sala segura, Christy. — ele exigiu. Ela pulou da cama e começou a colocar as roupas quando ele lhe disse: — Leve-as com você. Você pode colocá-las lá dentro. — ela dirigiu-se para o closet e se virou para dizer algo quando o viu puxar uma arma de uma de suas gavetas e guardá-la na parte de trás da calça jeans. Ela o observou colocar a camisa de volta. Uma batida afiada na porta da frente quebrou o silêncio. Anthony viu seu reflexo no espelho e percebeu que ela estava congelada na porta do closet.

— Vá! — ele sussurrou meio gritado antes de se dirigir para a porta da frente. — Quando você entrar, mande uma mensagem para o page de X. O número dele está ao lado do telefone. Você digita dois – dois – nove – um - um. Ele vai saber o que significa. Você entendeu? — ele perguntou.

Ela assentiu com a cabeça, mas ele viu que seus olhos estavam brilhantes e tão grandes quanto pires. Ela estava assustada.

Ele caminhou em direção a ela e tomou seu rosto em suas mãos. — Eu não vou deixar ninguém te machucar, Owani. — ele disse a ela.

Ela fungou e perguntou: — E se eles te machucarem?

— Não vai acontecer. Vai, Christy. Promete que vai ficar lá até que X ou eu vá até você.

Houve mais duas batidas na porta da frente.

Ele beijou seu nariz e observou-a desaparecer no enorme closet. Ele não deixou o quarto, até que ouviu o slide inconfundível do painel oculto e soube que ela estava a salvo.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Naples, Flórida, 1978



Anthony se aproximou da porta da frente com cautela, e abriu-a após a terceira batida rápida. Dois homens esperavam à frente. Ambos usavam ternos caros. Ele soube imediatamente pelas posturas, e a forma como eles se comportavam, que não eram uma ameaça. Ele estava no negócio e tinha jogado tempo suficiente para reconhecer a diferença entre um mensageiro e um mercenário. Esses homens não eram perigosos. E bonitos? A locadora de Christy não podia ter falado sobre estes dois.

— Anthony Bear? — o mais velho, com cabelo grisalho ondulado perguntou. Ele tinha cerca de 1,80 m de altura, magro e seus olhos eram muito próximos. Ele tinha lábios cheios e brilhantes e dentes tortos.

— Quem está perguntando? — Anthony perguntou.

— Eu sou Dan Mikkelson, e este é Pete Germaine. — o homem disse, acenando com a cabeça para o companheiro. O segundo tipo era mais jovem por alguns anos, e também mais baixo e mais largo. Usava o cabelo castanho curto, e sobrancelhas grossas que rivalizavam com o bigode.

Antes de Anthony poder comentar acrescentou: — Nós representamos o Sr. Chapman.

Anthony jogou a cabeça para trás e riu. — Representar? Deixe-me adivinhar. Vocês são advogados? — ele perguntou.

— Sim. — Dan disse a ele. — Sr. Chapman nos enviou aqui para discutir o empréstimo pendente dele com você.

Antes de convidá-los para entrar, Anthony acionou um interruptor na porta que verificava automaticamente a existência de armas, quando passavam sobre a soleira da porta. Ele colocou a mão direita atrás das costas e agarrou a arma dele. Ele recuou e acenou. Quando o alarme não apitou, ele indicou a direção da sua sala de estar e apontou para o sofá. Exatamente como ele havia suspeitado, eles não eram uma ameaça.

Os dois homens se sentaram.

Ele ficou na frente deles, os braços cruzados.

— Sr. Chapman quer fazer um acordo. — Dan informou.

— Eu não quero um acordo. Eu quero os meus setenta mil. — Anthony zombou e olhou para eles. — Juros acrescidos.

— Eu acho que você vai querer nos ouvir. — Pete entrou na conversa. Ele não tinha dito uma palavra até este ponto, e Anthony ficou surpreso com a voz feminina e estridente.

Anthony assentiu para ele ir em frente e fazer a oferta.

— E se esse valor fosse aumentado em quase oito vezes? — Dan perguntou.

Sem mostrar qualquer tipo de reação na oferta exorbitante, Anthony perguntou calmamente: — De quanto exatamente você está falando?

— Meio milhão. — Pete deixou escapar.

— Com base no quanto ele já me deve e quanto tempo está demorando para me pagar, eu esperava receber quase isso, de qualquer maneira. — Anthony disse.

Os homens entreolharam-se, e Anthony soube que eles já esperavam essa resposta. Pete acenou para Dan.

— Um milhão. — disse Dan.

— E como, exatamente, Van planeja pagar-me um milhão quando ele não consegue chegar a setenta mil?

— A filha dele, Christy. — sem esperar Anthony comentar, Pete continuou: — Sr. Chapman acha que você pode ser o melhor homem para o trabalho.

— Que trabalho? — Anthony perguntou com os olhos estreitados.

— Primeiro vamos explicar a situação. — Dan interrompeu. Ele limpou a garganta e se moveu para frente do sofá, e sentou na borda.

— Como você provavelmente já sabe, os Chapmans têm dois filhos. Ambos recebem montantes consideráveis, provenientes de seus fundos, desde que fizeram dezesseis anos. O mais velho, Richard, esbanjou sua quota anual, e Bobbi o cortou antes que ele fizesse vinte anos.

— Mas a filha, ela é das inteligentes. — Pete interrompeu. — Nos últimos quatro anos, Christy Chapman conseguiu investir seus montantes anuais. Além de ser uma filantropa generosa, senhorita Chapman é uma das maiores detentoras de imóveis na Costa do Golfo. Quem imaginaria? — ele perguntou, o grito estridente deixava Anthony nervoso.

— Mas você nunca imaginaria. — Dan continuou. — Ela vive de forma simples e com sabedoria. Nunca ostentou a sua riqueza. Ela já está na casa dos milhões e ainda nem recebeu sua herança de verdade. Até agora, ela está recebendo parte do fundo. Quando ela fizer vinte e um no próximo ano, ela fica com tudo.

Anthony inclinou a cabeça para o lado e percebeu que Pete estava se contendo para não falar o valor. Quando o homem não pôde conter a

excitação por mais tempo, ele deixou escapar um valor que deixou até o Anthony surpreso.

— O que Van quer de mim? — Anthony perguntou.

— Van, um... o Sr. Chapman sabe sobre o seu acampamento e a gangue. — disse Pete, desviando o olhar de Anthony.

— E?

— Bem, ele sabe o tipo de mulheres que passa por lá. — Dan acrescentou e a testa de Anthony enrugou.

— Sr. Chapman quer que você encontre a filha dele e leve-a para o acampamento. Você vai ter que controlá-la, mas ele está certo de que você pode apresentá-la a medicamentos suficientes que depois de um curto período de tempo, ela será dependente deles. E, claro, ele espera que você use-a e compartilhe com seus homens. — depois de não ser capaz de ler a expressão de Anthony, Dan desviou o olhar desconfortavelmente.

— O resultado final é o que é importante. — disse Pete. Ele tinha levado um lenço do bolso e enxugou a testa suada. — Sr. Chapman deve poder declará-la incapaz para lidar com a herança. Não deve demorar colocá-la em um estabelecimento e certificar-se de que seu pai é legalmente responsável pelas propriedades dela. Ele está disposto a pagar um milhão de dólares, logo que isso acontecer. Tudo que você tem que fazer é encontrar Christy e ajudar a arruiná-la.

— E vocês dois cuidam do resto? Todas as legalidades? — Anthony perguntou, olhando de um homem para o outro. Ele tentou disfarçar seu desgosto profundo em interesse.

A excitação de Pete era palpável. Ele sentou-se. — Exatamente!

Anthony balançou a cabeça como se tivesse concordado. — E se eu encontrá-la e ela tiver feito algo louco, como... fugido e se envolvido com alguém? O marido não seria o responsável pelas propriedades dela?

Os dois homens entreolharam-se e, em seguida, olharam de novo para Anthony. Dan gaguejou: — Bem, sim, mas isso não é provável.

Anthony não precisava perguntar porquê. Lembrou-se de Nadine compartilhar com ele que Christy não tem nenhum amigo, muito menos um namorado. Se Nadine tinha suspeitado que Christy era gay, é possível que estes homens também. Provavelmente não souberam do amante mais velho de anos atrás. Não importava. O plano era além de ridículo, e mostrava o quão desesperado e mal Van Chapman realmente estava. Era uma coisa podre de se fazer, principalmente com uma enteada. Não admirava que Christy o odiasse.

— Onde estão os Chapman? — Anthony perguntou.

Dan pigarreou. — Nós não temos autorização para revelar isso.

— Eu não planejo ir atrás de Van. — Anthony disse a eles. — Estou curioso para saber onde eles estão se escondendo.

Pete deu de ombros. Ele poderia dizer para o Anthony onde estavam sem revelar a localização exata. — Vivian está em algum lugar no meio do oceano em um cruzeiro de seis meses com medicamento suficiente para matar um hipopótamo.

Anthony balançou a cabeça e olhou para Dan.

— Sr. Chapman foi para uma clínica de reabilitação fora do estado. Ele está se limpando para que possa administrar melhor as concessionárias de seu falecido sogro e...

— E as finanças da filha. — Pete interrompeu.

— Diga ao Van que ele tem um acordo. — disse Anthony, seu rosto ilegível. — Eu vou encontrar Christy Chapman.

Ambos os homens levantaram obviamente aliviados.

— E o resto? Você vai se certificar que ela fique... incapacitada? — Dan perguntou. Sem dar ao Anthony a chance de responder, Dan acrescentou rapidamente: — E nós cuidamos do resto. Você pode entrar em contato com a gente no Mikkelson & Germaine. Estamos em Tampa. — continuou — Quando for a hora certa vamos lidar com a papelada. — ele pegou um cartão de visita e estendeu para o Anthony. Sem olhar para ele, Anthony jogou para o lado.

— Oh, eu vou encontrar Christy Chapman, mas não vou levá-la ao acampamento para viciá-la em drogas ou estuprá-la.

Os dois homens trocaram olhares e Pete mais uma vez recuperou o lenço.

— Bem... o quê? O que você vai fazer com ela? — Pete gaguejou uma oitava acima.

Anthony sorriu lentamente. — Eu vou me casar com ela.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Naples, Flórida, 1978



O olhar na cara dos advogados era quase cômico e Anthony lhes dava um sorriso de satisfação.

Pete pareceu conseguir reunir alguma seriedade. — Casar com ela? Christy Chapman? Mesmo se você a encontrar...

— Mesmo *quando* eu a encontrar. — Anthony interrompeu.

— Mesmo *quando* você encontrá-la — o homem atormentado continuou — eu não consigo vê-la se casando com você.

— E por que não? — Anthony perguntou com a voz rouca e seu olhar intimidador. Ele se aproximou deles.

Pete deu um passo atrás. — Não quero ofendê-lo, mas mesmo que ela ficasse a fim de você, que eu tenho certeza que não vai acontecer, você não é exatamente o tipo de cara que uma mulher decente como Christy Chapman leva para casa para conhecer a família.

Sentindo que Pete May ultrapassou o limite, Dan começou a dizer algo, mas Anthony acenou para ele.

— Então, você está dizendo que eu não sou digno? Por causa do que você já ouviu falar sobre mim? — Anthony nem sequer mencionou o fato de que o homem admitiu que Christy era uma mulher decente e, portanto, devia saber que o que Van pediu para eles fazerem era baixo e

sujo. Ambos concordaram com esse plano ridículo, o que dizia ao Anthony que eram tão desprezíveis quanto o Van.

— Bem, sim, acho que sim, mas você sabe... — Pete estava nervoso, enrugou a testa e olhou em volta.

— Não, eu não sei. — Anthony olhou para ele, as sobrancelhas em uma carranca feroz.

— Eu acho que o que Pete está tentando dizer, e não muito claramente, é óbvio. — Dan interrompeu. — Vamos lá, não vamos ficar pisando em cacos de vidro ao redor do elefante na sala. Somos todos adultos aqui, e nós dois sabemos que você e Christy Chapman não combinam. Ela é uma mulher rica, privilegiada e de classe e você é... — as palavras dele morreram, e a tensão no ar era tão palpável que poderia ser pega.

— Diga. — Anthony rosnou.

— Você sabe o que eu estou tentando dizer. — Dan disse, impondo-se mais, tentando parecer desafiador.

— Sim, eu sei, mas eu quero ouvir você dizer.

— Você é um índio, e você não combina com uma mulher branca. — Dan praticamente gritou.

Pete encolheu com a explosão de Dan e esperou a retaliação de Anthony. Quando não houve, nenhum homem se mexeu.

Anthony deixou-os se contorcerem por trinta segundos. Com uma voz calma, ele disse: — Estamos em 1978, não 1878. — os lábios de Anthony pararam. — Mas não é esse o ponto. — ele fez uma pausa antes de acrescentar: — Você vai voltar, e vai falar para o Van Chapman que eu não quero o um milhão dele ou os setenta mil.

Os homens olharam surpresos para Anthony, e antes que qualquer um dos dois pudesse comentar, Anthony continuou: — E vocês vão deixá-lo ciente de que se eu descobrir que vocês ousaram levar essa oferta para outra pessoa, eu vou enterrar vocês três, mas não sem sofrerem uma morte lenta e dolorosa.

Ambos os homens olharam.

— Vocês não têm ideia do que sou capaz quando se trata de estripar um homem, não só de dignidade, mas das partes do corpo também. Vocês já ouviram a história sobre o colono que estava agachado em território nativo americano, logo quando o homem branco tentou roubar nossa terra? Eles cortaram as mãos dele e fizeram um buraco em seu estômago. Tiraram o intestino e envolveram em um leitão. Então sentaram e observaram o homem tentar perseguir o animal gritando, sem mãos, enquanto suas entranhas eram puxadas para fora dele.

Pete começou a tremer, e Dan engoliu em seco, movimentando o pomo de Adão.

— Isso não é nada comparado com o que eu vou fazer com vocês. Saiam da minha casa e rezem para que eu nunca ouça seus nomes novamente.

Nenhum homem precisou ser avisado duas vezes. Eles saíram em um flash. Anthony observou da porta a velocidade com que se foram. Quando ele não pôde mais ver o carro, ele caminhou rapidamente para o closet do quarto principal e entrou no quarto secreto. Christy estava sentada na cama, com as mãos no colo, e olhou para ele com os olhos azuis brilhantes ansiosos e comoventes. Ele estendeu a mão, e ela aceitou e o seguiu para a sala de estar. Eles ouviram a motocicleta de X, e Anthony abriu a porta.

— Já não é uma emergência, mas vamos lá, eu tenho algo interessante para contar para a Christy. — Anthony disse quando X seguiu até onde Christy estava na sala de estar.

Christy não fez um som enquanto Anthony repetia a oferta de Van que os advogados vieram fazer. Ele deixou de fora a parte sobre o valor monetário dela e o comentário de que se casaria com ela.

— O que você disse? — ela perguntou.

— Eu contei para eles uma lenda indígena assustadora. Disse que era leve em comparação com o que eu faria com eles e Van se eles levassem a oferta para qualquer outra pessoa.

— Qual foi a lenda? — ela questionou em um sussurro.

— Não importa, e eu não sei se é verdade ou não, mas eles ficaram com medo, e essa era a minha intenção. — ele olhou com dureza para ela, então voltou-se para X. — Mas a verdade é que eles vão encontrar um destino pior se eles ainda tentarem chegar perto de você.

Ela se levantou e não olhou para nenhum homem no olho. — Eu acho que eu quero deitar. — disse ela olhando para o chão.

Ela começou a passar por Anthony e ele agarrou seu braço e puxou-a para ele. — Ninguém irá achar você, Christy. Você sabe disso, certo? — ele perguntou.

Ela assentiu com a cabeça sem dizer nada e saiu de seu alcance. Ele a soltou e a observou voltar para o quarto silenciosamente.

Anthony passou os próximos trinta minutos discutindo negócios com X. Depois de dar ordens ao Alexander, ele foi para o quarto e ficou surpreso quando não encontrou Christy na cama. Ele notou uma luz brilhando sob a porta do banheiro, e bateu. — Você está bem, querida? — ele perguntou, colocando a orelha na porta.

— Não está trancada. — ela respondeu. — Pode entrar.

Anthony abriu a porta e ficou momentaneamente surpreso. Ela estava sentada em sua banheira de hidromassagem, cercada por velas e com espuma até o queixo. Ela deve ter encontrado o esconderijo de Veronique. Ele caminhou até a banheira. Ela olhava para o seu reflexo em um espelho à frente e pronunciou uma palavra.

— Não.

— Não? — ele perguntou.

— Não, eu nunca tive um orgasmo antes. — seu rosto estava vermelho, e ele não sabia se por causa do calor da água, ou constrangimento. O perfume de Christy, misturado com o cheiro de espuma de lavanda, levantou um vapor que assaltou os seus sentidos.

Ela ainda não olhou para ele, apenas para o espelho no lado oposto da banheira, mas ela sabia que ele estava se despindo. Em tempo recorde, ele entrou na banheira e acomodou-se atrás dela, sua ereção instantânea pressionou suas costas. Ela tentou encaixar nele ainda mais, e seus seios perfeitos projetaram-se das bolhas. Ele quase gozou apenas olhando para o reflexo deles no espelho.

— Eu já tentei. — ela confessou. — Acho que não consigo. Eu chego a um certo ponto. Um limite que não consigo ultrapassar. É frustrante. Eu parei de tentar.

— Você me deixa tentar? — ele sussurrou em seu ouvido. Ela não disse nada e o tempo pareceu ter parado.

Depois de mais alguns segundos, ela concordou.

Ele deu beijos suaves em sua testa e pescoço. Usou uma mão para acariciar o seio dela suavemente, enquanto a outra encontrou o ponto

entre as pernas e começou a se movimentar com habilidade. — Não pense. — ele disse a ela. — Apenas aproveite.

Não demorou muito e ela estava se contorcendo. — Eu não consigo... — mas as palavras morreram em seus lábios enquanto Anthony a sentia se deixar levar. Ela soltou um grito e arqueou as costas, seus ombros e cabeça pressionaram duramente em seu peito. Ambas as mãos dela agarraram suas coxas, suas unhas cavaram profundamente.

Anthony viu o rosto dela no espelho e percebeu que nunca tinha visto algo tão belo e ele não precisou estar dentro dela para conhecer os seus sentimentos por essa mulher. Ele encontrou alegria em sua libertação, e sabia que ele queria vê-la experimentar o que só ele tinha sido capaz de dar a ela para o resto de suas vidas. Virou-a lentamente de frente para ele, e ela montou em eu colo, descendo lentamente em sua ereção. Ela era tão apertada que ele achou que ela tinha mentido sobre sua virgindade. Quando ele não sentiu qualquer resistência, ele soube que ela tinha dito a verdade, e percebeu que não se importava. Ele podia não ter sido o primeiro, mas se certificaria de ser o último. Ela sorriu para ele e foi direto para o seu coração. Aquele sorriso estava cheio de paixão, antecipação e talvez até um pouco de timidez. Ele a guiou lentamente, e não demorou muito para encontrarem um ritmo perfeito. Depois, ela se inclinou contra seu peito duro e traçou a tatuagem em seu enorme bíceps.

— Você acha que sua irmã vai se importar de termos usado seu banho de espuma? — ela perguntou, sua voz assumindo um tom de provocação.

Anthony decidiu não corrigi-la. — Nah, ela provavelmente nem se lembra que deixou aqui. — ele mentiu.

— Obrigada. — disse ela em seu pescoço.

— Por? — ele perguntou, sabendo a resposta.

— Você sabe o motivo. — ela rapidamente respondeu.

— Da próxima vez farei com a minha língua. — sua voz era profunda e ainda grossa de necessidade.

Ele sentiu o sorriso dela contra seu peito e acariciou suas costas suavemente.

— Eu posso me acostumar com isso. — ela confessou.

Bom, pensou Anthony. *Acostume-se. Porque você me pertence. Você é minha, Christy Chapman. Sempre, e para sempre, e só minha.*

— Anthony?

— Sim, Owani?

— Estou pronta para a próxima rodada.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Tampa, Flórida, 1978



Dum Mikkelson e Pete Ger1maine estavam na suíte de um hotel de luxo e observavam Van Chapman se servir de um uísque. Eles tinham acabado de transmitir a mensagem de Anthony Bear e não deixaram nenhum detalhe de fora.

— Casar com ela, hein? — Van zombou.

— Foi o que ele disse. — Dan respondeu. Ele olhou ao redor da suíte cara que não podia ser confundida com um centro de reabilitação. Ele sabia que Van tinha conseguido ficar fora do radar usando as identidades falsas que ele comprou. Ele se mudava de um lugar para outro, com uma nova ID e cartões de crédito falsos de cada estado. Ele sabia que não podia residir muito tempo em um lugar, mas não estava preocupado. Ele tinha pago um bom dinheiro por mais de vinte identidades falsas.

— O que os outros agiotas disseram? — ele perguntou depois que tomou um gole e colocou o copo de volta para se servir de mais uma dose.

— Eles estão dispostos a estender o prazo de pagamento, mas isso vem com uma taxa de juros mais elevada. — Pete disse a ele.

Van concordou. — E suponho que vocês não pediram que eles ajudassem a encontrar Christy?

— Depois da ameaça de Anthony Bear? Acho que você sabe a resposta. — Dan repreendeu.

— Precisamos descobrir outra maneira de encontrá-la.

— Mas, se Anthony Bear vai perdoar a sua dívida você precisa mesmo encontrá-la? — Pete perguntou.

— Milhões. Ela vale milhões. Então, sim, eu ainda preciso chegar nesse extremo. — Van respondeu desprovido de emoção.

Os homens se levantaram. Dan olhou fixamente para Van. — Nós vamos lidar com as legalidades quando for feito, mas até então, estamos fora. Era diferente quando você nos pedia para verificar alguns lugares para tentar encontrá-la. E nós arriscamos nossas próprias vidas visitando os agiotas que você deve. Ir para os subúrbios de Naples não está em nossas descrições de trabalho. Fizemos duas viagens para você.

— E vocês fizeram conhecendo os riscos e sabendo que seriam bem recompensados. — Van interrompeu.

— Não devíamos ter saído das nossas zonas de conforto. É isso que você precisa entender. — Dan caminhou até Van e entregou-lhe um pedaço de papel.

— Estamos fora da nossa área aqui. Você pode ter os recursos financeiros e legais, mas vamos encarar, nenhum de nós é da rua aqui. Chegamos ao limite. — disse Pete. — Você ainda recebe dividendos do seu negócio todo mês, então você não quebrou. Ainda. Acumular dívida com esses agiotas e não pagar... — ele fez uma pausa. — Vamos apenas dizer que você precisa consertar esse vazamento e em breve.

— O que retiro mensalmente da concessionária não chega nem perto de tudo que devo. — Van disse irritado.

— E não ajuda você não parar de gastar. — Dan repreendeu.

Van olhou para o papel que ele estava segurando. — Quem é?

— Um cara que pode encontrar a sua filha, e... — Pete começou a dizer.

— E ele é astuto. Sabe como fazer as coisas sem ser notado. — Dan terminou por ele. — Ele é caro, então você vai ter enfiar a mão na sua pilha de dinheiro, o que sobrou dela.

Cinco dias depois

— Você tem certeza que ela está com ele? Morando na casa dele? — Van perguntou, incrédulo. O homem que veio recomendado estava sentado na frente dele. Van não tinha certeza do que ele esperava, mas não era o cara que apareceu em seu quarto de hotel. Este parecia ser o cara do lado. Um homem que ia para o emprego das nove às cinco e levava os filhos para o treino de futebol. Van achou difícil conciliar o Joe, americano de classe média, com alguém que poderia lidar com o tipo de trabalho que necessitava.

— Sim, eu tenho certeza. A casa dele é muito afastada, então não pude segui-los até a porta sem ser visto, mas eu os segui para o supermercado, posto de gasolina e alguns outros lugares. Eles estão juntos. Sem dúvida.

Van balançou a cabeça em descrença.

— Só porque eles estão juntos não significa que não tenho um plano. Eu não posso chegar a ela, porque é óbvio que ele está protegendo-a. Passou uma semana, e ela não saiu de casa sozinha. Eu já o vi sair sem ela, mas não tem jeito de entrar na casa dele para pegá-la. Ele é muito inteligente. Posso garantir que ele tem medidas para protegê-la quando não está por perto. — ele olhou com confiança para o Van. — Mas podemos abordar isso de outra forma.

— Como? — Van perguntou. Sua paciência estava diminuindo. Quanto mais cedo ele declarasse a incapacidade de Christy, mais cedo poderia voltar à sua vida.

— Eu falei com as pessoas certas, e descobri algumas vulnerabilidades na vida de Anthony Bear. Sua filha um exemplo óbvio, mas ele é muito cuidadoso com ela. Você está preocupado com a ameaça de ele se casar com ela, certo? — ele perguntou para o Van.

— Eu não estava, mas estou agora. — Van disse. — Eles já podem ter se casado.

— Eu duvido muito. Eles não estão usando alianças, e eu tenho um contato no cartório da cidade. Nenhuma licença de casamento com qualquer nome chegou à mesa deles nas últimas semanas.

Van concordou. — Ok, então o que você sugere?

Van ouviu enquanto o homem explicava o plano.

— Não seria mais fácil colocar uma bala na cabeça dele? — Van perguntou sarcasticamente.

— Sim, se fosse um alvo normal. Não para Anthony Bear. Ele é muito conhecido, e a retaliação de seu clube seria enorme. — ele ficou pensativo, em seguida, e perguntou: — Não seria mais fácil colocar uma bala na cabeça da sua filha?

— Sim, se fosse um alvo normal. — Van respondeu zombando. — Meus advogados já verificaram isso. Muitos obstáculos em caso de morte. Ficaria amarrado em processo de inventário por anos. — ele soltou um suspiro.

— Isso pode funcionar, e agora, acabar com o conto de fadas para pegar sua filha, é a única opção que temos.

— É um tiro no escuro. — comentou Van.

— Seu plano todo é um tiro no escuro. — o homem respondeu sarcasticamente.

Van parecia cético.

— Pelo que pude descobrir, eu quase posso garantir que vai dar certo. — o homem esfregou a mão no rosto. — Olha, me dê mais uma semana. Vamos tentar. Se não funcionar, tentaremos outra coisa.

— E quando ela não estiver mais com ele você vai fazer o que conversamos? — a voz de Van estava esperançosa.

— Conheço muitos especialistas. Considere-a uma prostituta viciada em drogas que não vai se lembrar o próprio nome, e mesmo que lembre, ela não se importará. Toda a sua existência vai girar em torno da próxima dose. E Anthony Bear nunca vai encontrá-la ou seguirá a pista até você, ou até mim. — claro, ele não podia garantir que Anthony não iria atrás de Van, mas ele se importava? Ele teria feito sua parte e ido embora até lá.

— E se ele realmente se casar com ela antes de você fazer isso? — Van perguntou.

— Se eu conseguir esquematizar e acontecer como quero... — ele olhou com expectativa para o Van. — Eu posso prometer que ela vai pedir o divórcio. Pelo que eu observei, esta é uma possibilidade de arruinar qualquer potencial de felizes para sempre.

Van se levantou e caminhou até a janela grande na sua vasta suíte de hotel, de costas para o homem. Ele olhou para Tampa Bay.

Quando Van não respondeu de imediato, o homem acrescentou: — Podemos tentar, pelo menos.

— Faça. — disse Van ordenado sem se virar.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Naples, Flórida, 1978



— E Alexander não o viu? Christy perguntou. Ela estava deitada na cama com Anthony, traçando círculos na barriga dele.

— Como eu disse, eu não pude ter certeza de que ele estava mentindo. Geralmente, sou muito bom em detectar quando algo está pisando na bola, mas posso estar errado. Quero dizer, eu fiquei distraído. — disse ele enquanto dava um beijo em sua testa. Ele afastou-se dela, em seguida, e montou nela rapidamente.

— Anthony. — ela olhou para ele, seus olhos azuis sérios. — Eu preciso de algum espaço. Alguma liberdade.

— Eu sei, querida. Você pode esperar mais alguns dias, não pode? — ele perguntou e se abaixou para beijar seu pescoço. — Eu ainda preciso de algum tempo para ter certeza. Você está comigo há duas semanas. Mais alguns dias não podem fazer mal.

Ele estava certo, e ela sabia que ele estava apenas sendo cauteloso. Não é como se ele não a tirasse da casa ou deixasse-a ter a casa só para si, desde que ela respeitasse as regras do cômodo secreto. Ela suspirou ao lembrar da noite romântica que passaram sob as estrelas há dois dias. Anthony convenceu-a a ir acampar com ele. Ela não queria no início. Nunca tinha dormido fora antes. Mas desejava sair de sua zona de conforto. Além disso, no fundo, ela queria provar que ela pode ter tido uma infância privilegiada, mas isso não a definia, e se o homem por quem ela estava se apaixonando queria experimentar uma noite fora, aceitaria.

Ela ficou muito feliz por ter concordado. Depois de encontrar um lugar isolado e montar a barraca, Anthony levou Christy em uma caminhada, e demorou-se apontando as diferentes árvores e plantas. Ela ficou espantada com o quanto ele conhecia sobre as plantas que poderiam matá-los e quais poderia curá-los. Ele carregava uma besta[4], enquanto caminhavam e ela ficou triste ao vê-lo matar um cervo que seria o jantar deles. Mais tarde, de volta ao acampamento, Christy cortou legumes e frutas, e Anthony retirava a pele do animal e assava a carne. Ele explicou que matar um animal nunca deveria ser um esporte, arrumou a carne restante em refrigeradores para não desperdiçar.

— Eu nunca tinha comido carne de cervo. — ela disse a ele, nervosa quando ele pegou um pedaço do espeto e deu a ela.

— Chama carne de caça. — ele explicou e acenou para o milho que estava assando. Ela ficou grata que sua participação se limitou a cortar os legumes e cozinhar. Ele usou a faca para tirar os grãos da espiga, e depois que ela colocou em uma tigela, ele perguntou em tom de provocação: — Você não vai me alimentar?

Ela mergulhou uma colher no milho e deu para ele, sorrindo o tempo todo. — Eu acho que isso seria muito difícil de estragar. Espero que você goste. — ela disse rindo.

Quando eles limparam as coisas do jantar e se lavaram em um lago de água doce nas proximidades, Anthony pegou alguns cobertores da barraca. Ele envolveu um cobertor azul em torno de Christy e sentou-se na frente do fogo com o dele. Eles passaram o resto da noite conversando, e quando era hora de dormir, ambos ficaram surpresos com a ausência de mosquitos com a quantidade de mosquitos na barraca. Eles perderam-na e foram colocados sob as estrelas. Antes de fazer amor com ela, ele jogou os cobertores azuis na barraca e pegou um grande branco.

[4] Espécie de arma, como se fosse um “arco e flecha” moderno.

— Este é grande o suficiente para cobrir nós dois. — ele explicou ao se deitar ao lado de Christy.

Sua memória foi interrompida quando Anthony perguntou: — O que você está pensando? — ele ainda estava em cima dela e olhando para seu rosto. Seu longo cabelo preto estava cobrindo os seios dela e ele afastou-o. — Você está suspirando. — ele disse a ela.

— Eu estava lembrando do nosso acampamento. — respondeu Christy. Ela começou a rir, e ele deu-lhe um olhar curioso.

— Eu estou tentando fazer amor com você, Christy. — ele disse, tentando não soar tão frustrado quanto se sentia.

— Eu sei. — disse ela em tom de desculpa. — Eu só estava pensando em como gostaria de ver a expressão no rosto da detetive Cochran quando liguei para ela no dia anterior que você me levou para acampar. Eu não digo isso com desrespeito... Eu gosto da Detective Cochran. — em seguida, ela acrescentou rapidamente: — Eu sei que ela teve que ficar chocada.

Três dias antes, Christy tinha decidido jogar limpo com a mulher sobre onde estava hospedada. Nenhuma quantidade de convencimento fez a detetive experiente deixar Anthony em paz. Anthony estava de pé ao lado de Christy e pegou o telefone dela.

— Christy está mais segura comigo do que em sua própria casa ou em uma casa segura do Estado. — então passou a contar para a mulher sobre a visita dos advogados de Van.

— Vá vê-los. — Anthony disse a ela. — Se você encontrar esses homens, eles podem levá-la ao Van.

A detetive Cochran mandou um page para a Christy no dia seguinte e informou que ela se encontrou Dan Mikkelson e Pete Germaine e eles não negaram visitar Anthony para discutir os termos de pagamento em

nome de Van, mas alegaram não saber nada sobre o esquema que Anthony descreveu.

A expressão de Christy passou de feliz para melancólica, e Anthony mais uma vez interrompeu seus pensamentos. — Eu não quero pensar sobre a detetive Cochran agora. — disse ele, dando-lhe um olhar ardente. Ele se abaixou e beijou-a preguiçosamente. Ele começou a fazer o seu caminho pelo corpo dela quando ela o deteve. — Hum... não é uma boa ideia. — ela disse a ele.

— E por quê? — ele perguntou entre mordidas suaves na sua barriga.

— É aquela época do mês. — ela disse com naturalidade.

Ele olhou para cima, e ela estava sorrindo. — Não fique tão desapontado. — brincou ela. — Isso me dá mais tempo para praticar em você.

Ele rolou levando-a com ele. Ela ficou sentada em cima dele olhando para baixo quando ele disse: — Você já aperfeiçoou. — ele puxou a mão dela para a boca e beijou o interior de seu pulso. — Mas se você insiste em praticar, eu não vou impedi-la.

Um pouco mais tarde, ela o seguiu até a porta da frente. — Por que não posso ir para o acampamento com você? — ela perguntou com decepção evidente.

— O acampamento não é lugar para uma senhora. — ele explicou. — Eu já contei o que acontece lá, Owani.

Ela encostou-se no batente da porta, com os braços cruzados e chutou uma pedra na varanda. Anthony não escondeu nada, contou para ela sobre suas transações criminosas e a gangue de motociclistas que havia praticamente se formado sozinha e ficou sob sua autoridade. Ela tinha lembranças assustadoras do Glades Motel, e mal podia imaginar

algo assim acontecendo com ela em Camp Sawgrass. Especialmente, se ela estivesse com Anthony.

— Eu preciso parar no escritório de paisagismo no caminho de volta. — disse ele. Ele a beijou, e acrescentou: — Que tal um passeio de moto quando eu chegar em casa?

Ela animou-se. Ela nunca tinha estado na garupa de uma moto. — Ok. — ela sorriu. — Eu vou terminar minha pintura enquanto você estiver fora.

Ele a ouviu fechar a porta ao se dirigir para a caminhonete. No caminho para o acampamento, ele refletiu sobre a mulher que havia se enraizado na sua alma. Ele compartilhou quase todos os aspectos de sua vida com ela, incluindo as atividades criminosas, e ele tinha certeza que a faria dividir seus segredos mais profundos. Quando ela perguntou sobre a cicatriz em seu abdômen, ele não comentou sobre Veronique. Ele nunca mencionou que ele e Veronique foram amantes, apenas que ela era uma cirurgiã qualificada que ajudava no acampamento quando necessário e suturou habilmente depois de uma briga de faca.

Ele se perguntou mais de uma vez o que Christy estava fazendo na casa de Van e Vivian no dia em que a conheceu. Quem era o homem mais velho com quem ela morou aos dezesseis anos? O homem que, obviamente, não tinha habilidades no quarto.

As histórias que Christy compartilhava não eram relacionadas com ela, mas com a família e suas peculiaridades da classe alta, e como seu maior ressentimento com Van e Vivian tinha a ver com Litzy. Ela explicou como a babá fiel dos Chapman foi dispensada no verão que Christy fugiu.

— Litzy não conseguiu me impedir de fugir, de modo que ela tornou-se dispensável. — Christy explicou, e foi difícil disfarçar sua amargura. — E vamos ser honestos, quem, com dezesseis anos de idade, ainda precisa de uma babá? — ela desviou o olhar de Anthony, e

acrescentou: — O que ninguém sabia na época era que Litzy estava grávida. Ela ainda era bastante jovem, apenas na casa dos trinta, e Van e Vivian a despediram com um plano de seguro de saúde decente. Provavelmente foi única coisa humana que já fizeram.

— Então, ela teve Abby. — disse Anthony.

— Sim. Ela conseguiu um emprego em uma pré-escola e levava Abby para trabalhar com ela todos os dias. — Christy sorriu melancolicamente. — Eu ainda gosto de voluntariar lá, mesmo que seja difícil para mim. — acrescentou ela.

Anthony entendia como Christy ficou tão ligada a Litzy e Abby. Elas eram o mais próximo que ela conheceu de uma família real. Também explicava muito sobre o amor dela por Nadine e os filhos. Ele não podia imaginar o tanto que ela ficou devastada quando Abby morreu.

— A casa que eu dei para a Nadine. — disse ela, interrompendo seus pensamentos. — Originalmente, eu comprei para Litzy e Abby. Quando Abby morreu, Litzy saiu da casa. A casa era grande demais para ela. Ela, finalmente, se mudou.

— Você perdeu contato com ela? — Anthony perguntou e acariciou sua bochecha.

— Não. Ela é está no norte, e ainda falamos, mas não tanto quanto costumávamos. Eu não posso culpá-la. Os Chapman não deram nada, além de dor para Litzy.

— Como? — Anthony perguntou. Christy não tinha compartilhado nenhuma história dos Chapman tratando a Litzy mal, exceto demiti-la quando Christy tinha dezesseis anos.

Ela gaguejou como se não tivesse certeza da resposta. — Bem, hum... eles não a trataram bem quando a filha ficou doente.

— Eu pensei que você tivesse dito que eles a despediram com seguro de saúde. Você quer dizer que eles não ajudaram financeiramente quando o seguro não cobriu?

— Não, Anthony! — ela respondeu magoada. Eles estavam deitados na cama, e ela sentou-se para olhar para ele. — Não é isso que quero dizer. Não se tratava de dinheiro. Van e Vivian não se preocuparam com uma mulher que morou na casa deles por quase quinze anos! Desde que ela era uma adolescente sozinha. Não se importaram com uma mulher cuja única criança estava morrendo. Eles nunca perguntaram sobre Abby, e nenhuma vez, apareceram no hospital. Nem uma única vez. — ela olhou para Anthony, as lágrimas começaram a borrar a visão dela. — Eu sinto muito, Anthony. Eu não queria gritar com você assim.

Quando Anthony estacionou no acampamento, ele pensou na profundidade da dor de Christy. Ela odiava tanto Van e Vivian que encontrava falhas não apenas em tudo o que fizeram, mas em tudo o que não fizeram também.

Uma hora mais tarde, ele estava em casa e encontrou-a em sua mesa falando ao telefone. Aparentemente, toda a conversa sobre Litzy deixou-a com saudade da mulher por quem sentia tanto carinho.

Christy colocou o fone no gancho e olhou para Anthony com um olhar melancólico.

— Litzy? — ele perguntou.

— Sim. — ela sorriu. — E ela está indo bem. Ainda namorando o mesmo cara.

— O pai de Abby? — ele perguntou, sem se lembrar se Christy falou sobre ele.

— Não. — ela respondeu e se levantou. — Ela nunca me contou quem era o pai de Abby. — ela olhou para os lados, em seguida, percebeu que ele estava com uma mão nas costas. — O que você está escondendo?

Ele sorriu e entregou-lhe um buquê de flores. — É terça-feira. Eu achei que ia querer visitar o túmulo de Abby.

Ela tomou-as da mão estendida de Anthony. — São lindas, Anthony. Onde você comprou?

Ele riu. — Eu tenho uma empresa de paisagismo, Christy. Eu sei onde conseguir as minhas flores.

Estavam cuidadosamente embrulhadas em um buquê, e ela segurou-as perto quando foram para o cemitério na moto de Anthony. Depois de prestar as condolências, eles foram para a praia, e ela gostou mais ainda do passeio. Na ida para o cemitério, ela teve que segurar as flores delicadas entre eles. Sem a preocupação de esmagá-las, agora ela podia inclinar-se contra Anthony e envolver os braços ao redor da cintura dele. Ele fazia questão de levar a mão dela à boca em cada sinal vermelho e ela não tinha certeza, mas achou que ele sussurrou: “eu te amo” na palma da mão dela na última parada. O coração dela derreteu. Se ao menos pudesse acreditar que era verdade.

Ela inclinou o rosto contra as costas dele e se deleitou com a sensação da longa trança grossa pressionada ao seu rosto. Ele a levou para jantar, e eles assistiram o pôr do sol da janela do restaurante. Depois, ele a levou para uma pequena extensão de praia privada. Ele caminhou com ela até a beira do mar e abraçou-a. Ela absorveu seu cheiro forte, masculino e fingiu que as circunstâncias eram diferentes.

Anthony se afastou de Christy e olhou para baixo. Ele tinha algo para perguntar a ela, e pela primeira vez na vida, ele se sentiu desconfortável com uma mulher. Era tudo diferente para ele e teria ligado para a irmã para pedir conselhos, mas não estava com vontade de explicar

os detalhes de como se apaixonou pela mulher que tinha levado para sua casa duas semanas atrás. Ele sabia que duas semanas não era muito tempo, mas parecia uma eternidade desde que ele a conheceu. E ele nunca foi do tipo de brigar consigo mesmo sobre uma decisão. Ele deveria saber no dia em que ele se recusou a deixá-la comprar sua liberdade que isso aconteceria. A certeza absoluta de que ele precisava, tinha e devia possuir Christy Chapman. E não apenas seu corpo, mas seu coração e alma também.

Ela olhou para ele e percebeu que ela não conseguiu ler sua expressão. Ele estava quase nervoso, inseguro. O oposto total do Anthony Bear que ela conhecia. Como se sentisse seu escrutínio, o comportamento dele mudou. Ele estava de volta no comando, e ela percebeu pela expressão, bem como a linguagem corporal.

— Você sabe que eu gosto de fazer na minha oficina, Christy? — ele perguntou.

Ela piscou, sem saber para onde a conversa estava indo. Ela assentiu, então: — Sim, você me mostrou, e eu sei o que você faz quando está lá.

— Eu tenho trabalhado em algumas coisas para você. — ele disse a ela. Quando ela não respondeu, ele acrescentou: — Eu sei que mesmo que você não as use, você vale mais do que diamantes. Mais do que qualquer pedra preciosa.

Ele viu a confusão em seus olhos. Ele enfiou a mão no bolso da calça jeans da frente e tirou algo. Ele pegou a mão dela e colocou-o na palma. Ela olhou para ele e sorriu. Era simples, mas bonito. Ele tinha criado um anel que era impressionante em sua simplicidade, e ela estava impressionada com os detalhes do pequeno presente.

— É lindo, Anthony. É o mais belo presente que alguém já me deu. — disse ela. E ela falou sério. O cheiro do ar salgado e das gaivotas voando

acima adicionaram beleza ao momento, e ela se deliciou com o calor de receber um presente tão pessoal dele.

— Não é apenas um presente, Christy. — disse ele, seus olhos escuros e sérios.

Ela balançou a cabeça ligeiramente, como se dissesse que não estava entendendo.

— É um pedido. — ele limpou a garganta. — É a minha maneira de pedir-lhe para casar comigo.

Ela puxou a mão para trás como se tivesse sido queimada. O anel voou para o ar e Anthony conseguiu pegá-lo antes de cair na areia. Ela deu um passo para trás, e sua respiração tornou-se pesada quando seu coração pareceu que ia bater para fora do peito. Este era o momento em que toda mulher sonhou. O momento que ela sonhou. Ter o homem que você amava pedindo para passar o resto de sua vida com ele. Só que ela sabia que isso era nada além de uma farsa. Ela achava que Anthony a amava? Possivelmente. Talvez do seu jeito. Ela achava que Anthony estava pedindo-a em casamento por causa desse amor? Não. Ela sabia que ele tinha outro motivo.

— Christy? — perguntou ele, com a cabeça inclinada para um lado.

Ela, imediatamente, desconsiderou as palavras que ela achou que ele tinha murmurado em sua mão menos de uma hora atrás. — Nós nunca nem dissemos as palavras 'eu te amo' e você está me pedindo em casamento? — ela perguntou cheia de ceticismo e dor.

— Eu não sabia que era um pré-requisito para uma proposta de casamento. — disse ele, e ela ouviu a sinceridade em seu tom. — Eu nunca fiz isso, Owani. Eu nunca me apaixonei, e se você estava esperando que eu dissesse, eu falo agora, e vou falar todos os dias para o resto da minha vida. Eu te amo, Christy. Eu quero casar com você. — ele fez uma pausa e

respirou fundo. — Você quer se casar comigo? — seus olhos castanhos estavam esperançosos.

— Sim. — respondeu ela, mas com tristeza. Como se tivesse dando más notícias.

A contradição entre a sua resposta e seu tom de voz fizeram com que ele desse uma pausa. Ele não sabia o que pensar. Ele não tinha que pensar em tudo. E as próximas palavras dela o surpreenderam.

— Mas eu não posso. — ela adicionou ao desviar o olhar e balançou a cabeça ligeiramente. — Sinto muito, Anthony, mas a resposta é não.

Ela deixou-o em pé na beirada da água e voltou ao estacionamento.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Naples, Flórida, 1978



Não importou o tanto que Anthony tentou obter uma razão para Christy por rejeitar sua proposta, ela se recusou a falar. Ela falou que não poderia se casar com ele, mas não ofereceu nenhuma explicação sobre o porquê. Ela estava inflexível sobre ter certeza que sabia que queria ficar com ele e que o amava, mas nunca poderia se casar com ele.

Anthony Bear não estava acostumado a ouvir a palavra não. Então ele passou os próximos dias depois da proposta balançado entre a consciência de que precisava ser paciente com ela, e a raiva da sua rejeição e recusa em dizer-lhe o porquê. Ele tinha uma ideia sobre qual poderia ser o motivo da recusa, mas ele queria ouvir dela. Frustrado e um pouco louco, ele lutou com o desejo de contar que ele já tinha resolvido as coisas por conta própria dias antes da proposta formal. *Se ela soubesse,* ele pensava consigo mesmo.

Aparentemente, a mulher por quem ele se apaixonou era teimosa como uma mula. E por mais que ele odiasse admitir, era essa teimosia, combinada com sua natureza corajosa e espirituosa que o fez se apaixonar por ela. Quando ele acrescentava sua vulnerabilidade e ingenuidade à mistura, era a receita perfeita para conquistar seu coração. Um coração que ele nunca soube que era capaz de amar. Isto é, até Christy Chapman aparecer em um Corvette vermelho.

Mais tarde naquela semana, Anthony parou no Camp Sawgrass para verificar o pessoal e discutir um acordo comercial que precisava de

uma entrega especial no Porto de Miami. Seu novo cliente viria da Arábia Saudita e queria conhecer Anthony pessoalmente. Não era incomum que um cliente de alto perfil quisesse conhecer o homem encarregado da operação e Anthony confirmou que estaria em Miami no dia seguinte.

Satisfeito com os arranjos para a reunião, ele se afastou e observou que a machadinha que ele jogou pareceu voar através do ar em câmera lenta antes de bater no bloco de madeira que estava preso à parede de um dos edifícios. Ele começou a caminhar em direção ao alojamento para recuperá-lo quando sentiu a aproximação de Shasta. Ele estava puxando a machadinha quando sentiu a mão dela acariciar levemente seu bíceps.

— Eu tenho algumas camisinhas, Anthony. — disse ela.

Ele se virou para olhar para ela e viu a fome em seus olhos. Era uma combinação de desejo sexual e desespero. Ela precisava de uma dose e esperava que um encontro com Anthony garantisse mais drogas do que se dormisse com um dos regulares.

— Não hoje, Shasta. — ele falou e voltou para onde estava antes. *Nem qualquer outro dia,* foi o que ele quis dizer. Ela o seguiu e esperou-o jogar a machadinha pela segunda vez.

— Vai valer a pena. — disse ela. Ela acenou em direção ao prédio do escritório do acampamento. Anthony seguiu o olhar dela e viu uma loira vestida com pouca roupa de pé na entrada. Ela sorriu e cumprimentou.

— Nós duas juntas faremos você esquecer o seu nome. — Shasta disse com a voz instável.

Anthony balançou a cabeça lentamente e olhou para Shasta. Ela devia ser só um pouco mais velha do que Christy, mas parecia ter uns trinta. Ele tentou suscitar alguma compaixão pela mulher, mas não estava lá. Ela era responsável pelas escolhas da vida dela. Não ele.

— É ela, não é? — Shasta perguntou com a expressão triste.

— Ela quem? — ele respondeu, sem entender a pergunta.

— Aquela garota que você fez todo mundo procurar. Você sente algo por ela, não é? — ela engoliu em seco e desviou o olhar dele.

— É isso que todos pensam? — ele perguntou.

— Não. — ela respondeu honestamente. — Ninguém fala sobre isso. Ela é notícia velha. Acho que você está diferente.

— Vamos. — disse ele, agarrou-a pelo braço e dirigiu-a para dois homens que estavam perto de suas motos. Apenas o pensamento de Christy de alguma forma o suavizou.

— Brooks. — comandou Anthony. — Consiga para Shasta o que ela pedir.

Brooks assentiu.

— Obrigada. Obrigada, Anthony. — Shasta deixou escapar. Ela o seguiu quando ele foi na direção da loira que sorria sedutoramente.

— Quantos anos você tem? — Anthony perguntou à garota.

— Dezoito. — ela respondeu um pouco rápido demais.

— Quantos anos você tem? — ele perguntou novamente, estreitando os olhos.

— Não minta para ele. — acrescentou, Shasta olhou Brooks pelo canto do olho. Estava ansiosa pelo que Brooks arranjaria para ela. Ela precisava de uma dose e precisava muito.

A loira deixou escapar um grito: — Eu farei dezessete em duas semanas.

— Vá para casa e nunca mais volte aqui. — disse Anthony enquanto se dirigia para a motocicleta. Ele queria ir para casa e fazer amor com uma loira. A loira dele.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Naples, Flórida, 1978



Dois dias depois, Anthony estava na porta da frente e dando beijo de despedida na Christy. A proposta de casamento ainda estava pendurada no ar entre eles como uma fralda suja que ninguém queria trocar. Era evitada. Christy, porque não queria explicar para o Anthony por que disse não. E, Anthony, porque ele nem queria mais uma explicação. Ele queria um sim oficial.

— Você não vai sair da casa? — ele perguntou.

— Eu disse que não tenho lugar para ir hoje. — ela o tranquilizou.

— Eu acredito em você, Owani. Estou apenas me certificando.

Após a conversa da semana passada e nenhuma indicação adicional de que ela ainda estivesse em perigo, Anthony sabia que ele tinha que dar alguma liberdade para Christy. O que ela não sabia era que Anthony estava permitindo que ela fizesse pequenas viagens sozinha porque ele estava vigiando-a. Sem o conhecimento dela, um detetive particular, que era um agente da lei aposentado, a seguia quando saía da casa. Até agora, ela foi ao seu apartamento, para uma consulta ao médico para seu exame anual e ela até se voluntariou por um dia na pré-escola onde Litzy costumava trabalhar.

Anthony contratou o homem porque não só não tinha capacidade de seguir Christy sem que ela percebesse, mas ele poderia fornecer segurança, caso Van e seus amigos ainda tivessem ideias equivocadas

sobre levá-la. Anthony tinha certeza que não era mais uma ameaça viável, mas ele ainda queria ser cauteloso. Ele ficou feliz que os serviços do detetive não fossem necessários hoje. Ele ficaria desconfortável se precisasse ir para a costa leste, sabendo que ela estava dirigindo, mesmo sendo seguida. Ele sentiu-se melhor ao saber que ela estaria em casa e ainda respeitava a regra de que iria diretamente para o quarto escondido, no improvável caso de alguém aparecer na casa.

— Eu sempre posso chamar o Alexander se houver uma emergência, certo? — ela perguntou, olhando para ele, seus olhos azuis o mantinham preso.

— Não pode. X está fora da cidade hoje. — Anthony não tinha compartilhado com Christy que tinha tido uma dica sobre o paradeiro de Van. Ele não tinha certeza se funcionaria, mas ele não queria perder nenhuma oportunidade que pudesse levá-lo ao homem.

— Vá para o quarto, Christy. Você já sabe disso. Ligue as câmeras e, se algo parecer suspeito, chame a polícia. Não estamos mais escondendo o fato de você estar aqui comigo.

— Eu não quis dizer esse tipo de emergência, Anthony. Eu sei de quem me esconder se eu precisar. Quero dizer, outros tipos de emergência. — ela mordeu o lábio enquanto pensava. — Você sabe, como um incêndio.

Ele beijou a cabeça dela e disse: — Se houver um incêndio, chame o corpo de bombeiros, querida. Nesse meio tempo, não deixe a casa hoje.

Ela sorriu e ficou nas pontas dos pés para apertar-lhe o queixo. — Eu sei. — disse ela. — Vou limpar a louça do café da manhã, tomar banho e terminar a minha pintura. Eu até vou tentar fazer o jantar. — ela sorriu para ele.

Ele sorriu, sua covinha fazendo borboletas aparecerem em seu estômago. — Eu vou chegar tarde. Eu tenho negócios na outra costa e durarão o dia todo. — disse ele. — Vá em frente e coma sem mim. Vou comer na estrada. — ele acabara de comer uma omelete que tinha gosto de leite queimado e cinzas de charuto. Ele não conseguia imaginar como ela conseguiu, e ele fez o possível para engolir sem sufocar. Ele estava apaixonado por uma mulher que cozinhava pior do que sua irmã. Ele devia enviar as duas para a escola de culinária. Ou, melhor ainda, ele poderia ensinar uma coisa ou duas na cozinha para ela, ou fazer toda a comida. Realmente, ele não se importava com isso.

Ele deu um beijo longo nela e foi para a caminhonete. Depois de entrar, percebeu que tinha deixado os óculos escuros em casa. Ele destrancou a porta da frente e foi buscá-los. Ele a chamou e ela estava lavando os pratos na cozinha.

— Eu acho que você os deixou na varanda. — ela gritou por cima do ombro.

Depois que ele comprou os materiais de arte de Christy, ela assumiu a varanda e tornou seu espaço. Ele não se importava. Ele nunca a usou de qualquer maneira.

Ele pegou os óculos de sol da mesa e começou a sair quando viu seu cavalete. Ele ainda não tinha visto seu trabalho. Ao contrário dele, que compartilhou sua paixão secreta com ela, ela insistia que não estava pronta para compartilhar sua pintura. Ele sabia que ela pintava seus medos e imaginou que ela tivesse ficado com vergonha por causa disso. Ele podia ouvi-la mexendo na cozinha. Ele caminhou ao redor do cavalete e olhou cautelosamente. Seus olhos se arregalaram quando ele examinou lentamente a tela. Ela era talentosa. Era uma tempestade, como ele supunha. O céu era preto e as áreas eram iluminadas pelos relâmpagos que atravessavam o centro da imagem. Ele ficou admirado com o jeito que

ela conseguiu pintar diferentes elementos de luz e escuridão. Ele recuou e conseguiu apreciar a linda paisagem que servia de pano de fundo para a tempestade. Era uma cena montanhosa e Anthony ficou impressionado com os detalhes.

Ele começou a se afastar e algo o fez olhar para trás. Seus olhos estavam fazendo truques com ele? Ele ficou na frente da pintura e deu dois passos para trás. Ele fechou os olhos e abriu-os rapidamente. Ele agora estava certo do que estava vendo. Pintado na paisagem estava o perfil de um homem que se misturava perfeitamente com a forma das montanhas. Ele não conseguiu confundir o maxilar forte, o nariz reto e os longos cabelos pretos. Ele estava se vendo. Christy estava pintando seus medos e aparentemente, ele era um deles.

Foi uma tarde lenta no Hospital Memorial Regional, então quando o homem com o corte profundo na palma da mão entrou na sala de emergência, ele não precisou esperar muito. A enfermeira de plantão coletou suas informações e o conduziu até os fundos, onde limpou a ferida e disse que o médico de plantão estaria ali em breve.

Ela passou pela Dra. Dubois e a cirurgiã bonita disse: — Você pode querer usar uma máscara. O cara na cama está muito fedido.

A Dra. Veronique Dubois não respondeu enquanto se dirigia para a cama e puxou a cortina. Olhando para a prancheta que estava segurando, ela dirigiu-se ao paciente sem olhar para cima.

— Sr. Diamond, parece que você fez um estrago na mão. Diz aqui que você se machucou cortando um pão?

— Sim, foi o que aconteceu, doutora. Eu estava segurando um pão francês grande na mão e fui passar a faca através dele e não percebi o tanto que era suave. A faca atravessou o pão e chegou na minha mão.

Ela finalmente olhou para cima e observou o homem. Pela aparência, era um sem-teto e ela duvidava que ele tivesse machucado a mão cortando pão. Suas roupas estavam sujas, ele precisava de um barbeador e, quando viu a mão dele, notou que as unhas das mãos estavam cobertas de sujeira. E a enfermeira estava certa. Ela deveria ter usado uma máscara. Ele cheirava a excrementos humanos e tinha o pior caso de transpiração que já havia se deparado. Ela daria os pontos e o tiraria da sala de emergência o mais rápido possível.

Depois de aplicar uma injeção contra tétano, ela puxou uma cadeira e foi trabalhar. Ele falou sem parar e só fez uma pausa para respirar. Ela ficou feliz. Não jogava conversa fora. Depois de alguns momentos, ele disse algo que chamou sua atenção.

— Eu reconheço você. Você é a senhora doutora que costumava ir ao Camp Sawgrass. — disse ele. — Você é a Dra. V.

Ela parou no meio do ponto e olhou para cima.

Ela ficou surpresa quando ele ofereceu um sorriso brilhante e branco. — Eu sei que você não me reconhece. Você nunca me costurou, mas eu vi você trabalhar com alguns dos caras de lá.

Ela respirou fundo e disse calmamente: — Você deve estar me confundindo com outra pessoa.

Ele baixou a voz. — Você não precisa fingir comigo, doutora. Eu não vou te dar problemas. Agradeço o que você fez por nós, e pelo pessoal de lá.

Ignorando-o, ela voltou a costurar a mão e sufocou um suspiro quando acrescentou: — Mesmo que Anthony não goste.

— Como você saberia do que Anthony gosta ou não gosta? — disse ela em um sussurro, ainda sem encontrar seus olhos.

— Eu acho que não sei. O que eu sei é que você não aparece há um tempo e acho que ele não percebeu por que está com alguém novo.

A cabeça de Veronique levantou-se. Ele assentiu. — Todo mundo sabe que você é a mulher dele... ou pelo menos você era. Por isso, você não vem mais ao acampamento? Porque ele encontrou alguém novo?

Ela respirou profundamente e tentou morder o lábio para impedir que as próximas palavras saíssem, mas escaparam de qualquer maneira. — O que você quer dizer com está com alguém novo? Porque se você quer dizer que ele tem alguém na cama, não fico surpresa.

— Ela não está apenas na cama. — o homem riu. — Ela está morando na casa dele. Tipo, em tempo integral, cuidando da casa, morando juntos. Ouvi dizer que ele se casaria com ela. Pode até já ter se casado.

A Dra. Dubois não disse outra palavra, mas fez um rápido trabalho de sutura na mão do homem. Ela ficou com raiva secretamente e mal conseguiu tirá-lo da emergência rápido o suficiente. Depois que ele saiu e ela se limpou, ela foi para a estação das enfermeiras.

— Eu tenho uma emergência pessoal. — disse ela à enfermeira. — Você terá que pedir para quem está de plantão voltar. Não sei quando, ou se voltarei hoje. — ela começou a dirigir-se para a porta quando a mulher a chamou.

— Você não vai esperar até o Dr. Patten chegar? — perguntou a enfermeira atordoada. — E se aparecer alguma emergência antes de ele chegar aqui?

— Eu tenho certeza que você pode lidar com isso. — ela gritou enquanto se dirigia para a porta.

A Dra. Veronique Dubois comeu enquanto dirigia para casa. Anthony Bear tinha uma mulher morando em sua casa? Uma

mulher com quem ele se casaria? *Impossível,* ela se convenceu, mas sabia que conseguiria pensar em mais nada até que ela o confrontasse. E ela precisava fazer isso pessoalmente.

Chegou à casa dela em tempo recorde. Ela tomou banho, reaplicou a maquiagem e secou o cabelo. Ela vestiu sua roupa favorita. Um traje profissional, que de alguma forma apalpava a sensualidade e exibia os olhos verdes reforçados por sobrancelhas perfeitamente arqueadas. Ela estava pronta para sair pela porta quando algo aconteceu com ela. Ela jamais apareceria e deixaria Anthony e sua suposta noiva pensarem que não era capaz de ter um homem em sua vida. Ela foi até a caixa de joias e tirou o anel de noivado de diamante que lhe foi dado pelo homem com quem estava envolvida antes de conhecer Anthony. Ele nunca pediu de volta, e ela nunca ofereceu. Ela colocou-o e dirigiu-se para a casa de Anthony.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Naples, Flórida, 1978



Christy estava lavando a pia com as suas ferramentas, enxaguando os pincéis quando teve certeza de ouvir um carro chegando. Anthony disse que não estaria em casa antes do anoitecer. Talvez ele tivesse terminado cedo. Ela desligou a torneira e foi rapidamente para frente da casa. Ela examinou a porta aberta do escritório de Anthony e viu através de sua enorme janela que um carro esportivo caro estava chegando pela entrada. Ela não conseguiu ver o motorista e estava se preparando para se fechar na sala secreta quando o carro fez o caminho circular, dando-lhe uma visão da placa. Era uma personalizada onde lia-se: LADYDOC.

Ela sabia que deveria ir ao quarto secreto, mas sua curiosidade conseguiu o melhor dela. Anthony já havia mencionado a mulher, que não só ajudava o pessoal no acampamento, mas tinha feito uma sutura nele depois que ele foi esfaqueado. Ela queria ver a aparência da cirurgiã. Ela não tinha certeza do que esperava, mas sabia que não era a criatura alta e linda que saiu do carro. Ela se movia com uma graciosidade que exalava confiança, inteligência e sexualidade crua. As entranhas de Christy se torceram.

Ela viu a mulher passar na janela do escritório e sabia que ela iria até a porta da frente. Ela fechou os olhos e esperou que ela não tivesse sua própria chave. Se tivesse, ela saberia que essa mulher era mais do que apenas a médica de plantão de Anthony.

Uma batida suave atravessou seus pensamentos. A médica não tinha uma chave. Christy sorriu.

Veronique estava na porta da frente de Anthony e ensaiava mentalmente todos os cenários imagináveis. Ela tinha que se preparar emocionalmente para um confronto com ele e, possivelmente, até mesmo com a mulher que seu paciente, Benjamin Diamond, havia insinuado que morava aqui. Ela notou um Volkswagen quando chegou, mas imaginou que pertencia à diarista de Anthony. Ela nunca conheceu a mulher, mas sabia que era mais velha. Era possível que o Sr. Diamond tivesse confundido rumores sobre uma mulher que supostamente vivia com Anthony com a diarista que, obviamente, passava algum tempo na casa de Anthony? *Claro que sim,* pensou. Anthony Bear nunca permitiria que uma mulher compartilhasse sua casa. Nunca.

Ela teve que mascarar a surpresa quando uma loira jovem, pequena e extremamente atraente abriu a porta e sorriu gentilmente para ela. Veronique nunca teve uma aula de atuação na vida, mas sabia que teria que fingir desempenhar a parte da médica e amiga preocupada para ser crível e não ter a loira fechando a porta na cara dela.

— Oi. — ela disse, sorrindo calorosamente para Christy. — Eu sou a Dra. Veronique Dubois. — ela estendeu a mão, e Christy sacudiu. — Anthony está aqui?

Christy sabia que não devia atender a porta, mas não viu ameaça por deixar uma doutora saber que estava sozinha. Os médicos estavam no negócio de salvar vidas, não de ameaçá-las.

— Oh, desculpe. Ele não está. — Christy disse a ela. — Posso ajudá-la em algo? — ela perguntou à mulher sorridente.

— Bem, eu acho que sim. Primeiro, eu queria ter certeza de que ele ainda estava bem. Eu fiz uma sutura nele um tempo atrás. Você sabe se ele está tendo algum problema? — ela perguntou. Seus olhos mostraram uma preocupação verdadeira. Antes que Christy pudesse responder, ela acrescentou: — Não vou ao acampamento há dois meses, então não tive oportunidade de perguntar para ele.

— Oh, eu não o ouvi se queixar, e eu vi a cicatriz de que você está falando. Parece tudo bem. — a admiração na voz de Christy era notável. — Você, obviamente, é boa no que você faz.

O otimismo de Veronique foi instantaneamente liquidado. Em algum lugar no fundo, ela esperava que a jovem mulher tivesse substituído a velha diarista de Anthony. Mas Veronique sabia que uma diarista nunca teria a oportunidade de ver a cicatriz de Anthony. A menos que ele mostrasse. Esta mulher era a amante de Anthony. Ela teve que apagar a tempestade que estava se preparando para tomar conta do seu cérebro. Com um sorriso deslumbrante, ela acrescentou: — Fico tão feliz em ouvir isso!

Sem dar tempo a uma pausa estranha, ela disse: — Passei aqui uma ou duas vezes e acho que esqueci uma coisa.

Os olhos de Christy se arregalaram, mas ela não disse nada.

— Meu avô me deu um estetoscópio quando me formei na faculdade de medicina. Ele era um médico e era dele. Não consigo encontrá-lo em qualquer lugar, e ocorreu-me que eu poderia ter esquecido quando vim dar uma olhada no Anthony. Você o viu em algum lugar?

Christy sacudiu a cabeça. — Um... não. Mas eu também não estive procurando por isso.

— Seria possível que você dê uma olhada agora? Ou talvez me deixe olhar com você? Anthony pode ter encontrado e enfiado em uma gaveta. — ela falou para Christy, seus belos olhos verdes esperançosos.

Christy pareceu hesitante e Veronique percebeu a apreensão da menina. *Eu exagerei na dose,* pensou Veronique. *Eu tenho que retroceder e parecer vulnerável, não excessivamente confiante.*

— Eu posso voltar quando ele estiver aqui. — ela falou e jogou o cabelo para o lado. — Claro, essa viagem é muito inconveniente. — Veronique mordeu o lábio numa tentativa de parecer insegura sobre a situação. — Então, talvez não consiga outra vez. Tenho duas cirurgias agendadas para amanhã e depois vou sair da cidade. — ela estava fazendo rodeios, tentando passar para Christy a impressão de que estava exasperada. E funcionou.

— Tudo bem. Entre. — disse Christy, afastando-se. Ela percebeu a mulher atraente e reconheceu o aroma. Era o mesmo que a avó costumava usar. Uma marca cara pra caramba. Christy ficou secretamente aliviada por não ser o perfume que ela sentiu na caminhonete de Anthony há mais de três semanas.

Veronique conversou com Christy enquanto examinava a casa casualmente. Ela mencionou o casamento próximo e a visita dos avós, que ela não suportava a ideia de contar para eles que tinha perdido o estetoscópio. Depois de notar a pedra no dedo de Veronique, qualquer dúvida que Christy tivesse sobre Anthony e a médica maravilhosa, desapareceu.

Veronique percebeu o olhar de Christy em sua mão e notou alívio em seus olhos. Reforçando para parecer sincera, ela deu um sorriso falso e disse: — Estou tão feliz em ver que Anthony tem alguém sério em sua vida.

Christy não disse nada e um rubor subiu no pescoço dela.

— Oh, sinto muito. — Veronique pediu desculpas. — Eu deduzi que você mora aqui com ele. Eu vi o carro na frente e como ele não está aqui e você atendeu a porta... — ela deixou as palavras no ar e fingiu constrangimento.

— Tudo bem. — Christy disse a ela. — Você está certa. Eu moro aqui com ele.

Veronique deu um sorriso largo. — Bom! E espero que ele torne oficial em breve. — disse ela, olhando para o dedo anelar nu de Christy. — Ele precisa se acalmar.

Christy desviou o olhar timidamente. — Bem. — ela fez uma pausa, sem saber o quanto ela deveria contar à mulher. — Na verdade ele já propôs, mas eu não aceitei. — ela não conseguia entender por que compartilhou um detalhe tão íntimo com uma estranha. Então, ela se lembrou. Essa mulher salvou a vida de Anthony. A Dra. Dubois não era inimiga.

Esta era uma conversa que Veronique não queria maior envolvimento. Seu sorriso era tão forçado que as bochechas estavam doendo para mantê-lo. Ela mudou de assunto. Acenando com a cabeça em direção ao corredor, e perguntou: — Quando vim da última vez, ele estava confinado na cama. Você se importa se olharmos lá dentro? — sua voz era sincera e tinha um respeito que Christy apreciava.

Christy sorriu e fez um gesto para que ela a seguisse. Uma vez no quarto, Veronique fez um gesto para a mesa de cabeceira e perguntou: — Posso verificar lá enquanto você olha em gavetas que ele poderia considerar mais privadas? Eu duvido que ele gostaria que eu procurasse nelas, e se a mesa de cabeceira do meu noivo é alguma indicação de que os rapazes mantêm perto da cama, provavelmente está cheia de lixo inútil.

— Claro. — Christy disse com um sorriso enquanto ela se dirigia para a cômoda de Anthony. Christy sabia que não havia nada de

importante na mesa de cabeceira de Anthony. Mesmo que ela não achasse que a médica estava fazendo algo além de tentar encontrar seu estetoscópio, Christy não se sentiu bem por deixá-la mexer na cômoda de Anthony.

Veronique abriu a gaveta da mesa de cabeceira e paralisou, visivelmente rígida. Seu maxilar apertou quando os viu. A última vez que ela esteve na cama de Anthony, ela trouxe dez camisinhas com ela. Eles usaram duas e ela se lembrava de deixar oito na gaveta especificamente. Oito preservativos que ainda estavam dentro da gaveta. Uma raiva e ódio intensos invadiram-na e ela podia sentir seu sangue percorrendo suas veias. Se ele estivesse dormindo com esta vagabunda, ele não estava usando proteção. Proteção que ela sabia que ele insistia em usar com cada mulher com quem já dormira. Veronique, inclusive.

Ela forçou um sorriso e virou-se para olhar para Christy que estava revirando as gavetas da cômoda dele. Christy pegou o reflexo de Veronique no espelho.

— Nada aqui. Posso fazer uma verificação rápida do banheiro? — perguntou Veronique.

— Eu também não encontrei nada. — disse Christy e assentiu.

Veronique dirigiu-se ao banheiro e teve que cerrar os dentes. Se ela tinha pensado ridiculamente, que se os preservativos ainda estavam na mesa de cabeceira era porque ele não estava dormindo com a Barbie loira, as suposições evaporaram imediatamente. Três sutiãs de renda pendiam sobre a porta do chuveiro de vidro. Ela fez o rápido trabalho de abrir e fechar gavetas para que a loira pudesse ouvi-la e voltou rapidamente para o quarto.

— Eu não quero incomodá-la mais... — ela fez uma pausa como se tivesse pensado em algo. — Desculpe, não peguei o seu nome.

— Christy. — respondeu a jovem.

— Já te incomodei bastante, Christy.

— Você não me incomodou. — Christy respondeu enquanto seguia Veronique para fora do quarto.

Quando chegou à porta da frente, Veronique virou-se e dirigiu-se a Christy. — Obrigado pela sua ajuda. Por favor, diga a Anthony que eu voltei para verificar e pergunte para ele sobre o meu estetoscópio se não for incômodo.

— Claro. — Christy disse a ela com sinceridade.

Ela fechou e trancou a porta atrás da mulher e voltou para a pia com as suas ferramentas para terminar de lavar seus pincéis de pintura.

A doutora teve que se segurar muito para não sair cantando pneu da garagem de Anthony. Sua respiração estava pesada e o pulso acelerado. Ela estava além de lívida. Mais de uma vez, ela teve que apertar os punhos para impedir-se de dar uma bofetada no rosto de Christy. Ela fantasiou sobre pegar um bisturi e fazer picadinho de sua aparência perfeita. Talvez até mesmo arrancar os olhos azuis dela, do tamanho de um pires, e deixá-los no travesseiro de Anthony.

Ela ficou grata por possuir habilidades como cirurgiã da emergência para manter a calma. Ela não tinha um plano específico quando bateu à porta de Anthony, e ficou feliz por não ter entregado tudo. Ela encontraria Anthony Bear e veria o que ele tinha a dizer sobre Christy, que não podia ter mais que dezoito anos. Ela era apenas uma garota. Uma garota que havia recusado uma proposta de casamento de Anthony Bear. Ela pressionou o acelerador e se dirigiu para Native Touch Landscape and Design.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Naples, Flórida, 1978



Depois de não encontrar Anthony em seu escritório de paisagismo e confirmar com alguns dos trabalhadores que ele não tinha ido visitar os clientes, Veronique dirigiu-se para Camp Sawgrass. Estava quase anoitecendo quando ela estacionou no acampamento. Parou à frente do escritório e procurou pela caminhonete de Anthony. Não estava lá. Seus olhos fitaram cinco motos, e ela percebeu que não sabia como era a de Anthony. Ela procurou rapidamente na área de churrasco em que alguns dos homens ficavam. Ela não viu Anthony, mas reconheceu um homem. Ela o tratou de uma doença sexualmente transmissível. Feliz por sempre carregar a maleta médica, ela a agarrou e saiu do carro, secretamente grata de que um dos homens a tivesse reconhecido.

Ela esperava pelos assobios e comentários ofensivos e soltou um suspiro de alívio quando o homem que ela tratou disse: — Nada disso, companheiros. Esta senhora aqui é especial e Anthony vai cortar a garganta de vocês se mexerem com ela.

Ela sorriu para o comentário e ficou satisfeita com o comentário do homem sobre a proteção de Anthony em relação a ela. Ela avançou para o lugar que antes era, provavelmente, uma área de alimentação elegante para os campistas. As mesas de piquenique de madeira já tinham apodrecido e foram substituídas por cadeiras que costumavam ficar em algumas das varandas do alojamento, protegidas do tempo. Os cinco homens estavam nelas enquanto a apreciavam. Seus saltos clicaram no pavimento caro ao se aproximar. À esquerda do grupo variado, ela viu a

grande área de churrasco chique. Era enorme e tinha várias churrasqueiras e armários em baixo. Tudo, exceto as grelhas de ferro, era feito de tijolos, e a estrutura ocupava todo o lado esquerdo da área do pátio. Ela viu algo em uma das grelhas e tentou suprimir uma careta. Eram os restos carbonizados de uma mão humana.

Um dos homens notou sua reação sufocada e provocou-a dizendo: — É tudo o que resta de Denny. Acene olá para a médica bonita, Denny. — houve uma série de risadas.

— Não te vejo há algum tempo, doutora. — disse o homem que ela havia reconhecido. Ele bebeu o último gole de sua cerveja, e depois de esmagar a lata, atirou-a sobre seu ombro. Ela atingiu o piso de tijolos elegantes com um ping e saltou para grama.

— Eu estive ocupada no hospital e geralmente Anthony me avisa de alguma emergência. — ela respondeu. — Imagino que não houve nenhum problema?

— Se você acha que o escroto do chato do John conta como emergência, acho que poderíamos ter chamado você. — gritou um dos homens. Houve uma risada, e Veronique forçou um sorriso.

— Anthony está aqui? — ela perguntou enquanto levantava uma sobrancelha perfeitamente arqueada.

— Nah. — disse o homem. — Ouvi dizer que ele tinha negócios em Miami. Ele vai direto para casa ao voltar para esta costa e não aparecerá aqui até amanhã provavelmente.

Ela endireitou a postura e avaliou a situação. Ela não podia confrontá-lo se ele não estivesse por perto. Ela precisava de alguns minutos para organizar os pensamentos e precisava ser longe desse grupo de idiotas imundos.

— Eu vou verificar para garantir que a enfermaria não está com poucos suprimentos. — disse ela. O homem com quem ela estava falando olhou e coçou a virilha. Aparentemente, era o John.

— Vejo você depois, doutora. — ele se esticou e bocejou. — Eu não durmo há quase vinte e quatro horas. — ele então se virou para falar com os homens. — Já que vocês vão sair esta noite, esta é a minha despedida. — ele mostrou o dedo e houve uma risada.

Um deles comentou: — Califórnia, aqui vamos nós!

Então, os homens começaram a fazer comentários que ele dormiria mais, se ele não estivesse muito ocupado transando com a Shasta com seu pequeno dedo insignificante.

Ele começou a se afastar quando Veronique disse: — Mais uma coisa. Eu conheci um amigo de vocês hoje. Ben Diamond foi à emergência esta tarde. Meu acordo com Anthony era que eu seria chamada aqui se fosse necessário. Eu não preciso de um monte de motoqueiros aparecendo e agindo como se me conhecessem. — ela passou uma mão frustrada pelo cabelo e deu-lhe um olhar sério.

John se virou para encará-la. — Não conheço um Ben Diamond. — disse ele, antes de dirigir-se ao barracão.

Shasta assistiu da janela do escritório. Ela franziu a testa quando John dirigiu-se para a casa dos beliches. Ela sabia que ele dormiria em uma das camas. Os quatro homens, que agora estavam sentados ao redor da área de churrasco, assustavam Shasta. Eles abusaram dela mais de uma vez, e ela contava com John para lhe dar uma carona para a cidade, e não precisasse lutar contra os avanços dos outros. Ela ficaria no sofá da sua irmã mais velha por alguns dias. Normalmente, não tinha problemas em fazer favores sexuais para qualquer um, ou para todos eles. Foi a surra que ela levou depois de um em particular. O alto, chamado Andrew, tinha o prazer sádico de machucá-la durante e depois do sexo. Quando a médica

girou e dirigiu-se ao escritório, Shasta afastou-se da janela e correu para a enfermaria, e se arrastou para debaixo da cama.

Ela ouviu os saltos da mulher clicarem no chão de madeira enquanto caminhava pela área do escritório. Shasta permaneceu quieta, esperando que a médica evitasse a enfermaria. No que diz respeito à Shasta, a Dra. V poderia pular de um penhasco. Ela era uma esnobe presunçosa, e egoísta, que se aproveitava da adoração que os homens tinham por ela. Ela mal fazia contato visual com as mulheres que precisavam de atenção médica, repreendendo-as por serem fracas e envergonhando-as por vender seus corpos por drogas. Shasta sempre a desprezou e agora se perguntava por que a médica não tinha ido ao acampamento durante meses. Poderia ter algo a ver com a mulher que Anthony colocou a gangue para procurar? Ela foi arrancada dos seus pensamentos quando o toque estridente de um telefone quebrou o silêncio. Ela ouviu a médica atender o telefone que estava sobre a mesa do escritório, logo em frente à porta aberta da enfermaria.

— Olá? — disse ela. A voz de Veronique flutuou pelo escritório. — Quem?

— Não, não há nenhuma Judy aqui. — ela respondeu a quem havia chamado. — Sim, eu tenho certeza. — o tom dela tinha uma leve irritação. Um momento passou. — Não, não é uma tinturaria. Você, obviamente, ligou para o número errado. — ela desligou o telefone.

Veronique estava no balcão e olhou para os quatro homens que estavam sentados ao redor da área de churrasco. Um plano começou a se formar em sua mente e com Anthony fora ela estava certa de que poderia executá-lo com perfeição. Especialmente, se ela pudesse contar com os quatro degenerados sentados lá fora para ajudá-la involuntariamente antes de partirem para a Califórnia. Um sorriso lento e mau penetrou em

seu rosto quando ela pegou o telefone e discou o número da casa de Anthony.

Christy se sentou no sofá e colocou o petisco favorito na boca, abrir pistache deixava seus dedos doloridos e vermelhos, mas ela considerava um pequeno preço a pagar pelo prazer que ela tinha ao comê-los. Ela estava tendo dificuldade em se concentrar no programa de televisão que estava assistindo. Estava escuro lá fora agora, e ela percebeu que estava ansiosa para ver Anthony. Tinha sido o período mais longo que ficaram separados, desde o dia que ela atravessou a Alley sozinha e acabou no Glades Motel. Ela estremeceu ao pensar no que poderia ter acontecido com ela se Moe não tivesse procurado a ajuda de Grizz. Não se permitiu seguir por esse caminho, mudou de canal e ficou olhando para as cortinas fechadas da janela da frente. Mesmo que elas estivessem fechadas, ela sabia que poderia ver os faróis através das ripas quando ele parasse.

O telefone do escritório de Anthony tocou, e ela pulou. Ela deveria atendê-lo? *Claro que sim,* disse a si mesma, se levantou e caminhou até a porta aberta. Por que não? Ela poderia anotar uma mensagem para ele sem se identificar. Além disso, e se fosse ele? E se fosse importante? Ela atendeu ao terceiro toque.

— Olá?

— Christy, é a Dra. Veronique Dubois. — Christy achou a voz dela um pouco diferente. Mais aguda.

— Você está bem? Há algo errado? — ela perguntou a mulher, seus sentidos dizendo que algo não estava certo.

— Eu estou bem, mas Anthony não está. — disse ela, sua voz retornando ao tom normal.

— O quê? Como você sabe? Onde você está? — Christy disparou suas as perguntas rapidamente, o pulso acelerado.

— Eu passei pelo acampamento para fazer uma verificação de bem-estar aos seus homens, e Anthony chegou alguns minutos mais tarde. Eu acho que ele precisava vir aqui antes de ir para casa para você. De qualquer forma, ele entrou em uma briga horrível com um dos caras, é ruim, Christy. Eu acho que você deveria vir aqui.

Christy não conseguiu recuperar o fôlego. — Você chamou uma ambulância? — ela perguntou, sua voz falhando. — Eu posso encontrá-lo no hospital. Para qual hospital vão levá-lo?

— Não, eu não posso chamar uma ambulância. Anthony não vai permitir e eu nem preciso falar sobre o quanto me arriscaria se fosse vista no acampamento. Vou ter que operá-lo aqui.

— Operar? — Christy gritou. — Deixe-me falar com ele. Por favor!

— Eu não posso levar o telefone para ele. Não alcança. E ele não está em posição de se levantar e caminhar até ele. — ela parecia exasperada. — Você sabe que eu sou uma cirurgiã. Eu posso fazer isso. — ela fez uma pausa. — Eu preciso remover a bala, Christy.

Christy engoliu um soluço. — Você tem que operá-lo aí? Isso não parece uma boa ideia para mim.

— Eu sou uma cirurgiã de trauma, e eu sou boa no que faço. Eu posso remover a bala com segurança. — ela mentiu em sua melhor voz de médica autoritária. Suas palavras seguintes não foram tão fáceis de sair. — Ele está chamando por você, Christy. Ele não vai me permitir tocá-lo, a menos que você esteja aqui com ele.

— Eu nunca fui ao acampamento. Você pode me dizer como chegar aí? — Christy perguntou.

Depois de anotar as direções e desligar, Christy pegou as chaves e correu para o carro dela. Ela não trancou a casa. Ela não se lembrou da bolsa com a carteira. Ela entrou em seu pequeno carro e dirigiu tão rápido

quanto pôde para o acampamento Sawgrass, enquanto seu coração batia tão forte que ela achava que ia saltar para fora do peito.

CAPÍTULO TRINTA

Naples, Flórida, 1978



Satisfeita pela maneira como a primeira parte de seu plano funcionou, Veronique decidiu que era hora de colocar a segunda parte em movimento. Ela pegou a maleta médica, saiu e se dirigiu para os homens.

Shasta não podia acreditar no que tinha ouvido. A médica, deliberadamente, atraiu uma mulher chamada Christy para o acampamento. Uma mulher que, com base no que ela tinha ouvido a Dra. V dizer, se importava o suficiente com Anthony para acreditar que ele tinha pedido especificamente por ela. Não era Christy o nome da mulher que Anthony pediu para todos procurarem? Ela caminhou até a porta e abriu-a, esperando ouvir o que a médica diria aos homens ao se aproximar deles com passos largos e confiantes. A sorte de Shasta era que a noite estava tranquila; nem mesmo um grilo chilreava. Ela observou Veronique colocar a mão no quadril e abordar os homens em voz alta e estridente.

— Eu tive um telefonema estranho quando estava lá dentro. — ela disse para ninguém em particular.

— De quem? — Andrew perguntou, a voz um pouco arrastada.

— Eu não sei. Mas disseram que Anthony queria que passasse uma mensagem a qualquer um dos seus homens que estivesse por aqui.

— Que mensagem seria essa? — outro homem perguntou.

— Bem, é um pouco enigmática, mas eu tenho certeza que vocês vão saber o que significa. — ela moveu a maleta de um lado para o outro antes de continuar. — O homem que ligou falou que Anthony está enviando uma entrega especial. Eu não tenho certeza do que é, mas ele disse especificamente que é algo que não é mais útil para o Anthony. Ela pertence a vocês agora, e quando terminarem com ela, ele quer que vocês se certifiquem de que não haja provas de que ela sequer esteve aqui. Ele também disse para limpar tudo, o que quer que isso signifique, o mais cedo possível.

O outro homem, que parecia ser um pouco mais velho e mais endurecido do que o resto sentou-se na cadeira e perguntou: — Que tipo de entrega?

Ela balançou a cabeça. — O cara não disse. Ele disse que vocês saberiam o que era quando vissem. — ela sorriu e disse: — A enfermaria está reabastecida, então não sou mais necessária, vou embora.

Ela afastou-se, em seguida, parou. Ela virou-se e olhou para o rosto de cada um antes de acrescentar: — Oh, eu quase esqueci. Ele disse para procurar um coelho branco[5]. — ela riu e deu de ombros. — Eu acho que é algum tipo de coisa de código motociclista que vocês devem conhecer.

Ela entrou no carro e foi embora, convencida que tinha armado o crime perfeito. Ela se referiu certamente a estupro, tortura e assassinato para a Barbie de Anthony. Christy nunca teria a chance de contar para o Anthony sobre a visita de Veronique em sua casa. E se os homens estavam saindo do acampamento esta noite como ela ouviu um deles mencionar, Anthony nunca saberia o que aconteceu com sua preciosa Christy. Lembrar da loira com pele de porcelana e grandes olhos azuis alimentou a raiva de Veronique. Os nós dos dedos esbranquiçaram ao volante, onde tentava descontar sua raiva.

[5] Fazendo referência ao carro da Christy: White Rabbit.

Ela sabia que Anthony era um homem perigoso, mas ela não chegou onde estava sem ter um alto nível de inteligência. Certamente, era mais esperta do que um criminoso. Ele podia ter a força muscular, mas ela era a única com o cérebro. Ela não sabia o que a irritava mais. O fato de Anthony não ter se incomodado com sua rejeição meses atrás, sem tentar vê-la nenhuma vez, ou ela ter sido substituída por uma anã loira adolescente que, obviamente, não tinha um pingo de classe ou inteligência e conduzia um veículo ridículo. Onde a tinha encontrado? Chefe de torcida de acampamento?

Obrigou-se a tomar uma respiração calmante e sorriu. Se aqueles canalhas podres não fossem embora esta noite, ou fossem estúpidos o suficiente para agradecer ao Anthony pelo presente e contassem sobre a mensagem que Veronique passou, ela tinha um álibi infalível. Aquela chamada errada não poderia ter sido mais perfeitamente cronometrada. Tudo o que ela teria que dizer em sua defesa era que atendeu a uma chamada de telefone e falou com um homem cuja voz ela não reconheceu. E se Anthony não acreditasse nela, ele poderia usar seus contatos para rastrear a chamada. Uma chamada que levaria para o pobre coitado que estava à procura de uma mulher chamada Judy, que trabalhava em uma tinturaria. Anthony, provavelmente, torturaria o cara até a morte. Seu plano era brilhante e impecável.

Ela inclinou a cabeça para trás e permitiu que um sorriso lento se espalhasse por todo o seu rosto. Em dois dias, ela estaria em um avião rumo a Bermudas. Era um período de férias planejado há mais de um ano, e ela mal podia esperar para aproveitar o sol enquanto saboreava margaritas nas praias de areia branca de seu resort favorito. Ela ficaria um mês inteiro. Arrumaria um amante quando ela chegasse lá e não se aqueceria apenas com o sol das Bermudas, mas com o conhecimento que ela tinha arruinado qualquer chance de Anthony Bear ser feliz com outra mulher.

— Há um velho ditado que fala sobre a fúria de uma mulher desprezada. — disse ela em voz alta. — E você, Anthony Bear, desprezou a mulher errada.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Filadélfia, Pensilvânia, 1978



Alexander estava do lado de fora do histórico edifício de tijolos que abrigava o escritório de advocacia Perkins & Wallace e pensou na mulher que ele sabia que trabalhava lá. O drama das últimas semanas não fez muito para apagar a imagem da beleza de cabelos negros que assombrava seus sonhos. A curta estadia de Nisha em sua casa garantiu que ele se sentisse assim. Ela foi briguenta e combativa durante o curto período que passou com ele.

A única vez que viu um lado mais suave dela foi quando ela se ofereceu para fazer o jantar para ele. Um jantar que ele mal podia pensar sem engasgar. Ela não sabia cantar. Ela não sabia cozinhar. E ela o interrogou durante todo o tempo em que estiveram juntos. E, no entanto, havia algo sobre ela que ele não conseguia se desvincular. E ela não era uma mulher qualquer, ele se lembrava. Ela era a irmã de Anthony Bear. Ele não estava aqui para cortejá-la. Ele estava aqui para confirmar que ela era uma megera que não merecia estar na sua cabeça, ou assombrando suas noites com os enormes olhos escuros.

Ele subiu os degraus até a empresa de prestígio e pediu para vê-la. A recepcionista reparou em sua aparência, e seus olhos se arregalaram. Não podia dizer se era de medo ou de admiração.

Depois de chamar Nisha pelo interfone para avisar sobre o cavalheiro que estava no lobby para vê-la, houve uma breve pausa na

outra extremidade. — Madame? — a recepcionista disse finalmente ao interfone.

— Mande-o entrar. — veio resposta seca de Nisha.

Depois de caminhar por um corredor curto, e até um lance de escadas, Alexander encontrou Nisha de pé na porta do escritório, os braços cruzados. — Eu sei que não é sobre o meu irmão. Se houvesse um problema, você teria ligado e não feito uma viagem pessoalmente.

— Estou sozinho aqui hoje. Eu vim para levá-la para jantar. — disse ele, ela ficou de lado e acenou para que ele entrasse em seu escritório.

Fechando a porta atrás, ela voltou para o outro lado de sua mesa e se inclinou sobre ela. Descansou as palmas das mãos na borda da mesa, ela fingiu interesse em um pedaço de papel. Ela olhou para ele e disse: — O que você está fazendo na Filadélfia?

— Eu tinha negócios em Pittsburgh e decidi fazer uma viagem adicional para levá-la para jantar.

— Você voou para a Filadélfia para me levar para jantar? — ela perguntou cheia de ceticismo.

— Não. Eu não voei. Eu dirigi. — veio a resposta.

— Você dirigiu cinco horas para me ver? — ela perguntou, incrédula.

Ele balançou a cabeça em resposta.

Ela olhou para a mesa e para ele rapidamente. — Você deveria ter ligado primeiro. Estou ocupada hoje à noite.

Ele conteve um sorriso. — Cancele.

Ela se levantou e cruzou os braços. — Não, eu não vou cancelar meus planos porque acontece de você estar na cidade por um dia. Por que

você não fica mais tempo e eu vou jantar com você amanhã à noite? — ela perguntou.

— Porque eu não trouxe mala. Eu cuidei dos negócios em Pittsburgh esta manhã e dirigi até aqui. Eu fiz uma reserva para sair da Filadélfia esta noite. Tenho um voo às 02h:30min para casa. Que horas devo pegar você?

— Eu não vou jantar com você esta noite! — ela nunca diria para ele que já tinha um encontro. Um encontro com um homem que ela achava atraente. Um homem cuja companhia ela tinha gostado em seu primeiro e único encontro há duas semanas. Nicholas Weems era um sócio sênior inteligente, responsável e extremamente bem sucedido de outro escritório de advocacia. Ela teve que cancelar com ele duas vezes, e seus instintos diziam que se chegasse a três, ela seria dispensada - provavelmente nunca mais teria notícias de Nicholas.

— Você vai. Eu dirigi até aqui apenas para levá-la para jantar. — ele a olhou com seriedade. Não um olhar suplicante. Não um olhar de desculpas. Sua expressão era de autoridade. Era um homem que não estava acostumado a receber não como resposta.

Ele a lembrava o Anthony.

— Por que no mundo que você dirigiu até aqui só para me levar para sair? — ela deixou escapar um suspiro como se estivesse repreendendo uma criança malcriada e estivesse perdendo a paciência. — E se você tivesse chegado aqui e eu estivesse fora da cidade?

— Quando você ficou na minha casa e fez o jantar eu falei que te devia uma. E se eu chegasse aqui e você não estivesse, eu teria perguntado onde você estava, teria reservado outro voo e encontrado você.

Ela revirou os olhos. — Puxa, você leva suas promessas a sério. Um pouco demais se você quer minha opinião.

Ele, obviamente, não queria a opinião dela, porque ele apenas a encarou.

Os olhos podiam ser enervantes, mas ela se recusava a desviar o olhar. Uma vez que Alexander não tinha intenção de aceitar um não como resposta, sua mente fazia algumas ginásticas mentais enquanto tentava descobrir uma maneira de cancelar com Nicholas e permanecer em suas boas graças. Então, ela lembrou a si mesma que era uma advogada e tinha certeza que a quantidade certa de conversa suave combinada com alguma insistência sensual iria funcionar. Ela sabia que Nicholas era atraído por ela. Ela o chamaria para sair da próxima vez, e se ele se recusasse, ela tentaria a tática de Alexandre. Assédio moral.

— Tudo bem. — ela finalmente disse. — Pegue-me às seis horas.

— Seis e meia. — ele respondeu ao abrir a porta para sair, rindo para si mesmo quando ouviu seu suspiro.

Alexander passou as próximas horas andando pelas ruas da Filadélfia e visitando algumas lojas. Ele passou muito tempo em uma em particular. Era uma loja especializada em todo tipo de faca conhecida pelo homem. Não importava se era de chef, ou de caçador. Eles tinham uma faca para cada profissão e cada ocasião. Finalmente, ele se decidiu por um canivete elegante que estava chamando seu nome. Depois de fazer a compra, ele olhou a hora. Ele tinha quinze minutos para voltar para os escritórios da Perkins & Wallace.

Nisha não tinha conseguido falar com Nicholas, de modo que deixou uma mensagem com a assistente dizendo que sentia muito, mas que algo importante tinha surgido. Ele ainda não tinha retornado a sua chamada até às 18h30min. Ela estava do lado de fora, descendo a escada quando olhou para cima.

Alexander já estava lá, inclinado no carro de aluguel do outro lado da rua. Mesmo à distância, ela podia sentir seus olhos azuis penetrantes

varrerem seu corpo. Ela não podia negar a maneira como seu olhar a fazia sentir. Ela tremeu, apesar do clima quente agradável.

Eles se dirigiram em silêncio para um restaurante que tinha escolhido durante a sua miniturnê na Filadélfia. Ela concordou com a sua escolha. Era um lugar casual, fora da rua principal, que atendia todos os tipos de clientela. Era uma casa antiga que tinha sido convertida em restaurante nos anos trinta. Depois de entrar, no que costumava ser a porta da frente da casa imponente, os clientes podiam ir para a esquerda, onde havia um bar e uma área de estar descontraída, ou para a direita, onde havia uma sala de jantar mais formal. Mas não tão formal que o jeans e a camisa que Alexander usava parecessem fora do lugar.

Eles foram levados para uma mesa, e depois de fazer os pedidos de bebida, eles leram o cardápio. O garçom voltou com as bebidas e uma cesta de pão quente. Depois de anotar as escolhas, ele pegou os cardápios e avisou que não demoraria.

— Por que tão calada na viagem de carro? — Alexander perguntou. Ele tomou um gole da sua bebida e abaixou-a.

— Eu não sei. Eu acho que eu estou tentando entender você. — Nisha sacudiu a cabeça. — Eu não consigo entender por que você veio até aqui para me levar para jantar. — houve uma pausa, e seus olhos se estreitaram. — A menos que seja mentira. Você está aqui por outra coisa, e eu estou preenchendo um espaço vazio, porque você tinha tempo para matar. — embora isso nunca tenha sido discutido, ela não era ingênua sobre o outro negócio de Anthony. Ela esperava, secretamente, que Alexander conhecesse seu irmão do escritório de paisagismo, mas seu instinto lhe dizia outra coisa. Alexander não era o tipo de montar em um cortador de grama, ou usar luvas de jardinagem. Ela soube disso no momento em que o conheceu, mas não quis reconhecer.

— Eu estou aqui por você. Só por você. —suas palavras e a maneira como ele as disse fizeram suas entranhas formigarem. Imediatamente, ela conteve a reação e sentimentos. — Mas? — houve uma longa pausa antes de ela perguntar: — Por quê?

Ele não responderia a pergunta, então ele mudou de assunto.

— Você sabia que Anthony está sério com alguém? — ele deixou escapar. *De todos os assuntos para tentar desviar as perguntas dela, por que ele escolheu este?* — Mas você não pode falar para ele que sabe. Ele não sabe que eu estou aqui e você sabe como seu irmão é reservado. Quando ele estiver pronto, ele vai contar sobre ela.

Esse era um ponto que Nisha não iria discutir. Alexander estava certo sobre Anthony ser reservado. Não ficaria bem para Alexander se ela o entregasse. Seus olhos se arregalaram quando ela se inclinou sobre a mesa.

— Você está mentindo. — ela fez uma pausa. — Conte-me tudo. — disse ela com um sorriso diabólico.

Ele não pôde deixar de sorrir com suas declarações contraditórias, e começou a atualizá-la com tudo, exceto com as coisas que ela não podia saber. Ele contou que era a menina que Anthony levou para casa naquele dia e que seu irmão tinha se apaixonado e agora se referia a ela como sua mulher.

— Uau. — Nisha exclamou, inclinando-se para trás e alcançando a bebida. — Apaixonar não parece com o meu irmão, nem chamar de sua mulher tão cedo parece. Eu não preciso nem mencionar o tanto que Anthony é territorial, e depois que ele decide sobre algo é um negócio feito. No minuto em que ele decidiu que a amava, não haveria volta para ele.

O pager no cinto de Alexandre interrompeu o momento. Ele estendeu a mão para ele e estreitou os olhos, incerto se estava vendo-o corretamente. Exibia um número que significava que havia uma emergência no acampamento. Ele não podia fazer nada sobre isso da Filadélfia, mesmo assim, precisava fazer uma chamada para ver o que estava acontecendo.

— Eu tenho que responder. — disse a Nisha.

Ela assentiu com a cabeça e disse: — Eu sei que há um telefone público no segundo andar perto dos banheiros.

— Eu não vou demorar muito. — ele disse ao se levantar e empurrar a cadeira de volta.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Naples, Flórida



Depois que Dra. V foi embora, Shasta reuniu coragem para ir lá fora e dizer aos homens que a linda médica tinha mentido e estava usando-os para se vingar de uma mulher que Anthony gostava.

Eles riram dela.

Andrew levantou-se e caminhou lentamente na direção dela. — E nós devemos aceitar a palavra de uma puta viciada em drogas sobre a da mulher que foi embora em um carro de cinquenta mil dólares? — ele perguntou antes de bater com força no seu rosto.

— Todo mundo sabe que Anthony não se importa com nenhuma mulher. — um dos homens acrescentou.

— Sim, eu acho que sim. Você não estava aqui quando X colocou todo mundo para procurar por ela? — Shasta implorou e ergueu a mão para onde sua bochecha ardia.

Os quatro homens trocaram olhares e um falou: — Não ouvi nada sobre isso.

Shasta sabia que, provavelmente, eles estavam dizendo a verdade. Eles não eram regulares e só apareciam ocasionalmente para executar uma transação de drogas, fazer sexo com as mulheres, ou para ser incluído em alguns dos negócios mais sujos do acampamento. Ela olhou para a mão queimada de Denny.

— Eu estou dizendo para vocês que sei que a Dra. V nunca recebeu um telefonema para passar um recado. Eu a ouvi ligar para uma mulher e mentir que Anthony estava ferido e pedir para a menina vir para o acampamento. — ela estava implorando para que acreditassem nela.

Esse comentário lhe rendeu um chute no estômago. Ela caiu sobre o tijolo duro e agarrou o abdômen enquanto tentava recuperar o fôlego.

Andrew foi para cima dela e disse: — Não importa de qualquer maneira. Vamos sair daqui hoje à noite e não planejamos voltar.

Quando ela conseguiu ficar de pé, ela correu de volta para o escritório e passou um page para Anthony. Ela olhou para o telefone, sua respiração pesada, e tentou lembrar o número de Alexander. Ela tentou duas vezes, antes de finalmente acertar.

Ela ficou perto do telefone e quis que ele tocasse. Ela sabia que Anthony estava voltando de Miami e ela não sabia se ele receberia o page e se já estava atravessando a Alley. Quando o telefone tocou, ela imediatamente pegou-a e aceitou a chamada a cobrar de X. Ela contou tudo o que havia acontecido. Quando, finalmente, parou para tomar fôlego, X falou para ela em termos inequívocos o que ela precisava fazer, e assegurou-lhe que Anthony insistiria que ela fizesse o mesmo.

Sua respiração voltou ao normal, e com a confiança renovada, ela pegou o telefone e estava pronta para fazer a chamada quando a porta do escritório se abriu e o receptor foi estapeado da mão dela. Ela sentiu um soco forte no rosto e cambaleou para trás. Ela levantou as mãos para tentar afastar os socos, mas elas não eram páreo para os punhos de Andrew. — Sinto muito. — ela sussurrou para ninguém em particular. Ela pensou em Anthony, X e a mulher que ela nunca conheceu. A mulher chamada Christy. — Sinto muito. — ela disse, mais uma vez antes de seu mundo ficar preto.

Após o encontro com o seu cliente, Anthony fez a longa viagem solitária por toda a Alley e pensou sobre a mulher que estava esperando por ele em casa. A mulher que mudou sua vida completamente em menos de um mês. Uma mudança que ele tinha negado em primeiro lugar, em seguida, resistido e agora abraçava. Ele sorriu ao se lembrar dos fatos estranhos que ela compartilhou sobre si, a inocência ingênua em seu vocabulário como o termo, “não é da sua conta”, e seu vício de pistache e tortinha de hortelã. Para não mencionar os seus enormes olhos azuis que combinavam com o tamanho do seu coração.

Ele estava certo que sabia por que ela tinha recusado a proposta de casamento oficial, então ele não tinha arrependimentos por ter resolvido as coisas por conta própria dias atrás. Ele iria propor novamente esta noite e explicar que esta segunda proposta era apenas uma formalidade. Afinal, eles já estavam casados. Mas, primeiro, ele faria amor com ela. Apenas o pensamento deu-lhe uma ereção. E como ele não queria dirigir o resto do caminho de casa em agonia, ele tirou Christy do pensamento e se concentrou na transação de negócios que ele tinha acabado de fazer. Ia ser bastante próspera. Durante anos, ele despejou dinheiro nas reservas indígenas mais pobres do país, fazia o máximo para oferecer anonimamente assistência monetária onde era necessário. Este acordo seria lucrativo o suficiente para financiar uma escola, clínica e centro de comunidade em uma reserva especial para o oeste.

O som de seu pager quebrou sua linha de pensamento, e ele soltou-o de seu cinto. Sua testa franziu ao ler os números. Era um código que dizia que havia uma emergência no acampamento. Ele suspirou, imaginando o que poderia ser. Poderia ser qualquer coisa, desde uma briga por uma mulher ou drogas, até um assassinato. Ele estava a dez minutos da saída da Alley e mais vinte minutos do acampamento. E não havia telefones públicos no meio do caminho. Ele teria que ir até lá. Ele

apertou o acelerador e lamentou o tempo que não seria gasto segurando a mulher em seus braços.

Sua mulher. Sim, Christy era sua mulher, e ela logo perceberia que pertencia a ele.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Filadélfia, Pensilvânia, 1978



Nisha observou Alexander sair da sala de jantar. Ela tomou um gole da sua bebida e tentou entender o que estava acontecendo. O cabelo dele estava mais longo desde que o viu pela última vez, e ela não pôde deixar de notar os olhares de admiração que ele recebeu de outras mulheres que estavam no restaurante. *A aparência não é tudo,* ela lembrou a si mesma ao partir um pedaço de pão e passar manteiga.

Ela suspirou quando pensou sobre o curto espaço de tempo que ficou de hóspede na casa dele. Eles não fizeram nada, exceto brigar. Parecia que cada vez que ela abria a boca, ele a desafiava. Ela tentou oferecer uma trégua, fazendo jantar para ele, mas ele se tornou estranhamente quieto durante a refeição. Depois que ele ajudou a limpar a cozinha, ela pediu licença e passou o resto da noite lendo no quarto de hóspedes. E ela poderia se estapear por deixá-lo distraí-la com a história sobre Anthony. Ele evitou a pergunta habilmente - tática que tinha usado muitas vezes.

Seus pensamentos foram interrompidos quando ouviu uma voz: — Eu acho que ele é o 'algo importante' que surgiu.

Ela soltou o pão no prato e olhou para cima. Nicholas estava de pé sobre ela, uma carranca no rosto e uma linguagem corporal indesejável.

— Você me seguiu? — ela não pôde mascarar a surpresa na voz.

— Não, eu não a segui, Nisha. Depois que eu recebi a mensagem que você cancelou... novamente... Eu decidi encontrar alguns amigos aqui para bebidas. — ele apontou para o outro lado do restaurante.

De todos os restaurantes na Filadélfia, ele tinha que ir naquele onde ela estava jantando com Alexander? Ela tinha azar.

— Ele é um amigo da família que veio à cidade inesperadamente. — ela gaguejou. Ela se levantou e tentou pegar sua mão, mas ele se afastou antes que ela pudesse. — Honestamente, Nicholas, não é o que parece.

— Se há uma coisa que eu aprendi, Nisha, é como ler as pessoas. Eu vi você dois. Definitivamente, vocês estão a fim um do outro.

Ela piscou. — Isso é ridículo. Estamos aqui há menos de quinze minutos.

— E a outra coisa que eu aprendi é que quando alguém começa uma frase com 'honestamente', quer dizer exatamente o contrário.

Nicholas saiu passando por Alexander, que estava voltando do telefonema.

Nisha sentou-se e deixou escapar um suspiro.

— Eu tenho que ir embora. — Alexander anunciou, tirou a carteira e jogou duas centenas de dólares sobre a mesa. — Isso vai cobrir o jantar e um táxi para você.

Alexander estava mais abalado com o telefonema de Shasta do que queria admitir. Ele sabia que Christy estava em grave perigo e desde que Anthony não estava em qualquer lugar perto do acampamento, ele insistiu que Shasta chamasse a polícia. Ela ficou relutante no início, mas Alexander disse que era a única opção. A menos que outros membros da gangue, que eram regulares e leais ao Anthony, aparecessem e estivessem dispostos a enfrentar os outros homens, Shasta não tinha escolha. Ficou

aliviado quando ele convenceu-a e sabia que, mesmo que não houvesse nada que ele pudesse fazer da Filadélfia, ele tinha que pegar um voo mais cedo para casa. Haveria uma grande confusão para lidar no acampamento, e ele tinha que estar lá.

Ela se levantou novamente. — O que quer dizer com você tem que ir embora?

Ele não parecia que ia oferecer uma explicação quando a fitou com aqueles olhos azuis gelados. Olhos que não eram tolerantes, ou de desculpas. Ela podia sentir a raiva começar a surgir.

— Porque eu aceitei este encontro de jantar com você, eu corri o risco de arruinar um relacionamento que tinha potencial. — ela sussurrou em voz baixa. — E ele confirmou que eu de fato destruí quaisquer chances que eu tivesse com ele. — ela balançou a cabeça em direção à porta, onde Nicholas tinha acabado de sair.

— Isso é lamentável. — Alexander disse.

—Lamentável? — ela perguntou. Isso era algo que seu irmão teria dito. Alexander não inventou desculpas, ou pediu desculpas. Aparentemente, ele absorveu alguns dos traços de personalidade mais crus de Anthony. Ela viu o garçom vindo na direção deles com as refeições. — E o jantar estará aqui em cinco segundos. O que você espera que eu faça? — perguntou ela em um tom irritado.

Ele a agarrou e beijou-a suavemente nos lábios. — Você é uma menina inteligente. Tenho certeza que você vai dar um jeito. — ele se virou e foi embora. Ela cerrou os dentes e jogou o guardanapo de pano em suas costas.

— Seu, seu... — a raiva era tão grande que ela não conseguiu pensar em um nome vil para chamá-lo, de modo que o chamou de uma palavra que serviria para qualquer nome detestável imaginável. Uma palavra que

ela não lembrava há décadas. Uma palavra que trazia à tona uma longa dor suprimida em sua alma. — Seu Owani!!!

Ele parou, e por uma fração de segundo, ela pensou que ele poderia virar, mas não virou. Ele continuou.

O garçom colocou os pratos na mesa e lhe deu um olhar interrogativo. — Você pode embalar para viagem, por favor? — ela perguntou e bebeu o resto do Brandy Alexander em um longo gole.

— Por que a minha bebida favorita tinha que ter no nome dele? — ela perguntou em voz alta, enquanto observava o garçom carregando um prato em cada mão.

Duas horas mais tarde, ela estava encharcada em sua banheira e deixando a água quente acalmá-la. Ela estava lívida até a medula, Alexander não só deixou o restaurante sem explicação, mas contaminou qualquer chance que ela poderia ter tido com Nicholas. Ela queria se apoiar na raiva para erradicar o que aquele breve beijo fez com o seu interior. Agora, ela estava se sentindo relaxada e ansiava por uma xícara de chá quente e imergir no romance que ela tinha a intenção de ler.

Mais tarde, ela colocou uma camisola e estava escovando o cabelo quando o telefone tocou. Ela pegou o telefone que ficava na mesa de cabeceira.

— Olá?

Desligou rapidamente depois de ouvir as palavras nojentas que estavam sendo sussurradas. Ela colocou o cabelo atrás da orelha e respirou fundo. Quem era essa pessoa dizendo essas coisas obscenas e horríveis? Obviamente, era um homem que estava disfarçando a voz. Ela saltou quando o telefone tocou novamente e ponderou se deveria atender. *Vou falar umas poucas e boas para o Sr. Boca Suja,* ela pensou. Ela atendeu no segundo toque.

— O quê? — ela gritou ao telefone.

— Nisha, é Alexander.

Ela revirou os olhos e se estatelou sobre a cama. *Owani!* Ela pensou.

— Se você está ligando para pedir desculpas, eu não vou aceitar. — disse a ele.

— Eu estou detido no aeroporto. Esqueci que comprei um canivete hoje. Eu queria entregar para você e pedir para enviá-lo para mim. De qualquer forma, ele estava no meu bolso quando passei pela segurança.

— Isso é lamentável. — disse ela, imitando a resposta dele de mais cedo. Sua voz era de aço.

— Você não é engraçada. Eu sou um criminoso condenado, então, provavelmente, vai complicar. Eu preciso que você me ajude. Você é advogada. Eu tenho que voltar para a Flórida, e precisa ser rápido. Eu não tenho certeza qual é o meu próximo passo. Eu nunca fui levado em custódia por violação de segurança do aeroporto. — ele passou a mão pelo rosto.

Um momento passou. Ele não achava que ela ia lhe responder.

— Você é um cara inteligente. Tenho certeza que você vai dar um jeito.

Ele ouviu o clique do telefone e soube que ela desligou na cara dele. Ele não pôde deixar de sorrir e percebeu que estava mais do que atraído por ela. Ele estava completamente apaixonado, e isso não tinha acabado. Por uma questão de fato, ele tinha apenas começado. Ele se virou para o policial que o deteve. — Posso fazer outra ligação?

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Naples, Flórida, 1978



Pareceu uma eternidade até Christy finalmente ver o sinal que indicava que tinha encontrado o acampamento Sawgrass. Ela se perdeu duas vezes e quase causou um acidente quando virou rápido em um retorno sem sinalizar. A longa e tortuosa estrada lembrou-a de Anthony e que ele estava ao final, e ficou aliviada quando viu as luzes do acampamento vir à tona. Ela estacionou o pequeno carro perto de um dos edifícios e saiu. Ela notou algumas motos e uma sensação de medo começou a infiltrar-se no momento que percebeu que o carro esporte da médica e a caminhonete de Anthony não estavam à vista. Em seguida, ela ouviu. As vozes deles foram ficando cada vez mais altas conforme eles foram em sua direção. Ela se virou e viu quatro homens se aproximando dela. O grande que liderava a turma estava lambendo os lábios.

— Obrigado, Anthony Bear. — ele riu, e ela ouviu os outros homens concordando com ele.

Ela começou a se afastar deles com as lembranças do Glades Motel alertando seus sentidos. O pulso dela acelerou, e as batidas em sua cabeça eram tão altas que não permitiam que um pensamento coerente entrasse. Seus joelhos enfraqueceram e seu estômago se agitou violentamente. Isto não podia estar acontecendo. De novo não. Não aqui no acampamento de Anthony.

Ela virou-se para agarrar a porta do carro e foi segurada pelos cabelos e acabou se virando.

— Olhe para o coelho branco. — um dos homens disse. — Assim como a doutora disse!

— Não. Isso não está certo. Estou aqui para ver Anthony. Ele foi ferido. Leve-me até ele. — seus olhos ardiam enquanto ela lutava contra as lágrimas e seu couro cabeludo queimava porque o grande homem segurava seu cabelo com tanta força que ela tinha que ficar na ponta dos pés para tentar aliviar um pouco. Ele levantou-a mais, e ela resistiu à vontade de gritar.

— Anthony mandou mensagem que estava enviando uma entrega especial. Algo que não tinha mais utilidade para ele. Você é nossa agora. — o homem que a segurava zombou. Ele estava tão perto que ela podia sentir seu hálito rançoso.

— Disseram-nos para procurar o coelho branco. — um outro riu. — Parece um coelho branco para mim.

— Atrás do edifício. — um dos homens adicionou ao apontar para uma estrutura distante. — Não quero que John acorde e queira compartilhar nosso presente de Anthony.

Christy não podia acreditar no que estava ouvindo. Sua mente se esforçava para processar o que estava acontecendo. Ela não conseguia imaginar que Anthony estava lhe dando a estes homens depravados. Por que Veronique falou que ele foi ferido? Onde ela estava? Eles eram amantes e planejaram secretamente o tempo todo usá-la como vingança contra Van? As lágrimas vieram rapidamente, e ela as sentiu derramando quente pelas bochechas. Ela começou a gritar quando foi erguida mais alto pelos cabelos e levada em direção a um edifício. Ela estava sendo empurrada para trás, tropeçando em seus próprios pés, mesmo que mal tocassem o chão.

O homem a bateu com força contra a estrutura ao usar a outra mão para levantá-la completamente do chão pela garganta. Seus pés já não

estavam tocando a grama, e ela usava as duas mãos para tentar tirar os dedos em torno de seu pescoço. Ele estava apertando com tanta força, que ela podia sentir-se perder a consciência. Ela podia estar desmaiando, mas não se entregaria sem uma luta. Com toda a sua força, ela chutou e soube que conseguiu algo quando ouviu um gemido de dor e caiu no chão. Ela começou a tossir e sentiu as mãos em torno de sua garganta novamente. Ela tentou o possível ficar acordada, continuar lutando, mas a falta de oxigênio tornou impossível.

— Você vai pagar por isso, sua vaca estup... — ela não ouviu o resto, sentiu-se escorregar para um reino cinzento do nada e seu mundo deixou de existir.

Anthony virou no sinal que levava para o acampamento. Ele estava ansioso para cuidar da emergência e chegar em casa para Christy. Ele sentia falta dela mais do que algum dia imaginou e não queria estar aqui. A percepção o atingiu. Quando ele preferiu uma mulher à sua gangue, ou os negócios? Ele se permitiu alguns segundos para processar o que aconteceria se ele retornasse e deixasse a situação de emergência tomar qualquer curso por conta própria. Ele teria feito isso se X estivesse na cidade, mas como ele estava quase lá, lidaria com isso. Ele apertou o acelerador e em algumas das curvas foi um pouco rápido demais, quase saindo controle, assim como sua vida, agora que Christy estava nela.

Christy estava tentando acordar de um sonho ruim. Ela ouvia vozes e não podia dizer se eram parte do sonho, ou se ela os estava realmente escutando.

— Eu nunca fiz isso com uma morta.

— Ela não está morta, seu idiota. Estrangulei-a para que ela não gritasse novamente. — veio a resposta. — Dá para perceber que ela ainda está respirando. Se ninguém quer ser o primeiro, eu vou. Eu não gosto de Sloppy Seconds[6] de qualquer maneira.

— Você a sufocou porque você ficou com raiva por ela ter chutado a sua bolsa de ferramentas. — um dos homens disse, e houve uma rodada de risos.

O pânico atingiu Christy quando percebeu que não estava sonhando, e ela começou a tossir novamente. Por puro instinto, ela abriu os olhos e a mão dela voou para a garganta. Levou apenas uma fração de segundo para compreender que ela estava completamente nua. Quando seus olhos pousaram sobre o homem que tinha tentado estrangulá-la, ela tentou se levantar, mas percebeu tarde demais que estava sendo pressionada para trás pelos ombros.

Ela olhou para cima e viu outro homem debruçado sobre ela. Ela podia ver a parte inferior do queixo, que se movia quando ele falava: — Bem, então anda logo, Andrew. A doutora disse que Anthony queria isso terminado e limpo rapidamente.

O homem que estava pressionando seus ombros soltou-a por um segundo e ele agarrou suas mãos e colocou-as sobre sua cabeça.

— Oh, isso não vai ser rápido. — Andrew disse, seu tom malicioso. Ela olhou de novo para ele e viu que ele tinha aberto o zíper do jeans. Aparentemente, o chute não tinha feito nada para impedi-lo. Ela começou a se contorcer e se debater quando o homem que a segurava gritou para os outros caras ajudarem.

— Deixe-a lutar. — Andrew disse, sua voz grossa e perversa. Seu tom dizia à Christy que ele estava se divertindo demais. — Eu gosto mais

[6] Refere-se especificamente ao sexo com uma mulher que tem esperma de outro homem na vagina. (Pode ser um gang bang)

quando elas lutam para valer. Vamos, coelho branco. — ele zombou. — Dê o seu melhor.

Ele ajoelhou na grama e em seguida abriu as pernas dela largamente, fixando-as no chão, e pressionando o interior de suas coxas com força. Lentamente, ele olhou para cima, e demorou-se comendo com os olhos cada seio e depois o espaço entre suas pernas. Ele a tinha espalhado tanto, que ela tinha a sensação que se rasgaria ao meio.

Ela olhou para baixo, onde ele se agachou entre suas pernas e pôde ver a ponta da ereção onde ele abriu o jeans. Ela começou a lutar, mas isso só o fez abrir mais ainda as pernas dela. Ele sorriu quando ela gritou de dor no momento que suas mãos enormes apertaram suas coxas com muita força e as abriu além da capacidade normal.

Christy tentou não se mover para evitar mais dor, mas não conseguiu conter o dilúvio de lágrimas que ameaçavam. Sua cabeça estava doendo, e ela sentia como se sua audição estivesse abafada, mas ainda pôde ouvir as palavras seguintes de seu algoz. Ela desejou que ela não tivesse.

— Então, deixe-me ver. Eu não tenho certeza de qual é o melhor pedaço. — ele soltou suas coxas, se inclinou para frente e lambeu um de seus seios. Foi uma lambida lenta, longa, e ele permaneceu em seu mamilo, mastigando gentilmente com os dentes. Ela endureceu à espera de uma mordida que não veio. Ela tentou chutá-lo, mas ele foi mais rápido, e usou seu peso corporal para desviar dela.

— Ou talvez, eu prefira algo um pouco menor. — ele riu maliciosamente.

Ele agarrou suas coxas novamente, e ela gritou quando sua língua penetrou e depois rodou em torno do local onde Anthony lhe dera tanto prazer. *Anthony,* ela pensou. *Como você pôde fazer isso comigo?* Ela não

conseguia entender, mesmo que o seu afeto e proteção tivessem sido uma farsa, como ele poderia ter ordenado isso.

— Mas não confunda minhas intenções, coelho branco. — ele sorriu maldosamente. — Você não vai gostar. Eu estou demorando para decidir qual parte do seu corpo vou arrancar com uma mordida. E depois, eu vou mastigar bem e lentamente e cuspi-lo de volta em seu rosto.

— Apresse-se, Andrew. — um dos homens que estava de pé ao lado gritou. — Nós não temos a noite toda.

Quando Anthony dirigiu em torno da última curva e viu de longe o carro de Christy, ele sentiu algo que nunca tinha experimentado antes e nem sabia como chamar. Isso se levantou pela boca do estômago e agarrou seu coração com tanta força, que ele sentiu dor física. Em seguida, ele identificou o sentimento. Era medo. O que Christy, sua Christy, estava fazendo no acampamento?

Ele estacionou ao lado de seu carro e, agarrando o facão, saltou sem colocar a caminhonete em primeira marcha. Ele não percebeu quando ela andou e bateu na frente do escritório. Estava uma noite estranhamente quieta e ele podia ouvir vozes vindas da parte de trás do acampamento. Ele também viu que uma luz de movimento deve ter sido acionada e ele correu em direção a ela, parando apenas para pegar sua machadinha em um toco. Seu horror intensificou quando ele reconheceu peças de roupa de Christy espalhadas pelo chão. Ele contornou a lateral de um dos prédios de dormitórios e parou. A luz inundou o canto do edifício, iluminando a cena diante dele. Levou apenas segundos para ele avaliar o que estava vendo. Fúria intensa, que ele pensou que fossem explodir suas veias instantaneamente, substituiu o medo.

Andrew soltou a coxa de Christy e puxou uma faca do cinto. Ele jogou-a no homem que tinha tentado apressá-lo, atingindo-o no olho. O homem caiu no chão. Voltou a mão à coxa direita de Christy e repetiu: — Eu ainda estou decidindo qual parte do seu corpo que vou morder. E depois, como eu disse, eu vou mastigar por um tempo e cuspir na sua cara toda, enquanto estiver fo...

— Vai logo! — ela gritou, interrompendo-o. — Você é um covarde. Você não passa de um covarde!

Ela sabia que ele estava fazendo isso de propósito. Descrever o que ele faria era quase pior do que ele realmente fazer. Ela ia morrer esta noite, mas não seria como uma covarde sob ele. Ela nunca lhe daria essa satisfação.

A raiva de seu algoz foi imediata e crua, e ele soltou suas coxas e começou a subir pelo seu corpo.

Ela recusou-se a fechar os olhos ao vê-lo aproximar-se. Então, ela ouviu um som estranho e a expressão em seu rosto mudou. Seus olhos se arregalaram, e ele pareceu confuso. Ele tentou sentar e caiu. O homem que estava segurando as mãos dela acima da cabeça levantou, e Christy o ouviu grunhir antes de ele cair para trás e bater no chão. Ela sentou-se desajeitadamente, e foi o momento em que o viu.

Era Anthony vindo em direção a eles, e ela nunca o tinha visto tão furioso. Nem mesmo quando ele a recolheu no Glades Motel ela o viu tão indignado. Ela ficou momentaneamente assustada com o ódio brutal que ela testemunhava em seu rosto. Ela arriscou um olhar para Andrew, que estava lutando para se sentar. Ele estava tentando alcançar algo nas costas, desajeitadamente, com a mão esquerda. Foi então que ela viu a machadinha que estava saindo dele. Ela se virou e viu o homem que estava segurando-a. Uma enorme faca estava saindo do seu ombro, e ele estava tentando se levantar. Ela observou Anthony aproximar-se do

terceiro homem. Ele estava recuando lentamente e tropeçou no homem que Andrew tinha matado. Ele estava andando para trás como caranguejo e gritando: — Eu não a toquei. Eu não a toquei!

Anthony olhou para Christy e perguntou: — Ele tocou?

Ela ficou momentaneamente atordoada com o que ela reconheceu em seus olhos. Não eram os olhos negros insondáveis que não demonstravam nenhuma emoção. Estes olhos estavam cheios de raiva tão feroz, que ela os sentiu perfurar os seus.

— Ele colocou a mão em você? Ele tocou em você de alguma forma? — Anthony gritou.

Ela balançou a cabeça.

Anthony voltou-se para o homem. — A única razão pela qual você vai ter uma morte rápida é porque não a tocou. — disse ele, sua voz tão baixa e ameaçadora que Christy mal o ouviu. Antes que o homem pudesse protestar, Anthony usou seu facão para esfaqueá-lo no coração.

Ele foi depois até Andrew e puxou a machadinha de suas costas. Ele olhou para o homem que estava com dor óbvia e disse: — Eu joguei para te parar propositadamente. Não te matar.

Andrew não sabia o que dizer, então ficou calado. Ele olhou para cima, seus olhos uma vez malévolos, agora cheios de terror puro.

— Eu ouvi o que você disse para minha mulher. — ele rosnou. — Eu tenho algo especial planejado para você. — Anthony cuspiu antes de passar a alça do facão pela cabeça.

Anthony então notou que o homem com a faca no ombro estava cambaleando em direção às motocicletas. Ele o seguiu e o virou. Ele pegou uma faca e usou-a para cortar a frente de seu jeans. O homem estava sofrendo com a ferida no ombro, e atordoado demais para fazer qualquer

resistência. Seus olhos se arregalaram quando uma dor branca e quente, como ele nunca tinha sentido, o levou a cair de joelhos. Ele agarrou a virilha no mesmo momento em que vomitou em si mesmo.

Anthony se aproximou e o agarrou pelo queixo e forçou-o a olhar para cima. Apertando a mandíbula dele para que abrisse a boca, Anthony empurrou os órgãos genitais dele para dentro. — Você não deveria estar com as mãos em cima dela quando eu apareci. — Anthony murmurou sobre o homem aterrorizado, e, propositadamente, fechou sua mandíbula. Ele observou os olhos do homem esbugalhando enquanto ele engasgava por ar. Muito impaciente para esperar que ele sufocasse, Anthony o esfaqueou no ouvido.

Quando ele estava morto, Anthony limpou a faca na camisa do homem e colocou-a na bota. Ele pegou a machadinha e o facão enquanto ia na direção de Christy. Ela tinha recuperado algumas das roupas dela e ela estava tentando colocá-las com as mãos trêmula.

Ela não conseguiu olhar para o que Anthony estava fazendo com o homem que a segurou, ela se recusou a olhar naquela direção enquanto juntava suas coisas. Ela tinha colocado a calcinha e camisa quando ela o sentiu. Ele estava caminhando na direção dela, a machadinha em uma mão e o facão na outra. Suas roupas estavam salpicadas de sangue, e uma rajada de vento fez com que seu longo cabelo negro girasse em torno dele.

— Christy... — ele começou a dizer, mas ela o cortou.

— Você! Você fique longe de mim, Anthony Bear. Não chegue perto de mim! — ela gritou, tentando puxar seus shorts para cima.

Ele congelou no lugar, incerto do que estava ouvindo.

— Era este o seu plano o tempo todo? — ela gritou, enquanto ela se atrapalhava para fechar seus shorts. — Deixe-me adivinhar. Você pediu

para alguém do seu pessoal criar uma certidão de casamento falsa. Então, você planejou com sua namorada para me atrair aqui e me matar!

Ele não podia acreditar no que ela estava dizendo. Ela achava que ele tinha planejado isso? E o que ela quis dizer com namorada? Ela estava histérica, e tinha todo o direito de estar, mas do que ela estava falando? Ele se moveu na direção dela, e ela se afastou, a expressão nos olhos era uma combinação de medo, nojo e determinação.

Anthony jogou a machadinha e o facão de lado e se lançou para ela, puxando-a para perto e segurando-a com força contra seu peito. Ela tentou lutar com ele, mas ele estava segurando-a com muita força.

— Conta! Foi esse o seu plano desde o início? — ela soluçou em seu peito. — Como você falou para os capangas de Van naquele dia? Você ia se casar comigo. Então, o que isso significa? Que há algum papel em algum lugar dizendo que somos casados e depois de se livrar de mim você herda o meu dinheiro?

— Shh...shh...shh. — ele sussurrou em seus cabelos. — Não quero e nem preciso do seu dinheiro, Christy. — como ele suspeitava, ela o ouviu falar aos dois advogados que se casaria com ela. Ele esperava que ela ligasse a câmera de vigilância quando estava escondida no quarto secreto. O que ele não tinha certeza era se ela descobriu como ativar os microfones escondidos, já que ele nunca tinha mostrado para ela. E agora ele sabia que ela tinha. Ele acariciou seu cabelo suavemente e começou a dizer palavras suaves em sua língua nativa.

Havia algo familiar naquelas palavras, e ela percebeu que as tinha ouvido antes. Ela soube então que suas acusações eram infundadas. Sabia que ele nunca poderia, ou faria aquilo com ela. Se ele a quisesse morta, ela não tinha dúvida de que já estaria morta. Ela chorou em seu peito, e quando finalmente se afastou e olhou para ele, ele limpou sua bochecha onde o sangue de sua camisa tinha deixado uma mancha.

— Você sabe que nada disso é verdade, Christy. — ele falou para ela, com a voz tão suave que penetrou seu coração. Ele esperaria até que chegassem a casa para explicar que a noite em Everglades foi mais do que um acampamento. De acordo com um costume nativo americano, ele se casou com ela naquela noite. O manto branco que compartilharam representou o início de sua nova vida juntos. Deliberadamente, ele se casou com ela na tradição Cherokee para depois contar para ela, depois que ela aceitasse sua proposta formal, de que ele já tinha se casado com ela para provar o seu verdadeiro amor. Que tê-la como esposa não tinha nada a ver com fundos fiduciários ou contas bancárias. No entanto, ela estragou seus planos ao recusar a sua proposta. Ele queria tornar oficial no papel, porque ele a amava e queria protegê-la. Não porque estava tentando colocar as mãos em seu dinheiro.

— Sinto muito, Owani. Eu não fiz nada, a não ser dar-lhe a minha palavra que você estava segura comigo e, obviamente, não era verdade. O que você está fazendo aqui? — ele perguntou, sua voz baixa e suave.

Em vez de responder a pergunta, ela fez uma: — Por que a Dra. Dubois fez isso? — ela olhou para ele, seus olhos tristes e confusos. — Por que ela me atraiu para o acampamento?

Veronique. Ele cerrou os dentes e falou para Christy, — Eu não sei, mas você pode ter certeza que vou descobrir.

Eles foram interrompidos quando uma voz sonolenta disse: — O que no mundo aconteceu aqui?

Ambos olharam para um homem que estava andando na direção deles. — Eu acabei de me levantar para tomar água e olhei pela janela. — sua voz estava grogue.

Sem tirar os olhos de John, Anthony perguntou para Christy: — Ele foi um deles?

— Um do quê? — John olhou ansioso. Ele acordou instantaneamente.

— Não. — respondeu Christy. — Foram apenas os quatro.

— Você mandou um page pra mim, John? — perguntou Anthony.

— Não. — respondeu John, balançando a cabeça. — Eu estava dormindo. Não fui eu.

— Amarre o grande e leve-o para o refeitório. — Anthony ordenou. — Ele ainda está vivo, e eu não quero que ele vá a lugar algum.

Ele então virou-se para Christy e pegou-a em seus braços. — Vamos para dentro, Owani. — ele disse a ela. — Eu ainda preciso descobrir quem me enviou a mensagem que salvou sua vida.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Naples, Flórida, 1978



Depois de entrar e encontrar Shasta apagada no chão, Anthony suavemente soltou a Christy. Ele verificou que Shasta não estava morta e levou-a para a cama na enfermaria. Christy reuniu alguns panos e gelo da pequena cozinha e lembrou de como Moe a tinha ajudado no Glades Motel. Anthony tentou espantá-la, mas ela lhe disse: — Eu posso ajudar. Eu não estou ferida, e ela está.

Enquanto Christy ajudava a mulher cujo rosto parecia um saco de pancadas, Anthony fez alguns telefonemas e dentro de vinte minutos o barulho de motocicletas eram distintos. Shasta já tinha voltado a si e contado tudo para o Anthony, sem deixar nenhum detalhe de fora.

Ele agradeceu e pediu para a Christy ficar com Shasta enquanto ele cuidava dos negócios. Christy não teve que perguntar para ele qual era o negócio e assegurou-o que ela iria ficar até que ele voltasse.

Ele se reuniu com seus homens do lado de fora e pediu para segui-lo. Ele tinha pedido para John levar Andrew ao prédio que costumava ser o refeitório do acampamento. Anthony entrou com os três homens que ele tinha convocado. Eles eram os piores dos piores e deixavam Andrew no chinelo quando se tratava de brutalidade. Especialmente um chamado Brooks. E eles eram frequentadores confiáveis e nunca seriam estúpidos ou desesperados o suficiente para acreditar nas mentiras de Veronique. E mesmo que acreditassem nela, eles ainda teriam arrumado os meios para,

pelo menos, mandar um page para ele ou para X para ver se a sua mensagem era verdadeira.

Um Andrew trêmulo começou a chorar quando os homens se aproximaram. John o tinha amarrado a um dos postes de madeira maciças que sustentavam o teto. Suas mãos estavam presas com tanta força atrás das costas, que os ombros pareciam ter sido arrancados do lugar.

— Eu tenho um buraco nas costas. Provavelmente vou morrer por causa dele. Me solta, e eu vou rastejar para longe. — ele soluçou. — Por favor.

— Eu vou mostrar-lhe a mesma misericórdia que você mostrou para a minha mulher. Minha esposa. — Anthony rosnou. Ele se virou e caminhou em direção à cozinha, chamando por cima do ombro, — John, você quer nos ajudar com isso?

— Nah. — John gritou. — Eu sou mais um espectador.

Andrew começou a murmurar sobre uma mensagem enviada pelo Anthony de que um coelho branco não tinha mais utilidade. Anthony isolou o absurdo e deixou de escutá-lo. Não importava de qualquer maneira. Andrew ia ter uma morte longa e lenta por causa do que tinha feito para Christy.

— Bom. — Anthony disse para John quando voltou da cozinha carregando três panelas grandes. — Você pode fazer a pontuação até o final.

Brooks deixou escapar uma gargalhada e disse: — Parece que isso vai ser divertido, Bear.

Sem responder, Anthony jogou as três panelas em uma mesa perto de Andrew. Então, ele se aproximou e acertou no rosto do homem preso. Andrew não queria olhar para ele.

— Eu ouvi você dizer à minha mulher que você ia morder certas partes do seu corpo e mastigar. E depois ia cuspi-las em seu rosto.

— Não. Não, eu não disse...

Andrew não conseguiu terminar a frase, em vez disso soltou um grito de gelar o sangue. — Meu nariz. Você mordeu meu nariz. — Ele gritou, os olhos fechados. Ele abriu e viu o rosto salpicado de sangue de Anthony e reconheceu o músculo de sua mandíbula trabalhando. Ele assistiu com horror quando Anthony se aproximou e cuspiu um monte de carne na cara dele. Anthony, em seguida, repetiu o ato terrível, desta vez arrancando um pedaço de lábio inferior de Andrew.

Em seguida, ele virou-se para os quatro homens que estavam assistindo o ritual macabro e falou para os três que sabia que eles estariam mais do que dispostos a participar. Apontando para as três panelas que ele colocou em cima da mesa, Anthony disse: — Cada um tem uma panela. Mil dólares em dinheiro para o homem cuja panela tiver mais pedaços de Andrew. John vai contar quando ele estiver morto, e se vocês se cansarem, ou as mandíbulas começarem a doer, usem suas facas.

— Nãão! — Andrew gritou e tentou se libertar de suas amarras.

Anthony se dirigiu para a porta. Ele deixou o salão, mas não antes de ele ouvir Brooks dizer: — Não se preocupe, chefe. Nós não vamos ficar entediados.

E outro rapidamente acrescentou: — Estou ansioso para encher minha panela, a menos que a gente ganhe pontos extras por engolir.

Anthony voltou para o escritório e uma vez dentro da enfermaria, viu Christy acenando com a cabeça para ele enquanto se dirigia para a pia para se limpar. Ela sabia onde ele tinha ido e ela sinalizou que estava bem com isso.

Anthony e Christy queriam levar Shasta para tratar em um hospital, mas ela não quis. — Eu já sobrevivi a coisa pior. — ela disse a eles.

Christy olhou com compaixão para a mulher que foi responsável por salvar sua vida. Enquanto Anthony estava fora, Shasta não só tinha compartilhado o que ela sabia, mas também algumas das coisas horríveis que Andrew tinha feito com ela no passado. Ela admitiu que nunca contou para o Anthony porque tinha medo de retaliação de Andrew. E se ela fosse honesta com Christy, ela não tinha nem certeza se Anthony teria se importado.

Anthony estava de pé perto da cama em que Shasta estava deitada e lembrou-se da última vez que esteve aqui com ela. Fazia apenas algumas semanas, mas poderia muito bem ter sido um ano atrás. Ele não conseguia lembrar como era a vida antes de Christy. Ele não era mais a mesma pessoa. Ele tinha a impressão que continuaria fazendo o que fez com pessoas como Andrew, mas, pela primeira vez, viu Shasta como mais do que uma prostituta que o agradou numa outra situação. Ele a viu como a filha de alguém, a irmã de alguém. Ela poderia até ser a mãe de alguém. Ele não tinha a menor ideia de quem se importava com ela, porque nunca tinha se preocupado em descobrir. Christy mudou isso nele, e ele não tinha certeza se era uma coisa boa ou não.

Olhando para Shasta ele disse: — Devo-lhe a vida de Christy. Qualquer coisa. Diga, Shasta, e é seu.

Ele tinha certeza de que ela pediria uma grande soma de dinheiro, e ele ficaria feliz em dar.

— Qualquer coisa? — perguntou ela. Seu lábio estava inchado, e a fala um pouco truncada.

Anthony assentiu. — Qualquer coisa.

Shasta descreveu resumidamente sua vida e como ela finalmente acabou no acampamento. Shasta e suas duas irmãs foram criadas por uma mãe solteira, cujo namorado abusava de todas elas. Ela bebeu sua primeira cerveja quando tinha oito anos. Fumou o primeiro baseado aos dez, e ela começou a trocar favores sexuais por drogas mais pesadas na época que tinha quatorze anos.

— A única coisa que me lembro da minha infância, a única coisa que já encontrei prazer, foi em desenhar. — ela olhou para Christy que estava sorrindo com a admissão.

— Não desenho como vocês imaginam. — ela acrescentou rapidamente. — Eu gostava de desenhar esboços de edifícios bonitos. Às vezes, pegava uma régua e tentava desenhar como eu achava que era o interior.

— Como uma arquiteta ou engenheira? — perguntou Christy.

— Eu não sei. — Shasta disse timidamente, desviando o olhar. — Deve ser estúpido. Alguém como eu tentando ser outra coisa que não uma prostituta.

— O que você está me pedindo exatamente? — Anthony questionou.

Ela olhou para ele, e ele viu a dor em seus olhos. — Eu quero ficar limpa, Anthony. Eu quero ir para uma clínica de reabilitação longe daqui, e quando eu sair, poder arrumar um emprego regular e me inscrever em algum lugar para tomar algumas aulas. — uma única lágrima correu pelo seu rosto.

Anthony olhou de lado para Christy e viu seu sorriso e aceno.

— Você conseguirá. Eu vou pagar para você entrar em uma boa clínica. — ele confirmou à Shasta.

— E, vamos ajudá-la quando você sair também. — acrescentou Christy. — Nós vamos arrumar um lugar agradável para você morar, em um bairro decente, e vamos pagar qualquer faculdade que você escolher. — Christy entregou um lenço para Shasta enxugar as lágrimas que estavam caindo pelo seu rosto machucado.

Depois de Shasta se recompor, Anthony falou para Christy esperar na caminhonete. Eles iriam nela para casa e o carro dela seria levado depois. Ele ficou para falar com Shasta e ver se havia mais algum detalhe, até o menor, que ela conseguia se lembrar. Ela estava mais do que disposta a dar mais detalhes. Especialmente se isso significava que a Dra. V receberia o que merecia.

Anthony puxou Christy para perto enquanto dirigia para casa. Ele ficou surpreso que ela não tivesse explodido em lágrimas ou tremesse, como ela fez após o recente incidente no motel de Grizz. Mas, então, ele disse a si mesmo que, se ele estava mudando, talvez ela estivesse também. Ele sabia que ela era obstinada e teimosa, mas ele não tinha percebido o quanto até que a ouviu desafiar o Andrew.

Depois que eles chegaram, tomaram banho juntos e ele inspecionou cada centímetro dela. — Eu disse que não estou ferida. — ela insistiu, mas ele percebeu uma ligeira descoloração em seu pescoço e o interior de suas coxas. Ele ficou surpreso quando se arrastaram para a cama juntos e ela estendeu a mão para ele. Ele assumiu que o trauma lhe causaria hesitação e ela falou para ele.

— O que quase aconteceu com aqueles homens horríveis não tem nada a ver com a forma como me sinto quando estou com você, Anthony. E antes de qualquer coisa, as coisas que você faz para mim vai me fazer esquecer.

— Você mencionou que ouviu o que eu disse aos advogados sobre me casar com você, mas logo depois que eles saíram, você me deixou fazer

amor com você. — ela não respondeu, então ele perguntou a ela: — Por quê?

— Eu não sei. — ela respondeu honestamente. — Eu acho que eu pensei que, de alguma forma, o usaria também, ou talvez, eu precisasse fingir que o que tínhamos era real.

— É real. — ele disse a ela. — Posso te contar uma história, Christy? — sua voz era baixa e séria.

— Que tipo de história? — ela perguntou, passando a mão sobre o peito forte e firme dele.

— É sobre um guerreiro Cherokee e como ele enganou uma mulher para se casar com ele.

— Que mulher? — Christy perguntou, seus dedos agora correndo ao longo dos contornos musculares de seu abdômen.

— Uma mulher branca. Uma fazendeira rica. — ele a puxou para mais perto e beijou sua testa suavemente.

— O guerreiro a enganou porque queria o gado dela? A terra? — Christy perguntou. — O dinheiro? — disse ela em um quase sussurro.

— Não, Owani. Ele enganou porque estava apaixonado por ela. — quando ela não respondeu, ele continuou. — Ele só queria uma coisa.

— O que era? — ele podia sentir seu hálito quente em seu peito.

— Ele queria o coração dela.

Seus dedos pararam de explorar e Christy inclinou-se sobre um cotovelo e olhou para ele. — Conte a história, Anthony.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Tampa, Flórida, 1978



O homem que entrou na emergência de Veronique Dubois três dias antes e se identificou como Ben Diamond, sentou-se dentro de um restaurante e pediu um sanduíche e uma xícara de café. Reviu mentalmente tudo o que tinha acontecido nas últimas duas semanas, desde o telefonema de Van Chapman, bem como a sua decisão de abandonar o trabalho de Van três noites atrás.

Depois de receber a primeira chamada de Van, ele estabeleceu imediatamente a vigilância sobre Anthony Bear, e mesmo que tenha precisado de alguns dias, pôde verificar que a filha de Van, Christy, estava de fato vivendo com o homem. Ele fez algumas perguntas casuais nos locais dos motoqueiros certos, que, eventualmente, apontaram um bar em particular. Uma vez lá, ele solicitou uma prostituta que estava disposta a conversar sobre Anthony Bear e a linda médica que dava assistência médica para a gangue de motociclistas. A prostituta, Gloria, era regular em Camp Sawgrass e convenceu-se de que, uma vez que ela não estava entregando segredos criminais sobre Anthony, ela não teria que temer retaliação.

— Então, ele tem uma coisa com esta doutora? — ele perguntou casualmente para ela.

— Talvez. — Gloria fez uma pausa. — Eu não sei. — eles estavam no carro e Gloria tinha acabado de fazer sexo oral nele. — Mas é óbvio que ela tem uma coisa por ele.

— Por que você diz, talvez? — ele perguntou enquanto fechava o zíper de suas calças.

— Bem, ele ainda dormia com a gente, as meninas... — ela fez uma pausa e depois acrescentou: — Pelo menos até cerca de um mês atrás. Mas há rumores de que a Dra. V vai até sua casa. O que sei com certeza é que ninguém do acampamento, exceto X, foi lá. Especialmente, nenhuma mulher. E quando eu via a Dra. V no acampamento, ela sempre tentando nos convencer que Anthony era muito bom para nós, e que se nos importássemos com ele, não chegaríamos mais perto dele. Você consegue imaginar isso? Uma grande cirurgiã com ciúmes de algumas prostitutas? Eu acho que eles estão brigados, porque acho que não vejo a Dra. V há meses. — ela olhou-o de lado. — Por que você quer saber tanto sobre Anthony Bear?

Ele sacou uma nota de cinquenta e acenou-a na frente de seu rosto. — Ele é bem conhecido de onde eu venho. Meu chefe me enviou para negociar alguns negócios com ele. Eu quero saber mais sobre o homem e não apenas sobre a sua empresa criminosa.

Gloria começou a pegar o dinheiro da mão dele, mas ele puxou-a para trás e disse: — O que corre na rua é que Anthony Bear é um sádico filho da mãe. É bom você saber que eu posso ser tão ruim, senão pior. Ninguém pode saber sobre a nossa conversa.

Ela sorriu e conseguiu agarrar o dinheiro dele e colocou-o no sutiã. — Você não tem que se preocupar comigo falando. Além disso, qualquer pessoa que vai até o acampamento sabe sobre Dra. V. Então, você tinha algumas perguntas sobre Anthony? — ela encolheu os ombros. — Não é como se eu tivesse contado... segredos de Estado ou qualquer coisa.

Ela saiu do carro dele e depois de bater à porta, inclinou-se pela janela do passageiro aberta. — Certeza que não quer passar mais algum tempo juntos? Poderíamos ir para a minha casa.

Ele balançou a cabeça, passou mais cinquenta e acrescentou: — Essa aqui é para você. Algo que você não vai ter que compartilhar com Anthony.

Ela pegou e sorriu. — Oh, Anthony não é o meu cafetão. É o Ron.

— Ron?

— Sim, ele não sabe ainda, mas eu vou me casar com ele um dia.

Ela sorriu mostrando os dentes brancos deslumbrantes, e ele não pôde deixar de notar seus olhos cintilantes. Gloria era extremamente atraente, e se ele não tivesse tão envolvido na tentativa de obter informações sobre Anthony Bear, ele teria passado mais tempo com ela. Muito mais tempo.

Seus olhos ficaram sérios e seus lábios formaram uma linha reta sombria quando ela acrescentou: — E você está errado, senhor. Ninguém é pior do que Anthony Bear.

O homem que se chamava Ben Diamond deu uma mordida no sanduíche e tomou o café preto. Não tinha levado mais do que algumas horas depois da conversa com Gloria para localizar a Dra. Veronique Dubois. E depois de viajar para Tampa para colocar Van Chapman por dentro em seu plano, ele começou a deixar a barba crescer imediatamente e parou de tomar banho. Ele sentou-se fora do hospital em seu carro alugado por dias antes de finalmente passar a faca pela palma da mão e entrar na emergência.

Depois de deixar o hospital, ele observou do carro e menos de dez minutos depois, viu Veronique Dubois sair do hospital. Ele a seguiu até a casa dela, esperou mais de trinta minutos para ela reaparecer, seguiu-a

novamente e sorriu com satisfação quando ela se virou para a estrada deserta que levava à casa de Anthony. Ele estacionou em frente a um posto de gasolina e esperou.

A doutora reapareceu cerca de 45 minutos mais tarde, e ele estava certo que uma Christy Chapman brava seguiria logo em seguida. E quando isso não aconteceu, ele se perguntou se talvez Anthony e Christy não estivessem em casa. Mas se fosse esse o caso, por que Veronique levou tanto tempo para reaparecer? Ela deve ter feito algo na casa de Anthony. Sentou-se por mais algumas horas, na esperança de ter um vislumbre de Anthony ou Christy para ver se podia ler a linguagem corporal deles à distância. A visita de Veronique causou uma ruptura no relacionamento deles? Christy fugiria de Anthony?

Ele estava começando a pensar que o seu plano de antagonizar a médica para induzir Christy a ir embora tinha falhado. Ele estava se preparando para ir quando avistou Christy passando apressada pela placa de Pare no cruzamento onde a estrada de Anthony encontrava a rodovia de quatro pistas. Ele fez o máximo para colocar o carro em movimento e tentar alcançá-la.

Ele estava certo de que ela iria para casa ou entraria em um motel, onde ele iria agarrá-la. O que ele não contava era com ela fazendo um retorno tão abrupto, que quase fez um caminhão reboque tombar, e por sua vez resultou em uma série de motoristas, incluindo ele, frear. Christy não causou um acidente, mas criou um atraso tão grande que no momento em que ele virou e passou pelo motorista do caminhão descontente, ele já a tinha perdido de vista. Ele bateu o punho com força no volante e soltou um rosário de palavrões.

Na hora, ele parou na próxima loja de conveniência e elaborou outro plano. Um plano que não envolvia mais Christy Chapman. Depois de uma conversa com Gloria e obter mais informações sobre Anthony

Bear, ele tinha algumas reservas sobre cruzar com o homem. O que Gloria contou sobre Anthony, aparentemente, era verdadeiro. Ele não era alguém que ele gostaria de se desentender. Mesmo que ele nunca fosse saber dele, não queria ficar olhando por cima do ombro pela eternidade. Ele considerou um sinal perder Christy de vista na estrada. Era hora de abandonar este trabalho. Mas não antes de receber.

Depois de recolher os seus pertences, ele voltou para Tampa. Uma vez lá, ele alugou um quarto agradável na casa de uma viúva idosa. Ele tinha uma entrada separada, e ela só pedia um pequeno adiantamento do aluguel. Ele encontrou um cafetão e deu instruções específicas quanto ao tipo de mulher que ele queria. Após o encontro com três delas, ele se estabeleceu com uma que concordou em cortar seus longos cabelos.

Ele a levou para o quarto alugado e pegou a câmera e uma corda de uma gaveta da cômoda.

A mulher olhou para ele com curiosidade. — Devo tirar a roupa? — ela perguntou, olhando para a câmera que, após pressionar um botão, imprimia uma foto instantaneamente.

— Não. — ele falou para ela enquanto desenrolava a corda.

— Então, o que você tem em mente? — disse hesitante após vê-lo recuperar fita adesiva e um lenço preto.

— Não tenha medo. — ele disse para ela. — Eu não quero sexo.

Uma família barulhenta na cabine ao lado mexeu com suas lembranças. Com o sanduíche terminado, ele tomou outro gole de café e se deleitou com a própria inteligência. Depois de sinalizar para a garçonete trazer a conta, ele olhou para o relógio e sorriu. Era hora de sair para a seu encontro com Van Chapman. Em menos de duas horas ele estaria em um voo para Dallas, onde ele tinha sido contratado para convencer um fazendeiro a vender a propriedade familiar para um

homem de negócios impiedoso. Ele só esperava que este próximo trabalho não envolvesse sequestro, drogas e um nativo americano maior que a vida com um currículo que faria vergonha a um serial killer.

— Está feito. — disse ele, enquanto colocava um envelope na mesa de centro entre ele e Van.

— Você está com ela? Você está com a Christy? — Van perguntou esperançoso.

— Está tudo aí. — ele apontou para o envelope. — Eu quero meu dinheiro. E os termos mudaram.

Van pegou o envelope, mas parou para olhar para o homem antes de abri-lo.

— Que termos? — ele perguntou.

— O preço era vinte mil. Dez agora, e dez depois de ela estar totalmente viciada e caída em algum lugar no meio da cidade. Quero dezenove mil agora, e mil depois que ela for pega pela polícia e você ser chamado para soltá-la.

— Por quê? — Van perguntou.

— Olhe para as fotos. — o homem disse, apontando para o envelope que Van segurava.

Van abriu e deixou várias fotografias derramarem em cima da mesa. Ele pegou cada uma e olhou com cuidado. Todas mostravam Christy amarrada a uma cama. Ela tinha um lenço preto cobrindo os olhos e fita adesiva na boca.

— Sim. E daí? — Van disse.

— Seu plano original era deixá-la no acampamento de Anthony Bear. Este não é o acampamento dele. Eu tive que adiantar meu próprio dinheiro para pagar uma enfermeira para ficar com Christy como refém na casa dela. Dá para perceber que ela está em um quarto.

— E o que isso tem a ver com me custar mais de adiantamento?

— Porque se eu tivesse feito do seu jeito, e achado um marginal para mantê-la drogada, mais do que provavelmente, eles teriam provocado uma overdose. Eu estou pagando mais dinheiro para proteger o seu investimento. Eu tenho que pagar a enfermeira não só pelas drogas, mas pelas duas semanas que ela vai perder de trabalho, enquanto fica em casa para cuidar da garota. Sem mencionar as minhas despesas das últimas duas semanas. E você quer que eu fique na cidade pelas próximas semanas para monitorá-la e garantir a entrega, certo? Isso acrescenta - e com base no que você é capaz de fazer com a sua filha, eu não confio em você para me pagar o restante. Dez mil é demais para deixar em haver. Saio daqui com dezenove mil, ou vou sair daqui e soltar sua filha agora.

— Se esta enfermeira está mantendo-a drogada, como é que ela vai ser usada e abusada como eu queria que ela fosse? — Van perguntou, seus lábios finos.

O homem não podia acreditar no que estava ouvindo. Que escória miserável. Não era ruim o suficiente que ele quisesse a filha viciada em drogas, ele queria que ela fosse estuprada e abusada também. Ele tinha que pensar rapidamente.

— Esta enfermeira... — ele fez uma pausa e lambeu os lábios. — Tem um namorado que gosta de abusar dela regularmente. Ela aproveitou esta oportunidade para oferecer a sua filha para ele e seu filho degenerado e tirar o foco fora dela por um tempo. Christy vai sofrer.

Um lento sorriso se espalhou pelo rosto de Van. Lembrou-se de como, mesmo quando criança, os olhos dela eram acusatórios. Ele sabia

que Christy o julgava e ele não gostava de saber que tudo com o que ele tinha trabalhado um dia seria dela.

— Eu quero dezenove mil em dinheiro, e eu quero agora. Eu entrarei em contato com você de novo quando for a hora de deixá-la em algum lugar para as autoridades encontrarem.

Uma hora mais tarde, o homem olhou pela janela do avião e observou Tampa desaparecer de vista. Registrou mentalmente suas despesas. Um carro de aluguel, um quarto de hotel barato para quando ele não estivesse dormindo no carro, algumas prostitutas e um quarto alugado nos subúrbios. Seu único arrependimento foi não passar mais tempo com a primeira puta, Gloria. Teria sido dinheiro bem gasto. Ele gastou pouco dinheiro neste trabalho, e Van Chapman era tão estúpido, ele não só caiu nas fotos encenadas, mas concordou com os dezenove mil de adiantamento. Perder os últimos mil dólares mais do que valeu a pena. Ele daria tudo para ver o rosto de Van Chapman quando ele descobrisse que foi enganado.

Que idiota completo, ele pensou e sinalizou para a aeromoça servir um gin tônico.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Naples, Flórida, 1978



Mais ou menos um mês após o atentado à vida de Christy no acampamento a detetive Kimberly Cochran bateu à porta da frente de Anthony.

Durante esse mês, Anthony constatou que Veronique Dubois tinha partido para férias com um mês de duração, dois dias depois de armar para Christy ser torturada e assassinada. Ele foi informado que não era uma partida aleatória, mas férias programadas para Bermudas. Anthony ficou feliz por não precisar perseguir Veronique para se vingar. Ela voltaria, e enquanto ela estava fora, ele elaborou um plano meticuloso. Não apenas para eliminá-la da forma mais dolorosa possível, mas para desgraçar ela também.

Anthony convidou a detetive para entrar e pediu para Christy se juntar a eles. Os três sentaram na mobília de couro que rangeu quando os corpos pesaram.

— Eu tenho notícias sobre seus pais, Christy. — disse a mulher, olhando para Anthony e depois voltando para Christy.

Anthony pegou a mão de Christy e apertou-a.

— Eu vou contar a má notícia primeiro.

Christy engoliu em seco e ouviu a mulher dizer que eles tinham certeza que Vivian estava morta. Ela fez uma reserva de seis meses em um cruzeiro europeu sob o falso nome de Vivian Slade.

— O nome Slade significa algo para você? — perguntou a detetive.

Christy sacudiu a cabeça. — Eu nunca ouvi esse nome.

A detetive Cochran passou a explicar que Vivian Slade estava há dois meses de férias, quando uma amiga que ela conheceu no cruzeiro informou o seu desaparecimento.

— Desaparecimento? — Christy interrompeu. — Como é que alguém desaparece em um cruzeiro?

— Presume-se que ela caiu no mar, já que descobriram que ela sumiu entre os portos. Não é comum, mas acontece. Eles acharam muitos medicamentos prescritos no quarto de Vivian, e deduziram que ela vagou pelo convés e caiu quando ninguém estava por perto. Não há outra explicação.

— Como você tem certeza que Vivian Slade é minha mãe?

A detetive abriu um envelope que tinha levado e tirou uma foto. Ela entregou para Christy e continuou a explicar. — Vivian Slade tem um endereço falso em Naples. A linha do cruzeiro não conseguiu localizar um parente próximo para notificar, então eles nos contataram. A foto que você está olhando foi tirada pela amiga que ela fez no cruzeiro. Esta é a sua mãe, não é?

Christy assentiu. — É ela, e tenho certeza que Van teve algo a ver com isso! — ela retrucou.

— Nós achamos isso possível também, Christy, mas verificamos cada pessoa naquele cruzeiro, e não encontramos ninguém, absolutamente ninguém, com qualquer registro que fosse ao menos um pouco suspeito. Sim, havia muitos com bilhetes pendentes de estacionamento, invasão de propriedade, e algumas infrações de trânsito, mas nenhum com histórico criminal.

Christy endureceu e disse: — Bem, se você conseguisse encontrar o Van, tenho certeza que poderia pressioná-lo a admitir como ele fez isso. Se Vivian estava viajando com identificação falsa, então ele pode ter contratado alguém para acabar com ela. E aqueles advogados que visitaram Anthony falaram que ela foi enviada com medicação suficiente para matá-la.

— Você está certa. É sempre uma possibilidade, mas pelo que sabemos, Vivian morta não seria conveniente para Van. Ele não pode tocar na conta bancária dela. E você já me disse que a vontade de sua avó veio com uma advertência. — disse ela gentilmente.

— Que, no caso de morte de Vivian, eu sou a única herdeira de tudo. — Christy terminou.

— Sim, Van não receberia um centavo. Meu palpite é que ele enviou Vivian para um cruzeiro não para matá-la, mas para tirá-la do caminho, enquanto planejava comprometer você. Se ela não estivesse por perto, ele seria o único pai disponível para assinar toda a papelada que a colocaria em uma clínica de reabilitação. E, claro, seus advogados se certificariam de que fosse concedida para ele a capacidade de gerir os seus bens.

— Exatamente! — Christy concordou. — E com Vivian morta, eu recebo o dinheiro dela, e Van fica com o meu. É por isso que ele mandou matá-la.

— É possível, mas eu discordo respeitosamente. — a detetive acrescentou. — Neste momento, Van está sobrevivendo só com os dividendos das concessionárias e o dinheiro que ele recebe como subsídio de sua mãe. No momento em que ela for declarada desaparecida, ou morta tudo isso seca. Eu não estou dizendo que ele não tentaria matá-la depois, certamente ele é capaz disso. Mas eu acho que ele não ia querer que a fonte secasse até que ele tivesse certeza de que tinha o controle de suas contas bancárias.

— Sim, eu acho que isso faz sentido. — disse Christy, e colocou o cabelo curto atrás da orelha. — Quem sabe o que seu cérebro sociopata estava tentando fazer. Provavelmente, nunca saberemos.

Kimberly Cochran assentiu com a cabeça em concordância e disse: — Agora, a boa notícia. Temos Van sob custódia, e ele está enfrentando acusações de que, se condenado, vão colocá-lo fora por um longo tempo.

— O quê? — Christy praticamente gritou. — Vocês estão com ele?

A detetive olhou rapidamente para Anthony e depois para Christy. Ela não queria admitir que foi a dica dele sobre Dan Mikkelson e Pete Germaine que a levou a uma operação policial. Ela explicou para Christy que depois de descobrir que o escritório de advocacia de Mikkelson & Germaine estava sob investigação por algumas relações clandestinas, eles negociaram, através do procurador do Estado, para diminuir possíveis acusações em troca de cooperação dos homens. Eles entregaram a última localização conhecida de Van, concordaram em fazer as conexões e levá-lo a admitir o que ele fez com Christy para assumir o controle de suas finanças.

— Van também falou sobre um cara que eles recomendaram que ele contratasse para cuidar de Christy. Algum de vocês já ouviu falar de Ben Diamond? — ela olhou para Anthony, em seguida, para Christy.

Anthony ficou observando para ver se a expressão de Christy entregaria que ela tinha ouvido esse nome antes. Shasta contou a ambos que Veronique tinha mencionado o nome para o John na noite da tentativa de assassinato de Christy. Anthony não conseguiu verificar a existência do homem, ou se ele tinha alguma coisa a ver com a decisão repentina de Veronique e sua súbita decisão de aparecer na casa dele e, em seguida, no acampamento. O instinto dele estava dizendo que havia uma conexão, mas as únicas pessoas capazes de confirmar eram Ben

Diamond sumido, Van ou Veronique. Ele interrogaria a última da forma mais dolorosa possível.

— Não. — Christy sacudiu a cabeça. — Nunca ouvi esse nome. E você, Anthony? — ela virou-se para olhar para ele.

Ele ficou impressionado com a sua cara de pôquer e teve a ideia que talvez ele devesse ensiná-la a jogar.

— Nunca ouvi também. Van disse que contratou-o para? — perguntou Anthony, embora estivesse certo de que sabia a resposta.

— Bem, ele nunca disse enquanto estava sendo gravado. E, claro, ele não nos disse qualquer outra coisa desde que foi preso, porque com certeza só vai implicá-lo ainda mais.

Anthony assentiu, secretamente aliviado que se Ben Diamond fosse a razão por trás da visita de Veronique a sua casa e ao acampamento, nunca viria à luz. Se eles encontrassem o homem e ele os levasse à Veronique, isso poderia interferir com os planos de Anthony para ela.

— E se os dois advogados o recomendaram para o Van eles devem saber como entrar em contato com ele. — Anthony acrescentou, pescando para obter mais informações.

— Verdade. — a mulher admitiu. — Nós tentamos o número que deram ao Van, e, claro, estava desconectado. Eles confessaram usar esse homem antes, mas disseram que depois de um trabalho, ele sempre mandava uma mensagem para eles, que incluía um novo nome e número de telefone. Se este Ben Diamond enganou o Van como ele alega, é seguro assumir que o Sr. Diamond não passará o novo contato aos advogados. Não há dúvida de que ele está muito longe e não vai voltar.

Anthony assentiu.

— Eu preciso falar com Christy sozinha. — a detetive Cochran disse enquanto se levantava, obviamente a visita tinha acabado.

Anthony e Christy também se levantaram e Christy disse: — Eu vou levá-la até a porta. — ela deu a Anthony um olhar que dizia que explicaria mais tarde.

Naquela noite, depois que fizeram amor, Anthony abraçou-a e perguntou: — Você quer discutir o que a Detetive Cochran falou sobre sua mãe? Eu esperei você mencioná-la, Owani. Você precisa falar?

— Não. Não há nada para falar. Além da papelada para declará-la legalmente morta, não há muito mais o que dizer.

Eles ficaram em silêncio por um momento, e ela acrescentou: — Eu acho que você pensa que sou terrível. Eu nem tenho certeza se acredito que ela está morta e, pior ainda, não tenho certeza se eu me importo. Isso faz de mim insensível? — ela inclinou-se em seu cotovelo para olhar para o rosto dele.

— Eu acho que você nem saberia como ser insensível, Owani. — ele disse a ela, puxou o rosto dela na direção dele e deu um beijo no nariz. Depois beijou o queixo, cada olho, a testa e, finalmente, sua boca. Ela se afastou e continuou a olhar para ele.

Ele viu a dor nos olhos dela e acariciou suavemente sua bochecha com o dorso da mão, a penumbra no quarto deles não escondia o grande contraste na cor da pele deles. Não amar os pais da forma como uma filha deve não o surpreendia nem um pouco. Mas Anthony sabia que era mais do que isso. Sua falta de amor por Van e Vivian era mais profunda. Anthony suspeitava que Christy tinha muitos segredos em seu coração e, esperava pacientemente que ela os revelasse para ele. Confiasse

nele o suficiente para compartilhar a dor profunda que ele tinha reconhecido em seus olhos muito antes do incidente no acampamento.

Há dois meses eles tinham passado horas envoltos nos braços um do outro, a vida amorosa deles ia além do físico. Com cada beijo, cada carícia, cada sussurro que eles experimentavam era como uma união de suas almas, que ligavam seus corações. Ele se deleitava em ser o primeiro a ensinar para ela sobre o aspecto físico de prazer íntimo e ela trouxe essa faceta da vida para ele. Uma emocional, que ele nunca tinha experimentado. Ela invadiu seu coração, os músculos, os ossos. Christy até fluía pelo seu sangue, e ele sabia que qualquer separação seria equivalente a ter seu coração arrancado do peito. Uma vez que ele nunca a deixaria, ou permitiria que ela partisse, ele sabia que teria que se contentar com estar lá quando ela finalmente decidisse compartilhar sua dor escondida. E quando ela fizesse isso, ele a ajudaria a se curar de tudo o que ela mantinha trancado. Era a sua mulher; ele lhe daria tanto tempo que ela precisasse.

Ela saiu dos braços dele, e se jogou de volta no travesseiro e olhou para o teto. — Estou tentando ajudar a detetive Cochran com algo. — ela deixou escapar. Antes que ele pudesse responder, ela acrescentou: — Ela queria falar comigo em particular para discutir o nosso pequeno arranjo e eu falei para ela, antes que ela partisse, que eu ia te contar de qualquer maneira, então ela não precisava ser tão secreta. Ela não se importou. De fato, ela acha que alguém como você pode até ser útil.

— Alguém como eu? — perguntou.

— Sim, você sabe. Um criminoso.

Ele riu e disse: — Vamos ouvi-la, Owani.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Naples, Flórida, 1978



Ainda olhando para o teto, Christy explicou para o Anthony como suspeitava que Van estava, de alguma forma, envolvido na morte de sua avó quatro anos atrás.

— Christy. — disse ele suavemente.

—Bobbi não estava com quase oitenta anos quando morreu? Eu entendo que o seu ódio por Van faria você suspeitar dele, por causa de todas as circunstâncias sombrias que acontecem em sua família, mas pensar que ele causou a morte de sua avó, uma mulher na casa dos setenta, pode ser exagerado. Ele não tinha nada a ganhar com a morte de Bobbi.

Christy sentou-se e cruzou as pernas. Olhou para baixo, no seu rosto, e começou a desenhar círculos distraidamente na barriga dele e disse: — Sim, ele tinha algo a ganhar. Sua liberdade. Eu acho que Bobbi deve ter descoberto o que ele estava fazendo com as concessionárias. Ela o teria mandado para a prisão.

Esse comentário chamou a atenção de Anthony e ele perguntou: — Você que dizer sobre ele estar gerindo mal e elas estarem perdendo dinheiro? Eu acho que não dá para mandar alguém para a prisão por ser estúpido.

— Não. Vai ser mais fácil se eu explicar desde o início. — ela respirou fundo e disse: — Bobbi estava em perfeita saúde. Sim, ela tinha

setenta e oito, mas era ativa, espirituosa e robusta para a sua idade. Mas o fato de ela ser considerada idosa fez o legista local renunciar a autópsia.

— Tudo bem... — disse ele, sem entender onde ela queria chegar.

— Uma autópsia poderia ter provado que ela não morreu de causas naturais, mas Vivian mandou cremar minha avó, então nunca teremos certeza.

— Você ainda não me deu um motivo, Christy. Por que Van assassinaria a Bobbi? E o que isso tem a ver com os negócios? — ele perguntou.

Ignorando sua pergunta, ela continuou, — Então, pouco mais de seis meses atrás eu tive que pagar a fiança de Richard para ele sair da cadeia. Ele não tinha problemas há um longo tempo, e ele foi pego em uma blitz de trânsito de rotina por ter algum mandado pendente, ou algo assim. Obviamente, ele não quis ligar para Nadine ajudá-lo, por isso ele me chamou.

Ela parou de tocar a barriga dele e pegou uma longa mecha de seu cabelo. Como havia se tornado hábito, começou a trançá-la enquanto ela falava.

— Eu paguei a fiança, mas eu pedi para falar com alguém que pudesse confirmar que ele realmente não estava com problema. Foi um golpe de sorte ele ter sido pego por causa de um mandado antigo. Foi quando eu conheci a detetive Cochran. — ela deixou escapar um longo suspiro. — Ela confirmou o que Richard tinha me dito. Ele tinha ficado fora de problema, e era um mandado velho. Não precisamos conversar muito para ela perceber que eu não era fã dos meus pais. Não seria exagero dizer que eu a deixei ciente do quanto eu desprezo eles.

Anthony sentou-se e recostou-se contra a cabeceira. Ele cruzou os braços sobre o peito e deu toda a atenção para Christy.

— E os negócios? — ele perguntou, tentando mostrar pouco interesse.

— A detetive Cochran suspeita que alguma coisa estava acontecendo lá, um possível peculato e uma conexão com um roubo internacional de carros. — disse ela em um tom abafado, com os olhos brilhantes de emoção.

Anthony balançou a cabeça. — Peculato e roubo internacional de carro não cairiam sob investigação federal? Com o FBI?

— Aparentemente não. — ela encolheu os ombros.

— E então você concordou em ajudá-la. — disse Anthony. — Era isso que você estava procurando em sua casa no dia em que te conheci. Algo que pudesse ligar Van ao que está acontecendo na Bobbi Bowen's Luxury Autos.

— Sim. — ela sorriu. — Era isso que eu estava fazendo. Procurando por algo, qualquer coisa que pudesse ajudá-la a provar que ele está por trás de algo. Agora, a informação deles é limitada e eles não tem o suficiente para pedir um mandado. Você não vê, Anthony? — Christy perguntou, com os olhos arregalados. — Bobbi deve ter descoberto o que Van estava fazendo. Ela nunca permitiria que ele usasse seu império automotivo para fazer algo ilegal.

Se você soubesse, ele pensou.

— O que a detetive Cochran quer de mim? — ele perguntou, já sabendo a resposta.

— Ela quer saber se você já ouviu qualquer coisa. Eu sei que ela se queimou por dentro, mas ela não pode negar que você tem boas conexões... — ela parou de falar e olhou para ele.

— Não há problema em dizer, Owani. Eu sou um criminoso bem conectado, e eu e meu pessoal, provavelmente, soubemos de algo na rua.

Ela assentiu com a cabeça cheia de esperança.

— Você pode dizer para ela que peculato e roubo de carros internacional está fora do meu âmbito de trabalho. Eu não tenho nada para você dar a ela.

Christy estreitou os olhos. — E o seu amigo Grizz? Você acha que ele sabe de alguma coisa? — ela perguntou.

— Christy, eu estou falando a você por puro amor que você precisa sair disso. Você está bisbilhotando em território perigoso. Você precisa dizer a detetive Cochran que você me perguntou, e eu disse que não sei nada e você não pode ser de qualquer ajuda adicional para ela.

Ele passou a mão pelo cabelo comprido e resmungou. — E o que ela está fazendo pedindo para você procurar por algo na casa dos seus pais? Ela devia seguir as regras específicas do direito e provas. Ela não está autorizada a pedir a um cidadão para fazer algo que ela não pode legalmente fazer por si mesma. Revistar uma casa sem um mandado cairia sob isso. Não é ético.

Ela revirou os olhos para o uso da palavra ética. Ele é bom de conversa. — Ela sabe e eu sei, Anthony. Ela não me pediu. Ela nem sequer sabia. E quando eu me ofereci, ela disse especificamente: “Eu não posso pedir para você fazer isso”. E tenho certeza que ela sabia que não precisava pedir. Estou só muito disposta a revistar a casa deles por minha conta.

— Ok, mas ela pediu para você me perguntar.

— E daí? Não é ilegal. Quando falei para ela que não ia esconder de você o que nós estávamos conversando, ela disse que não se importava. Ela sugeriu que talvez você pudesse ter ouvido alguma coisa. Então, eu

estou perguntando algo. Uma dica. Algo que eu possa passar para ela. — Christy implorou.

— Deixe a detetive Cochran encontrar seus próprios meios, Christy. Estou colocando um fim nisso agora. Fique longe dela. É uma ordem.

— Você não pode me dizer o que fazer, Anthony! — ela gritou.

— Eu acabei de fazer isso! — ele gritou de volta. Ele exalou alto e sua expressão tornou-se mais suave, estendeu a mão para ela e ela se afastou. — Christy, querida, eu estou pedindo para você ficar longe para o seu próprio bem. Por favor, com tudo o que está acontecendo, você não tem o suficiente para lidar?

Ela desanimou e assentiu. — Sim, acho que sim. É que eu sei que Van teve algo a ver com a morte de Bobbi. Ele é pura maldade. — sua expressão era suplicante e impotente. — E se não tem jeito de provar que ele causou a morte dela. — ela fez uma pausa e olhou para longe. — Então eu quero ajudar a derrubá-lo de outra maneira.

— Talvez você esteja certa, baby. — ele estendeu a mão para ela novamente e desta vez ela pegou e aproximou-se dele. — Mas você não fica feliz por saber que Van vai enfrentar a justiça de uma forma ou outra? Por favor, saia dessa situação.

— Anthony. — ela suspirou em seu peito. — Se Vivian for declarada morta, as concessionárias ficam para mim. Isso significa que alguém está me roubando. E eu não me importo com o dinheiro. É o princípio da coisa. Eu não gosto de pensar que alguém está me enganando debaixo do meu nariz. Especialmente se estiverem fazendo isso sob ordem direta de Van.

Ele enfiou a cabeça dela sob o seu queixo e se perguntou como ela reagiria se ele contasse para ela que Van não era o cérebro por trás do

roubo internacional de carros. Muito pelo contrário, Anthony estava certo de que Van nem sequer sabia sobre isso.

Ele olhou para o reflexo deles no espelho sobre sua cômoda e inalou o aroma sedutor de seu cabelo sedoso. Seus dedos traçaram uma linha de cima a baixo na lateral dela, enquanto ele se perguntava: *O que ela faria se soubesse que o homem que estava roubando seus negócios era o mesmo homem que estava segurando-a nos braços?*

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Naples, Flórida, 1978



O martelo desceu forte e faíscas incandescentes flutuaram pelo do ar. Nu da cintura para cima, a pele marrom escura de Anthony brilhava sob camadas de suor. Ele sempre encontrava consolo em sua oficina. O esforço físico da ferraria não só contribuía para mantê-lo em excelente forma física, mas fornecia uma escapada mental também. E agora, ele precisava queimar sua raiva, não apenas pela relutância de Christy de se casar com ele, mas a sua vontade de agir como informante não-oficial da polícia.

Ele colocou o martelo para baixo o suficiente para atiçar as brasas ardentes que brilhavam vermelhas brilhantes e contribuíam para aumentar o calor sufocante em sua oficina. Ele tinha uma memória rápida do antigo ferreiro que o tinha contratado temporariamente, uma criança de oito anos de idade, Anthony e seu pai para fazer alguns bicos. Ele notou o interesse de Anthony e mostrou algumas noções básicas antes que o pai e filho mudassem para o próximo trabalho. O calor e isolamento de sua garagem lembravam ao Anthony do suor de um alojamento de nativos americanos, e quando as oportunidades surgiam ele continuava a aperfeiçoar sua arte. Ele era grato que a casa que comprou tivesse um excelente espaço na garagem para ele montar a oficina. Era seu único passatempo e mesmo que ele não fosse o melhor artesão, sabia que seu trabalho apresentava um talento que surpreenderia a maioria das pessoas.

Ele estava trabalhando em um presente de casamento para Christy. Um presente que ele daria para ela depois de serem pronunciados oficialmente como marido e mulher pelo estado da Flórida. Infelizmente, ele poderia demorar no aperfeiçoamento dele, porque mesmo depois de explicar para ela que a amava e queria dar-lhe seu nome, ela ainda se recusou e até virou o nariz para a sua oferta para assinar um acordo pré-nupcial. Ele não precisava ou queria o dinheiro de Christy. Ela não oferecia nenhuma outra explicação, além de não ver necessidade em serem formalmente casados, a menos que ela ficasse grávida. Ela queria que o filho deles tivesse o nome dele, então é claro, ela se casaria com ele se isso acontecesse.

Seu longo cabelo preto prendeu nas suas costas quando ele deu outro golpe. Lembrou-se da noite passada quando Christy tinha finalmente perguntado sobre a grande soma de dinheiro que Van devia. Ela ficou surpresa quando Anthony contou para ela que Van pegava empréstimos com ele há um bom tempo, e sempre pagava em dia e com interesse. Ela sabia que seu padrasto tinha alguns hábitos e vícios inescrupulosos, mas ela não tinha notado que eles ficaram tão fora de controle que ele não pudesse cobri-los com o dividendo mensal da concessionária e com o subsídio que Vivian dava para ele.

Após a morte de sua mãe, Vivian Chapman tornou-se a única herdeira da propriedade que incluía várias concessionárias de automóveis de luxo na costa oeste da Flórida. Anthony balançou a cabeça em desgosto quando pensou em como Van Chapman estava conseguindo acabar com os negócios nos quatro curtos anos desde a morte da sogra. Entre seu caro vício em drogas, prostitutas de alto preço e propensão para apostar em tudo, de cavalos ao baseball, ele estava torrando o que tinha para ser uma fortuna substancial. *Bobbi Bowen devia estar dando cambalhotas no túmulo,* Anthony pensou para si mesmo enquanto passava o braço pela testa suada e refletia sobre o acordo de negócios secreto que tivera com a

mulher idosa. Um arranjo que ele ainda não tinha divulgado para a Christy.

Não é que o Van não honrava o acordo que Anthony fez com Bobbi antes de sua morte. Van nem sequer sabia disso. Anthony tratava com dois contatos que Bobbi tinha escolhido a dedo para trabalhar com ele. Infelizmente, o vício de Van em drogas pesadas e gastos pesados o tornavam praticamente inútil, quando se tratava de gerenciar as concessionárias. O fundo do poço, recentemente, estava próximo, devido à sua má gestão. E um fim da linha ruim significava que estava se tornando cada vez mais difícil esconder as evidências de transações comerciais ilegais de Anthony em seus livros contabilísticos. Anthony tinha discutido recentemente este assunto com seus contatos na Bobbi Bowen e eles estavam tentando bolar um plano para ver o que poderia ser feito. Descobrir que não só foi Van, que indiretamente prejudicou sua operação clandestina, mas que o homem estava atrasado em seus empréstimos pessoais, só alimentou a irritação de Anthony, e o seu martelar acelerou junto com sua frustração.

Ele tinha que tomar uma respiração calmante enquanto pensava sobre como tudo isso poderia ter sido evitado se Denny tivesse sido direto meses atrás. Mas por que ele seria? Denny sabia que Van sempre pagava, então ele estava certo de que poderia estender crédito e fazer um pouco para si sem ninguém saber. O que foi uma decisão errada para Denny. E Van.

Pensar nos Chapman só o deixava mais irritado, e usando as pinças, ele arremessou o objeto no qual estava trabalhando pelo ar. Ele bateu na parede e fez um ruído alto.

— O que foi isso? — uma voz suave perguntou atrás dele.

Anthony se virou e viu Christy olhando para ele, seus olhos enormes e curiosos.

Eles se arregalaram mais quando ela viu sua aparência. Ele ainda segurava o martelo em uma mão e a pinça na outra. Sua respiração estava pesada e seus olhos correram sobre ela. Ele jogou ambas as ferramentas para o chão e o barulho alto a fez saltar. Ele se aproximou dela lentamente, seus olhos escuros ardentes e a pele dele escorregadia.

Ele agarrou-a pela nuca e levou a boca com força na dela. Não havia ternura em seu beijo, só necessidade crua. Ele apoiou-a contra uma parede e desfez o cinto. Depois de se libertar dos limites de seu jeans apertado, ele puxou os shorts dela para baixo bruscamente.

— Anthony? — ela gaguejou. — Anthony, o que... o que você está fazendo? — ela nunca o tinha visto assim e não sabia como reagir. Ele ergueu-a e apertou-a com força contra a parede da garagem.

— Enrole suas pernas em mim. — ele ordenou. Depois de acomodar para que seus corpos se encontrassem em um uníssono perfeito, ele mergulhou profundamente nela e viu a expressão dela mudar de preocupação para uma de necessidade e desejo carnal.

— O que eu estou fazendo? — ele perguntou, imitando a sua pergunta, com a voz gutural. — Eu estou engravidando você.

CAPÍTULO QUARENTA

Naples, Flórida, 1978



As vidas de Anthony e Christy pareciam se misturar perfeitamente, apesar dos acontecimentos passados. Eles se ocuparam, e a proposta de casamento de Anthony e a recusa de Christy não foram mencionadas novamente. Anthony, finalmente, levou Christy de novo ao Camp Sawgrass e não ficou surpreso que ela pudesse se encantar com alguns dos moradores. Ela ficou sinceramente preocupada com a saúde e o bem-estar geral. Ela sabia, com certeza, que ele tinha dormido com a maioria das mulheres que ela conheceu lá e ainda assim não mostrou sinais de ciúme e nunca questionou sua lealdade a ela. Ela não precisava. Ele não podia mais imaginar-se com outra mulher.

A necessidade dela de cuidar e nutrir os outros era sempre aparente. Christy tinha tanto amor para dar, e Anthony queria mais do que qualquer coisa dar um filho para ela. Não só para se casar com ela, mas porque queria olhar para o rosto da criança, cuja existência era resultado do amor deles. E ficou ainda mais óbvio depois que eles foram visitar Nadine algumas vezes. O amor dela pelos filhos de Nadine era além de tudo o que Anthony já havia testemunhado.

Eles saíram várias vezes com o clube de motocicletas e ele se divertiu por tê-la agarrada às costas dele. Afinal, estava exatamente onde ela pertencia. Propositadamente, ele não a levou para qualquer excursão que envolvesse negócios criminosos. Mas ele precisava manter as aparências. Além disso, ele queria que todos conhecessem a mulher na garupa da sua Harley.

Era uma tarde quente de sábado, quando sua gangue percorreu as partes da cidade onde Anthony queria enviar uma mensagem a alguns rivais. Não haveria violência como resultado do passeio, apenas uma declaração. No final do dia, a maioria dos motociclistas partiu do grupo e encabeçou seus caminhos separados. Anthony, Christy, Alexander e Brooks decidiram parar para comer. Uma vez que o lugar favorito dele para comer, Kelly's Fish House, estava fechado, eles se acomodaram em uma mesa de canto de uma cadeia popular de restaurantes nas proximidades. Anthony não podia deixar de notar os olhos dos outros clientes. Três motociclistas assustadores e sua bela e bem apessoada Christy, sentada no meio deles, provocava mais de um olhar curioso. Ela, é claro, não estava consciente da atenção, concentrada no cardápio.

Anthony notou um casal, que parecia ter a idade de Christy, encarando o quarteto. Ele perguntou calmamente a Christy se os conhecia. Ela ergueu os olhos do cardápio e olhou para onde ele apontou. Ela explodiu em um sorriso.

— Eu fui colega deles na escola. — Ela disse a ele ao pousar o cardápio e depois acenou para eles.

— Eles eram seus amigos? — ele perguntou.

— Não. Eu não tinha amigos, mas eles também não. Eles são gêmeos, e eles sempre ficaram na deles. Grandes gênios. Porque eles não tinham amigos e estavam presos um no outro, as crianças não eram muito gentis. Sempre sugeriam que eles eram mais próximos do que um irmão e uma irmã deveriam ser. Era malvado, e tenho certeza de que eles eram ainda mais miseráveis naquela época do que eu. Alguém criou uma rima estúpida e os seguia em todos os lugares.

— Que tipo de rima? — Brooks perguntou. Foi ele que ganhou os mil dólares que Anthony ofereceu como bônus para participar da tortura e assassinato de Andrew. Ele tinha uma natureza distorcida, com um

requinte de crueldade que rivalizava com Anthony, e uma atitude que faria um leão correr para o outro lado. Ele era quase tão alto quanto Anthony, e pelo menos uns 15 quilos mais pesados. Ele era cheio de tatuagens, incluindo o rosto. Ele usava o cabelo castanho longo e sempre parecia que precisava de um barbeador. Alexander notou que Brooks não conseguia tirar os olhos da mulher. Ele não conseguia entender o porquê. Não parecia o tipo de Brooks. Parecia uma garota legal, não a mulher hardcore e áspera que Brooks geralmente levava ao acampamento.

— Os gêmeos Renquest são loucos por natureza... — Christy começou a dizer, mas as palavras morreram em seus lábios. — Eu não me lembro do resto. — Ela mentiu e olhou para a bebida dela.

Sabendo que a conversa estava deixando Christy incomodada e triste, Anthony rapidamente acrescentou: — Bem, eles parecem muito interessados em você.

A garçonete interrompeu a conversa, e depois de anotar os pedidos e se afastar, Christy continuou onde ela parou.

— Eles estavam dois anos à minha frente. Eu não ficava com eles, mas cursei Ed. Física com Lucy, e Lenny me ajudou por um semestre em ciências. Eu não tinha nenhum motivo para não ser legal com eles.

— Por que você não vai dizer olá? — Anthony cutucou.

Supondo que ele queria falar com Alexander e Brooks sozinho por um momento, Christy concordou. Além disso, pareceria rude não os cumprimentar.

Anthony olhou pelo canto dos olhos enquanto Christy se aproximava da dupla. Ele viu que Lenny levantou quando Christy chegou à mesa, e até puxou uma cadeira para ela sentar.

Quinze minutos se passaram quando Anthony sinalizou à Christy que a comida tinha chegado. Ele observou Lenny levantar quando Christy levantou. Era óbvio pela expressão do cara que ele tinha uma paixão por Christy, e Anthony falou isso para ela quando voltou à mesa.

— Sim, ele devia ter naquela época também. Mas ele nunca fez algo sobre isso. Ele é totalmente inofensivo. — ela disse enquanto colocava seu guardanapo no colo.

— Você acha? — Alexander riu.

— Não se divirta com eles. — criticou Christy. — Desculpe, Alexander. — ela acrescentou rapidamente. — É só que eles tiveram momentos difíceis na época do ensino médio. Mas você sabe, eles percorreram um longo caminho. Eu acho que soube mais sobre eles nos últimos quinze minutos do que na escola.

Ela pegou um bocado da salada e baixou o garfo para pegar a água. Depois de tomar um gole, ela acrescentou: — Ambos estão na faculdade. Lucy está fazendo algo com controle de doenças e Lenny está em física nuclear. Seja lá o que for. — ela riu.

Eles retomaram a refeição e gemeram quando Brooks compartilhou uma história sobre a escova de dente da sua madrasta, uma câmera e seu beijo juvenil.

— Isso é nojento. — disse Christy, mas não pôde deixar de rir de como Brooks se vingou da mulher que costumava atormentá-lo quando era criança. Além disso, era leve em comparação com o que sabia que agora ele era capaz. — E, eu acho que não quero mais jantar. — ela acrescentou, abaixando o garfo.

— Eu acho que todos nós acabamos. — Anthony acrescentou e sinalizou para a garçonete levar a conta. Brooks se desculpou para usar o banheiro.

Lucy Renquest lavou e secou as mãos. Verificou-se no espelho do banheiro e se perguntou como seria sua vida se tivesse tido a aparência de Christy Chapman. Christy era uma das poucas crianças na escola que não era má com ela, ou Lenny. Christy era quieta e reservada, mas não cruel como os outros. Lucy ficou mais do que lisonjeada quando Christy não só se aproximou da mesa, mas tomou tempo para sentar com eles e conversar. Ela parecia genuinamente interessada em suas vidas e Lucy não podia deixar de desejar que alguém de seu antigo colégio soubesse sobre os três. Ela queria ser vista com uma das crianças legais. Apenas uma vez na vida, queria sentir-se importante e popular. Ela não tinha como saber que Christy Chapman era mais solitária do que ela na época. Ela ficou completamente surpresa quando Christy confessou que não tinha amigos de verdade no ensino médio. Pelo menos Lucy tinha seu gêmeo, Lenny. Ela soltou um suspiro quando pensou no irmão. Seus olhos de filhote de cachorro continuavam pousando sobre Christy durante toda a conversa. Ele foi enfeitiçado por ela no ensino médio e era óbvio que ainda tinha uma queda. Seu irmão era tão insignificante no departamento de aparência quanto ela.

Ainda olhando para o espelho, ela observou sua aparência sem graça. Seus olhos castanhos eram muito grandes para o rosto e seus óculos grossos apenas os destacavam. Pensou nas imagens alienígenas que ela vira e não pôde deixar de comparar-se com elas. Ela tinha uma testa larga, cabelo castanho mole que pendia em seus ombros e óculos enormes que sempre deslizavam até a ponta do nariz. Ela era alta, lânguida, com baixo peso e tão pálida, que poderia ser facilmente lançada como extra em um filme de vampiros. Ela pegou a bolsa e saiu do banheiro. Ela colidiu no corredor com um garçom e o impacto a desequilibrou. Sua bolsa abriu-se e a maior parte do conteúdo se espalhou pelo chão.

Ela começou a pedir desculpas enquanto tentava juntar seus pertences quando ouviu uma voz dizer com um risinho: — Bem, bem, bem. Se não é a metade mais feia dos gêmeos Renquest incestuosos. Se a sua outra metade não encontrou ninguém para aliviá-la da sua virgindade até agora, eu ficaria feliz em fazê-lo. A menos que, é claro, seu irmão já tenha cuidado disso por você.

Ela reconheceria aquela voz em qualquer lugar. Artie Kane foi um dos piores agressores que ela e Lenny enfrentaram no colégio. Por quê? Por que ele tinha que estar aqui e arruinar a alegria que ainda sentia por falar com Christy Chapman? Ela começou a se levantar e, relutantemente, encontrou seus olhos. Ele estava parado presunçosamente segurando a bacia vazia que ele estava levando para recolher as louças das mesas.

Ele a percorreu lentamente da cabeça aos pés e zombou: — Mas pensando bem, eu não gostaria de infectar meu pin...

Os olhos de Artie se arregalaram quando suas palavras pararam abruptamente. Ele estava olhando para o ombro de Lucy e começou a balbuciar.

— Eu acho que você deve uma desculpa à senhorita Lucy. — veio uma voz profunda por trás dela.

Ela virou-se e ofegou quando viu o homem que devia ter saído do banheiro e caminhado atrás dela durante sua briga com Artie. Ele era um dos homens que estavam sentados na mesa de Christy. Como ele sabia o nome dela? Christy deve ter mencionado. Ele empurrou gentilmente Lucy para o lado e se aproximando pegou Artie pelo braço direito. Sem olhar para ela, o enorme motociclista disse: — Fique de guarda fora do banheiro dos homens. Se alguém tentar usá-lo, dê uma desculpa para não entrar.

Lucy não conseguiu falar. Tudo o que ela conseguiu foi um aceno de cabeça. Parecia que o tempo estava parando enquanto observava Artie

soltar a bacia vazia no chão, enquanto era arrastado pelo grande homem para o banheiro masculino. Ela ficou de pé na frente da porta e rezou para que não precisasse mentir para alguém que precisasse entrar. Ela começou a tremer quando ouviu os gritos abafados de Artie. Não havia passado muito tempo quando a porta se abriu e ela rapidamente se virou para ver o grande homem saindo do banheiro, ajustando o zíper. Antes que a porta se fechasse atrás dele, ela pensou ter visto Artie no chão, deitada na posição fetal com as calças em torno de seus tornozelos.

— Eu sou Jonas Brooks e eu sei que você é amiga de Christy. Se alguém tentar incomodá-la novamente, basta me encontrar. — *a menos que eu a encontre primeiro, Lucy Renquest,* pensou. Ele pôde perceber pela expressão dela que ela não se lembrava dele. E por que ela lembraria? Fazia anos e nunca tinham compartilhado seus nomes, além de ganhar mais de 23 quilos, ele desistiu de raspar a cabeça e fez tatuagens faciais.

Ela olhou para ele, seus olhos mais arregalados do que pires, e os óculos os deixavam maiores ainda. Ela ficou surpresa, mas não recuou quando ele acariciou sua bochecha suavemente com a parte de trás de sua mão calosa. — Você me lembra de alguém que eu conhecia. — disse ele antes de adicionar onde poderia encontrá-lo, — Brooks 'Bait & Tackle, na esquina da Thomasson Drive com a Kelly Road.

— Ob-ob-obrigada. — ela quase sussurrou. — Por me ajudar.

Ele deu uma olhada que fez o medo percorrer as suas veias. Mas não o tipo de medo que a assustava. Aquele medo era novo e estimulante. Como se estivesse enfiando o dedo em uma tomada leve e, em vez de temer por sua vida, sentiu-se mais viva do que nunca. Os olhos ardentes dele e o fato de que ela gostou da maneira como ele estava olhando para ela, a fez tremer. Ele tinha uma luxúria animal que perfurou

sua consciência. Ela nunca sentiu nada parecido. Os joelhos de repente ficaram fracos.

Brooks viu seu reflexo em seus óculos. Ele fez o máximo para não arrastá-la para fora em sua motocicleta e levá-la com ele.

— O que você fez com ele? — ela perguntou. Sua voz saiu rouca.

— Eu o aliviei de sua virgindade. — ele respondeu uniformemente.

Anthony e Christy chegaram em casa, e depois de tomar banho juntaram-se no sofá com uma grande tigela de pipoca.

— Você achou que Brooks estava olhando muito para Lucy? — ela perguntou enquanto mudava o canal para a estação de notícias local. Eles tinham terminado de assistir a um filme e sua tigela estava vazia.

— Não. — respondeu Anthony.

— Você acha que foi estranho ele ir ao banheiro depois que eu a vi caminhar para lá?

— Não. — Anthony mais uma vez respondeu. — Mas eu notei que ele bebeu cinco grandes copos de água durante o jantar. Brooks é como um camelo. Eu ficaria surpreso se ele não tivesse que ir ao banheiro.

De repente, Christy ajeitou a postura e apontou para a televisão. Ela teve dificuldade em encontrar as palavras.

— É... é... — ela balbuciou.

Eles estavam assistindo a um clip de notícias com a foto da Dra. Veronique Dubois. Sorrindo, Anthony pegou o controle remoto e aumentou. O apresentador do noticiário estava dizendo que a cirurgiã linda era acusada de desviar de fundos hospitalares. Eles rastrearam uma quantia substancial de dinheiro para uma conta bancária nas Bermudas.

Christy olhou para Anthony e viu-o sorrindo. — Você fez isso? — ela perguntou.

— Não. — ele respondeu com naturalidade. — Mas eu conheço as pessoas certas que fizeram isso por mim. É parte da minha retaliação pelo que ela fez com você.

— Anthony, e se ela contar para eles sobre você? E se ela disser que errou com você e que você armou para ela? — a voz de Christy estava preocupada.

— Isso nunca acontecerá. Veronique é uma narcisista. Ela nunca insinuaria uma conexão com um criminoso. Sua reputação é tudo para ela. Nunca conheci uma pessoa mais egoísta na minha vida. — disse ele, seus olhos fixos na televisão. Ele então olhou para ela. — Além do seu padrasto. Ambos devem passar o resto das vidas na mesma cela da prisão. Mas até isso é muito bom para o que eu planejei para eles. Começando com Veronique.

Seis Dias Depois

— Eu odeio você! Eu odeio você, Anthony Bear!

— Não tanto quanto me odiará daqui cinco minutos.

— Você vai pagar por isso. — Veronique zombou.

Anthony estava agachado ao lado dela. Ele levantou e olhou para o X parado de lado, com os braços cruzados sobre o peito.

— Você ouviu isso, X? Dra. V pensa que ela ainda estará viva quando eu terminar com ela.

Alexander deu um longo sorriso lento e olhou para a mulher cujas mãos e pés estavam amarrados ao poste. Ela estava esticada até onde o

corpo permitia, sem arrancar os membros de suas bases. O sol bateu no trio. O calor das marismas[7] do sul da Flórida era tão severo e implacável quanto as circunstâncias, mas seus olhos não mostravam medo. Apenas desafio. *Ela ainda acha que há uma saída,* Alexander pensou.

— Vá em frente. O que você está esperando? — ela cuspiu. — Me estupre! Faça!

Anthony jogou a cabeça para trás e riu. — Estuprar você? Eu mal consigo olhar para você. Por que você acha que ainda está usando sutiã e sua calcinha? O pensamento de seu corpo nu me enjoa, Veronique.

Ele observou que ela ficou momentaneamente surpresa, mas rapidamente recuperou a compostura. *Impressionante, considerando suas circunstâncias,* pensou.

— Eu contei para eles. Eu contei para eles sobre você. — ela zombou. — Os policiais vão bater na sua porta quando descobrirem como você armou aquela fraude para cima de mim. E você sabe que eles vão bater no seu acampamento procurando por mim se eu desaparecer.

Anthony tirou uma faca enorme do cinto e brincou com a borda ao responder. — Não, você não falou, e não, eles não vão. — sem perder um segundo, ele perguntou: — Quem é Ben Diamond? — ele não se preocupou em explicar que tinha mais de um contato que verificou que seu nome ou acampamento nunca foi mencionado por Veronique durante o interrogatório. Ele deixou X e Brooks aguardando a oportunidade perfeita para sequestrá-la depois que ela fosse libertada sob fiança. E estava tudo organizado para parecer que a Dra. Dubois tinha fugido da cidade em vez de enfrentado a prisão. Seu desaparecimento nunca levaria até ele, ou seu pessoal.

[7] **Marisma** ou **pântano salgado** em ecologia é um pântano formado pela água do mar, um ecossistema úmido com plantas herbáceas que crescem na água.

Ela pareceu momentaneamente confusa e ele percebeu quando o reconhecimento surgiu em seus olhos. — Ele deu entrada na emergência por causa de um corte na mão. É ele quem você está procurando. Foi ele que me falou sobre você e sua puta tontinha.

— Continue. — Anthony disse a ela. — Você me diz como encontrar Ben Diamond e isso pode salvar sua vida.

Depois que Veronique contou para o Anthony tudo o que conseguia lembrar sobre o indescritível Sr. Diamond, ela suspirou e disse: — Podemos acabar com isso agora? Você pode me desamarrar?

Ele se agachou ao lado dela. — Garotinha idiota. — ele continuou — só estou me aquecendo.

Ele começou com a coxa e nem hesitou quando ela soltou um grito altíssimo. Ele ergueu o longo pedaço de pele que tinha arrancado e disse: — Se você for gritar toda vez, talvez eu tenha que amordaçar você.

A realidade de que ela teria uma morte lenta e excruciante fez com que ela caísse em soluços e desculpas, que caíram em ouvidos surdos. Ele descascou calmamente outro longo pedaço de pele quando lembrou de encontrar Andrew em cima da Christy nua naquela noite no acampamento.

— A única maneira de acabar com isso é você me implorando para morrer. — ele falou para ela sem emoção. — E quando você fizer isso, X irá queimá-la e jogar os restos para os crocodilos. Eles não são tão exigentes para recusar um churrasco. — ele acenou com a cabeça em direção a uma jarra de gasolina que estava encostada ao lado de onde X estava parado.

Um bando de pássaros voou se afastando após o próximo grito. Alexander a arrastou para tão longe, que Veronique sabia que não havia chance de ser ouvida, e muito menos resgatada. Ela ia morrer no

meio dos Everglades e ser alimento dos crocodilos. Seus amigos e familiares acreditariam que ela fugira depois de ser liberada sob fiança. Sua família seria envergonhada. E tudo porque ela ficou com ciúmes de uma mulher.

Anthony demorou descascando a próxima pele. Desta vez, do lado de baixo da axila, até o interior do cotovelo. Seu choro era tão pesado que ela começou a sufocar com o próprio muco e Anthony achou que ela fosse vomitar. Ele não esperou. Ele não queria que ela morresse sufocada no próprio vômito. Isso era muito misericordioso na opinião dele.

Veronique conseguiu suportar várias outras visitas da faca de Anthony. Ela estava ficando delirante com a dor. Até o sol provocava suas feridas abertas. — Me mata. — ela gemeu.

— Não parece que você está implorando. Ah, e eu esqueci. Você precisa me dizer que sente muito pelo que fez com minha mulher e que não nos deseja nada além do melhor.

— Por favor, acabe com isso. — ela chorou.

— E? — Ele perguntou, seu tom zombando.

— E, desculpe pelo que fiz para... para... — mesmo em sua situação ameaçadora e dor debilitante, ela mal conseguiu pronunciar as próximas palavras. — Para a sua mulher.

— Minha *esposa*. — ele interrompeu e tomou satisfação na raiva que viu refletida em seus olhos. Apesar de sua terrível situação, Veronique ainda não podia disfarçar o ódio por Christy.

— Sinto muito pelo que fiz à sua esposa... e desejo-lhe nada além do melhor. Agora, por favor, *por favor,* termine com isso!

Anthony levantou-se e acenou com a cabeça para X que passou a encharcá-la com gasolina. O líquido penetrou em suas feridas expostas e causou mais gritos estrondosos.

Anthony acendeu um cigarro e logo antes de deixá-la, Veronique disse em apenas um sussurro: — Eu nunca amei ninguém além de você, Anthony.

— Você nunca amou ninguém além de você mesma, Veronique. — ele disse secamente.

— Não. Não. Você está errado. — ela respondeu, balançando a cabeça de um lado para o outro. — Eu estava apaixonada por você. — o último comentário saiu como um soluço.

— Então você amava o homem errado, Veronique.

Anthony deixou cair o cigarro um instante depois de ter notado que ela havia perdido a consciência. Um sentimento que ele não reconheceu o dominou. Ele não sabia identificá-lo e não tinha certeza se queria. Uma voz dentro de sua cabeça provocou-o, disse que ele, deliberadamente, reteve a chama até que Veronique desmaiasse, para poupar-lhe os momentos de fogo agonizante que atingiriam sua carne exposta. A verdade veio até ele instantaneamente. Pela primeira vez em sua vida, ele mostrou misericórdia com alguém que o prejudicou, ou neste caso, prejudicou alguém que ele amava. Ele balançou a cabeça para a revelação e voltou para o acampamento, deixando X para limpar a evidência.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Naples, Flórida, 1979



Era uma bela manhã de primavera quando Christy recebeu a notícia dolorosa de que Nadine se mudaria para se casar com um homem que ela conheceu através de amigos comuns. Embora Christy estivesse devastada, ela nunca negaria a Nadine e seus filhos a oportunidade de serem felizes. Mesmo que fosse a vários estados de distância. Nadine se apaixonou por um homem chamado Scott que estava de férias na Flórida. Um amigo do trabalho de Nadine convidou ambos para um jantar e houve uma atração imediata. Tamanha, que Scott fez quase dez viagens à Flórida apenas para passar um tempo com Nadine e sua família. Christy e Anthony conheceram Scott e acharam-no perfeito para Nadine. Ele mostrava bondade genuína e amor por Nana e os meninos. Ele tinha um bom trabalho e uma carreira sólida em uma empresa de engenharia de luxo em Indiana.

— Eu não entendo por que é ela que precisa se mudar. — Christy soluçou no peito de Anthony.

— Você sabe por que, Owani. — Anthony disse enquanto acariciava seus cabelos suavemente. — Ele não conseguiu encontrar emprego aqui, e eles não querem esperar. Querem ficar juntos.

Christy tinha chorado até dormir naquela noite enquanto Anthony refletia sobre os últimos meses. Ela ficou em seus braços e o sono o escapava. Ele puxou-a para mais perto e olhou para o teto do quarto. Como ele havia dito à Veronique naquele dia nos Everglades, as

autoridades deduziriam que ela havia fugido da cidade. E eles fizeram exatamente isso. Ninguém bateu à sua porta para perguntar sobre a Dra. Veronique Dubois.

Anthony não teve sorte em descobrir a verdadeira identidade de Ben Diamond. Van Chapman foi considerado em risco de fuga e a sua fiança foi negada, ele ficou na prisão aguardando julgamento. Anthony tinha homens lá dentro que se aproximaram de Van. Mesmo com as tentativas de intimidação, interrogatório com tortura e oferta de drogas em troca de informações, Van não contou mais sobre o evasivo Ben Diamond do que Anthony já sabia. Ele tinha uma descrição física e um nome falso. Era a mesma informação que Veronique havia fornecido.

O outro arrependimento de Anthony foi não conseguir fazer qualquer retaliação com Van pelo que ele tentou fazer com Christy. A prisão não era o lugar apropriado para executar o que Anthony havia planejado para o homem e, infelizmente, Van Chapman morreu em razão de um ataque cardíaco enquanto estava sentado no banheiro de sua cela. Uma autópsia provou que nenhum jogo sujo estava envolvido. *Ele merecia coisa muito pior,* Anthony pensou enquanto acariciava o braço de Christy suavemente.

Alexander ficava fora pelo menos um fim de semana por mês, e, como nunca compartilhava o que estava fazendo, Anthony nunca perguntou. Alexander só dizia ao Anthony que estaria fora da cidade, sem mencionar para onde estava indo. As pessoas tinham direito aos seus segredos. Além disso, Anthony só exigia lealdade, não um itinerário de viagem.

Ele soltou um suspiro ao lembrar quando, finalmente, compartilhou seu maior segredo com Christy. Ele não tinha certeza de como ela reagiria quando ele lhe dissesse que ele trabalhava com sua avó, Bobbi, para roubar a concessionária. E ela ficou ainda mais surpresa

quando descobriu que foi a avó que se aproximou de Anthony, e não o contrário. Foi logo após a morte de Van quando ficaram sozinhos no acampamento Sawgrass.

— Eu não posso acreditar. — ela disse a ele passando a mão pelos cabelos curtos. Ela se virou para olhar Anthony. Christy acabara de abastecer a enfermaria do acampamento com remédios, produtos femininos e, até mesmo, suprimentos para bebês. Ela convidava os regulares a pegar o que precisassem para si ou para os filhos.

— É verdade. — Anthony respondeu e se aproximou dela. Ele começou a enfiar o cabelo dela atrás da orelha quando ela se afastou e caminhou em direção à porta. Ela virou e ficou de pé com as mãos nos quadris.

— Minha avó, que possuía o conglomerado de automóveis mais bem sucedido do sul da Flórida, foi até você e pediu que você roubasse dela? — ela falou com incredulidade. — Por quê? Por que ela faria isso? Não faz sentido! — ela acenou com a mão direita no ar e, balançou a cabeça em descrença, depois bateu a mão na coxa.

Ele deu um sorriso lento. — Havia mais para sua avó do que você poderia adivinhar, Christy. Eu achei que ela estivesse tentando me enganar, ou armar para mim, então eu perguntei a mesma coisa: o que você ganha com isso, Bobbi?

— O que ela respondeu? — Christy perguntou com perplexidade.

— Ela me deu duas respostas. A primeira foi que ela gostava de correr riscos e um pouco caçadora de emoções. Ela fazia aquilo porque tinha prazer em não ser pega. O segundo motivo era na mesma linha. Ela achava que seria divertido para testar o genro. Ela queria ver se Van iria se envolver o suficiente no negócio para descobrir. E o que ela tinha que perder se ele não percebesse? Nada. Com exceção de algum desapontamento por ele não dar às concessionárias a atenção que deveria.

— E se ele percebesse? — Christy perguntou.

— Eu não sei. — ele deu de ombros. — Ela era inteligente o suficiente para incluí-lo. Ele seria seu bode expiatório.

Christy só encarou boquiaberta. Balançou a cabeça, e perguntou: — Como? Como e o que você está fazendo?

Ele puxou uma cadeira e a girou. Sentou nela virada para trás, e encostou seus enormes braços no encosto e contou tudo. Como Bobbi selecionou pessoalmente dois contatos nas concessionárias para ele trabalhar. Um liderava a contabilidade, e o outro era encarregado de receber os carros da fábrica. Era quase muito simples.

— Nem todo carro chega da fábrica em condições impecáveis. Pelo menos não o que você esperaria para os carros exóticos e caros que são vendidos nas suas concessionárias. Mesmo que tiverem um arranhão mínimo, são enviados para a oficina para reparar antes de colocar no salão de exibição. Havia casos em que os caminhões grandes que transportavam esses carros se acidentavam, e quando isso acontecia, os carros não eram reparados, eram enviados para ferros-velhos que estavam dispostos a pagar um valor decente apenas para colocar as mãos nas peças sobressalentes.

Christy assentiu e, distraidamente, caminhou em direção à cama. Ela se sentou e esperou que ele continuasse.

— Sem tornar isso muito complicado, digamos que alguns carros por mês eram danificados irreparavelmente durante o percurso para a concessionária e enviados para ferros-velhos. Eram levados pela Alley, onde eu os entregava para um cara do pessoal do Grizz, chamado Axel. Ele atribuía falsos números de chassis e apagava qualquer evidência que pudesse ser rastreada. Eles garantiam que fossem encaminhados para o Porto de Miami, onde eram enviados pelo mundo inteiro. Eles fazem uma fortuna e há uma lista de espera de mais de mil veículos desejáveis.

— Mas... mas... ninguém vê que não há carro danificado sendo enviado para o ferro-velho? — ela perguntou.

— Ninguém procura. — ele disse a ela. — Depois que um carro é considerado lixo, um recibo falso de um ferro-velho legítimo é emitido, que na verdade é meu, e é fornecido à companhia de seguros. A concessionária recebe o pagamento do seguro e os carros são vendidos para proprietários estrangeiros por muito mais do que se vendidos nos EUA. Após as despesas, dividimos os lucros com Bobbi, e desde que ela se foi, eu fico com a participação dela.

— Ninguém suspeita na companhia de seguros? — ela perguntou.

A mulher dele era inteligente, e ele soube imediatamente quando ela respondeu a própria pergunta. Inclinando a cabeça e sorrindo, ela disse: — Assim como o contador das concessionárias, vocês têm alguém dentro nas companhias de seguros.

— Você não está brava? — ele perguntou. Ele se levantou da cadeira e aproximou-se da cama onde ela estava sentada.

— Eu acho que poderia, se não estivesse tão impressionada. — admitiu ela.

Ele olhou para ela e sorriu. A expressão dela mudou de admiração para preocupação.

— O quê? — ele perguntou.

— É... provavelmente não é nada. — disse ela.

— O que provavelmente não é nada?

— Bem, eu não preciso contar que raramente ficava próxima aos meus pais, e quando eu estava, mal conseguia suportar a presença deles por mais de trinta segundos, mas eu os ouvi conversando uma vez. Talvez não seja nada, mas devo te dizer.

Ele se sentou na cama ao lado dela. — O quê, Owani?

— Eu acho que Van estava tentando impressionar Vivian com o quão bem ele estava lidando com as concessionárias. — ela revirou os olhos. — Foi depois que minha avó morreu. Eu o ouvi contar para Vivian que ele havia sido abordado por uma empresa, diabos, pode até ter sido o governo. — ela fez uma pausa e olhou para ele. — Você pode não acreditar nisso, mas pensei que o ouvi dizer algo sobre a possibilidade de rastrear veículos roubados com dispositivos ocultos que são rastreados por satélites. Tipo satélites no espaço. — ela disse, seu tom duvidoso. Ela engoliu em seco. — Eu sei que isso parece improvável, mas eu juro que o ouvi dizer algo assim.

Não era improvável. Na verdade, Anthony já teve quase essa mesma conversa com Grizz, embora nunca fosse dizer isso para Christy. Grizz sempre parecia estar um passo à frente da lei e Anthony sabia que não devia perguntar onde ele arranjava essas informações. Mas não seria a primeira dica de Grizz que livrou Anthony de problemas. Por enquanto, Grizz falou para ele que, embora tivessem abordado as concessionárias de Bobbi para serem usadas como protótipo para os dispositivos de rastreamento, por motivos desconhecidos, eles decidiram abandonar isso. E, claro, ele falaria para o Anthony quando isso mudasse.

— Se é verdade, meus contatos me avisarão antes que eu esteja em perigo de ser pego e eu veto a operação. — ele fez uma pausa e olhou sério para Christy. — A menos que você queira que eu pare agora, Owany. Eu pararia por você.

Ela olhou para o chão e assentiu. — Eu não sei, Anthony. Meu único motivo para pedir que você pare, é minha preocupação por você ser pego. Eu não me importo com o dinheiro. Estou envergonhada de dizer que eu nem me importo com a fraude. — ela olhou para ele, os olhos arregalados

e brilhantes de lágrimas que começavam a se formar. — Não posso nem pensar em você na prisão.

— Você confia em mim o suficiente para me deixar lidar do meu jeito?

Ela fungou e acenou com a cabeça. Ela se levantou para sair, ao mesmo tempo em que ele se deitou na cama, os pés ainda ficaram tocando o chão. Ela se virou para olhar para ele e inclinou a cabeça para um lado. Ele se inclinou sobre os cotovelos e estendeu a mão em sua direção.

— Venha aqui, Christy. Eu quero fazer você sorrir.

— Estou bem, Anthony. — disse ela. — E nós temos que ir. Precisamos passar no escritório do advogado antes de fechar.

— Então você tem que me fazer sorrir. — ele disse a ela.

— Eu posso fazer isso no caminho para o escritório do advogado. — disse ela. Não seria a primeira vez que ela faria sexo oral com Anthony na caminhonete.

— Não vai funcionar na caminhonete. — ele se sentou e começou a abrir o zíper do short jeans dela.

— O que não vai funcionar? — ela perguntou, mas sua voz saiu rouca, seu interior já traindo-a. Ela não resistiu quando ele abaixou seu short e calcinha e recostou-se, puxando-a para cima dele.

— Eu não posso fazer você gritar do jeito que quero e dirigir ao mesmo tempo. É fisicamente impossível, e se eu achasse que havia uma maneira já teria descoberto. — ele lhe deu um sorriso malicioso e disse: — Venha aqui, Owani. Vem sentar no meu rosto.

E ela foi.

E ela sorriu.

E ela gritou.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Naples, Flórida, 1979



Duas semanas depois do anúncio do casamento de Nadine, Anthony decidiu que iria atrás do passado de Christy e entraria em contato com sua babá de infância, Litzy. Ele ia falar com ela sobre Christy e a depressão que parecia estar esmagando-a. Ele queria perguntar para Litzy se ela consideraria se mudar de volta para a área de Naples. Mas, primeiro, ele precisava saber o máximo da sua vida antes de decidir sobre a melhor forma de atraí-la de volta para o sul da Flórida. Ele tinha encarregado em um homem de Grizz, Axel, para reunir o máximo de informação sobre Litzy Ramirez. Axel não só fazia a operação de roubo de carro, mas tinha conexões que forneciam verificações detalhadas.

Assim, Anthony sabia que não podia seduzir Christy com qualquer coisa monetária, mas poderia fazer a próxima melhor coisa. Ele poderia mantê-la ocupada para tirar a cabeça dela da mudança de Nadine. Não foi difícil. Mesmo que a gestão de sua propriedade e herança fosse sólida, depois que Vivian foi declarada legalmente morta, surgiram algumas complicações e ele acompanhou Christy para mais reuniões com advogados do que podia contar. Logo, Christy seria chamada a gerir os negócios, ou pelo menos tomar decisões a respeito de quem ela queria que administrasse. Anthony achava que o zelador poderia ter feito um trabalho melhor do que Van vinha fazendo. Ainda assim, ele ficou surpreso quando ela sugeriu Valerie, amiga de Bobbi de longa data e assistente administrativa.

— Eu tenho certeza que existem pessoas mais qualificadas para o trabalho, Christy. — ele disse a ela. — E ela não tem a idade de Bobbi? Ela não estava visitando as comunidades de aposentadoria quando você ligou para ela ano passado tentando encontrar Van?

— Certamente, ela poderia se aposentar, mas ela não tem a idade de Bobbi. — Christy lhe disse. — Minha avó estava na casa dos quarenta anos, quando abriu a primeira concessionária. Ela contratou Valerie assim que ela saiu da faculdade, ela era mais de vinte anos mais jovem do que Bobbi. Quem melhor para gerir os negócios do que alguém que conhece a minha família por dentro e por fora? Alguém que esteve ao lado de Bobbi desde o início?

Anthony assentiu, vendo alguma sabedoria em sua sugestão. Mudando de assunto, ele explodiu com uma sugestão. — Eu acho que é hora de limpar seu apartamento.

Não tinha passado despercebido que, além das roupas e uma caixa de sapatos de lembranças, Christy não tinha trazido qualquer outra coisa dela para a sua casa. Secretamente ele estava grato, porque não conseguia com aquele mobiliário branco dela cabendo em qualquer lugar em sua casa rural.

— Por que eu preciso limpá-lo? — ela perguntou.

— Eu sei que isso, provavelmente, não é nada para você, mas eu não vejo por que você deve desperdiçar o aluguel em um apartamento que não usa. — ele fez uma pausa antes de acrescentar: — Você poderia trazer alguns, ou todos os seus móveis para cá. — ele praticamente sufocou as últimas palavras e ela sorriu.

— Eu não quero nada do meu apartamento, Anthony. Além disso, analisando agora, todo aquele branco era tão deprimente.

— Quer dizer que você não prefere branco? — ele perguntou. Ele estava certo de que seus gostos escuros e masculinos incomodavam o senso de estilo dela.

— Eu nunca preferi branco. Ele só foi decorado com mais simplicidade. — ela olhou para ele com um sorriso triste. — Depois que Abby morreu e Litzy afastou-se, minha vida ficou sem cor, até Nadine aparecer. — ela olhou para baixo timidamente antes de acrescentar: — E até que você chegou, Anthony.

Ele sorriu para ela. Ele ficava feliz por ter algo a ver com ela encontrar o caminho de volta para a cor. Especialmente porque algumas das obras vibrantes em sua casa davam uma sensação calorosa e acolhedora. Ele sorriu por dentro, tentando recordar quando ele usou, ao menos em pensamento a palavra acolhedora. Provavelmente nunca.

— Então, que tal limpar seu apartamento, se desligar dele e deixar vago para alguém alugar?

— Não é uma prioridade e eu não preciso me desligar dele. Eu não pago aluguel. — disse ela, encarando-o.

— E a locadora, qual era o nome dela, Evelyn? O que ela pensa sobre você não pagar aluguel? — ele perguntou.

— Ela não é a locadora. Ela é a gerente do complexo. Eu sou a dona dele.

— Claro que sim. — respondeu ele ironicamente.

Outras três semanas se passaram durante as quais Nadine se casou em uma cerimônia simples e tranquila. Christy pediu a ela para deixar as crianças e Nana ir com ela e Anthony, enquanto o casal desfrutava de uma lua de mel rápida, mas por mais que Nadine quisesse dar para a Christy

esse tempo com seus filhos, eles optaram por usar o tempo para fazer a mudança.

Ela estava deprimida pela casa quando Anthony a convenceu a ir com ele de moto até o apartamento de Alexander. X tinha finalmente recebido algumas informações sobre Litzy e para proporcionar uma distração para Christy, Anthony a convenceu a ir junto.

— O que você precisa pegar? — ela perguntou, mas seu tom de voz lhe dizia que não se importava.

— Papelada. — ele respondeu, sabendo que ela não questionaria mais.

Ele estacionou a Harley ao lado da do Alexander e eles caminharam de mãos dadas para a escada, escolheram o exercício sobre o elevador até o apartamento no quarto andar. Uma vez que entraram, Christy saiu para a varanda e se apoiou no corrimão. A brisa do oceano deu uma sensação boa na sua pele quente e ela pensou no tanto que estava sendo desonesta com Anthony. Talvez fosse hora de ela acabar com esta farsa. Talvez fosse hora de eles terem um filho, ter um casamento legal que fosse reconhecido pelo estado da Flórida. Ela não tinha direito de fazer o que estava fazendo pelas costas dele. *Sim, eu tenho,* sua consciência repreendia. *Eu deveria poder dar palpite na minha própria vida. E se ele soubesse a razão por trás disso, ele me agradeceria.*

Ela se virou e viu o homem por quem ela estava tão apaixonada pegar um envelope pardo de Alexander. Anthony não o abriu, mas colocou-o dentro da jaqueta de couro. Uma batida afiada na porta os assustou.

Christy abriu a porta deslizante de vidro e ouviu dois homens se identificarem como policiais. Depois de averiguar quem era Alexander, Christy ouviu o mais baixo dos dois homens dizer: — Alexander David Wright, você está preso por assassinato.

Alexander não resistiu quando o outro homem o virou e o algemou.

— Você vai ser extraditado de volta para a Pensilvânia, onde vai ser julgado em um tribunal de direito. Você tem o direito de permanecer em silêncio...

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Naples, Flórida, 1979



Depois de deixar uma Christy abalada em casa, Anthony dirigiu-se para a delegacia, onde Alexander estava sendo mantido antes de ser extraditado para a Pensilvânia. Ele recebeu cinco minutos para falar com X.

No caminho para casa, Anthony ponderou tudo o que X tinha compartilhado através da divisória de vidro na delegacia. Alexander contou para Anthony sobre a viagem dele no ano passado para levar Nisha para jantar e como fez isso apenas para provar a si mesmo que não estava interessado nela. Ele explicou sobre o seu atraso na volta devido à própria estupidez sobre o canivete. Ele contou para Anthony que ligou para Nisha tirá-lo da cadeia, mas que quando ela se recusou, ele contatou alguém do escritório de advocacia dela no lugar. Ele compartilhou alguns detalhes sobre como descobriu mais tarde sobre um homem que a estava perseguindo.

— Então, você está dormindo com a minha irmã? — Anthony perguntou com a mandíbula tensa.

— Não. — Alexander disse. — Eu quero? Eu estaria mentindo, Bear, se eu não dissesse que tenho sentimentos por ela.

Alexander notou um tic na mandíbula de Anthony. Ele estava com raiva.

— Ela deveria ter vindo até mim! — Anthony gritou no comunicador.

— Nisha não ia pedir ajuda de ninguém, por isso que resolvi o assunto por conta própria. — X disse a ele. — Ela pensou que conseguiria lidar com isso sozinha.

— Então, era para onde você viajava? Seus longos fins de semana ocasionais eram com a minha irmã? — Anthony olhou para ele.

— Sim, e antes que você pergunte de novo, nada, nem uma coisa, aconteceu entre nós. E eu não vou mentir para você, Bear. Planejo mudar isso.

— E como é que você vai fazer isso atrás das grades? — Anthony rebateu. Quando X não respondeu, Anthony perguntou-lhe: — Então, você é culpado?

Alexander nunca responderia a pergunta em voz alta. Ele coçou o lado direito do nariz.

Anthony reconheceu o código e balançou a cabeça em compreensão.

Só então, um guarda apareceu atrás de X e anunciou que a visita tinha acabado. Alexander pediu ao guarda mais um minuto. O homem concordou e ficou atrás de X, com os braços cruzados enquanto ele esperava.

— Aquele nome. O nome que você chama Christy. — X começou.

— Owani? — Anthony o perguntou.

— Sim, esse aí. O que significa, Bear?

Anthony contou o significado do nome pelo qual Nisha o chamava tantos anos antes e viu Alexander abrir um largo sorriso. Antes de desligar o comunicador, ele falou para o Anthony: — Eu estarei em contato.

Mais tarde, Anthony entrou em sua garagem e notou que o carro de Christy tinha ido embora. Não era incomum, mas ela não tinha mencionado que iria a algum lugar. Ele entrou e ligou para a irmã. Depois de passar uma hora ao telefone com Nisha e ser preenchido sobre a situação entre ela e X, e o crime que ele cometeu, ele desligou e se dirigiu para a cozinha. Fez um sanduíche e levou-o de volta para o escritório. Ele não tinha tido a chance de olhar o envelope que X tinha entregado para ele mais cedo naquele dia. Aquele com as informações sobre Litzy. Ele começou a abri-lo e achou melhor verificar Christy primeiro. Estava ficando escuro e ele queria saber quando ela chegaria em casa. Ele ligou para seu pager e depois de desligar o telefone deu uma mordida no sanduíche. Ele estava mastigando quando o ouviu apitar. Ele vagou pela casa até que o encontrou. O pager de Christy estava em sua cômoda. Mas não foi isso que chamou sua atenção. Ele estava em cima de uma nota escrita à mão. Ele reconheceu imediatamente sua letra feminina.

ANTHONY, EU SINTO MUITO. EU PRECISO DE ALGUM ESPAÇO. NÃO PROCURE POR MIM, PORQUE VOCÊ NÃO VAI ME ENCONTRAR. E NÃO SE PREOCUPE COMIGO, PORQUE A ESSA ALTURA VOCÊ JÁ DEVE SABER QUE EU POSSO ME CUIDAR. EU TE AMO, ANTHONY. EU SÓ NÃO SEI SE O MEU LUGAR É AO SEU LADO. - CHRISTY

Ele não conseguia se mover. Ele não conseguia respirar. Ele não conseguia pensar. Christy o deixou. E ele não sabia por quê. O quê? O que foi que ela não podia fazer mais? Ela estava abrigando secretamente ressentimento ou ódio sobre seus empreendimentos criminosos, especialmente aquele envolvido com os negócios dela? Ela estava guardando alguma amargura da sua oferta para protegê-la, e como ela caiu em mãos erradas, não uma, mas duas vezes sob seus cuidados? Certamente, não poderia culpá-la por isso, mas achava que as coisas

estavam bem entre eles. Eles estavam tentando ter um bebê ativamente. Ela concordou que se casaria com ele depois que ficasse grávida. Por que ela faria isso se não quisesse passar o resto de sua vida com ele?

Anthony se sentou em sua mesa na tarde seguinte e pensou sobre a mulher que escorregou por entre os seus dedos e como ele não descansaria até que a tivesse de volta. Ela tinha escrito na nota que ela não tinha certeza se o lugar dela era ao lado dele. Ela estava certa. De fato, o lugar dela não era ao lado dele. Ela *pertencia* a ele e ele a encontraria e nunca a perderia novamente.

Ele olhou para o telefone e para o pager dele, desejando que fizessem um som. Oferecessem qualquer notícia de seu paradeiro. Ele estava usando todos os recursos possíveis para encontrá-la. Uma pessoa estava rastreando suas operações de cartão de crédito. Até agora, nada. Ele tinha contatado Grizz e pedido para ele envolver ativamente o seu clube na busca por ela na costa leste da Flórida. A própria equipe de Anthony estava vasculhando a costa oeste. Ele até mandou Brooks rastrear os gêmeos Renquest para ver se ela poderia tê-los procurado. Ela não tinha. Ele ligou para Nadine em Indiana, que lhe assegurou que não sabia de Christy. Ele perguntou se ela tinha uma forma de contato com Litzy. Ele não tinha olhado a papelada de X ainda e, além disso, Litzy estaria mais disposta a ser honesta com Nadine do que com um homem que ela não conhecia. Nadine ligou de volta para ele em menos de dez minutos e garantiu que Litzy não tinha ouvido falar de Christy também, mas entraria em contato caso acontecesse. Anthony colocou homens para procurá-la no apartamento vago, na casa vazia que ela tinha dado para a Nadine, e na propriedade de seus pais, bem como no cemitério, desde que ela era esperada para a visita semanal. Era como se ela tivesse desaparecido no ar. Ele estava sentado em sua mesa martelando seu cérebro sobre onde ela poderia ter ido, quando seus olhos pousaram sobre

o envelope que continha as informações de Litzy. Ele ainda não tinha aberto.

Ele soltou um suspiro e o alcançou. Depois de soltar o pino de metal, ele derramou o conteúdo sobre a mesa. Ele passou distraidamente pela papelada que revelava uma vida normal. Certidão de nascimento de Litzy, documentos de cidadania, educação e emprego, a história toda parecia estar em ordem e não conter nada notável. Ele encontrou o atestado de óbito de Abby e as datas combinavam com a lápide que estava gravada em sua memória, considerando que ele visitou o túmulo da menina pelo menos cinquenta vezes com Christy no ano passado. Ele jogou para o lado e se preparava para colocar tudo de volta no envelope quando notou uma folha que estava presa com clip na parte traseira do relatório de antecedentes de Litzy. Deve ter ficado presa. Como um cervo travado nos faróis, Anthony olhou para o papel que ele tinha na mão. As peças do quebra-cabeça que estavam espalhadas pela tapeçaria do relacionamento dele e de Christy começaram a encontrar o lugar perfeito. Tudo estava se encaixando em sua cabeça. Começando a fazer sentido. Se o que ele suspeitava fosse verdade, isso explicaria muito. O apego de Christy por Abigail e Litzy, as visitas semanais ao túmulo, seu ódio por Van e, mais importante, a chave para a dor que via nos olhos de Christy. E uma vez que Christy não estava por perto para ele perguntar, ele decidiu falar com a única pessoa que saberia a verdade. O único outro membro da família que estava vivo e poderia confirmar suas suspeitas. O irmão imprestável dela, o Richard.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Naples, Flórida, 1979



— Não consegue encontrá-la, não é?

O sarcasmo de Richard era palpável. Depois de atender a porta, ele levou Anthony para a pequena sala de estar de seu trailer estreito. Ele se sentou em uma cadeira esfarrapada e pegou uma cerveja no final da mesa. Ele fez um gesto em direção à outra cadeira, mas Anthony ignorou a oferta para sentar e ficou de pé sobre Richard, olhando para ele. O cheiro de cerveja velha, comida podre, e transpiração eram esmagadores. O trailer era um depósito de lixo.

— Quem era o homem de meia idade com quem Christy fugiu? — ele exigiu.

— Ela nunca nos contou. — ele zombou.

— Então, como você sabe que ela estava com um homem? — ele perguntou, seus olhos se estreitaram.

— Porque os meus pais me disseram. — ele falou com sarcasmo.

— E você acreditou neles? — Anthony olhou ao redor do trailer imundo. — Você já pensou em perguntar para a sua irmã?

— Hmph... Como se ela fosse dizer a verdade. — Richard respondeu. Ele não conseguia esconder seu desprezo por Christy.

— Por que ela odeia tanto os seus pais? — Anthony perguntou.

Richard encolheu os ombros.

— Será que é porque Van a estuprou e mandou-a para ter o bebê, e convenceu todos que ela tinha fugido com um amante mais velho?

Richard sentou-se. Ele não conseguia disfarçar o choque. — O quê? — ele exclamou.

— Você me disse que ela fugiu no verão de 74 e que ela estava em casa a tempo de abrir seus presentes de Natal. Você não acha que é uma enorme coincidência que a filha de Litzy tenha nascido em dezembro de 1974?

Richard pareceu confuso. — Eu nunca pensei muito sobre isso. — confessou. — Eu não era próximo de Litzy ou da sua pirralha.

Anthony pegou Richard pelo colarinho e levantou-o. Seus rostos ficaram próximos, Anthony pôde ver os poros da sua pele. — Abby não era a *pirralha de Litzy*. — Anthony cuspiu. — Eu vi o certificado de adoção da Abigail e como eu disse, é muita coincidência. Estou convencido que a filha adotiva de Litzy, Abby, era sua sobrinha e, pior, eu estou certo de que o ódio de Christy por Van é baseado em mais do que o fato de que ele era um ser humano podre.

Anthony não entraria em detalhes que cercavam o fato de que, apesar de Christy não ser virgem, ela não possuía nem um pingo de talento ou conhecimento sexual. Ele estava convencido de que ela era uma vítima de estupro. E se tivesse sido cometido por alguém que não fosse Van, os Chapman teriam ido às autoridades. *Especialmente Bobbi,* Anthony pensou. Ela era uma mulher poderosa e não defenderia alguém que tivesse violado sua neta e futura herdeira da fortuna da concessionária Bowen. Van abusou sexualmente da enteada e escondeu de Bobbi enviou-a para longe para ter o bebê, e, inventou a história de que ela havia fugido com um amante, e ainda, que Litzy foi demitida porque tinha ficado grávida. O tempo foi cronometrado e foi tudo muito arrumado. Perfeito demais. E o fato de Bobbi ter morrido por volta da

mesma época em que Christy deu à luz dizia-lhe algo mais. Talvez o que Christy tinha dito fosse verdade. E se Van tivesse matado Bobbi? E se Bobbi tivesse descoberto que ele tinha feito e o ameaçou?

Os olhos de Richard estavam arregalados.

— A não ser que foi você. Você é o pai de Abby? Você estuprou sua irmã, Richard? — Anthony perguntou em um rosnado baixo.

— Não! — Richard gritou. — Eu não me dou bem com a Christy, mas isso não faz de mim um pervertido.

— Você acha que Van era capaz de estupro? — Anthony soltou Richard, e ele deu um passo para trás enquanto Richard tentava se recompor.

Acenando com a cabeça, Richard disse: — Sim. Van era capaz de um monte de coisas. Eu não duvidaria que ele tivesse estuprado a própria filha. Minha pobre irmã. — ele olhou para baixo e balançou a cabeça. — Se eu não tivesse sido tão negligente, talvez tivesse notado alguma coisa. — o olhar de Richard estava baixo e Anthony não podia afirmar se ele estava sendo sincero.

— A enteada. — Anthony corrigiu. — Mas, considerando que Van foi o único pai que conheceu esse detalhe não o tornava menos desprezível. — acrescentou.

— Enteada? — Richard perguntou, as sobrancelhas enrugadas em confusão.

— Christy me contou como seu pai biológico morreu e Van adotou vocês dois quando Christy era um bebê.

Richard balançou a cabeça. — Eu tinha seis anos de idade, quando Christy nasceu, e eu estava lá no dia que a minha mãe a trouxe para casa

do hospital. Assim como Van. Não sei que história minha irmã contou, mas Van não era o nosso padrasto. Ele era o nosso verdadeiro pai.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Naples, Flórida, 1979



Van era o pai da criança que Anthony tinha certeza que Christy tinha dado à luz, a revelação de Richard tornava a situação ainda mais hedionda. *Por que ela mentiu sobre Van ser seu padrasto?* Perguntou-se, mas logo foi capaz de responder à própria pergunta. Vergonha. Quem admitiria dar à luz à própria irmã? Anthony balançou a cabeça enquanto tentava digerir esta nova informação. Ele precisava encontrar Christy. Não só porque estava perdidamente apaixonado por ela, mas também porque era o único que, aparentemente, sabia a verdade. Ele voltou para casa depois de sua rápida visita ao Richard e desanimou quando não encontrou mensagens em sua secretária eletrônica.

Agora, ele estava na oficina, as brasas fumegantes combinando com seu humor. O martelo desceu com força e as faíscas voaram, queimando seu peito exposto. *Bom,* pensou ele. *Deixe queimar*. Ele estava mentalmente entorpecido, querendo e precisando sentir alguma coisa. Mesmo que fosse dor. Embora nenhuma dor física externa pudesse ao menos chegar perto do que ele estava sentindo por dentro, não só para si, mas pela sua mulher. Ele não conseguia entender a cicatriz emocional que sua Owani tinha sofrido. Ele precisava encontrá-la. Ele precisava trazê-la para casa.

Seus olhos examinaram descuidadamente as prateleiras de seu santuário e voltaram rapidamente para um local vazio. Ele pousou o martelo e se dirigiu rapidamente para a porta que separava a serralheria

dos outros dois compartimentos da garagem. Ao entrar, os olhos fitaram outra prateleira vazia. Ele sabia onde Christy estava.

Ele dirigiu por trinta minutos e deu um suspiro de alívio quando parou ao lado de seu carro. Ele teria que fazer o resto do caminho a pé. Depois de ir pelo meio do mato, ele viu o acampamento dela. Ele não a viu, então ele se dirigiu para o lago de água doce onde tinham se banhado. Ele a viu se inclinando, enxaguando algo na água.

Ela não saltou quando ele disse: — Você precisa ter cuidado com os crocodilos, Owani.

— Eu sei. — Christy respondeu sem se virar.

— Quando você soube que eu estava aqui? — ele perguntou.

Ela se levantou e se virou para ele. — Eu ouvi a caminhonete cerca de dez minutos atrás. — ela respondeu. Ela apontou para a orelha esquerda. — Lembra? Audição biônica.

— Como eu poderia esquecer? — ele respondeu.

Ela olhou para o chão enquanto torcia o que parecia uma de suas camisetas.

Ele a observou, a raiva e ansiedade por causa da angústia que ela causou evaporaram. Ele a amava muito. Quando notou os ombros dela sacudindo, ele percebeu que ela estava chorando e, imediatamente, foi na direção dela, puxando-a para perto.

— Está tudo bem, Christy. Está tudo bem, baby. — ele disse suavemente, como uma carícia. Ele a levou de volta para onde estava a barraca, e ficou impressionado em como ela montou o acampamento.

— Como você soube onde me encontrar? — ela perguntou, com os olhos vermelhos e inchados.

— Eu estava em minha oficina e notei que estava faltando uma lanterna na prateleira. Então senti falta da barraca na garagem e soube imediatamente onde você estava.

Ela assentiu e abafou um soluço.

— Por que você me deixou? — ele deixou escapar.

Sentou-se em um tronco e puxou-a para o seu colo.

Christy suspirou e depois relaxou em cima dele. — Eu não posso fazer isso, Anthony. — ela confessou.

— Você não pode fazer o quê? Ser a esposa de um criminoso? — ele perguntou.

— Sim, não! — ela corrigiu imediatamente. — Eu não sou uma boa pessoa, Anthony. Eu não sou como a esposa de Grizz, Kit. Eu não tenho o mesmo senso de moral que ela. Eu não me importo com nada disso. — ela fungou.

— Então o que você não pode fazer, Owani? — ele perguntou. Inclinou o queixo dela para cima para encontrar seus olhos. Eles estavam cheios de lágrimas que corriam pelo seu rosto queimado de sol.

— Eu não posso perder alguém com quem eu me importe Anthony. — ela balançou a cabeça como se quisesse apagar os pensamentos. — Todo mundo que eu já amei me deixou. Primeiro Litzy me deixou para ter Abby. Então, minha avó morreu logo antes de Abby nascer. Em seguida, Abby morreu e Litzy se afastou. Nadine e os meninos se mudaram. — ela soluçou. — A prisão do Alexander me levou ao limite. Quando aquele homem colocou as algemas nele, tudo que eu podia ver era você. — ela enterrou o rosto em seu peito e soluçou.

— Eu não vou deixar você, Christy. Eu nunca vou deixar você. — ele disse a ela.

— Não de propósito. — ela engasgou. — Mas e se a lei aparecer à nossa porta como fizeram com Alexander?

— Isso não vai acontecer querida. X foi descuidado. Eu não sou. Mas se você quer uma garantia, eu acabo com tudo. Faço isso por você.

Ela se afastou e olhou para ele. — Anthony, eu não quero que você se afaste de sua vida por mim.

— Meu amor por você não pode ser comparado ao meu estilo de vida, Christy. Não há comparação. Você ganha todas as vezes, e por causa disso, eu estou disposto a largar tudo. Case-se comigo, e eu irei ao acampamento Sawgrass agora e toco fogo em todo o lugar.

— Você faria isso por mim? — perguntou ela, com uma expressão de perplexidade.

— Você não percebe agora que eu faria qualquer coisa por você, Christy?

Ela sorriu, e enxugou as lágrimas dela cuidadosamente. Ela pegou uma mecha de seu cabelo dele e sem fitá-lo, perguntou: — E você acha que pode continuar com as suas atividades e ainda assim não ser pego?

— Sim. — ele respondeu honestamente. — Você sabe o quanto eu pago todos os meses para acontecer exatamente isso?

Os olhos dela reviraram. Nunca lhe ocorreu que ele pagava os agentes da lei para ignorá-lo, ou protegê-lo. Mas por que não? Ele já tinha admitido pagar alguém na companhia de seguros para não ver os roubos da concessionária. Por que isso seria diferente? E ela estava certa de que era assim que Van tinha escapado quando ele foi acusado de ter relações sexuais com meninas menores de idade. Um pensamento ocorreu-lhe, e ela começou a morder o lábio. — Pagar alguém não ajudou o Alexander. — ela disse a ele.

— Porque eu não tenho ninguém na minha folha de pagamento na Pensilvânia. — ele respondeu.

Ela assentiu com a cabeça em compreensão e sorriu para ele.

— Podemos ir para casa? — ela perguntou a ele.

— Não até que você me diga por que achou que não poderia me contar que Abby era sua filha.

Anthony teria passado a noite com ela no Everglades, mas sentiu que era mais importante pegar um telefone e ligar para encerrar a busca por ela. Depois de ajudar Christy a arrumar seu pequeno acampamento, eles chegaram em casa, onde ela tomou um banho, enquanto ele fazia os telefonemas necessários.

Encontrou-a um pouco mais tarde na varanda. Ela estava sentada em uma cadeira de frente para o quintal enorme. Ele se sentou ao lado dela.

— Eu nem sei qual era a aparência de Abigail. — disse Anthony. — O dia em que olhei a sua carteira, não havia fotos. Eu fui ao seu apartamento várias vezes e novamente, sem fotos.

Ainda olhando para frente, ela lhe disse: — É muito difícil para eu olhar para elas. Eu as mantenho naquela caixa de sapatos que eu trouxe da minha casa. Eu te mostro, se você quiser.

— Eu gostaria de vê-las. — ele disse a ela. Uma segundo se passou. — Você não respondeu à pergunta que fiz no acampamento, Christy. Por que você não me contou que Abby era sua filha?

Sem olhar para ele ou perguntar como ele descobriu, ela disse sem emoção? — Porque ela não era. Não legalmente, de qualquer maneira. Litzy a criou durante sua curta vida. Eu fui uma espectadora.

Ele pegou a mão dela e apertou-a com força.

— De qualquer maneira, eu achei que não importava. — continuou ela. — Não é como se ela ainda estivesse aqui.

— Mas o seu amor por ela ainda está com você. — ele lembrou.

Ela olhou para ele e sorriu. — Isso é verdade. Mas contar que ela era minha filha biológica não teria mudado nada. Eu vou continuar a amá-la mais do que minha própria vida, e vou continuar a chorar por ela do mesmo jeito. Mesmo se Litzy tivesse dado à luz a Abby, meus sentimentos não seriam diferentes.

— Eu vou dar-lhe outra criança, Christy. — ele disse e puxou a mão dela à boca e beijou-a suavemente.

Ela não respondeu, apenas assentiu e ele viu a tristeza em seus olhos. Era hora de perguntar para ela sobre o pai de Abby.

— Não! — ela chorou. — Ugh. Não, Anthony. Van não era o pai de Abby.

— Eu não acredito em você. — ele disse para ela, seus olhos se estreitando. Ele sentou-se na beirada da cadeira e se inclinou em direção a ela. — Todo o segredo. A história inventada sobre o namorado mais velho. A incapacidade de Van em se manter em suas calças, e as provas recentes em que vimos exatamente o que ele seria capaz de fazer com você. — eles estavam sentados lado a lado, mas ele se inclinou ainda mais perto, colocando o rosto bem na frente do dela. — E eu já sei que Van não é seu padrasto. Ele é o seu pai biológico. Mais uma razão para a sua família esconder o fato.

Ela se afastou dele e se levantou, tirou a mão da dele. Ela cruzou os braços sobre o peito e olhou para ele. — Você foi falar com Richard. — disse ela. Não era uma pergunta.

— Você não vai negar isso? Van é o seu pai?

Ela deixou escapar um suspiro e revirou os olhos para o céu. — Não, eu não nego isso. Mas eu nego que ele foi pai de Abby. Que tipo de pessoa você acha que eu sou? — ela perguntou para ele.

— Christy. — disse ele, enquanto se levantava. Ele agora estava olhando para ela. — Não tem nada a ver com o tipo de pessoa que eu acho que você é. Tem a ver com o tipo de pessoa que eu sei que Van era. Ele era, sem dúvida, capaz de estuprar você. Não era?

— Não. — ela disse a ele, sem desviar o olhar.

— Então, quem a engravidou? — sondou. — Quem é o pai de Abby? Eu não vou acreditar que não é o Van, a menos que você me diga o contrário.

Seus ombros caíram, e ela olhou para ele, balançando a cabeça lentamente.

— Você o conhece. Bem, você não o conhece. Sabe dele.

Seus olhos se arregalaram. A quem ela poderia estar se referindo?

— Lenny Renquest. — disse ela.

Demorou um segundo para que ele reconhecesse o nome e quando reconheceu, ele lhe deu um meio sorriso. — O garoto cheio de espinhas do restaurante? — ele perguntou para ela.

— Sim, e ele não tem espinhas mais. — ela disse na defensiva.

— Eu podia ver as cicatrizes de acne do outro lado do cômodo. Como no mundo você já ficou com ele?

— Foi na noite de um grande baile. Eu não me lembro se era de formatura, ou de ex-alunos. É claro que eu não fui. Ele já tinha se formado. De qualquer forma — ela disse enquanto brincava com o brinco

—, eu o encontrei na farmácia. Ele sempre foi um cara legal. Eu estava sozinha. Eu era curiosa. Ele estava disposto.

— Ele a levou para casa? — Anthony perguntou, tentando não sorrir. Ele não podia imaginá-los juntos. O garoto alto, magro, pálido e cheio de espinhas, com a menina que deveria ter sido a rainha do baile.

— Não exatamente. — ela olhou para ele timidamente. — Nós fizemos na parte de trás da van do pai dele no estacionamento da farmácia. Aconteceu duas vezes. A primeira vez terminou assim que ele colocou. Ele não durou muito mais tempo na segunda vez, mas foi tempo suficiente para me engravidar. Eu decidi depois que não perdia muito por não ter um namorado.

—Lenny sabe sobre Abby? — Anthony perguntou, com a expressão séria.

— Não. Ninguém sabe. Meus pais foram muito bons em encobrir. E eles me humilharam por inventar o boato de que eu tinha fugido com um namorado mais velho. Até Richard acreditou. Eu não sei se chegaram a contar a verdade para a minha avó. Eu fui enviada para uma escola particular para meninas grávidas e Bobbi morreu antes de Abby nascer. — sua voz tinha uma ponta de amargura. — E quando eu ameacei gritar para o mundo, Van e Vivian me falaram que nunca reconheceriam Abby, ou me deixariam levá-la para nossa casa, mas deixariam Litzy adotá-la. Se eu recusasse a oferta, eles garantiriam que eu nunca veria a minha filha de novo. E eu acreditei neles.

— Sinto muito, Christy. Sinto muito sobre tudo isso.

— Eu também. — ela disse quieta. Ela estava olhando para baixo, chutando uma pedra imaginária com o pé direito.

Ele estendeu a mão para ela e puxou-a. Ela colocou os braços ao redor da cintura dele, acolhendo a sua força, calor e cheiro. Ele se abaixou

para descansar o queixo em sua cabeça e disse: — Eu tenho outra pergunta, Owani.

— Qual? — ela perguntou, bebendo em seu perfume.

— Você encontrou Lenny na farmácia. Ele era o gênio da escola. Suas palavras no restaurante, não minhas. — ele acrescentou rapidamente. — E você é uma garota inteligente.

— Sim, então? — ela perguntou.

— Qualquer um imaginaria que vocês teriam pensado em pegar um pacote de preservativos.

Sem olhar, ela pôde sentir o sorriso na voz dele quando sua boca descansou contra a sua cabeça.

— Cale a boca, Anthony. Apenas cale a boca.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Naples, Flórida, 1979



Não demorou muito e o verão chegou, e foi uma das ondas de calor mais brutais que Anthony se lembrava. As altas temperaturas eram implacáveis, e tornaram quase impossível para a Native Touch manter seus clientes felizes. Não era fácil produzir gramados verdes gloriosos com pouca ou nenhuma água.

Anthony observou o comportamento de Christy mudar lentamente e apesar do clima escaldante, ela pareceu florescer. Ele tinha a sensação que ela tinha sido libertada de seu segredo e a mulher resoluta e chique que ele conheceu no quarto de Vivian no ano anterior reapareceu. E foi onde ela reapareceu que o surpreendeu.

Ela ia ao acampamento Sawgrass regularmente, nunca participava ou aprovava algumas das atividades mais sombrias, mas ela se impunha para proteger as mulheres que normalmente apareciam por lá. Ele a pegou mais de uma vez censurando um de seus homens por maltratar uma das meninas, e ele, finalmente, proibiu-a de aparecer no acampamento sem ele. Ele sabia que ninguém ousaria tocá-la, mas os homens, secretamente, reclamavam dela, e Anthony não poderia culpá-los. Ela podia ser uma tirana quando seus instintos eram despertados para proteger as almas rebeldes e perdidas que encontravam o caminho para o acampamento.

— Você não pode me proibir de ir lá, Anthony. — Ela virou-se para ele uma tarde quente.

— Sim, eu posso, Christy. — ele rebateu, olhando-a de um jeito que faria um urso dispersar. — O acampamento é meu, e são os meus homens, e eu não quero você lá, se você for para interferir.

— Falar para eles não estuprarem as meninas é interferir? — ela questionou.

Ele revirou os olhos. — Christy, essa é a única razão pela qual algumas dessas mulheres vão lá, para ter relações sexuais com os homens em troca de dinheiro ou drogas.

— Mas se uma mulher não estiver a fim, ela não deveria ser obrigada. — ela gritou, o tom aumentando a cada palavra.

— Se ela não está a fim, tem que ir embora. — ele gritou de volta. Ele sabia que ela não recuaria, então falou em uma voz mais suave: — Que tal nos encontrarmos em algum lugar no meio?

— O que você quer dizer? — ela perguntou cética.

— Em vez de você aparecer aleatoriamente por lá, sempre que sentir vontade, que tal estabelecer uma data, todas as terças-feiras à tarde? Você poderia ir para o cemitério como você faz toda semana, e depois, passar no acampamento. Isso daria oportunidade de as meninas saberem antes que você vai estar lá, caso elas precisem de algo. *E para os caras que saberão que você estará lá, a oportunidade de ficar longe,* ele pensou.

Ele pôde vê-la pensar sobre a proposta, e ele sabia que ela ia morder a isca. Pelo menos ele esperava que sim, uma vez que ele já tinha falado para os homens que ele tinha certeza que ela apareceria no mesmo dia toda semana.

Ela mordeu o interior da bochecha, enquanto pensava sobre a sua sugestão. — Eu acho que funcionará melhor para mim e para elas. As últimas vezes que estive lá não encontrei uma das mulheres, e eu sabia

que ela precisava de ajuda com o agendamento de uma consulta médica. Se elas souberem que vou estar lá todas as terças-feiras, significa dirigir menos para mim e menos frustração para todos nós.

E menos encheção de saco para os meus homens, pensou.

— Também liberaria o seu tempo para começar o projeto do parque que você esteve falando. — lembrou ele.

Os olhos dela iluminaram quando ela concordou. Ela mencionou recentemente para o Anthony que queria supervisionar pessoalmente o financiamento de um parque em nome de Abigail.

Eles foram interrompidos pelo telefone. Era Grizz. Levou um ano, mas ele finalmente tinha encontrado o homem que estuprou e quase matou a Kit, e também a pessoa que tinha ajudado a planejar.

— Grizz vai trazer a Kit para esta costa, enquanto cuida de negócios. — disse Anthony a Christy.

— Ela vai ficar com a gente? — ela perguntou excitada. Ela realmente gostava de Kit.

— Não. Ele vai colocá-la em um hotel, mas está pedindo para as pessoas visitarem e fazer companhia até ele voltar para ela. O que você acha de passar um dia na praia?

— Seria ótimo. — disse ela, animada com a perspectiva de passar um tempo com Kit.

— Você não precisava ter ficado o dia inteiro, Anthony. — Christy falou ao entrar pela porta, Anthony logo atrás.

— Eu queria. — ele disse a ela.

Ela se virou e sorriu. Inclinou o quadril e disse: — Estou com você há mais de um ano e nenhuma vez passamos um dia inteiro na praia. Nem uma única vez.

— Eu não fui à praia com vocês. — ele respondeu. Era verdade. Ele passou a maior parte do tempo em um bar com ar condicionado e churrasqueira, com vista para o local onde Kit e Christy montaram um guarda-sol e cadeiras de praia. Ele se sentou no fundo do bar, de frente para o oceano e tratou de alguns negócios pelo telefone do bar, e levou várias horas. O proprietário não se queixou. Ele devia um favor para Anthony e ficou muito feliz em deixá-lo usar. Ou talvez, ele estivesse com muito medo de dizer não ao homem imponente.

Anthony tinha descido algumas vezes para se sentar com as mulheres sob o guarda-sol e ambos caminharam com Kit de volta para o quarto de hotel ao fim da visita.

— Eu ouvi o que você falou para a Kit quando fui usar o banheiro. — Christy disse.

— Claro que sim. — ele sorriu.

Anthony tinha expressado uma preocupação para a Kit, que ele ainda não tinha certeza se Christy faria a mesma coisa de alguns meses antes. Ela parecia feliz e ocupada, mas sempre havia aquela sensação persistente de que se ele baixasse a guarda, ela o deixaria novamente.

— Eu não vou embora de novo, Anthony, e como eu falei quando você me encontrou, você não tem que desistir de seu estilo de vida por mim. Eu sei que é o que ela quer do Grizz. Por mais que Kit seja doce e, e por mais que eu goste dela, eu não sou ela.

Ele caminhou na direção dela e parou-a. Ela sabia que era para encaixar as pernas ao redor da cintura dele.

— Bom. — ele falou e a beijou na testa. Ficava aliviado por ela não querer que ele desistisse de seus esforços menos saborosos. — Eu não quero que você seja como a Kit ou qualquer outra mulher. — ele a levou para o banheiro onde se despiram e tomaram banho juntos.

Depois, eles jantavam e ele mencionou: — Nisha deve ligar esta noite para atualizar sobre o caso de X. Você quer ouvir?

Ela estava com a boca cheia e assentiu. Depois de engolir, ela disse: — Sim, definitivamente. Além disso, eu não conheço a sua irmã oficialmente, então só falo através destes telefonemas.

Duas horas depois, Anthony deixou escapar um suspiro de resignação depois de ouvir de Nisha que o julgamento de Alexander seria uma tarefa difícil para a defesa. Ele lançou um olhar de soslaio para Christy e notou uma única lágrima rolando pelo seu rosto. Com uma voz solene, ele disse: — Vai ficar tudo bem, Owani. Nós vamos dar um jeito.

— Do que você me chamou? — a voz de Nisha explodiu pelo viva-voz.

— Eu não te chamei de nada. — respondeu Anthony. — Christy está chateada e eu falei para ela que daríamos um jeito.

— Mas você a chamou de Owani. Eu não posso acreditar que você está sendo tão desrespeitoso com ela, Anthony! — Nisha lembrou-se de chamar Alexander desta mesma palavra no primeiro jantar deles. Mas depois de tudo que Alexander tinha feito por ela desde então, e com base no que ela agora sentia por ele, ela só podia rezar para que ele não tivesse escutado, e se tivesse, ela ficava aliviada por ele não ter nenhuma maneira de saber o que significa. Não era uma palavra agradável de jeito nenhum.

— Está tudo bem. — veio a resposta suave de Christy. — Ele me chamava de princesa quando nos conhecemos. E não de um jeito bom. — ela fungou. Ela nem estava chateada. Ainda estava abalada com a notícia

sobre Alexander. — Ele me contou sobre o jogo de fantasia que você inventou quando criança. Eu já sei que Owani é algo insultante. Mas também sei que ele não diz desse modo. — ela sorriu para Anthony.

— Você está exatamente certa, é um insulto. — Nisha respondeu. — E depreciativo. — sua voz estava começando a subir. — Eu inventei para descrever...

— Nisha, pare de falar! — Anthony interrompeu. — Owani não é ofensivo ou depreciativo. Você está se lembrando da outra palavra que você inventou. Owanu. É essa que descreve alguém odioso e desprezível.

— Você está errado, Anthony. — Nisha gritou. Sua voz pareceu ecoar nas paredes de seu escritório. — Era *o meu* jogo. Eu me lembro do meu próprio jogo melhor do que você. — seu tom era tanto de acusação, quanto de defesa.

— Não, irmã. É você quem está errada. Eu costumava misturar quando éramos crianças, então você chegou ao ponto de inventar rimas para me ajudar a lembrar. Você enfiou dentro do meu cérebro. Elas ainda estão lá. Obviamente, você esqueceu.

— Ma-mas... — Nisha gaguejou.

— Não se lembra de me dizer que o jeito mais fácil de lembrar de Owanu, era porque rimava com cocô de cachorro[8]?

Christy abafou uma risada.

— Oh meu Deus! — Exclamou Nisha. — Você está certo. Você está absolutamente certo, e eu não posso acreditar que esqueci disso.

A voz de Nisha flutuou pelo alto-falante enquanto recitava o poema que ela havia criado para descrever o nome dado a alguém que era considerado um Owanu.

[8] Em inglês, dog poo.

— Odioso e metido, você não tem nenhuma bondade. Não ter coração no peito é o que causa sua cegueira. Você belisca, e você empurra, você dá soco. Você nunca terá uma Owani a amar. — um momento se passou, e ela acrescentou: — Eu escrevi para descrever um menino chamado Albert. Ele costumava me importunar antes de Anthony aparecer.

— Anthony a salvou? — Perguntou Christy.

— Não. — Anthony interrompeu. — Eu não a salvei. Ela se salvou naquele dia.

— Não é um poema ruim para uma criança de oito anos de idade. — acrescentou Nisha. Seu tom estava mais leve, uma vez que ela se lembrou da felicidade que Anthony tinha trazido para a sua vida. Lembrar que ele suportava a brincadeira boba por causa dela fazia seu coração inchar.

— Você sempre foi a garota mais inteligente da classe. — ele disse a ela. O orgulho em sua voz facilmente detectado. Anthony podia sentir o sorriso de sua irmã pelo telefone.

— Então, o que Owani quer dizer? — Christy interrompeu.

— Significa estimado. Valorizado acima de tudo. — Nisha disse de um jeito sonhador.

Como se não tivesse ouvido a irmã, e sem tirar os olhos de Christy, Anthony recitou outro poema.

— Dois corações ligados por fios de ouro. Meu coração você sempre terá. Segura ao meu lado, sempre estará. Meu amor eterno, você pertence a mim. — ele pegou a mão de Christy e levou-a aos lábios. — Mais uma vez, não é ruim para uma garota de oito anos de idade. — ele sorriu.

Christy sorriu para ele.

Mais tarde, Nisha estava deitada na cama e olhando para o teto. O sono não vinha enquanto ela tentava avaliar por que tinha chamado Alexander de Owani naquele dia. Ela realmente esqueceu o seu verdadeiro significado, ou havia algo em seu subconsciente que sabia que ele era especial? Ela deitou de costas e puxou o travesseiro com força em volta da cabeça. *Não,* disse a si mesma. *Alexander é alguém que me interessa, mas ele está enfrentando a vida na prisão. Ele não pode ser meu Owani. Essa não é a vida que eu quero. Eu me recuso a me apaixonar por um homem com quem nunca poderia ficar*. Ela deixou escapar um longo suspiro, e pensou *é tarde demais, sua tola. Você já está apaixonada por ele.*

Quando o sono finalmente começou a dominar, seu último pensamento consciente consolou sua mente confusa e atormentada.

Se Alexander me ouviu naquele dia, sou simplesmente grata por que ele nunca vai descobrir o que realmente significa Owani.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Naples, Flórida, 1981



Apesar do resultado devastador do julgamento de Alexander, a vida continuou, e Nisha continuou a apresentar recursos e procurar evidências que poderiam reverter o veredito e revogar a sentença de prisão perpétua sem liberdade condicional. Ela tinha contratado uma equipe jurídica, cujo único propósito era conseguir tirar Alexander da prisão. Uma equipe jurídica que Anthony e Christy alegremente e, voluntariamente, financiavam.

Entretanto, Anthony continuava administrando a empresa de paisagismo e as outras, bem como gerenciando sua equipe no acampamento. Ele continuou a supervisionar os automóveis que eram transportados ao longo da Alley para exportação, sempre mantendo um olhar cauteloso no futuro da tecnologia que suspenderia o trabalho. Christy permanecia ocupada se certificando que as mulheres que visitavam regularmente o acampamento estavam recebendo cuidados de saúde física adequados, bem como bem-estar mental. Todas ficaram sabendo sobre sua preocupação e caridade com as mulheres, e algumas apareciam apenas para receber cuidados médicos gratuitos, em troca de sexo com alguns dos homens. Quando Christy percebeu o que estava acontecendo, ela voltou seus esforços para financiar uma clínica separada do acampamento. Dessa forma, as mulheres que queriam ficar no acampamento poderiam ir para lá, e as que só iam por causa da ajuda teriam outro lugar para ir.

Anthony estava agora na varanda e olhando para o quintal. Ele tomou um gole de café enquanto o sol da manhã lançava feixes brilhantes de luz através das janelas. Partículas de pó flutuavam pelo ar, dando uma qualidade espectral ao ambiente. Ele sorriu ao avistar o caso mais recente caridade de Christy: Crook.

Christy estava de pé na fila do supermercado quando ela ouviu um casal de idosos falando sobre o que fazer com uma de suas cabras. Aparentemente, ela prendeu a cabeça em uma cerca quando era filhote, o que causou danos permanentes. Porque ela era diferente, ela se tornou alvo do pequeno curral. As outras cabras a intimidavam, não a deixavam chegar à comida. Então, ela tinha que ser mantida e tratada separadamente e estava se tornando cada vez mais difícil devido à idade do casal. Quando Christy ouviu falar sobre a cabra solitária, ela seguiu o homem e a mulher até a casa deles.

Anthony riu alto ao se lembrar que estava trabalhando na oficina quando ela chegou, uma cabra com o pescoço torto com a cara na janela do Volkswagen. Crook agora tinha uma vida boa em seu quintal amplo e desfrutava seus dias com a companheira que Christy insistiu em arrumar. Crook e Esmeralda se tornaram inseparáveis, mas não tinham mostrado qualquer sinal que teriam cabritinhos.

Como nós, Anthony pensou consigo mesmo. Faltava algo na vida deles. Eles combinavam tão perfeitamente quanto um casal tão diferente poderia. Uma criança só os tornaria mais perfeitos. Não era por falta de tentativa. Fazia mais de dois anos e todo mês, como um relógio, Christy ficava menstruada. Ele sabia que Christy podia ficar grávida. No ano passado, ocorreu-lhe que talvez ele fosse o problema. Seu orgulho masculino não lhe permitiu tomar as medidas necessárias para ver se era verdade. Mas talvez fosse hora de enfrentar alguns fatos. *Eu vou ver um médico,* ele finalmente disse a si mesmo. *Vou fazer alguns testes.*

O café terminou, Anthony tinha outro assunto importante a tratar. Devido a restrições de zoneamento no início, o parque de Abby ficou temporariamente suspenso. Oito meses atrás, a luz verde foi dada, e Christy tinha se jogado de cabeça para terminar o parque. Agora ela estava planejando a abertura e uma grande cerimônia, e não conseguia esconder a decepção por que Litzy não estaria lá. Ela não queria o irmão, Richard, lá; e Nadine, que agora estava grávida do terceiro filho, não podia fazer a viagem e não queria ficar longe da família. Especialmente, por que seria tão perto de Ação de Graças.

Anthony pensou muito tempo antes de decidir convidar, escondido de Christy, a única pessoa que tinha o direito de estar lá - o pai da Abby, Lenny Renquest. Quando ele perguntou para Christy a razão de nunca ter contado para o Lenny, Christy explicou que ela não queria sobrecarregá-lo. Ainda mais depois de descobrir a doença que ameaçava a vida de Abby. — Eu pensei mais de uma vez em contar para ele depois que ela nasceu. — explicou Christy. — Mas depois do diagnóstico, não pareceu certo colocá-lo em uma situação que ele não tinha controle e acabaria por resultar no pior tipo de dor.

Anthony agora esperava no lobby da empresa onde Lenny trabalhava. Ele se levantou quando a porta se abriu e Lenny saiu, olhando em volta com curiosidade a respeito de quem poderia ter pedido para falar com ele. Seus olhos se arregalaram surpresos quando eles pararam em Anthony Bear.

Sabendo que Lenny seria cauteloso, Anthony caminhou até o homem magro e estendeu a mão em forma de amizade. — Estou aqui como amigo, e eu tenho uma história para contar. Você tem alguns minutos para dar um passeio comigo? — perguntou Anthony, apontando para as portas duplas que levavam para fora.

Demorou alguns segundos para ele concordar, mas Lenny lembrou de Anthony do restaurante, onde ele estava almoçando com Christy Chapman. Ela contou para ele e Lucy que Anthony era seu marido, embora ela tivesse optado por manter seu sobrenome. Lenny parecia que ia hesitar, mas depois de lançar um olhar cauteloso para a recepcionista, ele acenou com a cabeça e seguiu Anthony para fora. Se o marido de Christy ia fazer algo com ele, pelo menos ele tinha uma testemunha.

Eles caminharam até um canto distante do estacionamento, onde Anthony tinha estacionado a caminhonete à sombra de uma árvore. Anthony apoiou as costas no carro e contou para Lenny o motivo de sua visita. Lenny não falou uma palavra, ou interrompeu Anthony quando ele falou sobre a gravidez secreta de Christy, a cobertura dos Chapman e a morte de Abigail. Em seguida, explicou sobre a decisão de Christy dedicar um parque à filha deles. A última declaração pegou Lenny de surpresa.

— A nossa filha? — ele perguntou, incrédulo, enquanto balançava a cabeça. — Quer dizer, minha filha e de Christy?

— Sim, a sua filha e de Christy. Abigail. Christy nunca te disse, então eu sei que é um choque. Especialmente vindo de mim. — ele passou a mão pelo rosto. — Olha, você não precisa tentar negar. Eu sei sobre você e Christy. Sobre a noite que você a encontrou na farmácia e como foi a primeira vez de vocês na parte de trás da van do seu pai. Está tudo bem, cara, e ela deveria ter te contado. Eu não estou aqui para acusar ou pedir qualquer coisa para você que não seja você ir lá como demonstração de apoio para Christy e toda a dor que ela suportou sozinha.

Anthony observou uma miríade de emoções piscar sobre o rosto de Lenny. O homem parecia estar confuso.

— Eu ficaria feliz em ir para apoiar a Christy. Como amigo. — ele gaguejou. — Ela sempre foi boa comigo e com a Lucy. Mas a outra parte,

sinceramente, não tenho ideia do que você está falando. Eu nunca dormi com a Christy, então Abigail não podia ser minha filha de jeito nenhum.

Anthony desencostou da caminhonete e foi sua vez de ficar confuso.

— Além disso — Lenny acrescentou —, meu pai morreu quando eu tinha quatro anos e ele era um advogado e nunca teve uma van.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Naples, Flórida, 1982



Anthony estava fora do banheiro e ouviu Christy vomitar o café da manhã. Isso trouxe de volta as lembranças do dia em que ele a raptou. Só que desta vez, ele tinha certeza que sabia a causa, mesmo que ela não soubesse.

Ele lembrou do dia, quase quatro meses atrás, quando ele foi encontrar Lenny Renquest. Ele não ficou bravo com a Christy por ter mentido para ele sobre o pai de Abigail. Ele ficou preocupado que sua suposição original, que ela foi estuprada pelo pai, Van, fosse verdade. E que ela ainda estivesse carregando um fardo tão pesado por vergonha, que não suportava compartilhar com ele.

Na época ele decidiu fazer alguma espionagem por conta própria. Lembrou-se da caixa de sapatos que continha fotos de Abby, e resolveu ver se havia alguma coisa lá dentro que pudesse confirmar suas suspeitas. Ele estava sozinho no closet deles e passou delicadamente pelas fotos, algumas cartas de Litzy e outras lembranças. Quando chegou ao fundo da caixa, ele sentiu a mandíbula ficar tensa de raiva. Ele esperava algo que oferecesse alguma dica do pai biológico de Abby. Não uma evidência tangível de por que ele ainda não era pai.

Sem o conhecimento de Christy, ele colocou um plano em ação. Um plano que provaria que ele era capaz de gerar uma criança. Ele tinha muitas conexões nas indústrias farmacêuticas para colocá-lo em prática. E

de pé, do lado de fora da porta do banheiro, ele acreditava que agora tinha conseguido.

Ele bateu de leve na porta. — Você está bem, Owani? — ele perguntou e ficou surpreso quando a porta se abriu muito rapidamente.

— Eu estou bem. — ela disse a ele. — Aparentemente, o café da manhã não me fez bem.

— Este não é o terceiro café da manhã que não te faz bem? — seus olhos escuros a seguiram enquanto ela caminhava para o closet e se inclinava sobre uma gaveta. — Talvez você esteja grávida.

Ele observou as costas dela endurecerem e sabia que tinha acabado de fornecer uma opção que ela não tinha considerado. Ela virou-se e deu um grande sorriso, mas não alcançou seus olhos. *Ela está digerindo,* ele pensou. *E está se perguntando como isso seria possível.*

— Talvez. — ela falou para ele, e ele não pôde deixar de notar que ela não parecia feliz. Ela estava preocupada.

— Eu vou ver um médico quando voltarmos de viagem. — ela respondeu. Mudando de assunto, ela perguntou: — As minhas coisas já estão embaladas e prontas. Podemos sair a hora que você quiser amanhã. Você acha que Kit estará lá? Ela não gosta de ir. Seria bom vê-la.

Christy estava se referindo ao encontro anual de motociclistas do sul da Flórida. Gangues rivais faziam uma trégua uma vez por ano e concordavam em estender temporariamente a bandeira branca para se encontrarem sem violência e arejar. Mesmo que Anthony não considerasse o seu grupo um clube formal, ele ainda tinha influência suficiente para exigir a sua presença.

— Eu não sei. — ele respondeu. — Eu preciso ligara para o Grizz para falar de outra coisa, vou perguntar para ele.

E Anthony telefonou para o Grizz. Da privacidade de seu escritório, ele pediu, quase implorou ao Grizz para se certificar que Kit o acompanhasse ao encontro. — Christy precisa de uma amiga agora. — Anthony passou a mão pelo rosto. — Eu não sei. Há algo acontecendo com ela. Algo que ela não está me dizendo. Pensei que estivéssemos bem, mas agora... — suas palavras ficaram no ar. Grizz garantiu que faria o máximo para convencer Kit de ir.

Anthony não falou para o Grizz que suspeitava que Christy estivesse grávida. Ele queria ver se Christy confiava na Kit e, em caso afirmativo, tentaria descobrir por que ela não contou para ele. Por que ela não pareceu feliz depois de mais de dois anos tentando engravidar? Era um truque porque ela não queria casar legalmente com ele? O pensamento machucou seu coração. E se o truque dele voltasse para assombrá-lo? E se eles trouxessem ao mundo uma criança que Christy não desejava?

Anthony estava em seu escritório e olhou para o telefone que tinha acabado desligar. Sua dor se transformou em raiva, e sem falar para Christy para onde estava indo, ele dirigiu-se para o acampamento. Quando ele chegou lá, passou por Gloria saindo de um barracão. Sem cumprimenta-la, ele foi direto para a sua machadinha que estava enterrada em um toco.

Ele a arremessou pelo ar e acertou o alvo em todas as jogadas. Ele a pegou e estava se preparando para o décimo lance quando sentiu uma mão suave em seu ombro.

Era Gloria.

— O que está errado, Anthony? — veio a voz calma. — Você parecia mais feliz do que já te vi, mas não hoje. O que mudou?

Seus lábios estavam fechados em uma linha fina, os olhos ilegíveis. Ela não achou que ele fosse responder.

— O que mudou? Obviamente, nada. — disse ele com sarcasmo. — A mulher por quem estou apaixonado, e quero me casar, com quem tentei me casar, ainda está se escondendo de mim. Ela está mantendo segredos. Ela não me deixa entrar.

— Sua Christy é um enigma – disse Gloria, balançando a cabeça. – Eu nunca conheci alguém como ela, Anthony. Ela poderia estar tomando sol na Riviera Francesa ou jogando com um sósia de James Bond em Monte Carlo. Nossa, ela poderia voar para a Itália para comer uma pizza e voar de volta na mesma noite. E ela não está fazendo nenhuma dessas coisas. Ela está aqui. Com você. Ela passa os dias distribuindo antibióticos e papinha de bebê para prostitutas. Adotando animais mutilados e abrindo parques e clínicas. Qual a razão de ela fazer isso? — ela inclinou a cabeça para um lado enquanto esperava sua resposta.

— Eu não sei. — ele disse a ela, sua raiva diminuindo. — Honestamente, não sei.

— Porque ela te ama, Anthony! Como você não consegue ver isso? — perguntou Gloria.

— Porque há coisas que ela não compartilhar comigo. Porque ela não se casa comigo. — ele bufou.

Gloria sorriu amavelmente. — Parece que ela está escondendo alguma coisa, mas eu não acho que tenha algo a ver com ela te amar ou não. E sinceramente, você não pode pressionar alguém para contar algo que não queira. — ela olhou para longe e rapidamente olhou de novo para ele. — Bem, acho que você pode. — disse ela um pouco timidamente. — Mas eu estou falando mais sobre os segredos do coração.

Ele balançou a cabeça e deu um suspiro audível. Como se acordasse de um sonho, ele observou os arredores e percebeu o que ele poderia ter feito por causa da raiva. Se ele tivesse cruzado com a pessoa errada, ele

não tinha dúvidas de que teria tirado na porrada cada pedaço da vida dela.

Ele passou a mão pelo cabelo e respirou com calma, e disse: — Obrigado, Gloria. Obrigado por conversar comigo.

— A qualquer hora, Anthony. — ela disse e deu um tapinha no seu braço enorme.

— Ron sabia que você era inteligente desse jeito quando se casou com você? — ele brincou.

— Não. — ela retornou a brincadeira. — E do mesmo modo, ainda há muito que Ron não sabe sobre mim. — ela piscou para o Anthony ao se dirigir para o carro dela.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

Naples, Flórida, 1982



Já tinha passado alguns dias do encontro anual de motociclistas quando Anthony finalmente teve a chance de conversar com a Kit, que concordou em ir ao encontro especificamente para passar tempo a sós com Christy, a pedido de Anthony. Na volta de uma reunião de investimento em Miami, Anthony parou na casa que Grizz havia construído para Kit.

Sentaram-se à mesa da cozinha e conversaram durante o café. Estavam apenas os dois.

— Você não está traindo a confiança se é uma informação que eu já sei, Kit.

Ela olhou para ele de lado. — A razão pela qual ela está resistindo em contar a verdade é mais profunda, Anthony, e deve vir dela. Não eu.

— Eu sei, mesmo sem ver qualquer prova, que o pai dela a estuprou e a engravidou. — no momento uma expressão estranha surgiu em seu rosto, e ele mal podia acreditar nas próximas palavras que saíram de sua boca. — A não ser... — ele fez uma pausa — a não ser, que não tenha sido estupro? — saiu como pergunta já que ele não podia permitir-se a acreditar. — Ela fez sexo consensual com o pai?

— Não! — Kit foi rápida em responder. — Absolutamente, definitivamente foi estupro. E você está certo. Foi o pai dela. — ela viu a

culpa no rosto dele por ter se permitido sequer pensar que poderia ter sido consensual, seguida de alívio por saber que não era verdade.

— Ela ainda não me contou que está grávida. E eu sei que ela está grávida, então não me diga que ela não está.

— Sim, ela está grávida. Christy e eu escapamos do encontro e fomos até uma clínica para confirmar.

— Você acha que ela não me contou porque ela não planeja manter a gravidez? — perguntou ele. Ele não conseguiu disfarçar a dor na voz.

Kit estendeu a mão sobre a mesa e pegou a dele. — Anthony, com certeza ela quer o bebê. Mas ela está escondendo algumas coisas. E não são segredos terríveis. Mas ela acha que sim. Ela me contou que você parecia estar encarando bem quando perguntou se Van era o pai de Abby, mas ela ainda negou porque não podia suportar que você soubesse a verdade. E eu entendo e acredito que ela não devia sentir vergonha. Mas ela sente. E há outras verdades que ela compartilhou comigo que você vai ter que ouvir dela. Nada que faria a terra tremer, mas está mexendo com a cabeça dela. Se você conseguir com que ela fale, eu acho que vai aliviar a angústia dela.

— Eu tentei, Kit. Eu nunca fui tão paciente com alguém na vida. Se ela não se abre comigo, eu não consigo pensar em qualquer outra pessoa que me conte o que está realmente acontecendo em sua cabeça.

Kit ficou pensativa e descansou os cotovelos sobre a mesa, ela disse: — Talvez você devesse voltar para o início. Fale com alguém que sempre esteve lá.

Anthony puxou seu longo cabelo para trás. — Você quer dizer Litzy? Eu, finalmente, falei com a Litzy e ela não me disse nada do que eu já não soubesse.

— Christy me disse que Litzy foi contratada quando ela ainda era um bebê. Alguém estava por perto antes que poderia lançar alguma luz sobre esta família? — perguntou Kit.

Ele balançou a cabeça lentamente, mas então se lembrou de uma conversa que tivera com Christy alguns anos atrás. Eles estavam falando sobre quem ela gostaria que ficasse responsável pelas concessionárias. Ela tinha sugerido uma amiga de longa data de Bobbi, e assistente, a Valerie. Ela ofereceu o trabalho para Valerie, mas ela optou pela aposentadoria.

Ele podia ouvir as palavras de Christy como se ela tivesse falado ontem.

Quem melhor para gerir os negócios do que alguém que conhece a minha família por dentro e por fora? Alguém que esteve ao lado de Bobbi desde o início?

Dois dias depois

— Há quanto tempo você sabe que estou grávida? — perguntou Christy, seus olhos azuis cheios de lágrimas ameaçando transbordar.

— Desde antes do encontro de motociclistas. — ele respondeu, puxando-a para perto. Ele a levou para a praia, o mesmo local onde tinha proposto casamento. — O que eu não consigo entender é por que você não me contou.

— Bem, eu ia contar, eventualmente. — ela confessou. — Acho que eu precisava me preparar. Há tanta coisa sobre mim que é confuso, Anthony.

Eles estavam sentados lado a lado na areia, olhando para um oceano azul cristalino que nem chegava perto de rivalizar com os olhos dela.

— Eu sei de tudo, Christy. Eu tenho certeza que sei mais do que você pensa.

Ela afastou-se dele e olhou para cima.

Antes que ela pudesse interrogá-lo, ele disse: — Eu esperei tempo mais que suficiente que você me dissesse o motivo verdadeiro para não se casar comigo, porque você tomou anticoncepcional nas minhas costas, você mentiu sobre Litzy ser mãe de Abby, sobre a paternidade de Abby. Eu mereço respostas. E eu não vou te dar nada até que você me dê algo.

Os olhos dela se arregalaram. — Você sabia sobre as pílulas? Como?

— Eu as encontrei no dia que falei com Lenny Renquest. Encontrei-me com ele para convidá-lo para a inauguração do parque de sua filha. Apenas para descobrir que ele não era o pai de Abby. Fui para casa e olhei a sua caixa de sapatos, na esperança de encontrar provas de que Van era o pai.

Christy engasgou, mas ele continuou falando.

— Eu encontrei seis meses de pílulas na parte inferior da caixa. E eu não me arrependo um único segundo de ter tirado de lá e levado para um amigo que lida com produtos farmacêuticos. Ele replicou os blisters de pílula exatas usando placebos. Eu troquei-as por falsos.

— Acho que eu merecia isso. — disse ela calmamente.

— E mais uma vez, eu não consigo saber o porquê. Você vai me contar ou me manter no escuro por mais três anos?

Ela se levantou abruptamente e olhou para ele.

— *Por quê?* — ela gritou. — Você quer saber *por quê*? Que tal que era porque você estava certo? Você estava certo quando adivinhou que Van abusava sexualmente de mim. Repetidamente. Meu pai era o pai da minha filha. Você sabe quanto essa sentença é ferrada? Você acha que é algo que eu gostaria de admitir para o homem que eu amo?

O rosto de Christy estava ficando vermelho e suas mãos estavam enroladas em punhos.

Ponha tudo para fora, Owani, pensou. *Desabafe, baby.*

— E você pode me culpar por não querer engravidar? Não querer me casar com você? Eu não podia arriscar ter outro bebê que pode, pode... — ela levantou um dedo — Primeiro. Morrer de uma doença grave. Eu não posso perder outro filho, Anthony. Eu não podia suportar ver você passar pelo que eu passei quando Abby morreu. É uma dor que você nunca se recupera. Não há nenhuma garantia de que a nossa criança não tenha a mesma doença que tirou a vida de Abby. — ela então levantou o segundo dedo. — Ou segundo. Dar a luz a uma criança que herdasse o gene do avô para perversão? O pensamento de passar qualquer gene de Van, ou até mesmo de Vivian, para uma criança é revoltante. Está no sangue da nossa família, Anthony.

Ela esperou por uma reação dele e se preparou para a repulsa e o julgamento que ele não seria capaz de disfarçar. Tudo o que ela conseguiu foi um leve aceno de cabeça que lhe pedia para continuar. Ela estava certa de que, quando ela revelasse o resto, ela diria adeus a um futuro com Anthony Bear. Ela respirou fundo, permitindo que o ar do oceano salgado enchesse seus pulmões. Soltando um suspiro torturado, ela continuou: — Não é só ter dado à luz a minha irmã. É muito mais do que isso, Anthony. Você não tem ideia.

Sabendo que ela não podia suportar a repugnância que ela leria em sua expressão, ela desviou o olhar e dividiu o resto de sua história. Ela não

deu tempo para ele reagir, e continuou atormentada. — Como você pode ver não é apenas sobre Abby. E antes que você me pergunte como eu sei que é verdade, ouvi minha avó discutindo sobre isso com Van. — ela chutou a areia e continuou: — Eu era apenas uma criança e eu não sei como acabei na concessionária naquele dia, mas uma tempestade estourou e eu me escondi no armário no escritório de Van.

— Eu sei, Christy. Eu sei. — ele estendeu a mão para ela, em seguida, e a puxou para o seu colo. — Mas ainda não explica por que você não se casa comigo. Você poderia ter casado e ainda escondido as pílulas anticoncepcionais de mim.

Ela olhou para ele com as bochechas coradas de lágrimas. Sacudiu a cabeça lentamente e disse: — Por nenhuma outra razão, além de te dar uma saída fácil quando você descobrisse a fraude que sou. Eu quase fui embora novamente depois que você perguntou se Van era o pai de Abby, mas você pareceu acreditar na história que contei sobre Lenny. — ela passou o braço no rosto. — Eu sabia que você acabaria por descobrir tudo, e que eu estava vivendo meus dias com você de forma emprestada. Eu estava facilitando para você, para quando esse dia chegasse. Sem divórcio conturbado.

— Só que você estava errada. Não há nada que você possa me dizer que me faça te amar menos. Nenhuma coisa, Christy.

— Você disse que já sabia. — Ela soluçou. — Foi a Kit que contou?

— Não. — ele balançou a cabeça. — Eu fiz uma visita a uma velha amiga. Alguém que esteve por perto desde o início. Valerie se aposentou, mas decidiu ficar na Flórida.

— Valerie? — perguntou Christy.

— A assistente administrativa da sua avó. — acrescentou ele rapidamente.

— Eu sei quem ela é, Anthony. Estou surpresa que você foi vê-la. — ela olhou em direção ao oceano, evitando propositadamente seus olhos. — Então, o que ela te disse que nem eu sei? — ela perguntou. Seu peito doía de tanto chorar e a voz saiu fraca e machucada com a derrota.

— Tudo, Owani. — ele fez uma pausa e virou seu queixo para cima. Olhando em seus olhos, ele falou para ela: — Ela me contou tudo.

CAPÍTULO CINQUENTA

Naples, Flórida, 1982



— Ele é o bebê mais lindo em que eu já coloquei os olhos. E eu não consigo descobrir com quem ele parece.

Kit estava sentada em uma cadeira ao lado da cama de hospital de Christy. Embalando o recém-nascido no peito, ela sorriu para Christy. — Os olhos não são azuis ou castanhos. Acho que são cinza claro.

Christy sorriu para a amiga. — Eu achei que ele nunca fosse sair, Kit. Eu estava preocupada que ele fosse ficar preso no meu canal. Ele é gigantesco.

— Exatamente como o pai. — Kit riu. — Não pense que eu não tenho considerado a possibilidade de ter meus próprios bebês enormes um dia. — o marido de Kit, Grizz, era apenas um pouco mais baixo do que os dois metros de Anthony, e tão largo quanto. — Agora que eu terminei a minha licenciatura, estamos tentando engravidar.

Os olhos de Christy brilharam com entusiasmo. — Oh, eu espero que isso aconteça em breve. Nossos filhos podem ser amigos!

— Isso seria ótimo. — Kit disse a ela e se levantou. — Eu amo o nome, Christy. É tão único e especial. — ela colocou a criança nos braços de Christy, que já estavam esperando. — Slade combina perfeitamente com ele. — Kit estava olhando para o recém-nascido quando seus olhos caíram sobre a mão esquerda de Christy. — E o casamento lhe cai bem, tanto quanto a maternidade.

Christy respondeu com um largo sorriso.

Kit pediu licença para usar o banheiro, deixando Christy sozinha com seu recém-nascido e seus pensamentos.

Sim, é verdade, Christy pensou sonhadora enquanto refletia sobre o último comentário de Kit. Ela se lembrou de suas núpcias precipitadas. Uma vez que ela concordou em casar com Anthony, ele queria dar-lhe um casamento que toda mulher sonhava, mas ela insistiu em uma cerimônia rápida e privada. Ela já o tinha feito esperar tempo suficiente, então eles se casaram no tribunal com um juiz de paz. A primeira escolha deles para testemunhas teria sido Nisha e Alexander, mas ambos sabiam que era impossível. Christy balançou a cabeça lentamente enquanto pensou sobre a vida que Nisha e Alexander tinham escolhido, e mesmo que ela não pudesse ver a cunhada reservada dela optando por esse tipo de vida, era uma prova de que talvez no final do dia, o amor conquistasse tudo.

Grizz e Kit não estavam na cidade, de modo que restou outro casal incomum. Um casal que era ainda mais incompatível do que todos os outros, incluindo ela e Anthony.

Lucy Renquest e Jonas Brooks estavam juntos desde que Christy inaugurou o parque de Abby. Quem teria pensado que a menina extremamente inteligente que passava o seu tempo em um laboratório, tentando curar doenças que levavam à morte, acabaria com motociclista assassino e analfabeto, que havia ganhado os mil dólares que Anthony ofereceu ao homem que enchesse o balde com mais carne.

Christy balançou a cabeça para a memória, ao mesmo tempo em que Kit retornou, seguida por uma enfermeira que disse que era hora de levar o bebê Slade de volta para o berçário. Relutante, Christy entregou-o, e quando ela olhou para Kit, seus olhos se encheram de água.

— Oh, Christy. Não fique chateada. Eles vão trazê-lo de volta, querida. Você não me disse que Anthony estará aqui para a próxima amamentação?

— Não é isso. Algo está me incomodando há um tempo. — Christy engoliu em seco e disse: — Eu te devo desculpas, Kit.

Kit balançou a cabeça lentamente, a surpresa no rosto evidente. — Um pedido de desculpas? — ela perguntou. — Pelo quê?

— Eu fui desagradável e rude com você naquele dia que conversamos no encontro de motociclistas.

— Não, você não foi. Você estava magoada, e eu sabia disso. Nenhum pedido de desculpas é necessário.

Sete meses antes

Depois de chegar ao encontro de motoqueiros e fazer o check in no hotel, Anthony e Grizz sugeriram que as mulheres alugassem um carro e explorassem a pequena cidade onde estavam reunidos. Além disso, eles não queriam que as mulheres assistissem certas partes da reunião. Mesmo que estivessem sob uma trégua, não havia garantias de que não sairia briga. Christy e Kit, secretamente, usaram o tempo para encontrar uma pequena clínica onde poderiam confirmar que Christy estava realmente grávida. Depois, elas pegaram sanduíches e encontraram um local com sombra em um pequeno parque.

Kit deu atenção total para a amiga, e Christy derramou a sua alma. Chorando com a mulher atormentada e por ela, Kit assoou o nariz com os últimos guardanapos não utilizados que vieram com o almoço. Ela estava usando uma bandana cor-de-rosa para amarrar o rabo de cavalo e a ofereceu para Christy enxugar as lágrimas.

Quando não havia mais nada a dizer, Christy fungou e perguntou: — Como você faz isso?

— Como eu faço o quê? — perguntou Kit com carinho.

— Como é que você sempre parece tão perfeitamente centrada? Eu sei que você vive o mesmo tipo de vida que eu, mas sempre parece tão calma e serena. Eu acabei de contar uma história horripilante de incesto, estupro e assassinato. Eu posso ver a preocupação em seus olhos, mas não choque ou julgamento.

— O que no mundo a fez pensar que eu te julgaria, Christy? — Kit rebateu.

— Porque eu sei que você vai à igreja. Que você é uma pessoa que tem fé. — ela olhou para longe.

Kit sorriu calorosamente. — Ir à igreja não me dá o direito de julgar os outros e é vergonhoso quem faz isso. Além disso, a fé não é sobre riscar 'ir à igreja' de uma lista de coisas a fazer a cada semana. Algumas das pessoas mais cheias de fé que eu conheço não vão, ou nem podem ir à igreja. — ela pareceu pensativa por um momento e depois acrescentou: — E, infelizmente, muitas igrejas estão cheias de pessoas que não têm fé. — ela fez uma pausa e então perguntou: — Agora me diga, por que você achou que eu iria julgá-la?

— Porque eu me julgaria, assim como Anthony. Se ele realmente soubesse, Kit, ele não só me julgaria, mas se arrependeria da criança que eu estou carregando.

— Você me contou como ele matou por você, Christy. E não foi apenas uma vez. Eu não consigo acreditar nem por um segundo que Anthony se preocuparia com qualquer coisa de seu passado. Conheço Anthony apenas por alguns anos, mas posso dizer que ele é exatamente como Grizz em uma série de aspectos. Ambos são homens que sabem o

que querem, e nada fica no caminho deles. Certamente não o seu pai, obviamente, um doente mental.

— Exatamente, Kit! — Christy disse um pouco mais alto do que pretendia. — É claro que há um defeito em meus genes. Abigail era tão doente. E se é por que há algo que não está certo dentro de mim? Algo que eu dei a ela?

Elas estavam sentadas lado a lado em um banco na mesa de piquenique quando Kit inclinou-se para Christy e tomou sua mão. — Você não tinha absolutamente nenhum controle sobre nada disso, Christy. Você precisa ter um pouco de fé em...

— No seu Deus? — Christy gritou. Ela levantou-se e ficou olhando para Kit, os braços cruzados e o queixo levantado. — Onde estava *o seu* Deus, quando *minha* filha morreu?

— Eu acho que no mesmo lugar que Ele estava quando o Filho Dele morreu. — Kit respondeu calmamente. Ela olhou para Christy com olhos castanhos enormes. Olhos cheios de compaixão.

Christy ficou assustada e não soube o que dizer.

— Mas não era isso que eu ia dizer, Christy. Eu ia falar que você precisa ter um pouco de fé em Anthony e no amor dele por você.

Christy sentou-se, os ombros caídos. Kit passou um braço em volta dela e puxou-a.

— Há mais do que isso, Kit. — ela olhou de soslaio para a amiga. — Eu fiz algumas coisas, também. Eu fiz coisas horríveis.

— Todos nós fizemos, Christy. — Kit disse a ela enquanto a puxava ainda mais perto. — Todos nós fizemos, minha amiga.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

Naples, Flórida, 1985



Nada faz o tempo voar mais rápido do que criar um filho. Christy amamentava seu bebê novo, Christian, e observava da varanda Anthony e um Slade, com três anos de idade, brincando no quintal. A longa trança negra de Anthony balançava de um lado para outro enquanto ele perseguia Slade, que por sua vez, estava perseguindo Crook e Esmeralda.

Ela olhou para o filho e notou que seus olhos azuis brilhantes estavam fixados nela enquanto ele se alimentava. Ela sorriu e acariciou sua bochecha macia. Ele tinha a pele escura de Anthony e um cabelo preto selvagem espetado que uma menina careca invejaria. Ver seu rosto escuro contra o seu peito pálido lembrou-a de quão diferentes ela e Anthony eram anos atrás. Anthony precisou de tempo para ver que o mundo preto e branco em que ele vivia havia sido preenchido com mais tons de cinza do que ele queria admitir. — O criminoso e a herdeira com certeza sabem como fazer lindos bebês. — disse ela em voz alta.

Ela olhou para cima e viu o mesmo contraste, quando Anthony pegou Slade e o fez girar. Slade parecia com Christy. Seus braços claros destacavam contra as enormes mãos escuras de Anthony, que o segurava firmemente enquanto voavam em círculos, e as duas cabras tentavam acompanhá-los, beliscando os pés de Slade. As janelas estavam fechadas, mas Christy podia ouvir gritos de alegria da criança.

Ela olhou ao redor da varanda, e seus olhos pousaram sobre alguns dos projetos de arte que ela tinha começado, mas colocou de lado quando

a maternidade tornou-se uma prioridade. Uma prioridade da qual ela nunca se arrependeria. Ela, então, refletiu sobre a primeira imagem que pintou nesta sala. Era de uma tempestade com montanhas escuras ao fundo. Ela percebeu ao pintar que o relâmpago não parecia tão assustador como ela pensava. E antes que ela percebesse, estava pintando o motivo disso. Como se estivesse em transe, a montanha mudou e começou a assemelhar-se ao forte perfil de um homem. O perfil de seu homem. Quando ela, finalmente, teve coragem de mostrá-lo para Anthony, ele perguntou se ela tinha medo dele. A resposta foi não. Ela não tinha medo dele. Ele era a razão de ela se sentir segura. Esse quadro agora pairava sobre a cama deles, substituindo o urso assustador rosnando, com o qual ela tinha acordado no dia seguinte em que ele a raptou do quarto de Vivian.

Não muito tempo depois de Slade nascer, Christy vendeu a propriedade Chapman. E apenas no ano passado, eles decidiram vender as concessionárias. Anthony concordou completamente com ela, especialmente depois de receber uma dica de que havia uma boa chance da operação obter alguma atenção indesejada. Poucas horas depois de receber essa dica, Anthony ouviu a mesma notícia de Grizz. Anthony e Christy não sabiam onde, ou como Grizz obtinha algumas informações, mas nunca questionavam. Grizz era um bom amigo e uma fonte sólida.

Kit, recentemente, tinha compartilhado com Christy que finalmente estava grávida. Ela e Grizz estavam esperando, a data era antes do final do ano.

Christy olhou para Christian e ela, gentilmente, tirou o mamilo da sua boca perfeita. Ele começou a sorrir em seu sono. Christy também sorriu quando se lembrou do que Gloria falou para ela alguns anos atrás, quando ela levou um Slade bebê para o acampamento, durante a visita regular da terça-feira à tarde.

— Minha mãe sempre dizia que quando eles sorriem dormindo assim, eles estão conversando com os anjos.

Christy se aqueceu com a lembrança das palavras de Gloria e beijou Christian na testa. Calmamente refletiu sobre uma conversa com Kit há alguns anos, seguida do nascimento de Slade, lhe permitiu dar a Deus uma segunda chance. Ela não tinha percebido o quanto de raiva, ressentimento e amargura ela tinha até que olhou nos olhos cinza claro de Slade. Como ela poderia amar uma criança inocente com a pureza imaculada do amor de uma mãe, quando seu coração estava cheio de ódio e amargura? Ódio por Van que a fez de vítima e das pessoas que sabiam e olhavam para o outro lado; e amargura por circunstâncias sobre as quais ela não tinha controle. Se havia alguma coisa que ela aprendeu com essa epifania, foi que, com a ajuda de Deus, ela encontrou uma força que não sabia que existia e a paz que sempre lhe escapou.

O toque estridente do telefone interrompeu seus pensamentos tranquilos e felizes, e ela agarrou o telefone sem fio rapidamente. Grata por não ter acordado Christian, ela sussurrou: — Olá?

O que ela ouviu em seguida fez seu coração acelerar. O medo que atormentava sua alma há tantos anos tinha se tornado a realidade de Kit. Grizz havia sido preso.

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

Naples, Flórida, 1995



Dez anos passaram e cada um trouxe dissabores diferentes, mas também cura e felicidade. Era o círculo inevitável da vida. As subidas e descidas constantes de uma existência terrena que nenhum ser humano escapava, até que o coração batesse pela última vez. Esta noite era para ser a celebração de duas "subidas" muito especiais. Não só era o aniversário de casamento deles, mas eles tiveram notícia emocionante do médico de Christy também. Eles tinham acabado de brindar quando Christy mencionou outro assunto.

— Definitivamente, ele é incontrolável. —Anthony disse a Christy durante o jantar depois de brindarem. A notícia especial que eles estavam comemorando era que o médico de Christy tinha confirmado o sexo do bebê. Era uma menina, e ela chegaria, aproximadamente, em cinco meses. Eles tentaram por anos ter outro filho depois que Christian nasceu, e não foi até que Christy decidiu, finalmente, dar toda a mobília de bebê que ela guardava desde que os meninos eram pequenos, que ela descobriu a grande notícia. Era quase como se seus ovários tivessem removido um obstáculo criado para manter o esperma de Anthony na baía.

— Incontrolável? — Christy perguntou depois de tomar um gole de água e, em seguida, abaixou o copo. Ela estava grávida de menos de quatro meses e ainda lutando contra a náusea. A água era o único líquido que ela podia beber que não perturbava seu estômago. — Ele é mais do que incontrolável, Anthony. Ele é uma máquina de caos.

— Ele é travesso. — Anthony corrigiu. — Você o compara com o Slade, e isso não é justo, Owani.

Seus olhos brilharam. — Eu não o comparo com o Slade. — ela fez uma pausa e depois acrescentou: — Mas se eu comparo, é porque eu me preocupo com Christian e é difícil não ver o quanto são completamente diferentes. Slade é sério e estudioso. Você sabe que ele tem apenas treze anos e já está pensando em estudar Direito.

— Ele quer ser um advogado de defesa como a minha irmã. — Anthony se vangloriou.

— Não mais. — Christy lhe disse. — Ele mudou de ideia. Eu acho que ele não te contou que agora quer ir atrás dos bandidos. Ele quer ser um promotor.

Anthony jogou a cabeça para trás e riu. Christy olhou ao redor do restaurante chique e o silenciou. — Não é engraçado, Anthony. O seu filho quer colocar pessoas como você na cadeia.

— Bom. Deixe-o. Não muda nada, e ele vai me deixar orgulhoso, não importa o que ele decidir fazer.

— Eu não posso deixar de pensar como as coisas ficaram horríveis para Kit quando Grizz foi preso há dez anos.

— Ela não usa o nome Kit há muito tempo. — Anthony corrigiu. — Quero lavar as mãos antes do jantar chegar, Owani. Volto em poucos minutos, e nós vamos falar mais sobre Christian, ou Slade. Ou Kit. Ou da nossa filha. O que você quiser. — ele se levantou e beijou o topo de sua cabeça quando passou por ela no caminho para o banheiro.

Deu tempo para Christy lembrar tudo o que havia acontecido com os seus amigos nos últimos dez anos, desde a prisão de Grizz. Anthony estava certo. Kit não atendia pelo nome de gangue que Grizz lhe

dera. Agora ela era conhecida como Ginny e parecia estar prosperando e feliz no seu casamento com Tommy Dillon.

Após sua prisão, Grizz insistiu que Ginny e Tommy se casassem. Ele sabia que não poderia prometer um futuro para a Ginny e para a criança que ela estava esperando, ele queria que eles fossem cuidados. Assim, por causa da insistência dele, Ginny se casou com Tommy a contragosto, e no início, teve dificuldade em se desapegar do seu amor por Grizz. Especialmente, depois de dar à luz à filha de Grizz, a Mimi.

Christy não poderia culpá-la. Mimi era um pouco mais jovem do que Christian, e o coração de Christy doía pela bela menina de dez anos que poderia nunca conhecer o pai biológico. Não por que Tommy não fosse um bom pai para Mimi, mas porque Christy sabia que, apesar do passado sórdido de Grizz, Mimi tinha sido concebida com amor. Depois da prisão de Grizz, em 1985, as pessoas tentaram fazer parecer que o amor de Ginny por Grizz fosse apenas resultado da síndrome de Estocolmo. Mas Christy tinha uma noção melhor das coisas.

Os anos se passaram, e Tommy, que sempre tinha sido profundamente apaixonado por Ginny, criou Mimi como dele, e ele e Ginny acabaram por ter um filho juntos. Jason tinha agora cinco anos de idade, e o casamento de Ginny e Tommy era bom e feliz, apesar do evento futuro que pairava sobre eles. Grizz foi condenado e agora estava esperando no corredor da morte. Ele ainda tinha conseguido evitar a cadeira elétrica através de apelações e outros recursos legais, mas todos sabiam que ele não escaparia do inevitável para sempre.

O retorno de Anthony para a mesa interrompeu seus pensamentos, e ela ficou grata. Ela passou a contar sobre as últimas travessuras de Christian e reclamou que punir não ajudava.

— Então, o interesse dele por motos a preocupa, ou você acha que as motos vão levá-lo a uma vida de crimes?

— Você sabe que eu nunca julguei você, Anthony, então jamais julgaria nossos filhos também. Mas nós dois sabemos que não é a vida que qualquer um de nós deseja para os nossos meninos. Dito isto, eu sei que é impossível controlar o destino, ou futuro de outra pessoa. — ela brincava distraidamente com o saleiro. — Se algum dia chegar a isso e um de nossos filhos se encontrar no lado oposto da lei, eu gostaria que fosse Slade.

Ele ficou um pouco chocado com a revelação. Ele se recostou na cadeira e fez sinal para que ela continuasse.

— Slade é tão equilibrado e estável. Ele tomaria decisões inteligentes e se manteria fora do radar. Já é evidente que aos dez anos Christian não tem essa mesma capacidade. Ele parece irritado o tempo todo e tem um temperamento explosivo. E não é porque ele está sendo intimidado por ser diferente, como na época que ele era mais jovem. — teve um tempo que Christian era discriminado por ser a criança mais escura da classe.

Christy colocou os cotovelos sobre a mesa e inclinou-se para Anthony. Exasperada, ela disse: — Ele está sempre se metendo em brigas na escola, sendo desrespeitoso com os professores, e não é o interesse dele em andar de moto que me incomoda. É o interesse dele em roubá-las. — ela piscou para Anthony, e rapidamente olhou ao redor do restaurante, antes de voltar sua atenção para o marido. — Ele tem só dez anos!

Anthony concordou com a cabeça. — Você está certa, Christy. E ele não está roubando porque precisa do dinheiro.

— Então por quê? — ela perguntou. Ela não conseguia disfarçar sua frustração. — Você não o ensinou a roubar, como seu pai fez com você. Você tem feito o máximo para manter os dois garotos longe de qualquer coisa criminosa. Quando você os levou para trabalhar, foi para o

escritório de fachada. Você não acha que eles saibam sobre todas as outras coisas, não é? — ela perguntou.

— Eu acho que não, mas as crianças conversam. Eu esperava que eles viessem até mim se ficassem sabendo de alguma coisa. — ele fez uma pausa e acrescentou: — Ou talvez seja a hora de eu ter uma conversa com os dois.

— Eu não sei como me sinto sobre isso, Anthony. — ela admitiu.

— Você e eu podemos discutir isso mais tarde. Nesse meio tempo, eu concordo com você que ele tem um temperamento difícil. Ele não o mostra muito para mim, mas eu vejo. Verei o que posso fazer. Talvez eu precise passar mais tempo com ele?

— Anthony, você já passa tempo com os dois garotos. Você é um bom pai. Eu o acho tão diferente de Slade, que fico pensando que fiz a coisa certa com Slade e não consigo descobrir o que eu estou fazendo de errado com Christian. — ela soltou um suspiro frustrado e se recostou na cadeira.

— Você não fez nada de errado, Christy. Você é a mesma mãe amorosa para os dois garotos. Assim como você vai ser para a nossa filha. Algumas coisas na vida não podem ser controladas e suponho que o temperamento com que nossas crianças nascem é uma delas.

Ela assentiu concordando e sorriu por cima da mesa, maravilhada com o quão bonito ele era. Ela estava tão feliz por ele ter mantido o cabelo comprido. Ela devia estar com um olhar distante no rosto porque ele tirou-a dos seus pensamentos.

— O que você está pensando, Christy? — perguntou ele.

— São os hormônios da gravidez, Anthony. Eu estava preocupada com Christian num segundo, e no segundo seguinte eu estava pensando

sobre o seu cabelo longo e eu tenho certeza que estou cheia de tesão agora.

Em vez de ir para casa depois do jantar, eles optaram por ficar em um hotel algumas horas.

Anthony deitou-se de costas e apreciou o rosto de Christy, enquanto ela se movia para cima e para baixo, lentamente no início e ganhando velocidade, à procura de sua libertação. Ele massageou ambos os seios e beliscou gentilmente seus mamilos enquanto ela se contorcia de prazer. Eles estão juntos há dezessete anos e ele nunca se cansava de ver a expressão em seu rosto quando ela gozava. Era o que normalmente o excitava, e se ele não gozava com ela, acontecia logo depois. Agora ela estava caída sobre seu peito, com a respiração pesada e irregular.

Finalmente, ela deitou-se ao lado dele e colocou a mão em seu estômago. Ele agarrou-a com a mão livre e entrelaçou seus dedos com os dela.

— Você já pensou em um nome para o bebê, Owani?

— Eu pensei e eu espero que você goste. — disse ela, a respiração começando a voltar ao normal.

— Desde que não seja Bobbi ou Vivian, eu tenho certeza que posso viver com qualquer coisa que você sugerir.

— Eu estava pensando em Daisy.

— Daisy? — perguntou ele. — De onde você tirou?

— Está relacionado com a história que você me contou depois que encontrou-se com Valerie anos atrás. Lembra-se da conversa que teve

com ela sobre a margarida[9] ser a flor de um homem pobre? — ela perguntou. Ela sentiu a concordância dele.

— Daisy é um bom nome, Christy. Gostei. — disse ele.

Ela soltou a mão dele e tentadoramente desceu pelo seu estômago.

— Mais uma vez, Owani? — ele perguntou, surpreso.

— Sim, *mais uma vez,* Anthony. Você tem algum problema com isso?

— Nunca. — ele disse a ela.

Seis meses depois

Anthony foi escoltado por um guarda armado através da penitenciária federal onde seu amigo Grizz estava esperando no corredor da morte à espera de execução. Ele não tinha ido visitar Grizz desde que fez uma entrega especial na prisão há vários anos. Não porque ele não queria visitar seu velho amigo, mas porque Grizz não permitia. Depois de fazer a entrega, Anthony falou para o Grizz que voltaria, e o Grizz respondeu: — Homens mortos não fazem companhia aos vivos.

E assim, ali estava Anthony, anos mais tarde, andando pelos corredores sombrios que tinham sido a existência de Grizz, perguntando-se por que ele tinha sido convidado a vir. Ele foi levado a um pequeno escritório e não ficou nem um pouco surpreso ao ver Grizz sentado atrás de uma mesa, com os pés apoiados na beirada. Ele estava ao telefone e desligou assim que avistou Anthony. Um sorriso largo apareceu em seu rosto, ele se aproximou do velho amigo e lhe deu um abraço apertado e um tapa forte nas costas. O olhar de Anthony caiu sobre uma pequena mesa na altura do joelho apoiada em uma parede. Ela era flanqueada por

[9] Daisy.

duas cadeiras estofadas com braços de madeira. Um jogo de xadrez caro esculpido em marfim estava assentado sobre ela. O mesmo jogo de xadrez que Anthony entregou para o Grizz anos atrás. Em seguida, ele percorreu o resto do escritório.

Antes que pudesse perguntar, Grizz respondeu: — As vantagens de ter alguma influência e um monte de dinheiro.

Eles jogaram conversa fora, e Grizz não conseguiu esconder a diversão quando Anthony compartilhou que seu mais velho, Slade, queria ir para a promotoria para prender os caras maus.

— Eu sei que ele tem apenas treze anos e ainda há muito tempo para ele mudar de ideia. — Anthony disse a ele. — Mas se ele continuar nisso, eu posso ter que considerar me afastar de Naples. — Grizz acenou em compreensão, e depois de alguns minutos de conversa em que ambos os homens evitaram o tema de Kit, agora chamada Ginny, Grizz deixou escapar: — Eu acho que você está se perguntando por que eu pedi para você vir.

Anthony balançou a cabeça e disse: — Já passou pela minha cabeça.

Grizz levantou o quadril da beirada da mesa e disse: — Ouvi dizer que as coisas estão em ordem. Soube que você teve uma menina. Tenho certeza de que ela é linda.

— Obrigado. — disse Anthony, com um sorriso. — Ela é tão bonita quanto a mãe. — ele não precisava questionar como Grizz soube. Ele disse, mais de uma vez, que Grizz era a pessoa mais conectada que ele conhecia e a vida atrás das grades não teria mudado isso. Mas ele também sabia que Grizz não o tinha chamado para dar parabéns.

— Eu tenho um presente para você. Algo para ajudar a celebrar o nascimento de sua filha.

Anthony olhou ao redor do escritório, a confusão no rosto difícil de passar despercebida.

— É uma verdadeira *joia* de presente. — Grizz se levantou e disse: — Me siga.

Anthony caminhou pelos corredores sombrios e notou como Grizz era respeitado, até pelos guardas. Não houve vaias ou comentários lascivos dos outros prisioneiros quando eles passaram pelo bloco de celas dos presos em geral.

— Aonde estamos indo? — perguntou Anthony.

— Para a solitária. — Grizz disse a ele.

Depois que eles foram deixados no bloco de confinamento solitário, Grizz parou e se virou. Encarando Anthony, ele disse: — Há uma hierarquia na prisão, e como você provavelmente já adivinhou, eu estou no topo da cadeia alimentar.

Anthony deu um aceno rápido.

— Novos presos estão sempre tentando ficar do meu lado. Trabalhar diretamente comigo tem seus benefícios, então estão sempre tentando me impressionar com seus dons. Eu não procuro apenas músculos, mas cérebros também. O homem que você vai encontrar é um velho amigo seu, mas eu tenho certeza que você não o conhece, porque se tivesse, ele não estaria vivo. Ele me contou sobre uma façanha dele anos atrás, tentou me impressionar com o fato de ter feito isso bem debaixo do nariz de Anthony Bear. É óbvio que ele acreditava no que ouvia naquela época. Que éramos rivais e inimigos.

Os olhos de Anthony se estreitaram.

Grizz acenou para o guarda que abriu a porta da cela.

O guarda acenou brevemente par Grizz e disse: — Ele tem dez minutos.

Antes de abrir a porta, Grizz disse a Anthony, — Eu o mandei para cá para que você tivesse algum tempo sozinho.

O significado não deixou de ser notado por Anthony, e quando Grizz abriu a porta, Anthony não reconheceu o homem que estava recostado na cama. Mas o homem reconheceu Anthony e ficou de pé.

— Anthony Bear. — Grizz disse quando ele acenou com a mão em direção à cela aberta. — Eu gostaria de apresentá-lo ao homem que costumava se dar o nome de Ben Diamond.

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

Fort Lauderdale, Flórida, 2001



— Eu nem fiquei com medo, Papai!

Com seis anos de idade Daisy correu em direção ao seu pai, e ele, sem esforço, levantou-a nos braços e a abraçou com força.

Foi um inverno quente, mesmo para os padrões do sul da Flórida, e Anthony não pôde deixar de reparar o rubor nas bochechas de Daisy quando ela olhou em seus olhos.

— Claro que você não ficou com medo, Daisy. Você é a minha menina grande, corajosa. — ele sorriu para Christy que estava caminhando na direção dele. — Sem lágrimas? — perguntou à mulher.

— Ela agiu como uma campeã. — Christy falou empolgada. Ela estava se referindo à visita ao consultório do médico, quando Daisy tomou vacina.

Christy olhou ao redor na oficina de Anthony e disse: — Estamos aqui há quase dois anos, e você ainda não desembalou todas as suas ferramentas. Está uma bagunça isso aqui.

— Eu estive ocupado montando a Native Touch nesta costa, Christy. Eu não tive muito tempo para organizar a oficina.

— Que tal se eu levar Daisy para almoçar, e na volta ajudá-lo? Eu acho que nós dois podemos arrumar tudo em algumas horas. Se não

estiver bagunçada, talvez seja um incentivo para você voltar à serralheria. Eu sei que é algo que você ama.

Christy sabia que havia mais na relutância de Anthony para retornar ao seu hobby do que apenas uma oficina desorganizada. Ele ainda estava de luto pela perda de seu amigo. Grizz tinha sido finalmente condenado à morte por injeção letal no verão anterior. A ironia não passou despercebida por eles, o homem que sempre esteve a dois passos à frente da lei e tinha oferecido informações que mantiveram Anthony e outros fora de problema, não conseguiu se salvar. Ambos estavam certos que sua sentença de morte seria alterada para prisão perpétua sem condicional, mas não aconteceu.

— E a Daisy? — ele perguntou a Christy. — Você não pode deixá-la em casa sozinha.

— Chrissy está em casa? — Daisy interrompeu pulando no braço do seu pai. Ela estava se referindo ao irmão de dezesseis anos de idade, Christian, e era a única pessoa no mundo que conseguia sair ilesa por chamá-lo por um apelido.

— Ele saiu antes de você chegar aqui, querida. — Anthony disse a ela e colocou-a gentilmente no chão.

Ela bateu o pé e choramingou: — Mas ele prometeu que ia brincar de a Bela e a Fera comigo hoje.

Anthony olhou questionador para a Christy.

— Ele brinca com ela atrás de portas fechadas. — Christy fofocou. Ela se lembrou do dia em que pediu para o Christian cuidar de Daisy por algumas horas, enquanto ela estivesse fora. Antes de Christy sair de casa, Daisy tinha convencido seu irmão a assistir seu filme favorito. Quando Christy voltou para a casa, ela espiou o quarto de Daisy

silenciosamente e os encontrou sentados bebendo suco com a miniatura do jogo de chá de Daisy.

— Talvez Slade brinque com você, se ele passar por aqui. — Anthony ofereceu.

Daisy fez beicinho e chutou o chão. — Chrissy é a melhor Fera.

Christy sorriu para Anthony. — Christian tem muito mais cabelo do que Slade, olhos azuis e, claro, a carranca. Assim como a Fera.

Anthony sufocou uma risada.

— Que tal se eu chamar a Autumn? Tenho certeza que ela ficaria mais do que feliz em ficar em casa algumas horas. — Christy acenou em direção à casa situada em uma colina a uma boa distância da oficina de Anthony.

Daisy gostava de Autumn, que era a babá ocasional da família. Ela começou a saltar para cima e para baixo e cantar: — Autumn vem! Autumn vem!

— Bem, primeiro eu tenho que ver se ela pode, querida. — disse Christy. Ela tinha a sensação de que Autumn estaria disponível. Ela sempre aceitava qualquer chance de encontrar com o Christian. Autumn tinha se mudado recentemente para o bairro. Ela também frequentava algumas aulas de religião com Christian e foi rápida para aparecer na porta da frente para se apresentar e oferecer serviços de babá depois de descobrir que ela morava perto dos Bears. Apesar de sua paixão óbvia por Christian, Autumn era boa com Daisy e Daisy gostava dela.

— Você não deveria voltar para o hospital, em vez de me ajudar aqui? — Anthony perguntou. — Ginny não precisa de você? — a preocupação em sua voz era calorosa e sincera.

Christy sacudiu a cabeça. — Estamos fazendo turnos. Estou no turno da noite.

A família de Ginny tinha sofrido recentemente uma tragédia e se Christy fosse honesta, ela escolheu a limpeza da oficina de Anthony como distração para pensar um pouco em outra coisa.

Anthony observou suas meninas caminhando de mãos dadas de volta para a casa e ele refletiu sobre sua nova vida em Fort Lauderdale.

Os Bears se mudaram para a costa leste da Flórida, pouco mais de um ano atrás. Não só porque Slade estava inflexível sobre construir uma carreira na área legal, mas também porque era óbvio que Christian estava inclinando-se para uma vida de crime. E, assim como Christy tinha dito para o Anthony seis anos antes, o temperamento esquentado de Christian o deixaria em apuros. E deixou.

Então, eles mudaram para dar a ambos os filhos um novo começo em uma nova cidade. Slade não queria que o estigma de notoriedade de Anthony na costa manchasse sua futura carreira, e Christian, porque teve sérios problemas. Pensar que um irmão poderia colocar o outro atrás das grades um dia foi demais para Christy lidar, então a decisão foi tomada. Infelizmente, a mudança de cenário e novos amigos não fizeram nada para reprimir a tendência de um Christian de dezesseis anos em agir errado, e ele já tinha passado algum tempo no reformatório.

O zumbido do telefone celular de Anthony rompeu seus pensamentos e depois de uma rápida conversa com a pessoa do outro lado, Anthony desligou o telefone e contemplou o quanto dizer para Christy, e, imediatamente, decidiu não contar. Só iria aborrecê-la. Ele se encontraria com a pessoa que ligou apenas para provar que era uma brincadeira. A voz pareceu familiar, mas era impossível, ele se encontraria no local designado e faria um trabalho rápido retorcendo o rosto por fazer

algo assim, só podia ser uma brincadeira no meio da recente tragédia de Ginny.

Duas horas mais tarde, Anthony e Christy, que estavam trabalhando em um silêncio, pegaram a última caixa. Era pesada. Christy abriu o topo e começou a mexer em algumas ferramentas há muito esquecidas, entregando-os para Anthony, para encontrar um lugar para elas.

— O que é isso? — perguntou Christy.

Anthony se virou e viu Christy, que estava sentada de pernas cruzadas no chão, segurando algo que ele tinha feito para ela anos atrás e nunca tinha dado.

— É uma tiara. — disse ele, enquanto caminhava na direção dela.

— Eu percebi isso. — ela sorriu. — É muito pesada.

— Bem, ela é feita de ferro. — ele respondeu sarcasticamente.

Ela inspecionou cuidadosamente, virando-a nas mãos. Sem olhar para ele, ela perguntou: — Por que você fez e como é que eu nunca vi isso?

Ele agachou-se ao lado dela e com uma mão descansando no joelho, ele disse: — Eu fiz para você, Owani. Há muito tempo.

— É linda, Anthony. Como é que você nunca me deu? — ela perguntou.

— Eu ia te dar depois que você aceitasse a minha proposta de casamento. Lembra da primeira vez que pedi? Na praia?— ele fez uma pausa. — Quando você disse 'não'?

Seus olhos se arregalaram e sua boca formou um “oh” silencioso. — Uma tiara para uma princesa? — ela perguntou, olhando para ele de lado e dando-lhe um sorriso doce.

— Não. — ele respondeu com firmeza. — Uma tiara para uma rainha. — ele estendeu a mão para ela — Eu poderia ter comprado uma de verdade, cheia de diamantes, mas não teria transmitido o que eu estava tentando expressar naquele momento.

— E o que você estava tentando transmitir? — ela perguntou com sinceridade.

— Que mesmo que você merecesse uma vida de conforto e luxo condizente com uma rainha, você não teria comigo. Se você tivesse aceitado a minha proposta naquele dia na praia, você aceitaria uma vida que carregava um peso com ela. Assim, uma tiara de ferro.

Ela se levantou em seguida, e puxou-o para ela. Pegou a tiara da mão dele, e colocou-a sobre a bancada, e virou-se para encará-lo.

— Você não percebe que a vida com você tem sido tudo, menos pesada, Anthony? Não tem sido um peso. Para dizer a verdade, tem sido o oposto. Sua paciência no início e o amor que você demonstra todos os dias desde que me salvaram. E se você não tivesse procurado a Valerie, eu não sei onde eu estaria hoje. Você me tirou um peso, um fardo que era muito mais pesado do que qualquer coisa que eu pudesse experimentar com você. Seu amor por mim o levou a procurar a única pessoa que poderia fornecer respostas. Foi logo após a sua conversa com Kit. Você se lembra?

— Claro que eu me lembro, Owani. — ele respondeu. — Como eu poderia esquecer?

Dezenove anos antes

Anthony seguiu o conselho de Kit, e ao retornar a Naples procurou imediatamente a única pessoa que poderia lançar alguma luz sobre a dor profundamente enraizada que Christy se recusava a compartilhar com ele. Ele olhou ao redor da decoração de bom gosto da sala de

estar. Francesa Provincial não seria a primeira, nem a décima escolha para móveis, mas parecia combinar com a mulher que estava sentada à frente dele.

Valerie era uma mulher atraente que possuía um ar de formalidade sem uma pitada de esnobismo. Usava o cabelo prateado preso em um coque. A maquiagem perfeita reforçada nos olhos. Eles eram castanho claro e transmitiam inteligência, calor e sinceridade. Ele gostou imediatamente dela.

Era uma quinta-feira de manhã fria no sul da Flórida, e em vez de usar os agasalhos acetinados ou brilhantes da maioria das mulheres aposentadas, ela estava usando uma jaqueta rosa pálida com uma saia da mesma cor até os joelhos. Uma blusa branca era ornamentada pelo colar de pérolas e pelos brincos correspondentes. Suas pernas estavam bronzeadas e os saltos altos que ela usava exibiam elegância. Ela cruzou uma perna sobre a outra, envolvendo ambas as mãos bem cuidadas em torno de um joelho e perguntou para o Anthony se ele tinha certeza que não queria algo pra beber. Quando ele recusou, ela se inclinou para trás e perguntou: — O que exatamente você gostaria de saber?

Levou quase trinta minutos para explicar por que ele estava lá e durante esse tempo, ela deu-lhe toda a sua atenção. Ela não interrompeu uma vez, e sua expressão não mudou quando ele contou algumas das partes mais sórdidas da história. No entanto, ele detectava uma verdadeira pitada de tristeza, sempre que o nome de Christy era mencionado.

Ela descruzou as pernas e sentou na beirada do sofá. — Suas suspeitas são absolutamente corretas. Van era o pai da criança de Christy. Ele era um ser humano desprezível. Eu nunca gostei dele e nunca consegui entender o que Bobbi via nele. E eu nunca achei que ele fosse bom o suficiente para Vivian. A mãe de Christy não foi sempre uma

bêbada dopada, sabe? Ela era uma jovem bela, brilhante e vibrante com um bom futuro. Mas Bobbi tinha que se intrometer. Ela fazia isso. Sempre manipulava a situação para fazer parecer que era do melhor interesse para a pessoa, quando atendia, unicamente, o dela. Ela não sabia como cuidar só da própria vida. Nunca soube.

Ela recostou de novo e falou: — Essa história que você me contou, Sr. Bear.

— Anthony. — ele interrompeu. — Chame-me Anthony.

— Você quer que eu diga qual parte está certa e as partes que estão erradas, Anthony?

— Eu quero que você me conte tudo. — afirmou.

— Bobbi Bowen não era apenas a mulher de negócios mais experiente e inteligente. Ela era altamente manipuladora e cruel. O sucesso não a fazia feliz. Apenas alimentava sua propensão pela necessidade de vencer. Era como um viciado difícil de controlar. — Valerie olhou para Anthony. — E essa necessidade de controlar, em última análise arruinou a vida da sua única filha. E eu nem preciso mencionar como foi para Richard e Christy.

— Como é que Bobbi arruinou a vida de Vivian? — perguntou Anthony.

— Ao negar-lhe o único homem que Vivian já amou. — voltando o olhar para Anthony, Valerie se ajeitou na cadeira e arrumou a jaqueta. — Vivian costumava vir para a concessionária todos os dias depois da escola. Quando ela estava no último ano, ela começou um romance com um mecânico. O nome dele era Patrick Slade, e ele era um bom rapaz. Ele costumava levar margaridas para ela, e quando Bobbi ficou sabendo, ela o demitiu e proibiu Vivian de vê-lo. — ela fez uma pausa, e depois acrescentou com um sorriso: — Ela falou para a Vivian que margaridas

eram flores de um homem pobre e ela não poderia ficar com ele. Tudo pelas aparências, e não havia maneira da filha de Bobbi Bowen acabar com um mecânico humilde. Especialmente, não depois de todo seu trabalho duro para montar as concessionárias de sucesso. E, isso só aconteceu porque Bobbi estava lidando com uma situação imprópria no momento. Ela estava tendo um caso com um jovem vendedor, e as pessoas estavam começando a fofocar. Você sabe de quem estou falando, certo?

— Van? — perguntou Anthony.

Valerie assentiu. — Havia uma grande diferença de idade. Bobbi preferia amantes mais jovens, e ambos sabemos que Van também. Em outras palavras, Bobbi era velha demais para o gosto dele, mas era boa para a carreira, então ele estava mais do que disposto a ajudar. — ela alisou o cabelo. — Foi então que ela inventou um plano malicioso e absurdo. Ela convenceu Van a se casar com sua filha, dizendo que ele só tinha que dormir com Vivian tempo suficiente para engravidá-la, para que Bobbi tivesse um herdeiro. Ela o convenceu de que ainda seria amante dele e garantiria a sua progressão na carreira, e ele se casando com sua filha, mataria dois pássaros com uma pedra só. Acabaria com as fofocas sobre ela e Van e garantiria que Vivian não se casasse com o namorado mecânico. — sacudindo a cabeça, Valerie continuou. — Van cortejou Vivian por um tempo curto, apenas tempo suficiente para parecer verdadeiro, e Vivian, que ainda estava sofrendo com a perda do namorado, se apaixonou por ele. Tenha em mente que ela não tinha ideia do caso da mãe, e se ela tinha ouvido as fofocas, provavelmente, tinha se convencido que não era verdade.

Valerie fez uma pausa, e Anthony pôde ver seus olhos marejados. — Vivian me confidenciou que Van nunca a tocou novamente depois de ela falar que estava grávida. — ela fungou e pegou uma caixa de lenços sobre a mesa lateral. — E assim, Richard nasceu, e o caso de Van e Bobbi

finalmente fracassou, e a pobre Vivian ficou presa com aquele ser humano.

A implicação do que Valerie tinha acabado de revelar enviou um choque em Anthony, e ele teve de morder a língua para não interromper.

Ela assoou o nariz antes de continuar. — Vivian era uma boa mãe para Richard, apesar da farsa do casamento e dos casos numerosos de Van.

— Por que ela não se divorciou dele? — Anthony interrompeu.

— Porque Bobbi não permitia. Como eu disse, era tudo sobre manter as aparências. — continuou ela, usando aspas no ar para dar ênfase. — E, além disso, foi bem antes de ele começar a jogar e usar drogas, então ele ainda não estava rasgando dinheiro. E quanto manter-se fiel? Bobbi não se importava nem um pouco se ele estava traindo a Vivian. Afinal de contas, ela dormiu com Van depois que ele se casou com sua única filha.

Anthony revirou os olhos. Ele pode ter sido um monte de coisas. Ladrão, agiota, lavador de dinheiro. Um assassino. Mas uma coisa ele não foi, desleal com sua mulher. Ele sentiu cheiro de algo doce e fresco e notou uma tigela de frutas na mesa da cozinha. Lembrou-o da luz do sol. E Christy.

— Depois de mais ou menos cinco anos, eu acho, quem estava de volta para as concessionárias à procura de um emprego? — antes que Anthony pudesse responder, Valerie disse: — O primeiro amor de Vivian. Patrick Slade. Havia passado tempo suficiente, e ninguém notou ou se importou quando ele foi recontratado. E então aconteceu. Vivian apareceu inesperadamente para pegar um carro novo para ela, e...

— Ela viu Patrick. — Anthony concluiu.

— E eles começaram a ter um caso. E Vivian ficou grávida. — Valerie continuou.

— Christy não é filha de Van Chapman. — disse Anthony calmamente. Ele pareceu aliviado quando esfregou a mão pelo rosto.

— Eu tenho certeza que você pode adivinhar o resto. — Valerie falou. Quando Anthony não respondeu, ela acrescentou: — Van, obviamente, soube que Christy não era dele e Bobbi sabia que Van tinha parado de dormir há anos com Vivian Ela despediu o mecânico de novo antes de qualquer um insinuar que família perfeita não era exatamente perfeita.

Anthony balançou a cabeça.

— E em vez de Vivian cuidar do filho e bebê novo, ela começou a se automedicar. E só ficou mais triste depois disso. — o rosto de Valerie estava abatido e ela limpou um canto do olho. Como se recomposta, ela fungou e endireitou-se. — Vivian parou de se importar. Graças a Deus ela teve a presença de espírito para contratar uma babá. Litzy amava aquelas crianças. Especialmente a Christy.

Anthony olhou para Valerie enquanto ela se recompunha.

Ela balançou a cabeça lentamente e continuou: — Com Deus como testemunha, eu nunca pensei que ele iria atrás da pobre criança. Ele sabia que não era sua filha biológica, mas ainda assim era enteada. Ela foi criada pensando que Van era o pai dela. — pensativa, ela acrescentou: — Mas, talvez alguém que seja produto de incesto de verdade não veria o fato de ter relações sexuais com a enteada menor de idade como incestuoso.

Anthony franziu a testa em descrença. — Van era resultado de um relacionamento incestuoso? — ele perguntou, incapaz de disfarçar sua surpresa.

— Os pais de Van eram irmãos. — Valerie respondeu diretamente, sem deixar dúvida.

— Christy sabe? — Anthony perguntou em voz baixa.

Valerie assentiu. — Bobbi me contou que tinha confrontado Van em seu escritório. Depois que ele saiu, ela encontrou Christy escondida no armário. Então, sim, Christy sabe. Ela era jovem, por isso não posso afirmar que ela se lembra.

Isso explica muita coisa. *Christy se lembra com certeza,* pensou Anthony.

Valerie cruzou as mãos no colo antes de continuar. — De qualquer forma, quando Bobbi descobriu o segredo de família de Van, ela não gostou. Como sempre, conseguiu varrer para debaixo do tapete. — um momento passou. — Até que ele engravidou a Christy.

Anthony se sentou. — Bobbi sabia disso?

— Eu não me lembro como ela descobriu, mas quando aconteceu, ela ficou abalada. Ela percebeu que errou por manter Van por perto anos atrás e casá-lo com a filha, arruinando assim o relacionamento de Vivian com Patrick Slade no processo. Com a gravidez de Christy, Bobbi finalmente caiu em si e decidiu que era hora de começar a tirar Van da fotografia, sem enterrá-lo. Ela queria evitar um escândalo familiar por causa de Christy, então ela começou o negócio de roubo de carros para acabar com Van.

Os olhos de Anthony se arregalaram.

— Eu sei quem você é, e o que você faz com os automóveis, Anthony. Logo antes de morrer ela ia acabar com o próprio negócio e jogar tudo em cima do Van. — ela sorriu para ele com conhecimento. — Desculpe, mas você teria tido danos colaterais.

Anthony estreitou os olhos. — Você sabe sobre o roubo de carros?

— Quem você acha que o criou? — ela sorriu.

— Por que você mesma não cuidou disso? — ele perguntou, com a curiosidade aguçada. Ele estava se sentindo um pouco grato que a morte de Bobbi tivesse lhe permitido esquivar de uma bala.

— Eu cuidaria, se a autópsia de Bobbi mostrasse quaisquer sinais de crime. Eu teria deduzido que alguém envolvido no círculo dele descobriu o que ela ia fazer e a apagou. Quando os resultados mostraram que ela não foi assassinada, eu não o persegui. — ela ergueu o queixo.

— Christy me disse que Vivian cremou a Bobbi antes da autópsia. — respondeu ele. Ele não conseguiu esconder o ceticismo.

— Por favor, Anthony. Você, assim como qualquer pessoa com sua formação e conexões, sabe muito bem que tudo pode ser comprado. A Vivian não autorizou a autópsia de Bobbi, eu tive que encontrar alguém para lidar com isso antes da cremação. A única pessoa que recebeu cópia desses resultados fui eu. — segundos passaram. — Bobbi Bowen morreu de um aneurisma cerebral.

A sala ficou em silêncio enquanto os dois se encararam. Era um monte de informações, e Anthony estava digerindo-as quando Valerie falou.

— Sim, Bobbi realmente morreu de um aneurisma. Ao contrário do ataque cardíaco de Van no banheiro. — ela lhe deu um sorriso. — Eu fiquei muito decepcionada com o fato de ele ter deixado este mundo tão facilmente. Eu encontro conforto em saber que algumas pessoas não têm medo de fazer o que é certo. Que sabem como fazer as coisas com as próprias mãos.

Ela sabe, pensou. *Ela sabe, e ela aprova*. Ele gostou dela ainda mais. Ele deu um simples aceno, e sem desviar o olhar, Valerie acrescentou: — E você sabe o resto.

Sim, ele sabia o resto. Ele se inclinou para frente e colocou as mãos sobre os joelhos. Olhando para o chão, ele perguntou: — Vivian sabe que Abby era filha de Van?

— Provavelmente. Mas, honestamente, eu não sei. — veio a resposta suave de Valerie.

Ele olhou para cima, e a expressão dele assustou de Valerie. Seus olhos estavam mais escuros, e ele dirigiu um olhar severo para ela. — Alguma vez lhe ocorreu de contar para Christy, quando ela ficou grávida, que Van não era seu pai?

Valerie relaxou na hora. — Eu não tive que fazer isso, Anthony. Bobbi me garantiu que ia falar para a Christy antes que o bebê nascesse. — como uma luz que se acendeu, seu rosto suavizou, e ele viu arrependimento honesto em seus olhos quando ela disse: — A menos que Bobbi tenha morrido antes de contar. Ah não. Isso nunca me ocorreu. Essa pobre menina sofreu todo este tempo achando que deu à luz à filha de seu pai. Eu sinto muito, Anthony.

Ele sabia que ela estava dizendo a verdade e não a pressionou. Ele tinha ouvido tudo o que precisava. Ele iria para casa e compartilharia tudo com a Christy. Ela não só tinha o direito de saber, como tinha necessidade de saber. Ele se levantou e agradeceu Valerie pelo seu tempo. Pensando bem, ele notou a mão esquerda dela e a ausência de um anel.

— E você? Com todo o drama da Bowens e Chapmans, chegou a se estabelecer? Tem a própria família?

Ela se levantou também e olhou melancolicamente. — Eu só tive olhos para uma pessoa e mesmo que tenhamos ficado juntos, eu sempre era a segunda em público. E eu concordava com isso.

— Parece que você deveria ter exigido mais, Valerie. — ele disse a ela. Sua voz tinha um tom caloroso que ela não esperava.

— Era uma época diferente. Pessoas como eu precisava manter escondido que estava apaixonada. Especialmente, quem amava.

Ela sorriu quando a expressão dele mudou de perplexidade para reconhecimento.

— Eu tinha acabado de sair da faculdade quando Bobbi me contratou, e como eu disse antes, ela gostava dos mais novos. Eu me considero sortuda por ela ter ficado perto de mim. Ficamos juntas até que ela morreu.

Christy se encostou na bancada de Anthony. — Eu sei que você sempre achou que fôssemos incompatíveis. Que eu era muito boa para ficar com você. Você nunca disse diretamente, além dos comentários ocasionais sobre criminoso e herdeira, mas eu via nos seus olhos e eu sempre pensei o oposto. Eu considerava o meu passado disfuncional e meus problemas um peso no nosso casamento.

— Eu sou um homem mau, Christy. Você sabe disso. Isso carrega um peso e não importa de que lado veja.

Ela desviou o olhar e disse: — E você sabe que eu não sou completamente inocente, Anthony. Você sabe o que eu fiz. — ela voltou para a bancada e brincou com a tiara. — Quando tempo levou para você descobrir? — ela perguntou.

— Eu não me recordo. — respondeu ele. — Só sei que foi antes de eu encontrar a Valerie. Lembro que fiquei impressionado com a aprovação dela.

De costas para ele, Christy continuou: — Lembro-me de falar com Ginny anos atrás que eu invejava a consciência dela. Grizz tentava protegê-la de coisas que ele fazia, porque ela era muito sensível. — ela zombou antes de acrescentar: — Eu sempre achei um pouco triste ele nunca ter tido a chance de desistir da vida do crime para provar seu amor. E você fez essa mesma oferta para mim, e eu não quis. Louco, né?— ela não esperou que ele respondesse.

Ela virou-se e o olhou com sinceridade. — Eu estava no banheiro e ouvi você cortar fora a cabeça daquele homem no Motel Glades. Eu nem vacilei. Quando você me disse que torturou e assassinou o homem que tentou me estuprar no acampamento, você poderia ter me dito que tinha acabado de trocar o óleo da camionete. Para não mencionar todas as coisas que você fez ao longo dos anos que eu soube.

— Então, o que você está tentando dizer, Christy?

— Eu não sei. Talvez eu esteja apenas tentando dizer que casar com você não era o fardo que você achava. Para uma pessoa de fora, nós sempre pareceríamos opostos. Você sabe, o criminoso e a herdeira?— ela mexeu as sobrancelhas. — O Jolly Green Giant[10] e o pequeno broto. — ela riu. — Mas eu acho que éramos mais parecidos naquela época do que imaginávamos. E nós mudamos para melhor.

— Bem, pelo menos você mudou. — ele falou para ela e sorriu. Não um pequeno sorriso, mas um tão grande que fez sua covinha parecer uma caverna.

[10] Mascote da Green Giante, uma companhia que produz vegetais.

Ela se aproximou dele, e colocou os braços ao redor da sua cintura. Olhando em seus olhos, ela acrescentou: — Você não matou Ben Diamond quando teve a chance.

— Não me dê muito crédito, Owani. — ele corrigiu. — Eu não o matei, mas eu bati muito nele. Então eu percebi que a morte seria muito misericordiosa e o mandei para um destino que pensei ser pior do que a morte. Deixei-o na prisão com Grizz. Tenho certeza de que a vida dele foi uma tortura durante cinco anos, até a morte de Grizz. Talvez ainda seja, Grizz ainda tem muitos seguidores leais na prisão.

— Você teve a chance de fazer a coisa certa, não matar, Anthony, e você fez isso. — ela disse encostada em sua camisa.

— Eu não o deixei viver, porque matá-lo teria sido errado. Eu não encontrei o... Como você diz? — ele fez uma pausa. — Eu não encontrei o senso moral que você encontrou.

— E ter filhos não mudou você? — ela perguntou sem olhar para cima.

— Claro que sim, Owani. Me deixou mais cauteloso com a vida. Eu tenho uma esposa e família para considerar agora. Só porque eu escolhi não matar Ben Diamond não significa que eu não sou capaz disso. — disse ele, com a voz dura. — Que eu não seja mais capaz disso. — Anthony pode ter se afastado de Camp Sawgrass, da agiotagem e das outras atividades criminosas, mas era muito conectado, apenas menos visível devido à vida familiar.

Como se não o tivesse ouvido, ela disse: — Se eu pudesse voltar atrás e mudar...

Ele sabia o que ela ia dizer e a silenciou. — Está tudo bem, baby. — disse ele.

— Tentei corrigir, acertar as coisas, mas já era tarde demais. Não havia como voltar atrás. — sua voz era quase um sussurro, e ela o abraçou mais apertado. — Um acordo era um acordo, e nenhuma quantidade de dinheiro podia reverter o que eu tinha feito.

— O fato de ter ao menos tentado é o que importa, Christy. — ele disse e acariciou seus cabelos suavemente. Ele decidiu que era hora de mudar de assunto, então se afastou e, olhando para o rosto dela, ele disse: — Talvez devêssemos guardar a tiara de ferro para a mulher por quem Christian se apaixonar. Tenho a sensação de que ela vai precisar. — ele acenou em direção à bancada.

Já sabendo qual menina ia segurar o coração de Christian, Christy respondeu em um tom mais suave: — Você pode estar certo, mas eu tenho certeza que ela não vai precisar. Eu não tenho dúvida de que ela vai ser forte o suficiente para lidar com Christian sem a tiara.

Seu rosto ficou sério, em seguida, e ela completou: — Eu me lembro de quando costumava olhar em seus olhos e ficar com medo porque achava que não conseguia ver nada. Era tão difícil ler você naquela época.

— E agora, Owani? — ele perguntou, ternamente.

— Agora, eu me vejo em seus olhos. Você é a melhor metade da minha alma, Anthony. — Christy disse a ele, com os olhos marejados.

— Você trocou, querida. Você é a melhor coisa deste casamento.

Ele pegou o rosto dela entre as mãos e a olhou nos olhos. — Dois corações ligados por fios de ouro. Meu coração você sempre terá. Segura ao meu lado, sempre estará. Meu amor eterno, você pertence a mim. — ele colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha dela. — Nada mal para uma criança de oito anos de idade. — ele brincou com as memórias carinhosas do jogo de Nisha que aqueciam seu coração.

— Quando você soube que me amava, Anthony? Foi o dia em que me tirou do quarto de Vivian? — perguntou ela, sem fôlego. — Ou o dia que você fez a tiara de ferro?

— Não, Owani. Não foi o dia em que te raptei.

Ela olhou para ele de lado, os olhos brilhantes.

— Foi o dia em que eu soube que precisava possuir seu coração para sempre. — ele a beijou com ternura na testa. Afastando-se, ele piscou malicioso. — No mesmo dia eu decidi que você me pertencia.

EPÍLOGO

América do Sul, 2003



O velho homem estava deitado na cama esfarrapada e olhava para o teto da cabana de palha que ele chamava de lar há quase 25 anos. Os respingos sobre o cobertor puído que agora o cobria, eram agora uma evidência de que uma criatura estabeleceu residência em algum lugar nas vigas de sua cabana em ruínas. Não seria a primeira vez, mas ele estava muito quebrado e fraco para se importar.

Ele rezava todas as noites para qualquer deus que pudesse ouvi-lo para ter uma morte rápida e misericordiosa. Ele passou todos os dias, por mais de vinte anos, quase não existindo. Quando ele chegou ao complexo, ele não entendia o que seus captores falavam, eles falavam numa língua que ele não reconhecia. Mas depois de conhecer alguns dos outros homens, que também estavam presos, ficou evidente, e sua vida rapidamente se transformou em um pesadelo do qual ele não conseguia acordar.

Ele tinha sido condenado à prisão perpétua, sem liberdade condicional, em um campo que foi projetado especificamente para prender pessoas que tinham cometido crimes hediondos e escaparam da ação judicial nos termos da lei. Havia homens aqui de todo o mundo, e eles tinham apenas o suficiente para mantê-los vivos.

Eles eram forçados a trabalhar duro todos os dias. E não era um trabalho construtivo. Eles não construíam pontes, ou pavimentavam estradas. Era qualquer coisa que causasse dor nos músculos e pulmões.

Os homens chamavam de trabalho sem sentido. Eles cavavam valas e depois tinham que carregar pedras pesadas para preenchê-las. Eles transportavam a sujeira que cavaram por quilômetros apenas para fazer montes pequenos que serviam a nenhum propósito. A mesma coisa todos os dias. Todos os dias. Eles eram autorizados a tomar um banho por semana e não tinham entretenimento. Nada para ler, nada para assistir, sem música ou instrumentos, sem rádio, e, definitivamente, sem mulheres.

Eles recebiam apenas comida e água suficientes para sustentá-los, mas sempre estavam com fome e sede. Se ficavam doentes, remédios eram fornecidos. As roupas e as condições de vida eram deploráveis, mas nada que causasse a morte. O acampamento foi criado para garantir uma existência miserável, muito parecida com a de um animal esquecido que quase não sobrevivia amarrado a uma corrente e vivia à mercê de um proprietário sem coração. E não ajudava nada que pouco além da cerca elétrica seus captores morassem no luxo.

Lembrou-se de uma vez tentar incitar outro prisioneiro a bater na cabeça dele com uma pá. Mas o homem recusou, explicando que a punição por tentativa de suicídio era a fome, tanto para a vítima, se ele sobrevivesse, quanto para o cúmplice. Mas não inanição para matar. Eles sentiriam fome até à beira da morte e depois seriam curados.

Foi então que ele percebeu seu destino. O complexo foi criado especificamente para os prisioneiros suportarem uma vida desanimada, sem esperança de morrer de velhice. E alguém pagava muito dinheiro para garantir que isso acontecesse. Eles ficavam sob vigilância constante. Suas cabanas estavam caindo aos pedaços, mas isso não significava que eles não eram equipados com os mais recentes dispositivos eletrônicos que monitoravam todos os seus movimentos. Em outras palavras, o suicídio era quase impossível.

Olhando para o teto, ele sentiu um respingo de fezes, que logo em seguida atingiu sua testa. Ele era um homem velho, e seu corpo murcho e enrugado tinha força para continuar, mas ele não queria. Em vez disso, ele escolheu favorecer os sintomas do que ele pensava que era pneumonia. Se seus captores suspeitassem que ele estava doente, eles dariam remédios e ele não queria. Ele queria a morte. Ele invejava os amigos que morriam de doenças. Quando a doença oferecia risco de morte, eles paravam de fornecer a medicação, e os captores deixavam a doença seguir seu curso, sem remédio para aliviar a dor. Ele trocaria uma morte lenta de agonia, que podia levar até um ano, pelos quase vinte e cinco anos que ele já tinha suportado. Sua respiração estava difícil, e ele orou para que a escuridão o engolisse antes que ele fosse esperado para o café da manhã. Ele não queria uma injeção de penicilina. Ele queria morrer.

Ele fechou os olhos, e seus últimos pensamentos coerentes foram do dia em que ele se sentou no vaso sanitário em sua cela e depois acordou em uma caixa. Ele não sabia quanto tempo tinha passado ou onde ele estava. Ele reconheceu o cheiro de madeira e viu pontos de luz que brilhavam através de buracos feitos para entrada de ar.

Ele bateu na caixa e gritou até que não tinha qualquer voz e seus punhos estivessem sangrando. Lembrou-se de ouvir um movimento e teve de proteger os olhos quando a tampa foi arrombada, o sol brilhante cegando-o.

Uma vez que ele se ajustou à luz, ele ouviu uma voz e seu pulso se acelerou.

— Olá, Van. — segundos passaram. — Ou talvez eu devesse dizer adeus.

Van virou a cabeça na direção da voz e viu olhos tão penetrantes que ele engasgou. Ele implorou por sua vida, gaguejando uma dúzia de

maneiras para tentar aplacar a pessoa que o tinha aprisionado. Ele devia ter desistido de seu plano absurdo de sequestrar a Christy e tomar o seu dinheiro. Ele devia ter escutado a advertência dos advogados depois que eles visitaram Anthony Bear. Ele devia ter saído enquanto ainda tinha a chance. Ele devia ter desaparecido e, anonimamente, começado tudo de novo e tirado a sua vida da ruína. Mas não. Ele precisou ser ganancioso. E agora a ganância zombava dele enquanto ele estava deitado em um caixão feito à mão, destinado a ser enterrado vivo.

Mal capaz de raciocinar na época, Van se engasgou com as lágrimas quando algo lhe ocorreu. Se a intenção era enterrá-lo vivo, por que havia buracos de ar na caixa? Ele não sabia o que o tinha chocado mais. A súbita percepção de que o plano poderia não ser enterrá-lo vivo, ou que os olhos que o fitaram não eram negros e insondáveis, de um criminoso sádico, eram brilhantes e tão azuis que rivalizavam com o céu. Olhos que, quando criança, suplicavam pelo seu amor. Olhos que, como adolescente, imploravam pela sua misericórdia. E olhos que, como mulher, enxergavam o monstro que ele realmente era. Ele se encolheu com a lembrança do julgamento em seu olhar.

Agora, mais de vinte anos mais tarde, Van Chapman pensava na mulher que o condenara a uma vida sem esperança. Uma sentença que ele mereceu. Ele deu o último suspiro, mas antes de expirar, conseguiu sussurrar palavras que ele nunca tinha dado permissão para cruzar seus lábios. — Sinto muito, Christy.

